

Costantino Caminhada

# PADRE MÁRIO VENTURNI

*Um Apóstolo dos Padres*

*Edição Fotostática*

Osasco 2008

# ÍNDICE

I.	INFÂNCIA	5
II.	SEMINARISTA	9
III.	A META	14
IV.	VIGÁRIO	22
V.	A VOCAÇÃO À OBRA	30
VI.	O ESTUDO DA VONTADE DE DEUS	38
VII.	O ANO SANTO 1925	44
VIII.	A FUNDAÇÃO	51
IX.	EM TRENTO	58
X.	BELÉM E NAZARÉ	63
XI.	CASA MÃE CENTRO ESPIRITUAL	69
XII.	APÓSTOLO DO SACERDÓCIO	76
XIII.	DIRETOR NACIONAL DA UNIÃO APOSTÓLICA	82
XIV.	AMIGO DO BOM PASTOR	88
XV.	APAIXONADO PELO SACERDÓCIO	93
XVI.	GRÃO DE MOSTARDA	99
XVII.	PATERNA PROVIDÊNCIA DE DEUS VOS ADORAMOS	107
XVIII.	PADRE E FUNDADOR	114
XIX.	MORTE PRECIOSA	120



## APRESENTAÇÃO

Senti-me bastante honrado ao ser convidado pelo Pe. Ângelo Fornari, superior da Delegação Brasileira da Congregação de Jesus Sacerdote, para fazer uma apresentação desta edição da biografia do querido Padre Mário Venturini.

Tenho grande afeição aos Padres e à Congregação de Jesus Sacerdote. Após ter pregado um retiro espiritual para o clero da Diocese de Barretos, SP., solicitei ao então bispo daquela diocese, Dom Antônio Maria Mucciolo, que viesse (se não me engano em 1980), pregar o retiro anual para o clero da minha Diocese de Umuarama, PR. Estando impossibilitado ele me enviou um filho espiritual de Pe. Mário Venturini.

Isto foi uma bênção, pois a partir daí fiquei conhecendo a Congregação de Jesus Sacerdote e seu carisma. Comecei a receber a revista “Voz Amiga” e foi crescendo meu conhecimento e apreço pelo Fundador, sua obra e seus padres.

Renovamos esta experiência no ano 2000, com um novo retiro, enviei alguns padres da diocese par um período de revigoração na Casa de Jesus Sacerdote (Barretos). Desejei, pedi e esperei ter a presença permanente desta congregação na Diocese de Umuarama, mas não foi possível...

Pe. Venturini, além de uma vida santa, teve a magnífica inspiração de Deus para fundar a congregação que, do início até 1946, levou o nome de Pia Sociedade dos Filhos do Coração Sacerdotal de Jesus, com a finalidade primária de formar sacerdotes segundo o Coração de Jesus.

A obra de Pe. Venturini é pioneira da Pastoral da Formação Permanente do Clero, pois ela se destina ao acompanhamento dos sacerdotes por toda a vida, e especialmente nas fases de crises e dificuldades. Outra visão profética se manifesta na Oração pela Santificação dos Sacerdotes, promovida com insistência pelo Fundador e seus filhos espirituais. O Dia Mundial de Orações pela Santificação dos Sacerdotes, foi assumido pela Igreja Universal, quando o Papa João Paulo II determinou que toda a Igreja dedicasse o Domingo do Bom Pastor (4º Domingo da Páscoa) para celebrações especiais nesta intenção. O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas (Jo 10,11). Assim, Jesus Sacerdote e Pastor, no altar da cruz, se entregou e continua a se entregar pela santificação dos sacerdotes e de toda a humanidade.

Em 2007 comemoramos 50 anos da morte de Pe. Mário Venturini, e 40 anos da presença da Congregação de Jesus Sacerdote no Brasil. Nesta oportunidade, sugeri aos padres que trabalham no Brasil, iniciar o processo de beatificação e canonização do seu venerável Fundador. Faço votos que, esta nova edição de sua biografia contribua para o aparecimento de novos devotos que busquem sua proteção, especialmente no clero, que ele tanto amou e pelo qual trabalhou. Certamente Pe. Venturini é um grande intercessor junto a Jesus pela felicidade e santificação dos sacerdotes.

Como bispo diocesano por vinte e nove anos, posso dizer que os padres são motivo de muita alegria para seu bispo. Mas, são também objeto das maiores preocupações e sofrimento dos pastores. Por isso suplico ao venerável Pe. Mário Venturini que interceda por todos os sacerdotes e de modo muito especial pelos quase cem padres que eu ordenei.

Dom José Maria Maimone SAC.  
Bispo Emérito de Umuarama – PR.

# I - INFÂNCIA

## *Sua cidade*

Chioggia é uma pequena cidade italiana situada no litoral sul da Lagoa Veneta, a cerca de 20 quilômetros de Veneza. No fim do século XIX, Chioggia tinha cerca de trinta mil habitantes.

Seus moradores, simpáticos, alegres e de personalidade marcante, tinham a fama não muito elegante de “briguentos”. Vivazes e laboriosos, muito criativos, não obstante a região ser bastante pobre, sabiam ocupar-se em diversos trabalhos.

Os pescadores de Chioggia eram, na época, famosos ao longo de todo o litoral do mar Adriático. Fortes e musculosos, rosto bronzeado pelo sol e pela maresia, o cachimbo de argila na boca e os tamancos nos pés, eram tipos verdadeiramente característicos.

Muitas famílias se dedicavam ao comércio marítimo com as cidades da Ístria e da Dalmácia. Os típicos barcos de pesca de Chioggia, com suas amplas velas coloridas, sulcavam o Adriático em todas as direções.

## *A família Venturini*

No dia 07 de abril de 1883 o senhor Domingos Venturini contraía o santo matrimônio com a senhorita Carlotta Bellemo na Igreja de São Tiago Apóstolo.

Padre Venturini, desde jovem clérigo, teve a singular inspiração de registrar num *Diário* os principais acontecimentos da sua vida, contemplando-os à luz da Divina Providência. Podemos, por isso, ter notícias, e também pequenos detalhes da sua família.

No dia 25 de junho de 1941, por ocasião do vigésimo quinto aniversário da morte do pai, evocava algumas lembranças familiares:

*O Senhor havia dotado meu pai de uma índole boa: de temperamento forte sim, mas com um bom coração, generoso, muito compassivo. Não teria feito mal a uma mosca sequer.*

*De família abastada, mas toda dedicada ao comércio, ele teve um pai bom e bastante cristão, o qual por causa dos seus negócios, deixou à mulher o cuidado dos filhos: três homens e duas mulheres. Meu pai era o último. Sua mãe tinha mais capacidade para os negócios do que o marido; tanto que deve ter cuidado pouco da educação cristã dos filhos homens, porque procuraram ocupar bem cedo os filhos nos negócios do mercado.*

*A família possuía alguns grandes barcos, capazes de levar cerca de 10 toneladas de mercadoria, que faziam as viagens entre Chioggia e Ístria, Quarnaro e Dalmácia, exportando e importando lenha, ferro, materiais de construção e outros.*

*Sinal cristão praticado constantemente pela família era uma Santa Missa celebrada ao altar de Nossa Senhora da Navicella, antes e depois das viagens, normalmente mensais. Encontrei, também, na minha família a devoção a São Nicolau de Bari, protetor dos marinheiros, mas não era ausente destas práticas o interesse material.*

*Meu pai deve ter estudado bastante, tendo adquirido o diploma de capitão marítimo de pequena cabotagem”.*

O senhor Domingos era bastante empreendedor e, não raras vezes, ousado demais nos negócios, com perdas consistentes, que o faziam sofrer muito.

A vida familiar era, assim, continuamente incomodada por fortes angústias e também por intensas humilhações, que deixaram nos pais e no filho vivas marcas dolorosas.

Se o marido tinha um caráter forte, não menos forte era o da mulher. É fácil imaginar as divergências que nasciam disso, as discussões e as brigas sobre o andamento dos negócios.

Na realidade ambos eram, porém, profundamente cristãos. Amavam-se verdadeiramente. E o amor facilmente trazia de volta a bonança depois da tempestade.

Da união conjugal dos dois jovens esposos nasceram quatro filhos: dois meninos e duas meninas.

Três morreram em tenra idade e foram considerados pela fé dos pais como os anjos protetores da família, muitas vezes invocados nas horas alegres e nas tristes.

O terceiro filho foi conservado pela divina bondade ao amor do papai e da mamãe.

## **Mário**

O registro dos batizados da Paróquia de São Tiago registra o seguinte ato, na data de 17 de maio de 1886: “Venturini Mario Vittorio Giuseppe, nascido no dia 07, de maio às 2 horas da manhã, filho legítimo de Domenico Ângelo Francesco de Giuseppe e de Bellemo Carlotta Francesca de Tomaso, casados nesta paróquia no dia 07 de abril de 1883, Domiciliados na Rua Calle Manfredi, nº 215, foi batizado por Pe. Francesco Bellemo *de licença*” (“*com autorização*”).

Padre Venturini celebrava todo ano com verdadeira comoção o seu aniversário. Lê-se no Diário:

*Não quero deixar passar esta data sem lembrar três fatos, que me parecem ter tido grande influência na minha vida”.*

*Antes de tudo encontro uma admirável providência de Deus em fazer-me abrir os olhos à luz no mês de Maria. Oh, sim, Maria devia ser mesmo a minha Mãe Celeste!...*

*Vejo ainda uma providência particular de Deus a coincidência do dia do meu nascimento com a primeira sexta-feira do mês de maio, dia consagrado ao Divino Coração. O Bom Deus queria mostrar que eu seria predileto por seu Filho Divino e, ao mesmo tempo, a Ele consagrado de modo especial. Não foi este talvez o primeiro sinal, mesmo que pequeno, da vocação do sacerdote à Obra? 1\**

*Devo finalmente notar um fato a mim narrado pela minha boa mãe desde quando era pequeno, e que nunca fui capaz de lembrar sem viva comoção. Tinha acabado de abrir os olhos à luz, quando minha mãe, seguindo a inspiração do Senhor, me tomou entre as suas mãos e me ofereceu a Nossa Senhora (quadro de Rafael que representa Nossa Senhora da Cadeira), consagrando-me a Ela e pondo-me sob o seu manto materno. Se não devesse reservar gratidão a minha mãe por tudo aquilo que fez por mim, bastar-me-ia só este fato, para mostrar-lhe eterna gratidão.*

Queriam-se batizar o quanto antes a criança, mas o pai, doente, desejava assistir à cerimônia e fazer uma pequena festa. Isto explica o atraso de uma dezena de dias. Ao pequeno colocaram três nomes: Mário, Vitória e José.

Seguindo uma pia tradição das mães cristãs de Chioggia, a senhora Carlotta, logo que pôde, dirigiu-se à Paróquia de São Tiago e ofereceu o seu pequeno a Nossa Senhora da Navicella, renovando os votos expressos no dia do nascimento.

A boa mulher tinha um irmão sacerdote, que constituía o orgulho da família.

Jovem piedoso, rico de vida interior, desejava consagrar-se totalmente pela salvação dos irmãos. Os seus superiores tinham projetado sobre ele as mais belas esperanças. Infelizmente, uma grave doença pôs fim bem cedo aos melhores projetos.

Um dia, a senhora Carlotta foi visitar o irmão doente, levando consigo o menino de pouco mais de cinco meses. Logo que chegou à sua cabeceira, se sentiu profundamente comovida em considerar a preciosidade daquela existência sacerdotal que estava para se apagar, justo no primeiro desabrochar. Num ímpeto de generosidade, lhe apresentou a própria criança e lhe disse:

- Pe. Francisco, eu estarei disposta a oferecer a vida deste meu filho pela tua recuperação!

O moribundo olhou o menino e, quase com inspirada intuição profética, respondeu gravemente.

- Não, não faça isso! Tu não podes saber quais desígnios Deus preparou para esta alma.

Algum tempo depois o sacerdote expirava piamente no Senhor. Todos o consideravam um santo. O reitor do seminário conduziu os clérigos para vê-lo a fim de que a lembrança de suas virtudes os estimulasse à santidade sacerdotal.

A morte do irmão fez nascer na senhora Carlotta um desejo muito forte de que, um dia, o Senhor se dignasse chamar o seu filho ao sacerdócio.

### ***Educação materna***

Mario crescia, com muita alegria dos pais, sadio e belo.

Ao seu lado, vigiava a mãe: ótima educadora, doce, forte, rica de convicções religiosas.

O pai, obrigado a viver muito tempo longe de casa como todos os marinheiros, não podia cuidar muito de seu filho.

A mãe Carlotta se preocupou em formar o filho para uma piedade verdadeiramente profunda. Levava-o à igreja todo dia e lhe ensinava a rezar bem as orações. Incutiu em seu coração uma terna devoção a Maria, ao Anjo da Guarda e a São Luiz Gonzaga. Ficava contente em vê-lo crescer vivaz, esperto, atento observador de tudo.

O menino se interessava de tudo. Ficava a observar as vitrines ricas de tantos belos brinquedos, o trabalho dos artesãos, as manobras dos pescadores, a agitação das ondas. Não havia uma coisa nova que ele não conhecesse e, se estivesse ao seu alcance, que não tentasse fazer.

Mas, sobretudo, atraíam-no e encantavam-no as marionetes e os palhaços. A mãe lembrava que o menino, de vez em quando, sumia repentinamente de casa. Onde estava? Na praça vendo os fantoches.

Mario conservou sempre esta paixão, a vida toda.

Vivaz e de boa memória, parava com prazer para escutar os palhaços. Reproduzia com perfeição em seus modos e gestos, com uma expressividade que o distinguirá também quando adulto, e da qual se servirá para levar um pouco de alegria nas conversas.

A senhora Carlotta não tardou em perceber que a vivacidade do filho tinha, às vezes, manifestações por demais exuberantes, que acabavam em desrespeitos e travessuras. Pintinhos espantados e dispersados, pedras atiradas, vidros quebrados! Mario era o mais vivaz da turma e facilmente recebia a culpa, merecida ou não, pelos desastres que eram descobertos. Ela o corrigia, mas, quando necessário, também tinha que defendê-lo.

Um dia se aproximou dela uma mulher toda irritada que a enfrentou dizendo-lhe:

- Seu filho me quebrou uma vidraça da janela!
- A senhora Carlotta, maravilhada, respondeu tranqüilamente:
- Meu filho?... É possível?... Mas se ele está com seu pai na cidade de Fiume!

Mario era esperto e levado, mas também tímido. Conhecemos a causa desta sua timidez. Alguma vez a mãe, devendo seguir o marido nas suas viagens marítimas, confiava o filho a uma tia paterna que tinha o gosto estranho de dar medo no sobrinho. Às vezes, de repente, lhe dizia:

- Sua mãe morreu!

É fácil imaginar a impressão dolorosa do falso alarme. Outras vezes, a mulher se cobria a cabeça com um pano branco e, assim trajada, entrava de noite no quarto do menino que, naturalmente, ficava bastante assustado.

O senhor Domingos repreendia a irmã pelas suas brincadeiras macabras, mas não conseguia corrigi-la. Mario vivia assim em estado de agitação contínua. Não eram raras às vezes em que, de noite, acordasse de sobressalto, chorando sem parar pelo pesadelo.

Alguns atribuem a esta causa a dificuldade de dicção que teve até à ordenação sacerdotal. O medo e a timidez o acompanharam, porém, a vida toda.

### ***Os primeiros frutos***

Quando chegou o tempo de Mario freqüentar a escola primária, a sábia e severa educação materna começava dar os primeiros frutos.

A senhora Carlotta exigia que freqüentasse a escola regularmente, fosse sempre bem limpo e organizado, seguisse diligentemente as tarefas e as lições que lhe passavam.

“Após ter chegado da escola, dirá Pe. Venturini, fazia as minhas tarefas e minha mãe me ajudava, seja trabalhando, ou seja curvada sobre mim que fazia as redações escolares”

Referindo-se, nessa época, a um coetâneo de Mario, Giacomo Salvagno, declarava: “Era muito vivaz e brincalhão, fazia inocentes travessuras aos companheiros. Reunia em volta de si outros menores e os fazia rezar. Tinha uma devoção especial a Nossa Senhora e fazia os altarzinhos. Era muito paciente para com os meninos. Repreendia aos pequenos que tinham faltado à obediência com os pais e tinham respondido mal à mãe. Um dia ele (Giacomo) havia quebrado um objeto em casa e tinha respondido mal a sua mãe. Esta queria pegá-lo para bater, mas ele fugiu de casa. Mario o descobriu e, encontrando-o bastante longe de casa, o agarrou pela gola da jaqueta e o trouxe de volta. Chegando à entrada lhe deu dois sapatos para tornar mais eficaz a lembrança do mal cometido”.

Mario crescia piedoso, puro, sincero.

Aos nove anos, no dia 16 de junho de 1895, Mario recebia a Santa Crisma, na capela do Palácio Episcopal de Chioggia, pelas mãos de Sua Excelência Dom Ludovico Marangoni.

No ano seguinte, 31 de maio de 1896, se aproximava pela primeira vez à mesa eucarística na igreja de São Tiago.

Tinha freqüentado o curso preparatório de catequese. Mas quem o tinha efetivamente preparado ao grande ato foi sua mãe, que pecava talvez por excesso, não certamente por defeito.

O próprio Pe. Venturini narrará em seguida as circunstâncias da sua primeira confissão. No dia anterior, a mãe lhe fez ensaiar na cozinha. Chegada a hora, o tomou consigo e o acompanhou à igreja dos Padres Filipinos. Não satisfeita de tê-lo repetidamente instruído sobre o modo de confessar-se e de acusar-se dos pecados, se encarregou de assisti-lo, no ato mesmo da acusação sacramental. Ajoelhou-se ao lado do confessor e começou a sugerir ao pequeno penitente... O sacerdote percebeu, a certo ponto, o cochicho da mulher. Puxou a cortininha e disse:

- Senhora, deixe aqui só o filho. Coloque-se à parte!

Nenhum episódio sensacional distinguiu o dia da Primeira Comunhão de Mario.

Lembrando o primeiro encontro com Jesus, Padre Venturini escrevia no seu *Diário* (ano 1922): “É sempre benefício do Bom Deus recordar estas datas tão queridas, que fazem aumentar o reconhecimento junto a Ele tão suavemente benéfico. A lembrança da primeira Comunhão hoje me fez bem. Pensei nas tantas comunhões feitas no curso da minha vida, talvez sem as devidas disposições, especialmente quando era menino e muito distraído”.

Os Padres Filipinos de Chioggia tinham um belo Oratório para rapazes. Mario foi inscrito ali à idade de onze anos e o freqüentou regularmente.

Em seguida, freqüentou, até a sua ordenação sacerdotal, o Oratório salesiano de São Justo, do qual foi um aluno externo verdadeiramente exemplar.

## II - SEMINARISTA

Com o final do ano escolar de 1897, Mario concluía o primário. O que faria no futuro? Pe. Venturini confessa no *Diário*:

*Desde pequeno senti falar do sacerdócio, de modo que não saberia quando, e como, tivesse começado em mim a vocação ao estado eclesiástico; parece-me que, desde o momento em que comecei a raciocinar, senti que devia ser sacerdote.*

Aos seus religiosos confirmava que não se lembrava da primeira semente do seu “chamado”.

No *Diário* escrevia: “Sou sacerdote, mas depois de Deus e Nossa Senhora Santíssima, devo-o a ela (à mãe)”.

Padre Venturini narra como a mãe favoreceu seu caminho sacerdotal: “*Quem sabe quanto rezou, escreve, para obter-me tanta graça!*”.

*“Pequeno, a mãe me conduzia a todas as funções sagradas, das quais ela gostava muito. Depois, tão logo a idade o permitiu, me fez a pequena batina preta e uma sobrepeliz toda rendas e laços e me levava pela mão à sacristia para que os sacerdotes me aceitassem no presbitério. Tinha a ambição de que o seu Vitório vestisse sobrepelizes lindas e as mandava a Veneza para serem adequadamente engodadas... Não terá também isto contribuído para preparar e educar o espírito do fundador à Obra futura, que tanto nos teria zelado pelo decoroso serviço ao Altar? Desígnios de Deus, que se serve também da ambição legítima de uma mãe, para a realização dos seus planos de amor!”.*

### *No seminário em Chioggia*

Aos onze anos, completados os estudos primários, Mario pediu à mãe e ao pai que o deixassem ir para o seminário. Contentíssima uma e contente o outro. Para fazer estudar o filho haveria na família mais sacrifícios de todo o gênero, mas os pais cristãos os abraçavam com boa vontade.

Em outubro do ano de 1897, Mario foi inscrito na primeira classe ginásial no seminário de Chioggia. Naquele tempo os seminaristas da cidade freqüentavam o seminário só para as aulas.

Os primeiros anos de vida seminarística foram para Mário repleto de dificuldades de vários tipos, sobretudo morais. Cresceu na escola da dor, que o teria acompanhado durante toda a sua existência de sacerdote e de fundador.

As páginas do *Diário* nos abrem uma brecha sobre a vida daqueles anos.

*Tendo entrado no seminário como estudante, a mãe me vigiava com todo o cuidado. Media os meus passos, não me deixava só um instante, interessava-se pelos meus estudos.*

*Eu lhe era muito afeiçoado, porque, além de ser minha mãe, era consciente de suas muitas dores. Quanto sofreu, pobre criatura!*

*Eram freqüentes as ocasiões de desgosto por causa dos negócios de família que, por demais confiança do pai em pessoas que não a mereciam, iam de mal a pior com repetidos desastres, tão dolorosos pelas suas conseqüências. Sofria junto com a mãe, e esta escola de dor servia para afeiçoar-me ainda mais a ela.*

*Quanto sofri quando – tinha talvez doze anos ou pouco mais (freqüentava então o segundo ano ginásial) – a mãe seguiu o papai a Pola, onde tinham aberto um negócio! Fiquei com a avó, uma boa e santa velhinha, que me queria muito bem; mas que tinha, acho, um só defeito: aquele de deitar-se tarde à noite, enquanto o neto fechava os olhos pelo sono logo depois de ter jantado. Mas o netinho devia, cheio de sono, seguir a avó que ia passar a noite entre parentes e conhecidos.*

*Naquele ano fiquei bastante distraído, estudei pouco: tive que repetir o segundo ano ginásial. Tinha necessidade da mãe para caminhar direito. Por causa de um novo insucesso dos negócios de família, a mãe retornou! E fez-me entrar na linha, e como! Não tinha aprendido em vão as Palavras do Espírito Santo: Quem economiza a vara, odeia o*



*próprio filho. Apanhei bastante! E ai se não me tivesse tratado assim; não teria me tornado sacerdote. Obrigado, mãe!*

Aos tios pouco agradava que Mário fosse o “senhorzinho”, dedicando-se aos estudos, enquanto os seus primos trabalhavam no mar. As suas observações críticas, naquele tempo, eram contínuas. Mas o pai estava contente que continuasse naquela estrada, e fazia grandes sacrifícios para que não faltasse nada.

O oásis de paz, onde a sua alma espiritualmente repousava e se formava solidamente à vida cristã e sacerdotal, era o Instituto São Justo dos Salesianos.

Freqüentava-o cotidianamente: possivelmente de manhã para a Santa Missa, regularmente de tarde. Ali cumpria suas práticas de piedade e estudava, se divertia e participava das representações dramáticas. Tinha dotes de ator.

Tudo dava a entender que se tornaria um salesiano. E na realidade, um belo dia, falou disso a sua família.

Desastrosas foram as conseqüências. A reação dos pais foi até violenta; de tal modo que julgou oportuno não falar mais disso.

Continuou, todavia, a exercer suas atividades no Instituto São Justo. Ensinava catequese aos pequenos, os assistia em suas brincadeiras, participava de todas as iniciativas de caráter educativo.

Naqueles anos teve a sorte de encontrar-se com o imediato sucessor de São João Bosco, Pe. Michele Rua. Ficou muito impressionado com ele.

Permaneceu sempre afeiçoado aos Salesianos.

### ***No colegial***

No ano de 1903, Venturini iniciava o curso colegial, continuando a freqüentar o seminário como aluno externo.

Infelizmente o nosso estudante colegial não teve no seminário uma verdadeira e própria direção espiritual.

Remediou isso escolhendo como confessor um bom cônego da Catedral e submetendo-se docilmente aos conselhos da mãe.

A boa mãe vigiava seu Mário preocupando-se de que fosse assíduo nas práticas de piedade, não faltasse nunca às Sagradas Funções, fosse sempre decoroso no hábito litúrgico.

Encontramos no *Diário*:

*Lembro que, sendo eu bem grandinho e já no começo do ginásio, um dia o Vigário Geral (Mons. Bonaldo Nicolò), vendo-me com uma sobrepeliz muito elegante, me disse num tom entre o severo e o brincalhão: O que vestirás quando fores sacerdote?*

A fotografia daqueles anos no-lo mostra alto e magro, decorosamente vestido, com óculos banhados a ouro. Rosto tendente ao sorriso, mas também certa seriedade.

Os companheiros de estudo o estimavam e admiravam; porém muitos zombavam dele pelo seu jeito elegante. Nisso, tinha quem o achava exibido. Ele, sensibílíssimo, sofria e calava.

Apesar das críticas, não cedia em tudo o que se referia à piedade, à disciplina e à ordem. Era, ao invés, impulsivo, e algumas vezes reagia.

Um companheiro seu declarava: “Mario tinha um caráter forte, violento, como sua mãe. Impunha-se também ao reitor, Monsenhor Gamba, que era de caráter bastante tímido”.

Não são exaltantes os testemunhos dos resultados nos estudos.

Um seu professor, o cônego Caio Rossetti, escreve: “De inteligência não era um gênio, mas ao invés, medíocre. Mostrava, todavia, boa vontade”.

Pode surpreender este juízo, bastante modesto; mas é bom lembrar que o seminarista Venturini, terminadas as lições no seminário, tinha que voltar para casa, a qual não oferecia certamente um ambiente apto à indispensável serenidade dos estudos.

Tinha dificuldade em se expressar, demonstrava, porém, boa memória.

O seu colega de estudos, padre Simoni, que se tornou depois cartuxo, escrevia:

*Era diligente no estudo; mas não pôde nunca se sair bem por motivo de um defeito, que o acompanhou até a ordenação sacerdotal e depois desapareceu de repente, quase milagre. Não era propriamente gago; aliás, nos recreios não dava sinal nenhum de embaraço na língua; mas quando era interrogado pelos professores, a timidez o surpreendia. Então causava verdadeiramente piedade. Ficava da cor do escarlate; inchavam as veias do seu pescoço; suave todo. Não conseguia pronunciar nenhuma palavra senão repetindo-a, cortando-a pelo meio, silabando-a, com fadiga, como se fosse gago.*

Como se sentia humilhado! Perseverou, todavia, na estrada das humilhações, encontrando conforto no Senhor e também no reitor e nos professores, que o estimavam e lhe queriam bem.

### **Clérigo!**

Na primavera do ano de 1906, Mário, estudante do terceiro colegial, recebia a veste talar na capela do Palácio Episcopal de Chioggia.

Tinha desejado tanto dar aquele passo, seja para se assegurar mais contra os perigos do mundo, seja para firmar melhor a sua consagração a Jesus.

O *Diário* começa mesmo com a lembrança da vestição clerical.

*“Sete de abril de 1906. O primeiro passo está dado! Hoje vesti a sagrada divisa sacerdotal. A cerimônia, conduzida por Sua Excelência Monsenhor Marangoni, deixou no meu coração uma impressão indizível”.*

Na cerimônia estava presente sua mãe. O pai, não. Estava longe, ocupado nos seus negócios. Ele escreveu-lhe uma carta congratulando-o do passo dado rumo ao Altar do Senhor e manifestando o seu desprazer por não ter estado presente por causa dos dissensos com alguns parentes aos quais devia dinheiro.

Padre Venturini observará, depois, que o Senhor sempre lhe mandava uma gota de amargura nos momentos mais belos. Também este é um sinal do seu amor!

Depois de reiteradas insistências, era acolhido finalmente no seminário como interno. Anotava no *Diário* as suas impressões.

*17 de abril de 1906. O desejo, que há muitos anos tinha no coração, de entrar seminário hoje teve êxito. Finalmente! Agora aqui devo passar quatro anos! Os anos melhores de um jovem que se consagra ao sacerdócio são certamente aqueles em que ele vive no internato. Sob a direção do boníssimo diretor Pe. Carlo Gamba, homem de uma santidade exemplar, fazei, ó Senhor, que nestes anos eu possa plantar no meu coração a semente da virtude, e que esta depois se torne árvore viçosa, que com as suas raízes muito estendidas não permita que nasçam ao redor as ervas daninhas do vício e das paixões.*

Dom Antonio Bassani, novo bispo de Chioggia, encontrando Venturini bem preparado para frequentar os cursos teológicos, no dia 16 de agosto lhe conferiu a sagrada tonsura na igreja de Sottomarina.

*A cerimônia – lemos no caderninho espiritual do Padre – deixou em mim uma comoção indizível. Um outro passo foi feito no caminho do Santuário. Faizei, ó Senhor, que possa alcançar o dia no qual rezarei a Santa Missa e que eu, até então, possa caminhar direito pela estrada da virtude, para continuar melhor no exercício do meu ministério.*

### **De Chioggia para Pádua**

Em outubro de 1906, o jovem teólogo iniciou o curso regular da escola. Foi escolhido como prefeito dos seminaristas menores. Um velho pároco lembra que Venturini tinha muito cuidado com os rapazes, especialmente pela parte espiritual.

O cargo de prefeito devia ser-lhe rico de tantos pequenos sacrifícios. Mas os seus assistidos o lembram sempre alegre e cortês. Sobretudo, procurava educar os seus pequenos seminaristas com

o exemplo, com a oração e o seu recolhimento na igreja, com seu respeito e reverência pelos sacerdotes.

Como no Instituto São Justo, assim também no seminário demonstrou uma devoção especial a Nossa Senhora. Prestava-se ao sucesso de suas festas, ajudando e encorajando os pequenos a ele confiados.

No seminário renovava a bela prova de sábio assistente dos jovens. Sabedoria não só humana, mas confirmada pela graça divina, que o inflamava de amor aos irmãos.

O primeiro ano teológico do clérigo Venturini deve ter sido marcado por provações espirituais e morais relevantes, de tal modo a fazer-lhe desejar o final do ano e amadurecer a decisão de não continuar no seminário local.

O filho manifestou esta decisão aos pais, que ficaram chocados por isso como por um raio em céu sereno. O que acontecia? Pensava, talvez, em mudar de caminho?... Nunca tinha manifestado incertezas acerca de sua vocação!

Na verdade só depois do primeiro ano ginasial, durante as férias, tinha manifestado a estranha idéia de deixar os estudos e tornar-se marinheiro. “Mas foi uma estranheza de dez minutos”, contava em seguida. No final do segundo ano ginasial, houve o infortúnio da solene reprovação, que o tinha constringido a repetir o ano. Mas depois, graças a Deus, tudo tinha continuado bem.

Mario assegurou logo aos bons pais que não se tratava de abandonar o hábito eclesiástico, mas só de mudar de seminário.

O reitor compreendeu as suas razões. Tratou disso com Dom Bassani, chegando logo à decisão de permitir-lhe freqüentar os estudos teológicos no seminário de Pádua, mesmo ficando encardinado na diocese de Chioggia.

Não nos resulta de outros documentos o motivo verdadeiro da passagem a Pádua.

Talvez fosse de caráter familiar. A mãe, sempre aflita e humilhada, corria muitas vezes ao filho, o qual, tão sensível! sofria por causa disso e se encontrava incomodado.

O ambiente seminarístico, apesar de os superiores lhe quererem bem, lhe devia ter sido causa, seja mesmo involuntariamente, de dores e de sofrimentos.

É preciso notar que, naquele tempo, os clérigos mais promissores se inscreviam no seminário de Pádua para graduar-se em Filosofia e Teologia naquela faculdade.

A mãe, sonhando os graus acadêmicos para o filho, ficou contente pela sua decisão. No *Diário* encontramos o seguinte comentário de Mário:

*De boa vontade e fazendo não poucos sacrifícios, minha mãe permitiu que entrasse no seminário de Pádua para continuar os estudos, porque também nisto era um pouco ambiciosa. Queria seu filho padre, mas distinto. - É mãe! - diria Santo Ambrósio.*

Considerando o fato sob o perfil sobrenatural devemos ver os desígnios da Divina Providência, que queria preparar dignamente um seu ministro à missão para a qual tinha destinado.

Em setembro de 1907, o clérigo Venturini recebeu as Ordens Menores.

### ***No seminário de Pádua***

O seminário de Pádua é sem dúvida um dos mais insignes institutos eclesiásticos da Itália. Fundado por São Gregório Barbarigo, sempre teve tradições ilustres e alunos excepcionais. Lembramos, entre estes, São Pio X.

Em novembro do ano de 1907, o clérigo Venturini descreve, no *Diário*, a sua entrada. Manifesta o seu estupor pela grandiosidade do edifício e a vastidão dos ambientes, expressa a admiração pelos seus professores e não esconde o sentido de isolamento que sentiu nos primeiros dias.

*12 de novembro de 1907. Hoje finalmente entrei no seminário diocesano de Pádua para cumprir os estudos eclesiásticos.*

*Logo que entrei, não sabia onde me encontrava: rostos que nunca tinha visto, pessoas que nunca tinha conhecido. Que mudança!*

*Hoje me dirigi a Monsenhor Perin, prefeito dos estudos Teológicos. Eu lhe tinha pedido para dispensar-me de participar da sabatina das lições em classe, porque, tendo o defeito de ser um pouco gago, temia ser escarnecido. Mas ele me respondeu que tal dispensa não era costume neste seminário; e eu, não podendo obter isso, fiz um pacto com o Senhor, de rezar todo dia o Santo Rosário para que ele me conceda a graça de não gaguejar na classe. Estou certíssimo que o bom Jesus e Maria Santíssima me concederão esta graça, e eu espero tudo deles.*

E eis, numa nota tão humana, como o clérigo sentiu o desapego dos pais.

*13 de novembro de 1907. Os meus pais, que tinham me acompanhado a Pádua a fim de ver como eu ficaria no seminário, partiram hoje. Pobres pais! Quanto me querem bem! Parece-me ainda ter diante dos meus olhos meu pai que chorava, e minha mãe que chorava escondida a fim de que eu não visse. Eu, não sei como, não chorava. Aliás, encontrava-me bastante forte, de tal modo que sofri pouquíssimo pela separação. Que isto tenha sido pouco afeto pelos meus pais? Creio que não, pois sinto amá-los tanto!*

Vejam agora quais são as primeiras impressões do clérigo no novo ambiente, onde se sente um pouco estrangeiro.

*Agora estou aqui só, em meio a tantos jovens que não conheço. Aqui não tenho pai, não tenho mãe, nem amigos, nenhum conhecido! Lembro, porém, que o meu confessor me disse de escolher Maria Santíssima como mãe, e Jesus Cristo como pai. Sim, ó Maria, sim, ó Jesus, eu me coloco sob a vossa validíssima proteção.*

### **Seu dia a dia**

A escola começou com seu ritmo sempre igual, feito de oração e de estudo. O clérigo Venturini, sempre diligente anotador no seu caderninho espiritual, escreve:

*14 de novembro. Hoje começou o novo ano escolar. Os superiores, neste seminário, enviaram, pela ocasião, um telegrama a Sua Santidade (Pio X, ex-aluno daquele seminário e então preocupado pela defesa da doutrina ameaçada pelo modernismo) e um outro ao bispo (Luigi Pellizzo) que se encontra fora da cidade, prometendo a ambos, por parte dos jovens, prosseguir bem e pedindo a bênção, estas chegaram por meio de dois telegramas um do secretário do papa, e outro do bispo.*

*Entreí nas salas, que para mim são novíssimas. Novos me são ainda os companheiros e novos também os professores.*

*Dai-me a graça, ó Senhor, que, sob a direção e ajudado pelos ensinamentos destes bons e capazes professores, eu preencha minha mente dos conhecimentos que me são úteis e que possa me tornar um verdadeiro e santo sacerdote.*

Ao final do mês de novembro, no seminário, houve o retiro mensal e o pregador, o jesuíta Pe. Mazzara, fez aos jovens esta pergunta: “O que viestes fazer no seminário?”

Venturini, no *Diário*, dá a resposta, que é também um programa de vida: “Vim ao seminário para aprender aquela ciência que faz tornar verdadeiros sacerdotes para aprender a praticar aquelas virtudes que a um sacerdote são grandemente necessárias, afinal, para progredir no caminho do Santuário”.

No final do retiro, o pregador deu aos jovens um conselho que foi acolhido com fidelidade pelo clérigo Venturini:

*Tendo o padre pregador recomendado que cada um tenha um diário espiritual para ver os progressos na virtude, de amanhã em diante este meu diário, sobre o qual antes escrevia de vez em quando, tornar-se-á cotidiano. O Senhor me ajude para que também este novo meio de santificação traga grandíssima ajuda a minha alma.*

Graças a este propósito, hoje podemos acompanhar o estado espiritual da alma do Padre de 1907 a 1957. Com simplicidade, escreve aquilo que sente, aquilo que o move, o angustia, o tormenta, o que deseja... O *Diário* é uma das mais preciosas heranças que o Padre deixou aos seus filhos.

Muito cedo os superiores perceberam que o novo aluno de Chioggia era sério, comprometido nos exercícios de piedade, amante da disciplina, cheio de boa vontade no estudo.

Os companheiros de escola são, em geral, juízes sagazes. O clérigo Venturini foi bem observado por eles, porque era novo e porque, à primeira vista, parecia um tanto diferente.

A primeira impressão dos colegas não foi totalmente favorável, ou melhor, agradável. A alguns, parecia que fosse um tipo nobre, fino no vestir, aristocrático. Tinham notado que usava os óculos de ouro... Parecia-lhes que, no modo de falar, dava uma de importante. Sobretudo, parecia exagerado na observância da regra, nos exercícios de piedade. Queriam-no mais próximo.

Em conseqüência disso, inicialmente, houve certo isolamento do clérigo de Chioggia.

Uma primeira impressão, porém, que não durou por longo tempo. Os companheiros perceberam, bem logo, que ele era um deles. Bom, cordial, alegre.

Padre Simoni deixou este testemunho:

*Posso dizer que todos compreendiam que ele era de uma mentalidade superior ao normal, muito piedoso, atento na igreja, devotíssimo durante a Santa Missa e a Comunhão, a qual recebia todos os dias. Dispunha-se com boa vontade a brincar no recreio; alguma vez, também, com brincadeiras barulhentas, e não inteiramente aconselháveis.*

Mario aprendeu, no seminário, a usar bem do tempo. Este costume guardou pelo resto da vida e o recomendou a seus jovens religiosos. Mais tarde, numa exortação a seus filhos dirá: *“É preciso usufruir dos retalhos de tempo para estudar e ler alguma coisa que interesse, e para repetir e aprender de cor passagens da Sagrada Escritura, a menos que não se prefira rezar. Fiz assim, também eu, no seminário de Pádua”*.

As matérias eclesiásticas no seminário de Pádua eram ensinadas com seriedade e profundidade. O empenho dos alunos devia ser incomum para conseguirem seguir as matérias e superar as provas finais.

O clérigo Venturini se colocou com muito empenho no estudo, ainda mais que, de acordo com os superiores de Chioggia, queria obter os graus acadêmicos. Dotado de boa memória e de forte vontade, conseguiu completar bem o seu *currículo escolar*. Do arquivo do seminário de Pádua resulta que Mário Venturini, no terceiro ano de teologia, no dia 08 de maio de 1909, conseguiu o título de “Bacharel”, e no dia 20 de julho de 1910 o título de “Licenciatura”, em teologia. Do boletim, que traz os resultados finais das matérias, dos três anos de teologia, se observam três 8, muitos 9 e quatro 10.

A fadiga dos estudos chegava a esgotar o clérigo Venturini. Na primavera e, sobretudo, próximo ao tempo dos exames (julho) a sua palidez e magreza impressionavam. A mãe, que ia fazer-lhe visita a cada quinze dias, ficava preocupada pela saúde do filho e queria enchê-lo de tudo. Mas não lhe era permitido pelo regulamento.

Nas férias de verão, o clérigo Venturini entrava em contato com os superiores de Chioggia, aos quais dava o relatório dos seus estudos, e com os companheiros de seminário.

Padres e clérigos o viam transformado a cada ano.

Ele não desperdiçava o tempo das férias escolares. Sempre afeiçoado ao seu “São Justo”, colocava-se à disposição dos salesianos para assistir aos meninos do Oratório, para ensinar-lhes catequese e para, sadiamente, diverti-los.

De vez em quando fazia alguma viagem. Dirigia-se a Ístria, a bordo do barco do pai.

No dia 19 de setembro de 1908, recebia as duas últimas Ordens Menores do Exorcitado e do Acolitato na Igreja de Santa Catarina, virgem e mártir, em Chioggia.

### III - A META

#### *Uma amizade santa*

No outono do ano de 1908, Venturini voltava ao seminário de Pádua. Retomava os estudos de Teologia, imprimindo novo impulso à sua vida de piedade.

Com os colegas se dava bem; dos seus muitos testemunhos, evidenciamos a excepcional influência que exerceu sobre ele a amizade do clérigo Luigi Simoni.

Simoni nasceu em Rovigo e teve a sorte de receber uma distintíssima educação cristã no seio da família. Frequentou o Ginásio em Rovigo e o colegial em Pádua, distinguindo-se com honra nos estudos, nos quais obtinha resultados magníficos. Caráter alegre e jovial, muitas vezes cômico, apesar da simpática extroversão do seu temperamento, sentia-se levado a uma profunda vida interior.

Terminado o colegial, pediu para entrar no seminário diocesano de Pádua. Seus dotes de inteligência e de piedade, verdadeiramente excepcionais, fizeram nascer bem depressa nos superiores o projeto de fazer dele um professor do Instituto.

Quando Mario chegou a Pádua, Simoni foi um dos primeiros a se aproximar dele e a encorajá-lo a superar as dificuldades iniciais. Mais tarde, já padre, se recordou do amigo como um Dom de Deus: “ - *O Senhor te beneficiou* -... Como percebo tudo sabiamente ordenado na minha vida: o Oratório salesiano, o seminário de Chioggia, o seminário de Pádua e a convivência com aquele companheiro!”.

Esta amizade, mesmo santa, deve ter provocado certo escrúpulo no clérigo Venturini. Simoni, então militar, escreveu-lhe num bilhete:

*“Que eu te queira bem, o percebeste; mas não temas, não é afeto sensível ou terreno, mas é aquele amor robusto e santo que, nascido da comunhão do estudo, de aspirações, de nobres ideais, da comunhão de graças, que o Senhor quis doar a mim e a ti, busca na amizade um sustento e um conforto, um incentivo a prosseguir no bem e a evitar a lama deste mundão.”*

O ideal, que espiritualmente unia os dois jovens, era um sacerdócio santamente vivido.

Com este objetivo, estudaram com particular atenção o tratado teológico sobre o Sacerdócio de Jesus Cristo e se reabasteceram de volumes que tratavam sobre as Ordens Sagradas e o Sacrifício Eucarístico.

Entre os dois amigos houve uma verdadeira comunhão de atividade espiritual. Característica foi a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Naqueles tempos, os devotos do Sagrado Coração eram um grupo valoroso, mas não muito grande; estavam para desaparecer os últimos opositores, e o triunfo da devoção era iminente.

Simoni e Venturini, de comum acordo, estudaram a fundo a teologia sobre o Sagrado Coração. Leram e releeram a vida de Santa Margarida Maria Alacoque e aproveitaram dos seus escritos. Praticaram com fidelidade e com ardor a Hora Santa e a Primeira Sexta-feira do mês. Sobretudo, destacaram a reparação para oferecer ao Sacratíssimo Coração de Jesus. Conheceram a Associação da Guarda de Honra e nela se inscreveram; mas obtiveram do Sagrado Coração uma graça ainda mais marcante: a inscrição na Associação das *Pessoas Vítimas* em união aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.

No seu *Diário* escreve: “*Lá, no seminário de Pádua, conheci a Associação das Pessoas Vítimas, pequeno grão de mostarda escondido no meu coração*”. O germe da vocação à Obra, ele o via depositado por Deus naquele distante 03 de maio de 1910.

Característica da Associação é o de promover também a reparação sacerdotal. Os clérigos Venturini e Simoni o entenderam bem, e nisto se aplicaram com comovente ardor. Por motivo de vastos conhecimentos e de amigos que o visitavam muitas vezes, Simoni vinha facilmente a conhecer fatos e episódios dolorosos acerca do clero, provocados e explorados pela maçonaria e pelo liberalismo. Era o tempo, não o esqueçamos!, em que Dominava o modernismo.

Simoni informava de tudo Venturini, não por fofoca, mas para renovar, em união com ele, a promessa de um sacerdócio santo, e intensificar o espírito e a prática da reparação.

### ***Apostolado eucarístico***

São Pio X, com uma série de documentos pontifícios, tinha causado um forte impacto no mundo católico, solicitando-o a aproximar-se com maior frequência e maior fervor ao Banquete Eucarístico. Convidou as pessoas piedosas à Comunhão também cotidianas. Abriu o Tabernáculo às crianças.

Venturini e Simoni observaram com surpresa que os seus diversos companheiros não se aproximavam todos os dias da Mesa Santa. Atinham-se ao velho costume. Tal hábito era, porém, difuso um pouco por toda a parte, também nas comunidades religiosas.

Os dois amigos estudaram um plano de ação entre os seus companheiros de escola para aproximá-los da Eucaristia. Apontaram três setores: Comunhão diária, Adoração (*Visita ao Santíssimo Sacramento*), decoro da igreja. Antes de iniciar o trabalho, quiseram ter o apoio dos superiores. O reitor ficou contente com isso, e o diretor espiritual e Pe. Cerato (vice-reitor) os encorajaram.

Nos recreios e nas conversações, os dois clérigos se colocaram a propagar os desejos do papa e os recentes decretos da Sagrada Congregação do Concílio. Compraram 300 cópias do fascículo de Mons. Segur, "*A comunhão frequente*", e as distribuíram gratuitamente aos companheiros. Foi um sacrifício financeiro para o clérigo Venturini, que não era rico. O dado foi lançado. Era só esperar a reação, a qual não demorou.

Os primeiros a reagir foram alguns professores do seminário, bastante tradicionalistas, os quais rotularam a atividade dos dois de novidade inútil. Simoni, polemista nato, batalhador e vivaz, os batizou logo, mesmo que em voz baixa, de "jansenistas".

Os companheiros discutiram longamente com os dois "apóstolos improvisados". A grande maioria compreendeu a bondade da causa e se alinhou às diretrizes do Sumo Pontífice Pio X. Outros foram mais lentos em deixar-se conquistar. Consideravam Venturini e Simoni como estranhos, diferentes dos outros, exigentes demais. Os dois continuaram sua obra de persuasão, a difundir a publicação eucarística e, de modo particular, a dar o exemplo de uma piedade firme alimentada pela Santíssima Eucaristia.

A Eucaristia tornou-se o centro dos seus corações. Venturini, lendo com atenção a vida do santo Sacerdote Pe. Tito Rampone, tinha constatado que havia feito de Jesus sacramentado o eixo não só da vida, mas, ainda mais, do dia-a-dia. A exemplo dele construiu uma espécie de regulamento para transcorrer uma jornada eucarística, inserindo de manhã até à noite práticas de piedade e obséquios vários em honra ao Santíssimo Sacramento.

Mostrou o esquema ao amigo Simoni, que se manifestou entusiasta com isso e pensou logo em imprimir alguns folhetins para difundir entre os clérigos.

Num bilhete Simoni escreveu: "Tu tens o mérito da inspiração; eu, o mérito da execução; e todos os dois, o mérito da difusão".

A amizade Venturini-Simoni se reforçou por um caminho não previsto. No outono de 1909, o clérigo Simoni foi chamado às armas. O golpe foi duro; mas o jovem clérigo superou bem a prova, que durou quase um ano. Conservou-se bom, puro, pio. À custa de sacrifícios, não deixava nunca a Comunhão diária. Nas horas de folga, fazia a sua Hora de adoração ao Santíssimo Sacramento. Até encontrava tempo para ler vidas dos santos e obras dos Santos Padres. Confessava de ter sido contemplado por uma graça especial do Sagrado Coração.

Do seminário de Pádua, o amigo Venturini o seguia com afeto, expresso por orações e belas cartas que exortavam à fidelidade à vocação e aos ideais santos. Simoni era gratíssimo pelos escritos que lhe enviava e o retribuía com cartas cheias de brio, ricas de pensamentos tirados dos autores lidos, temperadas de pormenores sobre a vida militar e sobre seu apostolado entre os "soldados". Para ficar livre dos olhares indiscretos, Simoni se refugiava num café e escrevia, escrevia, caindo algumas vezes no sono.

O Coração de Jesus retribuiu o generoso devoto dando-lhe a graça singular da vocação à Ordem Cartuxa.

Veremos em seguida como Simoni conseguiu tomar o caminho para a Cartuxa de Vedana, tendo como cúmplice o amigo Venturini.

Este, enquanto isso, se consolidava sempre mais no propósito de preparar-se para se tornar não um padre qualquer, mas santo.

Prestes a receber as Ordens Maiores, apontou mais decididamente rumo o cume da vida perfeita. Evidenciamo-lo pelo *Diário*.

*“Último ano de seminário, ano em que receberei a ordenação sacerdotal! Ainda um breve trecho, e depois chegarei ao cume sublime do sacerdócio. Muitos chegam ao cume, mas nem todos ficam firmes nele. Deslizam logo sobre o gelo de uma vida habitual; imprudentes, podem desaparecer na grande fissura de uma paixão mascarada e não Domada; distraídos, podem tropeçar na pedra de uma ocasião e cair ruinosamente no fundo do abismo; fracos, o vento pode arrancar da mão a imaculada bandeira.*

*Este é um ano em que tenho especialíssima necessidade que Deus me socorra com a sua graça, a fim de que eu venha a me aproximar ao santo Altar plenamente consciente da dignidade que irei receber. Para isto, espero que me ajudem os dois Retiros, que farei ao longo deste ano.”*

### **Subdiácono**

O subdiaconato foi ocasião ao bom clérigo para renovar a Deus sua oferta generosa e total; para doar-se por amor ao Amor.

A ordenação foi marcada para o dia 18 de setembro de 1909. Precisava realizar antes o Retiro e ele se foi a Monte Rua, sobre os Colli Euganei, no convento dos Padres Camaldolenses. Na oração e na solidão mais completa, deu início ao seu retiro.

Desde o primeiro dia, fez um sério exame da sua vocação:

*Agora, ó Senhor, devo decidir-me: ou para frente, ou para trás. Decidi vós por mim. Prometo-vos que a vossa vontade será escrupulosamente cumprida. Se me quereis bom leigo, o serei, ó Senhor; se me quereis vosso ministro fervoroso, o serei igualmente, ó Senhor. “Falai-me nestes dias, ó meu Deus, que o vosso servo vos escuta”.*

Lá pelo final dos Exercícios, fez a característica consideração inaciana sobre a eleição do estado de vida. Tendo se colocado na presença de Deus, com um profundo ato de fé, escreveu no *Diário*: “Examinadas e pesadas as razões, tanto a favor como contra, e colocadas sobre a balança do Santuário, ofereci-as à Santíssima Trindade, para que as aprovasse ou as rejeitasse”.

Após longa oração, concluía:

*Decidi finalmente servir de agora em diante ao Senhor no estado eclesiástico. Concluí assim a questão da eleição em presença de toda a Corte Celeste, diante do trono da Santíssima Trindade, assegurando ter feito tal eleição para a maior glória de Deus e para o meu melhor bem espiritual.*

*Ofereci depois este decreto à Maria Santíssima, e, por seu meio, a Jesus Cristo, para que o confirmassem e o abençoassem chamando-os como testemunha da minha escolha...*

Meditando o desapego de Jesus dos parentes (Jesus perdido e encontrado no templo), e as penas em que incorrem aqueles que descuidam do caminho de uma maior perfeição (no seu caso, a vida religiosa), se sentia bastante incomodado. Deus o queria, talvez, religioso?...

Encontramos no seu *Diário* um reflexo das suas incertezas, resolvidas depois luminosamente por um representante de Deus.

*Esta meditação me encheu de medo e de uma inusitada agitação, que não me deixava compor um só pensamento. Parecia-me estar resistindo à voz de Deus e merecer os castigos que Ele ameaça àqueles que resistem aos seus chamados.*



*Por outro lado, via as gravíssimas condições dos meus pais, e de modo especial, a sinistra situação dos negócios do meu pai. Como teria podido abandoná-los? E por outro lado, por que não obedecer ao convite do Senhor?*

*Toda a noite passei com temores e dúvidas, e não fui capaz de decidir nada. Esta manhã, após a missa, quis escutar o parecer de um santo eremita, profundo nas coisas de espírito e já mestre dos noviços naquele eremitério.*

*Depois de expor-lhe ponto por ponto as minhas condições, ele me exortou a continuar pela estrada que tinha começado a percorrer. Disse-me que a vida religiosa religioso é um conselho evangélico, mas o ajudar os pais é prioritário, porque é um preceito natural, divino. Disse-me que o impulso a entrar na congregação salesiana não era senão um aviso do Senhor, para que me conduzisse no modo no qual vivem aqueles bons eclesiásticos, buscando, apesar de me encontrar no século, ser sobremaneira amante da pobreza, da castidade e da obediência.*

*Este conselho acalmou o meu espírito agitado.*

Esta última declaração é verdadeiramente um grito de liberdade.

Ao final dos Retiros, Venturini foi a Chioggia onde, pelas mãos de Sua Excelência Dom Bassani, no dia 18 de setembro de 1909, recebeu o subdiaconato.

Dia de grande graça para ele, de grande alegria para seus pais!

Antes da noite, o novo subdiácono escrevia no *Diário* as próprias impressões:

*18 de setembro (1909): Exultou o meu coração e minha língua. Sim, ó Senhor, exultou esta manhã o meu coração no momento em que, convidado pelo bispo, dirigi-me ao altar querendo, assim, me consagrar para sempre a Vós. Avancei, Senhor, ao vosso altar com santo júbilo, trêmulo, mas plenamente consciente, com o lema: No Senhor, nos lábios e no coração. Quanta consolação naquele instante! Ser todo, todo de Deus, todo a Ele consagrado, não só hoje ou amanhã, mas sempre, até a eternidade!...*

*Sim, ó Senhor, eu a partir deste dia sou inteiramente vosso. Vós me quisestes no caminho do santuário, me quereis vosso ministro, estimulaste minha vontade a aceitar o vosso convite por meio dos vossos sinais, e eu vim, ó Senhor; fiz de mim aquilo que é do vosso agrado, será sempre feliz o vosso servo, ó Senhor.*

*Porém me amedrontam as graves obrigações que assumi, tendo sido promovido a subdiácono. A primeira e a mais grave de todas: a castidade perpétua... Neste dia tão solene para mim, vos faço uma promessa, ó meu Deus, e uma oração. A promessa de evitar até a menor ocasião de cair em tal tipo de pecados... Meu pedido é que vós, ó Senhor, me façais morrer da morte mais dolorosa e mais dilacerante, mas nunca permitais que eu manche minha alma de impureza.*

*A outra obrigação é a de recitar todo dia o Ofício Divino. Eu desejo recitá-lo bem e recitá-lo de joelhos, enquanto que me for possível. Dai-me, porém, ó Senhor, luz à mente e afetos ao coração, a fim de que, pela reza do Ofício eu venha a colher o maior fruto para a minha alma.*

*O meu primeiro passo foi feito.*

Ele honrou os compromissos de subdiácono, ajudado por uma graça incomum recebida do Sagrado Coração de Jesus.

## **Diácono**

O subdiácono Venturini voltou ao seminário de Pádua no dia 17 de novembro. Dedicou-se com generosidade ao estudo e intensificou o trabalho da sua santificação pessoal.

Na noite do dia 02 de março de 1910 iniciava os santos Exercícios no seminário de Chioggia em preparação ao diaconato.

O pequeno seminário da sua cidade lhe despertava tantas lembranças e tantos dons do Senhor.

Os dias do santo retiro transcorreram tranquilos entre a oração e a meditação. Já tinham sido resolvidos definitivamente os graves problemas da vigília do subdiaconato.

Seu propósito principal foi aprofundar a devoção para com a Santíssima Eucaristia. Visitá-la mais freqüentemente e seria fiel ao propósito de passar “eucaristicamente” o próprio dia: “Terei para a Santíssima Eucaristia um amor de paixão!” (*Diário*)

No dia 12 de março de 1910 recebeu, na capela do seminário, a sagrada ordem do diaconato pelas mãos de sua excelência Dom Bassani.

Como de costume manifestava no *Diário* as suas impressões.

Esta manhã recebi o Espírito Santo! Quando o bispo impôs as mãos sobre minha cabeça, um calafrio percorreu todos os meus membros, a comoção me impediu de pronunciar algumas palavras, de conceber aqueles pensamentos que pouco antes desejava ter no momento da imposição das mãos.

Agora sou diácono de Cristo! Que felicidade para mim! Sou ministro de Deus e cooperador do Corpo e do Sangue do Senhor, elevado a tanta dignidade pela Santa Igreja pelo ministério do seu bispo!

O diácono Mário voltou a Pádua com o coração inflamado de alegria e com o pensamento já fixo na sua próxima ordenação sacerdotal. Aplicou-se com intensidade ao estudo, não obstante o cansaço físico, para agüentar os exames e obter o segundo grau acadêmico. O esgotamento foi tal que chegou a provocar um vômito de sangue. Teve grande medo daquilo, mas calou-se, pedindo ao Senhor que lhe desse saúde suficiente para chegar à ordenação. Nenhuma surpresa pelo fato que lhe viesse à mente naqueles dias o tio, Pe. Francesco Bellemo, falecido após poucos meses de sacerdócio.

O mês de maio o encontrou comprometido em dar o último toque na devoção para com a Mãe do Céu. O ambiente do seminário era embebido de grande espírito mariano. Era toda uma massa de jovens enamorados por Nossa Senhora. O padre contava que um dia, lendo-se no refeitório a vida do Cottolengo, ao sentir que o santo ensinava aos internos a jaculatória: “Virgem Maria, Mãe de Deus, fazei-nos santos!”, os clérigos levantaram logo repetindo a mesma invocação. O grito deles foi tão forte que se fez sentir muito longe.

Nos primeiros dias de maio, lhe foi comunicado que a sua ordenação sacerdotal estava marcada para o dia 24 de agosto. O seu coração se alegrou.

*Então foi finalmente marcado o dia que eu vivamente desejei, desde quando me apliquei aos estudos no seminário. Portanto, está bastante próximo o dia em que eu, miserabilíssimo, serei elevado à dignidade grandíssima. Meu Deus, como poderei suficientemente louvar a vossa grandíssima bondade e a misericórdia para comigo, em querer-me vosso ministro?*

No dia 12 de julho no seminário se cantou o *Te Deum*, por ocasião do fim do ano letivo. Pe. Mário escreveu no *Diário*: “*Quantas graças, quantos auxílios, ó meu Deus, chegaram-me de vossa mão durante os longos anos dos meus estudos! Fazei, ó Senhor, que eu vos seja grato disso por toda a minha vida!*”.

No dia 20 do mesmo mês, fazia os últimos exames para os graus acadêmicos e passava em cada um deles. Despedia-se assim do seminário tão querido, manifestando o seu reconhecimento aos superiores.

Estava morto de cansado. Em casa, descansou bastante. Enquanto isso, providenciava os preparativos da Primeira Missa.

Seu pai quis fazer as coisas com muita solenidade. Um bom negócio lhe tinha fornecido os meios necessários.

Pe. Mário, porém, se preocupava especialmente em rezar e fazer rezar. No dia 13 de agosto, o clérigo Venturini se retirou junto aos Padres Calmadolenses, sobre o Monte Rua, para os Retiros. Era acompanhado pelos votos e pelas orações de tantas boas pessoas.

Os dias passaram tranquilos e serenos. Interessante a meditação que fez sobre o “Sacerdote e os tempos modernos”.

À medida que as meditações o colocavam de frente com Deus, com as pessoas e consigo mesmo, vinha-lhe espontâneo o desejo de rezar e de aspirar a um sacerdócio santo.

No dia 21 de agosto, grato a Deus e à Virgem, voltou para Chioggia. No dia seguinte traçou os seus propósitos. Destacamos o último: “Todo ano, permitindo-o a saúde e as obrigações do ministério, farei um retiro espiritual”. Foi um propósito ao qual manteve fé, e do qual o Senhor lhe fez colher frutos copiosos de santidade. O quinto propósito prenuncia, de algum modo, sua futura obra de apostolado: “Zelarei com todas as forças pelas obras eucarísticas e farei de tudo para divulgar a devoção ao Sacratíssimo Coração de Jesus e a Maria Santíssima Auxiliadora. (querida e saudosa lembrança da esvaecida vocação salesiana)”.

### **Sacerdote**

Chegou o grande dia: 24 de agosto de 1910.

O *Diário* se torna oração. Oração que brota do mais profundo do coração.

*Chegou o dia 24 de agosto. Com quanta efusão de coração te agradei, ó meu Senhor, logo que levantei da cama.*

*Sim, te agradeço, ó meu doce Jesus! Com grande número de graças tu me guiaste até o altar. Daqui a quatro horas serei sacerdote. Perdoai-me, ó Jesus, se te trato familiarmente, se te nomeio com o tu; é a confiança que me inspira a grande dignidade que me conferirás pelas mãos do bispo. Sou teu amigo, ó Jesus: “Não vos chamo de servos, mas de amigos”.*

*Hoje estou feliz; sim, feliz, mas da tua felicidade, ó meu Senhor, que é santa, é verdadeira. Todo teu, sempre, sempre, sempre, e tu, todo meu. Amar-te-ei cada dia mais, ministro teu, com todas as forças zelarei pela tua causa; quero ser teu ministro fiel.*

*E tu me ajudarás, tenho certeza disso, e sobre minha cabeça derramarás copiosíssimas as suas bênçãos.*

*Mas aqui quero fazer-te uma promessa, ó meu Jesus: serei com tua ajuda um sacerdote segundo o teu Divino Coração. Prometo a ti solenemente e, confiando só na tua grande bondade, estou certo que não faltarei à palavra dada.*

*Minha querida Mãe, Maria, tu me verás com consolação ascender ao sagrado Altar para imolar o teu Filho, porque me tens amado tanto, tanto. Ó Maria, Virgem Sacerdotisa, obtenha de Jesus as graças das quais preciso para ser sacerdote santo.*

A ordenação de dois sacerdotes e de três subdiáconos interessou também a imprensa local.

O *Diário* nos revela o que sentia o novo sacerdote durante a solene cerimônia.

*Sou sacerdote, sou ministro de Deus! O Senhor me levantou do pó para colocar-me entre os príncipes do seu povo.*

*Vivas impressões despertaram em mim as santas cerimônias da ordenação. Grandemente me marcou a imposição das mãos. Após o celebrante, doze sacerdotes, um após o outro, impuseram sobre minha cabeça as suas mãos, invocando sobre mim o Espírito Santo. Comoveu-me a Sagrada Unção das mãos, assim também como a promessa feita ao bispo de ser-lhe sempre obediente e reverente.*

*Naquela igreja pairava, durante a função, um grande espírito de reparação. Isto impressionou Pe. Mario que, durante o evangelho, não deixou de notar o pormenor da eleição dos apóstolos e o aceno a Judas traidor.*

*À medida que a cerimônia se desenvolvia, provava doces emoções, que registrou no papel, tão logo teve tempo.*

*Dia cheio de emoções aquele da ordenação sacerdotal! Parece-me ainda ser diácono, tão repentina foi a passagem de uma ordem à outra. Fique sempre impresso na minha mente este inesquecível dia; que eu me lembre dele até nos últimos dias da minha vida! Ó bom Jesus, que eu vos ame sempre, como sentia amar-vos no momento da ordenação sacerdotal, que eu vos ame sempre e sempre mais! Que eu vos seja fiel até à morte; que eu dê para vós também a vida se for necessário, mas jamais venha a faltar para com o vosso amor. Vós sois todo meu, eu quero ser todo vosso e o serei com o vosso santo auxílio!*

No dia 25 de agosto, Pe. Mario Venturini celebrou a sua primeira Santa Missa. Os pais mostraram o desejo de que cantasse a primeira missa solene no dia 28, último Domingo de agosto. Sentia muito, porém, ficar, segundo o uso da cidade, três dias sem celebrar, por isso decidiu de oferecer o santo sacrifício longe do barulho do mundo, na capela dos padres salesianos.

Confessou no *Diário*:

*Como estava confuso, comovido naqueles instantes; não me parecia ser mais eu. Impressionou-me santamente a consagração do Corpo e do Sangue do Senhor e a assunção das sagradas espécies. Terminado o santo sacrifício me retirei à parte e fiquei só com meu Deus. Tinha desejado vivamente este instante, no qual poderia agradecer ao meu Deus pelo grande benefício a mim conferido. E o Senhor fez com que meu desejo fosse satisfeito.*

*As três primeiras missas celebradas no querido Instituto de São Justo lhe deixaram uma lembrança indelével. No dia 24 de agosto de 1952 o padre escrevia:*

*“Oh, aquelas três santas missas, celebradas sozinho, no silêncio, sem festas exteriores!... Foi mesmo uma delicadeza do Senhor para ter-me todo para si”.*

### **Primeira Santa Missa Solene**

Pe. Mario Venturini celebrou a primeira Santa Missa solene no dia 28 de agosto na basílica São Tiago Apóstolo ornamentada, para a ocasião, com verdadeiro esplendor.

Pelas nove horas, precedido pelos meninos do Oratório salesiano. Dirigiu-se à igreja. Acompanhavam-no o pároco e outros sacerdotes. À sua passagem, o povo formava duas fileiras, que reverentes o saudavam. Na Santa Missa executavam música selecionada os meninos do Oratório.

Fez o discurso um discípulo do seminário de Pádua, Pe. Antonio Simionato. O jovem orador falou da grandeza e da necessidade do sacerdócio, defendendo-o das acusações velhas e recentes dos inimigos de ontem e de hoje. O orador terminava fazendo ao novo sacerdote votos de um apostolado longo e fecundo. O discurso foi considerado precioso por Pe. Mario, que o conservou entre os seus papéis mais queridos.

Seguiu-se a festa familiar. Também a população da cidade tomou parte na alegria da família Venturini. Todas as barcas de Chioggia estavam embandeiradas. Soltaram também os fogos de artifício.

As celebrações duraram oito dias e custaram aos pais de Pe. Mario bem duas mil liras de então.

Pe. Mario se esforçava em ficar à parte o quanto possível. Enquanto os parentes gozavam do espetáculo dos fogos de artifício, ficava fora disso, conservando-se na sala de recepção, ajoelhado por terra a rezar o breviário.

No fim do memorável dia, sentiu a necessidade de escrever duas linhas e anotar os seus sentimentos:

*Como estive calmo neste dia! Nenhuma agitação, nenhuma ansiedade. Não me causava exaltação o povo que me aclamava à minha passagem; contra tal armadilha de satanás, me tinha antes advertido o meu bom confessor. Parecia-me estar feliz, acreditava que a minha festa teria passado sem nenhum incidente, mas ao Senhor não agradou assim; Ele quis amargar-me um pouco: seja bendito pela eternidade.*

No dia 04 de setembro, Pe. Venturini celebrou, com grande solenidade, uma santa missa junto aos Salesianos, no altar de Maria Santíssima Auxiliadora.

Contemplando a bela Imagem, pareceu-lhe que a Virgem lhe sorrisse. Rezou: “Ó Maria, segurai-me sempre pela mão e em cada momento conduzi-me aos pés do vosso Jesus!”.

Chegado o mês de outubro, o novo sacerdote se mantinha pronto, na oração e no estudo, para ser enviado, por vontade do bispo, para a vinha do Senhor.

## IV - CAPELÃO

### *Primeiras manifestações apostólicas*

O seminarista Simoni, deixada a caserna e voltando ao seminário, comunicou a Pe. Mario ter elaborado três temas de adoração sobre a vida religiosa e tê-los mandado ao diretor dos *Anais dos Sacerdotes Adoradores*. Exortava ao amigo de compilar ele também alguns rascunhos para as horas de adoração: a matéria não lhe faltaria.

Pe. Venturini acolheu de boa vontade o convite e pensou em desenvolver três argumentos com o título: *Jesus Caminho – Verdade – Vida*. A intenção era de ilustrar o então recente Decreto de Pio X sobre a comunhão freqüente.

Padre Locatelli, diretor dos *Anais*, publicou, com muito prazer, na Revista alguns escritos de Pe. Venturini (pelo final do ano de 1910).

Este, por enquanto, ia se preparando com grande temor ao ministério da palavra.

Conhecemos as dificuldades que provava nas sabatinas escolares. A lembrança delas o atormentava enormemente. Encontramos um reflexo disso numa carta endereçada a Simoni.

*No dia 06 de novembro devo ter uma exortação durante a exposição do Santíssimo Sacramento; falarei da obediência de Jesus; não devo senão decorar o tema que já preparei sobre este argumento e fazer nele alguns pequenos acréscimos. Eu estou contentíssimo, porque falando pela primeira vez do púlpito, me cabe falar da Eucaristia.*

*E depois estou convidado a fazer uma outra exortação no dia 28 de dezembro; porém temo que retirem o encargo, quando virem a magra impressão que farei do púlpito. Peça a Jesus, para que não venha a suceder uma daquelas habituais tremedeiras... Isto, porém sempre se agrada a Ele; se suceder isto, não pregarei mais...*

Muito humana a confiança feita ao amigo. Nota-se o esforço de sair-se bem a todo custo. O padre contou que, antes daquelas pregações, fez consigo um pensamento: se correr bem, significará que o Senhor me chama também à pregação; caso contrário, me dedicarei ao apostolado das confissões... Por sorte, dizia o padre, as pequenas pregações foram certinhas como uma fuzilada, tendo-as recitado todas num só fôlego!

### *Primeiras destinações*

Nos primeiros dias de outubro, Dom Bassani chamou Pe. Mario para escutar os seus desejos eventuais acerca do apostolado.

O novo sacerdote pediu para ser mandado na zona rural.

O bispo consentiu de bom gosto, pensando que o ar do campo lhe faria bem à saúde; por isso o destinou a Taglio di Po, aldeia perdida entre rios e canais.

Não era do mesmo parecer a mãe, a qual se dirigiu ao palácio episcopal para protestar. Vigorava, na verdade, a tradição de que os padres da cidade não fossem destinados ao campo.

Dom Bassani, com fina intuição psicológica, compreendeu que não conseguiria convencer aquela mulher com argumentos canônicos e jurídicos. Mudou a argumentação. Não era talvez seu desejo que o filho, tão delicado, restabelesse bem a saúde?... Deixasse-o, pois, livre para dirigir-se a uma cidadezinha de ar bom, onde o trabalho era calmo e tranqüilo!... Em seguida, lhe seria providenciada uma outra destinação estável.

Mãe Carlotta, que via cair por terra ao menos provisoriamente o sonho de morar com o filho, deixou-se convencer e começou a preparar a bagagem.

No dia 12 de outubro, Pe. Mario fez uma primeira visita a Taglio di Po. Nos dois dias em que ficou ali, vendo tantos meninos vagando abandonados à própria sorte pelas estradas, sentiu vivíssimo o desejo de dar logo início a seu apostolado naquela paróquia.

Mas no dia 09 de novembro, o bispo o chamou e lhe ordenou dirigir-se no sábado seguinte a Contarina, outra aldeia do Delta do Po, onde provavelmente ficaria como capelão estável.

Lemos no *Diário*: “Eu, prontamente aceitei a vontade do superior, pensando que, se assim tinha estabelecido, tal devia ser a vontade do Senhor. Quis saber, porém, o motivo de uma tal determinação, mas disso não vim a saber nada”.

No dia 12 de novembro, pe. Mário carregava sobre uma carrocinha uma cesta de roupas e se dirigia em direção a Contarina.

Ali chegou por volta de meio dia e logo se apresentou ao velho pároco.

O qual, vendo-o assim tão magro e fraco, lhe disse:

- Quem é o senhor?

- O novo capelão. Manda-me o bispo!

- Mas o capelão eu já tenho comigo. Eu não sei de nada. Não preciso de padres. E depois o senhor é padre de escritório, não de trabalho pastoral!...Bem, sente-se ali...

Depois de algum instante, o pároco acrescentou:

Amanhã o senhor celebrará a Santa Missa. Depois voltará para a sua casa.

Tinham-se passado poucos minutos quando o carteiro entregou ao pároco uma carta do bispo.

Leu-a, e ficou aterrorizado. Olhou com olhos de piedade o seu antigo capelão e lhe passou o documento.

Seguiu-se uma cena angustiante, com estouro de choro incontido.

Evidentemente, se tratava de uma grave acusação contra aquele sacerdote.

Pe. Mário admirou-se quando o pároco o informou acerca das decisões da Cúria. O capelão teve que abandonar pelo momento a cidade. Seguir-se-iam depois outras decisões.

Os dois padres consultaram-se e decidiram dirigir-se imediatamente ao bispo para estudar com ele o modo de salvar a situação.

À noite, os dois sacerdotes estavam de volta. Contento o pároco, tranqüilo o capelão.

Na manhã seguinte, Pe. Mário voltava para Chioggia.

O Senhor permitiu que o novo sacerdote recebesse uma terrível lição daquele fato. A candura, a ingenuidade, a poesia do sacerdócio dos primeiros meses estavam para entrar em contato com penosas e tristes realidades. Ele soube aproveitar isso e no seu *Diário* íntimo escreveu o propósito de ser sumamente cauteloso também nas mínimas coisas por aquilo que dizia respeito ao bom nome do sacerdote. Mais uma vez, o mal em vez de escandalizá-lo, por graça particular do Coração de Jesus, o impeliu a um maior sentimento de responsabilidade sacerdotal.

### *Em Cavàrzere*

Pe. Venturini se recolocou à disposição do bispo, que decidiu enviá-lo a Cavàrzere.

Partiu logo rumo àquela cidade, onde encontrou alojamento junto a duas boas velhinhas.

Cavàrzere foi sempre centro de importância relevante.

Pouco depois de 1900, a paróquia contava com cerca de 16 mil fiéis.

O Pároco era ajudado por alguns vigários (habitualmente cinco), cada um dos quais cuidava de um setor do grande centro agrícola, bastante amplo.

Quando, no dia 26 de novembro de 1910 Pe. Mário se apresentava pela primeira vez a Mons. Vianelli, e lhe disse:

- Sou filho da Carlotta. (A mãe conhecia muito bem o Pároco de Cavàrzere).

Este, quase um pouco aborrecido, resmungou:

- Padres jovens! Padres jovens!...Aqui precisamos de padres anciãos!...

- Mas eu estou aqui provisório! – acrescentou o jovem padrezinho – devo ir para um outro lugar.

- Eh, vigários jovens, vigários jovens...

Pe. Mário entendeu depois a razão daquela acolhida. Era causada por alguns pequenos problemas acontecidos na cidade.

Mons. Ângelo Vianelli, apesar de ter-se mostrado no começo bastante desconfiado, deve ter logo intuído o valor de Pe. Venturini, porque pediu ao bispo para estabelecê-lo definitivamente em

Cavázere, na qualidade de capelão da Matriz e da vizinha localidade de Ca' Briani a partir de 1º de janeiro de 1911.

Pela metade de dezembro os pais fizeram visita ao filho. Encontraram-no contente, mas mal alojado.

Ele não se preocupava com isso. Pensava nas pessoas. Por isso, interessava-se em conhecer o ambiente. Tinha ouvido tantas coisas sobre Cavázere! Paróquia difícil, população socialista, pouca prática religiosa!...

Enquanto Pe. Venturini ia formando um juízo sobre a Paróquia, os paroquianos julgavam a sua pessoa.

Não tardaram a persuadirem-se da verdade das palavras ditas pelo bispo ao secretário municipal:

- Mando-lhe um capelão, que é uma pérola de sacerdote!

Considerada a definitiva colocação do filho, mãe Carlotta decidiu morar com ele. O marido era contrário a isso, porque a cidade não era cômoda para os seus comércios, mas a senhora ficou firme no seu propósito.

Nos primeiros dias de janeiro estava já em Cavázere e alugava alguns cômodos numa casa vizinha à ponte do Ádige.

Aquela casa, em 1926, tornar-se-ia o berço da Obra. Mãe e filho ficaram contentes de encontrarem-se juntos.

Escreverá Pe. Mario no seu *Diário*:

*“No tempo do trabalho pastoral (minha mãe) continuou os seus cuidados para comigo: cuidados cheios de amor, mas também de vigilância. Sabia que um sacerdote, recém saído do seminário, encontra muitos perigos; por isso vigiava maternamente e queria conhecer quem eu encontrava, onde me dirigia, etc. Penso que foi Nossa Senhora quem colocou ao meu lado a mãe, para que fizesse as suas vezes em me guardasse para o Senhor”.*

Pregando os Retiros ao clero, muitas vezes chegou a dizer: “enquanto vive a mãe, nós sacerdotes não fazemos certos erros!”.

Um vasto campo de apostolado se abria diante do zelo do jovem sacerdote.

Sua atenção foi logo atraída pela juventude, quase abandonada a si mesma. Teria gostado reunir os rapazes, instruí-los e educá-los.

Mas o Senhor lhe confiava um outro campo de trabalho: a direção das moças que freqüentavam o instituto canossiano. Naturalmente, este setor específico não excluía o trabalho pastoral em geral, que era muito grande.

O Domingo é o dia de pico para o sacerdote.

Pe. Mário antes confessava no Domo. Depois se dirigia com a carroça a Ca' Briani, aldeia distante cerca de quatro quilômetros do centro.

Em Ca' Briani confessava, celebrava a Santa Missa e explicava o Santo Evangelho, e depois continuava a confessar. Recebia todos aqueles que recorriam a ele para qualquer necessidade. Na parte da tarde, explicava o catecismo e celebrava as Vésperas com o povo.

Concluído o trabalho naquela aldeia, voltava à cidade e se dirigia ao hospital civil, onde dava a santa bênção para as freiras e os internados. Não raras vezes, fazia uma pequena exortação e administrava o Santo Batismo às crianças nascidas no hospital.

Durante a semana, a atividade era naturalmente reduzida, mas não conhecia pausas.

Pe. Mário se ocupava intensamente d setor confiado aos seus cuidados: visitava os enfermos, administrava os santos sacramentos, abençoava as casas.

Tratava-se de uma região miserável com estradas de terra batida, que no verão eram um depósito de pó, no inverno um imenso pântano. Vida verdadeiramente missionária!

### ***Apostolado Eucarístico***

Logo que chegou a Cavázere, Pe. Mário iniciou uma forte campanha para a intensificação do culto a Jesus Eucarístico e ao Sagrado Coração.

Do púlpito e do confessionário, convidava as pessoas piedosas à visita cotidiana ao Santíssimo Sacramento e à prática da Hora de Adoração.

O seu zelo foi logo notado pelos coirmãos, que o deixavam fazer à vontade. Só o velho Pároco, bom, mas bastante resmungão, tinha o que falar. Comentava:

- Parece que foi ele quem descobriu o Santíssimo Sacramento!...

Nos primeiros dias de janeiro de 1913, o Pároco, dadas as demissões da paróquia, retirou-se à vida privada.

Mons. Bassani enviou para substituí-lo Pe. Caio Rossetti, que já tinha sido reitor de S. Domingos em Chioggia e professor no seminário. Pe. Mário, amigo íntimo do novo Pároco, ficou bastante contente com isso.

Pe. Mário e Mons. Rossetti se entenderam muito bem. Tinham os mesmos ideais e a mesma sensibilidade espiritual. Pe. Mário continuaria a trabalhar na região da *Bellina* e a prestar o serviço religioso em Ca'Briani. Em particular zelaria pelas obras eucarísticas e a devoção ao Sagrado Coração. Cuidaria, além disso, da direção das *Filhas de Maria*. Para encargo da Cúria, seria o confessor ordinário das Irmãs Canossianas e das Irmãs de Maria Menina responsáveis do hospital.

Ficou viva em Cavarzere a lembrança do zelo de Pe. Mário pela Eucaristia. Se alguém procurasse saber o que ele fazia de particular, ficaria maravilhado em ver como ele não se preocupava com obras grandiosas. Ensinava do confessionário (primeiro pressuposto para um movimento eucarístico é dar oportunidade para a confissão) e do púlpito sem se cansar, repetindo sempre as mesmas coisas. De modo especial, dava o grande exemplo de ser ele, por primeiro, um enamorado do Santíssimo Sacramento: comportamento piedoso, devoto, cheio de fé na igreja, sempre de joelhos durante as suas práticas de piedade, feitas diante do altar do Santíssimo Sacramento ou no coro. Via-se ele fazer longas visitas ao Santíssimo. Observa-se que era fiel à adoração.

Era impecável na celebração da Santa Missa: lenta, devota. As genuflexões manifestavam a sua fé e o seu amor e também o espírito de reparação.

A devoção de Pe. Mário para com a Santíssima Eucaristia era delicada e exigia delicadeza de atenções para com o Hóspede Divino: grande cuidado pelo altar, paramentos preciosos, flores frescas a cada dia. Por sua iniciativa organizou-se uma coleta e adquiriu-se um belo suporte de prata para a exposição do Santíssimo Sacramento.

Máximo devia ser o respeito na igreja, manifestado pelo silêncio mais absoluto. Ninguém podia dirigir-lhe a palavra.

Quando alguma pessoa procurava Pe. Mário na sacristia, os sacerdotes respondiam com uma ponta de ironia:

- Não é possível falar com ele. Agora está em audiência!

Queriam dizer que estava no coro ou diante do Altar do Santíssimo Sacramento.

Uma outra devoção, estreitamente conexa com a Eucaristia, ele zelou muito em Cavázere, fazendo-se dela promotor incansável: a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Entendeu toda a importância que ela tinha para atrair as pessoas à Eucaristia, à freqüente comunhão reparadora e a instaurar no seio das famílias uma vida cristã. Apelos e exortações se multiplicaram sem número para iluminar as pessoas piedosas e os fiéis. De modo especial propagou a publicação de folhetos referentes ao Sagrado Coração. Quando Pe. Mário se dirigia a abençoar as casas, cuidava que tivessem a imagem do Sagrado Coração, que praticassem a devoção a ele. A estátua marmórea do Sagrado Coração, que agora é colocado num altar do Domo, é testemunha do seu zelo para difundir a devoção dele. Lançou a idéia de erigir um belo monumento ao Coração Divino. Os fiéis, sobretudo as *Guardas de Honra*, corresponderam generosamente. Foi possível a aquisição da estátua (1912).

A fama do seu zelo, da sua piedade, da sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus foi logo notada pelos coirmãos da diocese e das dioceses limítrofes. Havia quem o chamasse de “O Sagrado Coração de Cavázere”.



Um episódio do ano de 1921 exalta o respeito do qual era circundado Pe. Mário.

Uma noite voltava da visita a um doente grave, que tinha ido ouvir em confissão. Chegado quase ao centro da cidade, se encontrou com um grupo de socialistas e fascistas que disputavam as suas razões a balas de fuzil. Evidentemente era o perigoso continuar por aquela estrada. Ele parou por um momento, com dúvidas e também, podemos dizer, bastante amedrontado. Mas, quando foi visto, suspenderam-se tanto de uma parte como da outra os disparos, retomados logo em seguida, depois de sua passagem.

### ***Pe. Simoni na Cartuxa***

No seu múltiplo e fecundo apostolado, Pe. Mário era continuamente encorajado pelo caro Luis Simoni.

Este, no ano de 1911, recebeu as Ordens Maiores.

O amigo, convidado para “devolver” as horas de adoração feitas por ele, realizava de boa vontade o encargo. Permanecia, porém, a decisão do amigo de tornar-se cartuxo.

Em maio de 1911, os dois estudaram de comum acordo o plano para a fuga para a Cartuxa. Enquanto isso se aproximava o dia da ordenação sacerdotal de Pe. Luis. Pe. Mário participou como diácono na missa solene. Pe. Simoni não quis aceitar presentes do amigo. A que serviriam se, depois de poucos dias, “voaria” à Cartuxa? Aos parentes, que ficariam maravilhados com isso, diria que Pe. Mário lhe havia oferecido uma viagem de *lua de mel* na Istria!

No dia 26 de julho de 1911, Simoni era ordenado sacerdote. Pe. Mário ficou ao seu lado. Gozou com ele da grande graça.

Na circunstância, definiram o plano de fuga. O mesmo era fácil, mas secretíssimo. Pe. Mário procuraria junto a conhecidos, que tinha quase por todo lado na Istria, uns belos cartões postais. Pe. Simoni os assinaria todos na estação de Pádua, junto a Pe. Mário, que depois começaria a viagem rumo a Istria... sozinho.

No final de julho, Pe. Simoni dirigiu-se ao vigário Geral para manifestar-lhe sua vocação religiosa. Este se mostrou muito surpreso, e não ficou contente com a idéia. Pe. Simoni insistiu em dizer que não era feito para a pastoral.

Para não causar suspeita à família, contrária a sua vocação religiosa, nos primeiros dias de agosto foi com o pai e um irmão a Asiago para umas férias campestres. De lá deu início, por carta, a operação de fuga com o amigo Pe. Venturini.

Pe. Luigi disse ao pai que tinha chegado o tempo de realizar sua *lua de mel* com o amigo à Istria. Saudou-o ternamente e tomou o trem para Pádua. Ali Pe. Venturini o esperava. Pe. Luigi assinou todos os belos cartões e o saudou. Depois disseram um ao outro: “Até logo em Vedana!”

Pe. Simoni tomou o trem para Belluno, enquanto Pe. Mário prosseguia para Veneza e com o barco a vapor ia a Trieste, Pola, Fiume, Tersatto. Em cada estação, despachava ao senhor Lorenzo Simoni, pai de Pe. Luigi, um lindo cartão postal. De Fiume voltou por Tarvisio e Udine. Dirigiu-se depois a Vedana onde o encontrou com o nome de Pe. João Battista Simoni, cartuxo.

Ao despedir-se do amigo, Pe. Mário teve que se obrigar a uma promessa: iria frequentemente visitar o pai de Simoni em Pádua e o consolaria como se fosse um filho. Manteve a promessa. Ao retornar de Vedana passou para saudar o senhor Lorenzo. Este, apenas o viu, lhe disse em tom de leve reclamação: “Aprontaste feio, aprontaste feio!” Mas logo o perdoou, aliás, tornou-se um bom amigo. Em casa permanecia o cálice presenteado a Pe. Luigi. O que fazer com ele? O pai escreveu ao filho e este respondeu que podia presentear-lo a Pe. Mário. Todos ficaram contentes com isso. Pe. Mário, quase por toda a vida, celebrou a Santa Missa com o cálice do inesquecível amigo.

### ***Uma prova dolorosa***

A vida laboriosa prosseguia normal. O Senhor, porém permitiu uma prova pela qual o bom sacerdote teve a certeza de uma particular assistência do Sagrado Coração.

Em 1914 estourou a Primeira Guerra Mundial e, nos primeiros meses do ano seguinte, se esperava a guerra entre a Itália e a Áustria.

Também os clérigos e os sacerdotes eram chamados às armas, especialmente para o serviço de saúde.

Pe. Mário e a mãe estavam com muito medo. E este aumentou quando souberam que Pe. Simoni teve que abandonar a Cartuxa para vestir a farda.

O jovem capelão temia tanto a caserna não pelo sacrifício que leva consigo, mas pelas razões especificamente religiosas. Desgostava-lhe muito deixar de vestir a batina, e, sobretudo, não poder celebrar diariamente a Santa Missa. Agradeceu muito a Deus pela dispensa que conseguiu receber.

Após a dolorosa derrota de Caporetto (novembro de 1917), toda a cidade caiu num angustiante abalo. Pe. Mário em Cavarzere observava com comoção os terríveis efeitos da retirada: deserções, ladroagens, alagamentos, contínuos ruídos diurnos e noturnos pelas passagens das tropas em fuga, o ronco dos carros, as fuzilarias, os disparos de todo gênero. Toda a cidade de Cavarzere era cercada de hospitais de campo. Pe. Mário, com o Cônego Caio Rossetti, se desdobrava para ajudar a pobre gente distribuindo pacotes de alimentos, ao lado dos soldados, auxiliando os capelães militares.

Tinha o triste pressentimento de um novo chamado às armas. Isto não tardou. Na metade de dezembro de 1917 recebeu a ordem decisiva de apresentar-se ao serviço militar na cidade de Chieti. Naquele espaço de tempo se amontoavam tropas no Abruzzo para proteger o desembarque do exército sérvio desfeito pela Áustria. Os recursos, tentados junto ao distrito militar de Veneza, foram vãos.

Pe. Mário colocou mais uma vez todo o problema nas mãos do Senhor.

O Natal de 1917 foi bastante triste para ele e para sua mãe. No dia 29 de dezembro ele partia para Chieti. Viajou dia e noite. Passando perto do Santuário de Loreto se recomendou à Virgem bendita com particular fervor. Quando, em Chieti, se apresentou à caserna informou logo os superiores que era pendente o pedido de isenção junto o Ministério da Guerra. Permitiram-lhe então usar a batina e esperar.

No dia 01 de janeiro de 1918 chegou a Chieti um telegrama que comunicava a obtida isenção.

Pe. Mário “voou” a Roma para agradecer quem o tinha ajudado naquele apuro. Ficou alguns dias na cidade para refazer-se da agitação sofrida, depois voltou para Cavarzere, acolhido com alegria por todas as boas pessoas.

### ***A morte do pai***

Mesmo no clima de guerra, a vida de pe. Mário transcorria bastante serena e tranqüila. Não tinha angústias financeiras. Eram tão poucas as exigências suas e de sua mãe! A providência o ajudava com as ofertas do povo, que tinha o coração bom e generoso, e oferecia um pouco de tudo.

Papai Domenico ajudava a pequenina família. Com economias e sacrifícios foi possível adquirir uma casinha na Avenida Ca'Labia. “*Pequena, mas suficiente para mim*”, poderia repetir Pe. Mário como os antigos romanos. Pequena, mas tranqüila e acolhedora, entre um palmo de jardim na frente e um pedacinho de terreno atrás. O bom sacerdote morou nela do ano de 1913 a 1926.

Mas uma prova estava para abater-se sobre a pequena família. Narra o padre:

*Tendo me tornado sacerdote, o pai continuou nas suas viagens. A mãe me seguiu após alguns meses a Cavarzere; ele vinha ali por umas semanas, e depois partia de novo. Estourou a guerra com a Áustria. As coisas foram de mal a pior, porque tinha os seus negócios nas cidades istrianas: dívidas e créditos aumentavam. Tudo isso deve ter produzido nele uma opressão dolorosa; via-se que sofria muito.*

*No dia 25 de junho (1916) partiu de Cavarzere para dirigir-se a Veneza. Durante a viagem sobre o barco a vapor sentiu-se mal. Verdadeiramente sofria há algumas horas.*

*Estendeu-se sobre um assento macio de primeira classe e, atingido pela síncope, em poucos minutos expirou.*

*Quando o barco a vapor chegou a Veneza, no cais se espalhou a notícia que havia um morto a bordo. Uma irmã da mãe estava por acaso à chegada do barco a vapor e tomou conhecimento da morte do cunhado. Por causa da guerra, não havia comunicações telegráficas e telefônicas; o tio teve que vir um dia depois a Cavarzere para dar a dolorosa notícia.*

*Eu estava confessando junto às madres canossianas, e era cerca de meio dia. Compreendi logo nas primeiras palavras do que se tratava e, prostrado aos pés do sacrário, ofereci o meu sacrifício ao Senhor.*

*Junto com a mãe parti logo para Veneza; chegamos à noite e encontramos o cadáver do pobre pai na cela mortuária do hospital.*

*Quanto sofri então! Foi sepultado com decoro no cemitério de Veneza porque, por motivo da guerra, não se pôde levá-lo a Chioggia na tumba de família. Decidiu-se fazer em seguida o transporte. Porém, passados dez anos, o corpo foi removido sem que fossem avisados e os ossos do pobre defunto foram postos na fossa comum.*

*A minha dor foi também intensa porque o pai morreu sem o conforto dos santos sacramentos. Ele tinha recebido a Santa Páscoa algumas semanas antes da morte. Sei que rezava e se recomendava ao Senhor, sei que dava tantas esmolas segundo as suas possibilidades e tinha um coração bastante piedoso. Confio que o bom Deus lhe tenha usado de misericórdia, também porque fez muitos sacrifícios pela minha vocação.*

*Muitas vezes me disse: Se tu tivesses seguido o meu caminho, estaria em condições melhores; porém, não me desagrada que tu continues pela tua estrada. O Senhor me ajudará.*

Depois da narração dolorosa, escrita em 1941, Padre Venturini, na qualidade de filho afetuoso, concluiu: “O Senhor conserve em paz a sua alma e me dê a graça de estar unido a ele e à minha mãe um dia na sua glória”.

A senhora Carlotta sofreu muito pelo luto que a atingiu nas circunstâncias particularmente dolorosas. O seu amor agora seria todo concentrado sobre o filho que amava, amava tanto. De volta dos funerais dizia ao seu *padre*: “Agora viveremos um para o outro, ainda mais do que no passado!”

## V - A VOCAÇÃO À OBRA

### *Convites rumo ao alto*

Padre Venturini, nos seus encontros sacerdotais, repetia freqüentemente um pensamento que deixava como lembrança para estimular a uma vida de perfeição e de santidade. Tomando para si o ditado de alguns santos, dizia: “O Senhor exige o mínimo, mas deseja o máximo”.

Nos primeiros dois anos de vida sacerdotal ele teve de experimentar a profunda verdade desta máxima.

O Senhor o queria santo. Colocou-lhe por isso no coração certo incômodo espiritual, uma insatisfação pelo trabalho que fazia, um santo tormento pela sensação de não realizar suficientemente os esforços indispensáveis à perfeição sacerdotal. Apelos leves, mas insistentes, se faziam sentir no íntimo do seu ânimo.

Ele percebia os convites do Senhor e se preocupava em segui-los.

Um forte impulso à vida perfeita teve no Retiro que fez em outubro de 1911.

Entrou em santo retiro com sério compromisso de decisivamente melhorar a própria conduta sacerdotal. Desde os primeiros dias renovou com muito fervor os propósitos feitos na ordenação sacerdotal.

Um fato, do qual foi testemunha ocular, o abalou fortemente e serviu para tenazmente selar a nova orientação de vida.

Participava do Retiro o pároco de Cona, Pe. Gaetano Finco.

Este, na metade do Retiro, durante o almoço, foi atingido por um infarto e três horas depois expirava.

“E se estivesse próxima a hora da minha morte?” – comentou interiormente Pe. Mário. E rezou: “Meu Deus, dai-me a graça de colher verdadeiro fruto desse Santo Retiro!”.

De volta ao seu ministério foi ainda mais atento no colher os convites a uma vida mais perfeita. Notou logo o fervor de algumas penitentes, encaminhadas pela via da santidade com energia extraordinária. Fazia depois o confronto com a sua vida sacerdotal e se confundia. Confessor e diretor de humildes freiras, observava como estas se distinguiam no empenho pela perfeição mais que do ele, sacerdote. O desconforto que provava disso o estimulava a fazer mais e melhor.

Muitas vezes lhe vinham em mente as palavras do amigo Pe. Simoni: “Quisera não te ver simples sacerdote. Vejo-te capaz de mais...” Mas enquanto isso a atividade exterior o tinha retomado como um turbilhão. Confessará no *Diário*: “Estava caindo na armadilha tramada pelo mundo e pelo demônio a um jovem sacerdote: a atividade exterior; o correr de uma parte à outra para o ministério, mas em prejuízo da união com Deus feita de oração e de vida recolhida”.

Num outro lugar escreve:

*Parece-me que nos primeiros meses do meu sacerdócio amasse tanto Jesus... Era transportado por um forte amor por Jesus Eucaristia. Este espírito de piedade creio que foi depois pouco a pouco enfraquecendo quando, encarregado de cuidar das pessoas e numa paróquia tão populosa, me pus com ardor ao trabalho sobretudo exterior.*

Na experiência cotidiana, tinha constatado que o lado humano não falta nas pessoas consagradas ao Senhor, seja com os votos seja com a ordem sagrada.

### *07 de março de 1912*

No dia 07 de março de 1912, Pe. Mário se encontrava de cama, com forte gripe.

No recolhimento do quatinho rezava e meditava.

Na parede esquerda pendia um grande quadro de Jesus agonizante. Era uma querida lembrança da Primeira Missa, presente do pai Domenico.

Tinha observado muitas vezes o quadro, mas nada de extraordinário lhe tinha suscitado no coração. Aquela manhã, ao contrário – era a primeira quinta feira do mês! – se sentia estranhamente atraído a contemplá-lo.

Insensivelmente e suavemente começou a meditar a Paixão de Jesus, as últimas dores que tinha padecido no Horto do Getsêmani durante a mortal agonia.

Seguindo a corrente dos pensamentos, que lhe tinham tornado familiares no estudo dos autores ascéticos, aprofundou os torturantes sofrimentos de Jesus abandonado pelos apóstolos, traído por Judas.

O beijo do traidor, renovado nos séculos pelos maus cristãos e também por quem lhe era predileto, o atingiu.

Viu também a si mesmo no número daqueles que tinham sido causa de agudíssimas dores a Jesus agonizante. Compreendeu a tristíssima possibilidade de novamente trair o Divino Mestre, se não tivesse cultivado uma grande intimidade com Ele.

A contemplação do Getsêmani o abalou. Fê-lo chorar.

Daquela intensa comoção e daquelas lágrimas brotaram propósitos novos. Disso tudo nasceu uma inspiração.

No dia 12 de março, logo que pôde prostrar-se diante do Sacrário, tomou um folheto e traçou nele, em algumas linhas, os sentimentos provados no dia 07. Registrou a inspiração que teve. Fez o propósito que, como numa semente, continha a futura Obra sacerdotal.

Citamos a página verdadeiramente histórica:

*Encontro-me desde alguns dias prisioneiro de uma comoção, sinto no meu coração uma necessidade imensa de amar e de reparar o Senhor. O pensamento de que pessoas leigas amam Jesus mais do que eu, que sou sacerdote, me dói muito porque penso que o sacerdote deveria amar o Senhor mais do que os outros, porque recebeu e recebe mais graças de Deus”.*

*E muitas vezes considero a grande dignidade, da qual fui revestido, e a minha suma miséria, e me sai espontânea dos lábios a bela expressão: “Quem és tu, o padre? Nada e tudo”. Quanto, pois, não deveria ser grato ao Senhor por tanto benefício! Toda a minha vida deveria ser uma palpitação contínua de amor por Deus, um hino incessante de agradecimento.*

*Meu Deus, quanto sois longânime, paciente, misericordioso! Não posso pensar na minha vida cotidiana, sem provar um vivo sentimento de dor e de compaixão por vós. A Santa Missa celebrada quase sem devoção, o Ofício Divino rezado bastante mal, as obras do meu ministério desempenhadas em mau modo ou descuidadas! Quantas vezes passo diante do Santo Sacrário e não me lembro de Jesus que ali está vivo, verdadeiro, real; passo dias inteiros, sem nunca pensar no Senhor. É possível que seja esta a vida de um sacerdote? Pode ser que o coração de um sacerdote vos ame tão pouco, ó Senhor? Sim, sim, pode ser; e este sacerdote sou eu.*

*Jesus bendito, tende piedade de mim. Compreendo agora as vossas palavras: “Os maus cristãos se voltam contra o meu corpo, porém as pessoas a mim consagradas ferem diretamente o meu Coração!” Quanto, pois, devo eu fazer sofrer este vosso Coração Santíssimo pela minha frieza, insensibilidade, indiferença!*

*E depois pretendo ensinar os outros, incentivar as pessoas que se colocaram sob a minha direção a amar-vos, indicar-lhes o caminho para agradar a Vós; mas eu, nisso, estou parado. E não sou talvez um hipócrita, demonstrando aquilo que não sinto e que tantas vezes não quero sentir?*

*Jesus bendito, vo-lo repito: tende piedade de mim. Agradeço-vos por, há bastante tempo, Vós me falardes continuamente ao coração. Vós me manifestastes ser necessário que eu viva mais unido ao vosso Coração com o amor e com o sacrifício. Mas dai-me Vós o vosso santo auxílio porque sozinho não sou capaz de fazer nada. Fazei que eu conceba uma vivíssima dor pelas contínuas ingratidões de tantos sacerdotes contra Vós, e que sinta*

*sempre mais ardente a sede de sofrer para repará-la e aliviar de algum modo a dor profunda que elas causam ao vosso Sacratíssimo Coração.*

*Prometo-vos ainda que me esforçarei para que outras pessoas venham a sofrer... amar e fazer amar, reparar e fazer reparar...*

Encontramo-nos diante da futura Obra sacerdotal, já pressentida, vagamente intuída. A árvore não é a semente, mas toda árvore vem da semente.

Durante aquele março, Pe. Mário viveu sob a viva comoção daquela contemplação de Jesus no Horto. Muitas vezes se perguntava se era um sonho seu ou mesmo uma ilusão, ou uma idéia sem força, pensar em dar princípio a uma Obra que respondesse aos desejos de Jesus Agonizante, que oferecesse reparações ao seu Coração, que ajudasse os sacerdotes na grande tarefa da santidade.

Para a interrogação não havia, então, resposta. Incerteza, confusão, incapacidade, timidez o envolviam como numa cortina de neblina.

Uma coisa sabia: que o “pensamento” do dia 07 de março foi uma graça para preveni-lo da tibia e uni-lo sempre mais ao seu Deus. Haveria sim, de organizar uma Obra, mas se perguntava: “Por que devo ser mesmo eu? Por que escolheu a mim?” Confundia-se e na sua humildade não encontrava outra resposta senão pensar no poder do Senhor que suscita as obras dentro da Igreja, servindo-se dos meios mais comuns, inadequados... *Deus escolheu as coisas mais desprezíveis para...*

Deveria se dedicar a uma obra de reparação. Agora percebia como o Senhor o tinha disposto e preparado, fazendo-lhe encontrar certos “casos” na sua breve experiência de pastoral. Agora entendia como devia ver o lado humano, as deficiências nas pessoas mais amadas pelo Senhor. Devia crescer no santo temor, propor a si uma vida sempre mais santa e, depois, rezar e reparar.

### ***Confessor e diretor zeloso***

Como confessor e diretor das Filhas de Maria, se encontrou diante de um grupo de jovens, que poderia cultivar no espírito, encaminhar à perfeição e tornar amantes do Coração Divino. De agora em diante, tomará com muita seriedade a sua tarefa de confessor de pessoas devotas, não se subtraindo, porém, às exigências dos habituais penitentes. No Domingo e nas vigílias se dará todo às confissões dos fiéis, nos outros dias se colocará à disposição das pessoas devotas. Assim fez. Multiplicou, além disso, as exortações e as conferências para as Filhas de Maria.

No confessionário, após longo estudo, encontrou modo de iniciar as melhores penitentes, provenientes quase todas das *Guardas de Honra*, à teoria e à prática da reparação. Aquelas que perseveravam na direção individual, as inscrevia na Associação das Almas Vítimas, fazendo-lhes conhecer os desejos do Coração de Jesus. Teve o tato de insistir na reparação em geral. Não queria que pensassem em pessoas específicas. Querendo incentivá-las a lembrar as pessoas consagradas, seja religiosas seja sacerdotais, ele as convidava considerar a traição de Judas. Dizia que toda uma vida de reparação era justificada também se se tratasse reparar somente o beijo de Judas. As Vítimas não se conheciam entre si. Só Pe. Mário tinha o elenco delas, que transmitia à sede da Associação junto ao Instituto das Filhas do Coração de Jesus, em Turim ou em Roma.

### ***Cuidados das religiosas***

Foi a Cúria de Chioggia, como se disse, que encarregou Pe. Mário da assistência das religiosas de Cavarzere: o Instituto Canossiano e as Irmãs de Maria Menina do Hospital. Assumiu de coração o ofício e nele se empenhou generosamente, especialmente depois do dia 07 de março. Quem melhor que as esposas de Cristo estão ao alcance de entrar na intimidade com Ele, amá-lo e consolá-lo?

O ministério junto às irmãs não era isento de dificuldade. É evidente como a crítica, o deboche humilhante, e o gracejo abalam aquele que se dedica em cultivar na piedade as pessoas devotas em geral e as irmãs em particular. Nas cidades pequenas a fofoca nasce rapidamente. Os boatos voam, em prejuízo, muitas vezes, do bom nome do diretor espiritual.

Pe. Mário tomou o encargo em espírito de obediência e de caridade, com a intenção de circundar o Coração de Jesus de pessoas ardentes e dedicadas à reparação. Preveniu-se contra toda leviandade com a discrição sacerdotal, a suma modéstia, a seriedade. Olhou para o alto buscando elevar e elevar-se. Os penitentes perceberam isso. Notaram-no os sacerdotes da região e da diocese.

Pe. Mário teve que se defender da tentação da vaidade e da soberba. Recorreu também a piedosos estratagemas. Uma superiora do instituto, onde era confessor, o indicou à madre provincial para um Retiro às coirmãs. Ficariam contentes todas. Para convencer a madre provincial em visita à Casa, a superiora local disse que naquela tarde mesmo ele teria uma pequena pregação a fazer. Poderia ouvi-lo e julgá-lo. A superiora local cuidou de avisá-lo que teria uma ouvinte singular e que da boa impressão dependeria o encargo do Retiro na casa provincial.

Pe. Mário não ligou para isso. Chegada a hora da pregação sentou-se como de costume à mesa e tirou fora do bolso um livrinho de Pe. Rodriguez, leu um pequeno capítulo qualquer e depois finalizou com as costumeiras orações. A superiora local ficou bastante mal com isso e se lamentou do fato. Ele se contentou em sorrir. Mas a madre provincial ficou admirada da humildade do sacerdote e o encarregou do Retiro.

O pequeno estratagema foi usado outras vezes por ele, especialmente quando percebia que as ouvintes se soltavam em elogios e agradecimentos sem fim.

Numa cidadezinha de uma diocese próxima, uma comunidade religiosa feminina estava em dificuldade espiritual por um complexo de causas que dependiam tanto das irmãs como da superiora. As irmãs pediram um confessor extraordinário ao bispo, que já estava a par da situação. Este pensou em Pe. Mário Venturini. Pediu-lhe para fazer a caridade às irmãs e colocar ali a paz, se fosse possível. Ele se dirigiu de bom agrado à pequena cidade e foi ao Convento. Desejava saber o horário das confissões e por isso pediu para falar com a superiora. Esta, medindo-o da cabeça aos pés, vendo-o bastante jovem, balançou a cabeça e fez este comentário: “Aqui precisamos de confessores com os cabelos brancos e não loiros...” Ele, porém, não perdeu a coragem. Vencendo a natural timidez e freando a fácil impulsividade, respondeu dignamente: “Aqui não se trata de cabelos brancos ou loiros; aqui fui enviado pelo bispo. Peço-lhe que marque o horário das confissões” A superiora entendeu a resposta e lhe marcou o horário. Pe. Mário cumpriu o seu ofício; depois voltou à cidade.

Graças a seu zelo hábil e incansável, bem logo Pe. Mário foi capaz de encaminhar à vida religiosa diversas jovens da cidade. Estudava e provava por longo tempo a vocação das suas dirigidas; depois lhes ajudava a escolher o instituto.

Na cidade não se tardou a conhecer que o crescente número de vocações religiosas era devido ao zelo do infatigável confessor de pessoas piedosas. A princípio isso causou surpresa. Depois se passou às críticas. Houve também alguma piadinha. Pe. Mário seguia direto pelo seu caminho, calando, rezando e sofrendo.

A certo ponto surgiu a tempestade.

Estourou quando foram para o convento jovens de famílias distintas da cidade. Os parentes fizeram um levante para a “defesa das jovens”. O diretor era para eles um “exaltado”, um “exagerado”. Via por toda parte candidatas à vida religiosa.

Começou uma campanha de insultos e de ameaças. Queria-se recorrer até à calúnia. Mas Pe. Mário ficava fora disso no seu lugar, confiante no Senhor.

Uma jovem maior de idade, impedida na vocação, fugiu de casa. Pertencia a uma notória família da cidade. Fez-se barulho. Pe. Mário tornou-se o alvo das iras e das ameaças dos parentes e de outras pessoas. Ficou sozinho na tempestade. Os coirmãos se entrincheiraram no silêncio; alguém censurava as sua direção. Algum outro o definia fanático. Os parentes das jovens recorreram ao bispo e pediram que ele fosse mudado de lugar.

A tempestade durou por longo tempo. Ele não encontrou outro conforto senão em depositar tudo nas mãos do Senhor, e doar-se a Ele completamente.

*07 de agosto de 1912. Bom Jesus, que tufão terrível desencadeou Satanás sobre minha cabeça! Oh deve ser bem grande a glória que a Vós doa a vida religiosa, deve ser bem grande a obra de reparação que dela deriva, se Lúcifer se atira tão terrivelmente*

*contra as pessoas que aspiram a tal vida, e contra aqueles que as dirigem espiritualmente! Mas se Vós, ó bom Jesus, sois conosco, quem será contra nós? Como é consolador este pensamento, e quanta força nos dá para combater as vossas batalhas!*

*Ameaçam de fazer-me partir de Cavarzere? Contra a vossa vontade, não o farão mesmo, ó Senhor; se, porém, vós assim o quereis, seja feita em tudo a vossa Santíssima Vontade. Aceito tudo, tudo, ó Jesus, qualquer cruz, contanto que Vós me ajudeis a carregá-la. " (Diário)*

### **Senhor, que quer que eu faça?**

Pe. Mário tinha começado aquele paciente trabalho entre a elite espiritual da cidade para fazer logo alguma coisa segundo a inspiração tida no dia 07 de março de 1912. Mas o Coração Divino de Jesus desejava – assim lhe parecia – uma obra que fosse dedicada a consolá-lo e a consagrar-se à santificação do Clero.

O trabalho até agora feito era suficiente? Devia-se fazer alguma coisa de mais concreto para o sacerdócio. Bastava dar vida a uma Obra feminina doada na oração e no sacrifício para atrair graças sobre o clero? E se realmente precisava de uma Obra sacerdotal, quem seria o fundador dela? Ele poderia muito bem comunicar aos outros a sua idéia-inspiração... E se a vontade de Deus pedisse que ele mesmo se dedicasse à santa Obra, não poderia entrar numa Ordem religiosa e ali dar-se ao trabalho pela santificação dos sacerdotes?

As interrogações que se apresentavam à mente de Pe. Mário eram muitas. Não tinha então um diretor espiritual capaz de falar-lhe em nome de Deus. Nos seus Retiros pedia luz, rezava; mas não via clara a vontade de Deus a seu respeito. Quando se dirigia a Vedana, para junto do amigo Pe. Simoni, além de não encontrar luz, ficava ainda mais perplexo, porque o amigo lhe demonstrava como poderia, concretamente, operar, logo e bem, pela santificação do clero com a oração e a penitência. Mais de uma vez o amigo lançou o anzol para ver se Pe. Mário se deixava fisgar. Também o prior um dia lhe dirigiu amavelmente o convite de permanecer entre os filhos de São Bruno. Mas Pe. Mário, elegantemente, fugia àqueles convites e pedia orações para melhor conhecer a vontade de Deus a seu respeito.

Muitas vezes se perguntava: “É mesmo necessária uma Obra sacerdotal?”

O Senhor lhe deu uma resposta indireta por meio do seu Pároco.

O cônego Caio Rossetti era homem de grande zelo, de multiformes iniciativas. tinha assumido um apostolado difícil e delicado: ajudar os coirmãos em dificuldade, tentados, atribulados, necessitados de ajuda espiritual. E nesse trabalho se saía muito bem. Um dia o Pároco narrava aos seus capelães o apostolado que fazia entre os coirmãos, quando a certo ponto disse uma frase que marcou profundamente Pe. Mário e o tocou como uma descarga elétrica: “Na Igreja há uma lacuna. Não há nela um instituto que se ocupe dos sacerdotes em geral e dos mais necessitados em particular”.

O Coração Divino lhe abria uma espiral de luz, lhe tinha despertado o ideal vislumbrado. Pe. Mário ficou comovido ao escutar a observação do Pároco, que se tornou ainda mais querido. Seguiu-o com o afeto de um filho. Quando surgiram dias tristes para o cônego, lhe quis ainda maior bem, tão bem que se tornou para ele como um pai, um amigo, um confidente e teve a alegria de vê-lo terminar os seus dias junto a si. Mesmo quando a tempestade se enfurecia mais sinistramente ao redor do Pároco, Padre Venturini dizia cheio de confiança: “O Sagrado Coração o ajudará, porque quis bem aos sacerdotes e usou muita caridade”.

A data do dia 07 de março de 1912 era lembrada quase todo ano pelo padre no seu *Diário* espiritual. É instrutivo observar o lento caminho rumo à meta, a insensível maturação da semente depositada pelo Senhor no seu coração. As reações psicológicas provocadas nele pela consciência, antes incerta e depois sempre mais clara, desta missão, são confiadas às páginas mais sinceras e belas do seu diário. Dúvida e estupor, temor e confusão, alegrias e tremores se alternam, vencidos no final por um triunfante sentimento de abandono e de inteira doação.



A uma freira, já sua penitente e à qual tinha manifestado um pouco a inspiração do dia 07 de março, porque o Instituto abraçado por ela era dedicado à reparação, escrevia:

*Não creio que os seus pensamentos acerca de quanto temos de vez em quando tratado sejam fruto de ilusão. Claro que Jesus quer alguma coisa. De quem? Não o sei. Talvez a nossa tarefa poderia reduzir-se a preparar e aplainar o caminho para alguma outra pessoa. Seria uma honra grande demais para nós! Que o Sagrado Coração prepare alguma coisa para os seus sacerdotes é certo; é certo, não há nisso nenhuma dúvida; mas quer que pessoas santas, e especialmente as Almas Vítimas, com a oração e com o sacrifício preparem o caminho... Parece-me também que queira alguma vítima... Sim, sim, o quer. A quem caberá esta honra sublime?*

### **03 de maio de 1917**

Confessava Pe. Mário no seu *Diário*:

*Também depois do inesquecível dia 07 de março de 1912, mesmo tendo seguido um período de cerca de três anos de retomada (como resistir à graça que operava?), em seguida houve um período de relaxamento, de estagnação espiritual, de vida exterior. Mas na metade de 1916, após a morte do meu pai, tive que retomar o trabalho, porque o Senhor o quis verdadeiramente e me preparou com a sua graça à oferta pela Obra.*

Uma sua filha espiritual, Beatriz de Rorai, que tinha orientado às Filhas do Coração de Jesus, tinha sido mandada de volta para casa por falta de saúde. Voltada a Cavarzere, procurou o seu diretor de antes, mas um complexo de circunstâncias não permitiu que o encontrasse. No final de outubro de 1916, o capelão pode ouvir a sua antiga penitente. Qual não foi sua maravilha em descobrir que ela tinha oferecido sua vida e até sua vocação ao Senhor para que ele finalmente desse princípio à Obra! Seguiram-se dias cheios de pensamentos, de reflexões, de exames por parte de Pe. Mário. Devia mesmo tomar a sério a inspiração do dia 07 de março de 1912 e pensar na futura Obra sacerdotal?

Depois de longas orações e penitências, no dia 03 de maio de 1917, festa da Exaltação da Santa Cruz, fez aquela que ele chamava a sua “oferta”. De maneira reservadíssima, fez a oferta de si ao Senhor para a futura Obra e o voto de Vítima pela santificação do clero.

Uma data tão importante não podia não ser comentada por Pe. Mário, sempre tão diligente em assinalar os benefícios e as graças de Deus. A página do *Diário*, que registra o grande acontecimento, é um documento histórico para a Congregação Sacerdotal. Nela se narra o início, não oficial, do novo Instituto.

*03 de maio de 1917. Ó meu Jesus, eu te faço a oferta inteira, absoluta, perpétua de todo meu ser, pela Obra do teu Divino Coração.*

*Sac. Mário de Jesus - F.d.C.d.J.*

*Eis o dia que o Senhor fez, alegremo-nos e exultemos nele.*

*Não sei quais expressões usar para dizer aquilo que sinto, aquilo que me fez experimentar Jesus no dia da minha oferta. Oferta pela Obra! Qual Obra? A Obra do Divino Coração de Jesus, que quer um grupo de sacerdotes dedicados, consagrados de modo particular ao seu amor, um grupo de consoladores do seu Coração, de pessoas, de corações sacerdotais que se ofereçam incessantemente com Ele pelas necessidades da Igreja, pelo sacerdócio católico, mas de particular modo, pelos seus irmãos transviados...*

*03 de maio de 1918. Chegado a este ponto, no ano passado, não senti mais a coragem de continuar, temia enganar a mim mesmo, estar na ilusão; temia que fosse presunção minha, e não ousei acrescentar palavra.*

*Hoje já se passou um ano daquele dia memorável, e o pensamento, o projeto da Obra não me parece mais ilusão; só temo que seja presunção da minha parte o crer ser chamado a prestar a minha contribuição num trabalho tão maravilhoso, num edifício tão excelso, talvez como simples raiz, como pequena e áspera pedra, no formidável alicerce que deve sustentá-lo. Eu me jogo nos teus braços, ó caro Jesus, me escondo no teu*

*Coração. Nada quero fazer por mim, porque tu bem conheces a minha miséria, aliás, a minha maldade. Dispõe tu de mim como te agrada; eu te pertencço; isto só peço suplicando-te de me concedê-lo: meu Jesus faz-me santo segundo o teu Divino Coração, porque quero consolar o teu amor tão desventurado!*

*Sac. Mário de Jesus – F.d. C. d. J.*

As interrogações angustiantes surgem espontâneas numa alma humilde, mas o Senhor sabe dar aos humildes respostas sábias e repousantes. Pe. Mário encontrou a resposta às suas tormentosas incertezas.

*Perguntei esta manhã ao bom Jesus o porquê ter escolhido a mim, tão mesquinho, para tão sublime missão, enquanto com facilidade podia encontrar quem o serviria mais fielmente do que eu. Pareceu-me que ele respondeu: ‘Não é belo aquilo que é belo, é belo aquilo que agrada. A mim agrada a tua alma, porque me sinto atraído em direção a ela’. Sim, é verdade, ó Jesus: é a tua bondade que corre com mais força onde maior é o vazio e a necessidade.*

Feita a sua oferta, Pe. Mário procurou viver com maior perfeição do que no passado. Note-se a assinatura da sua oferta. Reputa-se desde já religioso, ligado a uma Obra que exige todas as suas energias. Concretamente o que era ela para ele naqueles anos de preparação?

*“Viver da Obra e para a Obra não significa senão viver a sua perfeição sacerdotal, a essência do sacerdócio que é o altar e o Sacrifício, e nesta vida preparar para Jesus uma falange de sacerdotes que vivam desta mesma vida”.*

Pe. Venturini sempre considerou a data de 3 de maio de 1917 uma mudança decisiva de sua vida sacerdotal, um começo de vida religiosa. “A Obra é você!” ia repetindo para alimentar o fervor. Logo traçou para si um regulamento de vida que refletisse o quanto possível o de um religioso; conheceu as regras da modéstia religiosa de Santo Inácio e as colocou escrupulosamente em prática. Dedicou-se de modo especial a fazer, bem e todas, as práticas de piedade e a exercitar-se naquelas virtudes que devem ornar um bom sacerdote. Para ele, o futuro Instituto devia colocar o sacerdote em condição de santificar-se e, assim, agradecer ao Coração Divino de Jesus.

Os padres da sua região pastoral perceberam logo que Pe. Venturini tinha assumido uma compostura mais de religioso do que de sacerdote secular. Fizeram comentários disso, buscaram adivinhar os motivos, mas não chegaram à conclusão.

Um dia a senhorita Beatriz de Rorai, em cujo coração estava a santificação do clero, lhe deu um impresso no qual estava, na primeira parte, a imagem de Jesus com o apóstolo São João, nas outras páginas estava escrita à mão a oração: “Pai, chegou a hora...”

Aquela oração o impressionou e em seguida, em 1923, mandou imprimir alguns milhares de cópias dela e distribuiu aos sacerdotes.

Parecia-lhe que, enquanto rezavam várias orações pela santificação dos sacerdotes, nenhuma podia ser superior àquela feita para tal objetivo por Jesus mesmo, e que por isso não podia não ser atendida pelo Pai Divino a quem era dirigida.

Por anos e anos, sem receber nenhuma oferta, mesmo na necessidade, mesmo nos graves apertos financeiros, celebrou pelos queridos sacerdotes. Também isto era um meio para realizar o programa iniciado no dia 03 de maio de 1917.

Sendo ainda capelão, e, além disso, o mais jovem da Região, não lhe foi possível um verdadeiro e próprio apostolado ativo entre os coirmãos. Começou, porém, a dedicar-se menos à pregação para as irmãs, querendo desde então reservar-se todo e sempre para os sacerdotes.

Se algum colega não participava do retiro, demonstrava o seu desapontamento com palavras claras observando que, se tinha tempo para freqüentar o mercado, podia encontrá-lo também para o retiro mensal.

Os seminaristas em férias eram seguidos por ele com santa preocupação; mas, depois que decidiu doar-se para um sacerdócio santo, os cuidou com particular amor. O reitor do seminário de Chioggia, querendo assegurar a assistência dos seminaristas de Cavarzere nos meses de verão, não encontrou nada de melhor senão confiá-los aos cuidados de Pe. Venturini. A estes jovens fazia o

retiro, os seguia nas práticas de piedade, cuidava para que se distinguíssem na devoção à Santíssima Eucaristia. Ainda hoje diversos sacerdotes o recordam com reconhecimento.

Cuidou também, naquele tempo, das vocações adultas, prestando-se a lhes dar não só a assistência espiritual, mas também aulas de reforço. Encontrava depois para cada um deles um instituto ou um seminário, onde pudessem ser acolhidos. Será uma atividade que um dia desenvolverá na sua Congregação Sacerdotal.

07 de março e 03 de maio. Não foram lembranças históricas distantes e superadas. Aquelas datas foram para a sua vida uma base, uma fonte sempre nova de energias espirituais, um trampolim de lançamento. Quando queria saber o que o Senhor desejava a mais ou de melhor dele, da sua Obra, dos sacerdotes, repousava a sua cabeça, como São João, sobre o Coração Sacratíssimo de Jesus. Dirigia-se perto de Jesus Agonizante e lá sentia as palpitações do Amigo Divino, percebia os seus desejos. Atingia as inspirações mais belas do Horto das Oliveiras. Mas a execução dos desejos do Amigo Divino em relação aos sacerdotes era uma tarefa árdua, cheia de sacrifícios, de dificuldades. Os sacerdotes, dizia Pe. Venturini, custam sangue. Onde buscava a força para perseverar na labuta santa, mas desgastante? No voto de vítima feito no dia 03 de maio de 1917. As dores, as incompreensões, as doenças, as provações físicas, morais e espirituais encontravam para ele uma explicação exaustiva e verdadeira: tinha se oferecido pela Obra e pelos sacerdotes.

O capelão tinha descoberto sua vocação de apóstolo dos sacerdotes. O dia 07 de março foi o princípio inspirador do trabalho, o dia 03 de maio o princípio ativo. A primeira data visava à segunda e todas as duas aos 07 e 08 de dezembro, dias da fundação. O coração Divino de Jesus tinha lançado uma semente: foi acolhida.

Tinha dado sinal de germinação. Foi guardada e favorecida. Nos dias 07 e 08 de dezembro de 1926 o bispo a transplantava no jardim da Igreja.

## VI - O ESTUDO DA VONTADE DE DEUS

### *Intensidade de vida espiritual*

A obra sacerdotal tomava, dia após dia, sempre maior relevo na mente de Pe. Venturini, delineava-se mais clara, os contornos se confirmavam. Para conhecer melhor a vontade de Deus e corresponder a sua vocação, de 1918 em diante não se contentou em fazer um curso de Retiros por ano. Fazia dois. Rezava por longo tempo, meditava, fazia minuciosos exames para dar um tom elevado e forte ao trabalho da sua perfeição. Pensava na pequena Obra buscando projetá-la segundo os desejos do Coração Sacratíssimo de Jesus.

Para ser ajudado no árduo trabalho de preparação do Instituto, pensou em beneficiar-se das orações, dos sacrifícios e da atividade de um grupo de *Almas Vítimas* escolhidas por ele com particular diligência. Em grandes linhas manifestou-lhes o objetivo da futura Instituição e as comprometeu à generosidade espiritual. Fez parte delas algumas freiras canossianas, algumas de Maria Menina e um grupinho de jovens inseridas na Associação Almas Vítimas, que em seguida formaram o primeiro núcleo da Obra feminina.

Pe. Mário confiou o seu projeto também a uns bons leigos que lhe pareciam aptos um dia a fazer parte da futura Obra masculina.

A este grupo de fieis Pe. Venturini pediu muito e eles corresponderam com admirável generosidade. Não se pode passar às páginas da história da congregação sacerdotal sem sentir-nos comovidos frente à grande caridade espiritual e material com a qual as pessoas colaboraram com o Padre para o seu Instituto.

### *As constituições*

Para impor a si um trabalho comprometedor e metódico, Pe. Mário considerou a Obra como já existente. Foi esta uma inspiração do Senhor, porque o levou a viver como religioso no trabalho pastoral e a elaborar os primeiros traços da futura Instituição. Rezando e meditando fixou as finalidades do Instituto, todo dedicado a honrar o Coração de Jesus Sumo Sacerdote, e à santificação dos sacerdotes com uma atividade prevalentemente contemplativa.

Delineado em grandes traços o futuro edifício, pensou logo em levantar os muros mestres: as Constituições. A elaboração delas foi um trabalho lento, que amadureceu entre a oração e o estudo intenso.

Observou-se que o trabalho das Constituições amadureceu com lentidão. Note-se que ele devia realizar paralelamente o habitual ministério pastoral. Nas horas livres, valorizando o tempo, se dedicava às Constituições. Decidido um assunto a tratar, se dirigia diante do Santíssimo Sacramento, possivelmente exposto solenemente. Fazia a Adoração quase sempre rodeado pelo grupo das pessoas da Obra. Rascunhava depois alguma nota ainda na igreja, ajoelhado diante do Sacrário. Traçadas as linhas sumárias dos artigos, no seu quarto fazia a composição completa. Ao término dava mais um tempo ainda à adoração. Quando o trabalho lhe parecia concluído, durante a Santa Missa oferecia o fascículo a Jesus e à Virgem. Quase sempre nas solenidades do Senhor, ou de Nossa Senhora, procurava oferecer um capítulo como ato de reconhecimento pelas graças recebidas.

As Constituições lhe vieram a custar inumeráveis orações, muitos sacrifícios, graves fadigas físicas. Imaginemos um capelão rural, só, isolado, longe de religiosos instruídos e doutos, que devia compilar os regulamentos para uma Obra sacerdotal de vida prevalentemente contemplativa!

À Beatriz de Rorai, que seguia com muito interesse o trabalho, Pe. Mário escrevia:

*Quantas vezes tomo a caneta na mão e depois a recoloco sobre o genuflexório sem ter traçado uma só sílaba e apagando o que antes tinha escrito. Bem freqüentemente as minhas horas de Adoração passam nesta tríplice condição: espera daquilo que me quer dizer o Senhor acerca das Constituições, atos de humildade e de rebaixamento no reconhecer-me incapaz e inútil servo, e distrações...*

Brincando um dia com os seus Filhos, o Padre lembrava o trabalho pelas Constituições e dizia: “Fizemos a casa antes de ter os habitantes, colocamos o carro na frente dos bois!” Mas no seu *Diário* encontramos muitas vezes um outro comentário sobre aquele trabalho que pareceu feito de maneira tão original. O Senhor lhe fez escrever previamente as Constituições, para que ele as praticasse e as observasse antes da fundação, dando-lhe assim um validíssimo meio de perfeição religiosa, preparando-o para ensinar, um dia, aos seus Filhos as Constituições vividas por ele na prática cotidiana.

### *Adeus ao trabalho pastoral*

Em janeiro de 1922, Pe. Venturini tomou uma resolução decisiva para a sua futura missão: deixar o trabalho pastoral, dirigir-se a Roma para aperfeiçoar-se no estudo teológico, estudar junto a homens eminentes a sua vocação.

O trabalho da futura Instituição o absorvia sempre mais de modo que acreditou ser necessário renunciar ao ministério pastoral e dar-se completamente àquilo que ele chamava o “estudo da vontade de Deus”. Decidiu, por isso, abrir-se com os seus superiores eclesiásticos para obter deles a permissão para ir a Roma.

Naquele tempo, tinha acontecido na diocese de Chioggia a troca do bispo. Dom Bassani em 1918 tinha pedido, por motivos de saúde, a demissão da diocese e se tinha retirado à vida privada em Bolonha. Tinha-lhe sucedido, depois de dois anos de sede vacante, Dom Domenico Mezzadri. Pe. Mário, sempre teve ótimas relações com Dom Bassani, encontrou-se bem também com o novo bispo e pensou em aproximar-se dele e expor-lhe o projeto dos estudos a terminar em Roma. Não era possível então lhe falar da futura Obra. Era uma coisa incerta demais. Em Roma se dedicaria ao estudo e, mais ainda, à busca de conhecer se o Senhor quisesse mesmo a Obra sacerdotal. Certo disso, falaria a este respeito com o seu superior.

No dia 23 de janeiro de 1922 ele celebrou a Santa Missa em Veneza na capela das Filhas do Coração de Jesus (que conheciam um pouco o seu ideal) e ofereceu o Santo Sacrifício pela Obra, suplicando a Jesus para que aplainasse as dificuldades que poderia colocar o bispo. Pôde falar com ele à tarde. Este, tendo sido informado com antecedência pelo vigário geral, Mons. Gamba, sobre o projeto, foi logo ao assunto.

“Temo – disse o bispo – que o senhor erre a estrada, que esteja sob a impressão de uma tentação. Eu já preparei um lugar para o senhor no trabalho pastoral; se me promete manter o segredo, poderei dizê-lo. Diga-me: é verdade que o senhor não se sente chamado ao trabalho pastoral?”

Pe. Mário respondeu: “Não, excelência. Há onze anos exerço este ministério, não creio, porém, que seja por vocação, mas só para fazer a vontade dos superiores. Pedi, logo ordenado sacerdote, para ir a uma zona rural, porque era frágil de saúde e esperava, como foi na verdade, que o ar e a liberdade dos campos me fariam bem. Assim, interrompi os estudos começados em Pádua. Dom Bassani se surpreendeu com o meu pedido. Creio que ele também não acreditasse que eu fosse chamado ao trabalho pastoral. Em todo caso, ali estive, crendo poder, ao mesmo tempo, dedicar-me estudo para fazer o último exame em Pádua; mas isto não foi possível. Agora que a saúde parece me favorecer, peço para poder continuar...”

Respondeu o bispo: “O senhor joga por terra o meu plano; contava mandá-lo para uma paróquia que está mesmo por terra, onde necessidade de tudo. Parecia-me ter providenciado nisto segundo a vontade de Deus, mas ao contrário, me faz desmoronar tudo”.

Então Pe. Mário acrescentou: “Bispo, se o senhor quer confiar-me tal encargo e me pede nisso obediência, estou pronto para ir aonde me mandar; porém, por mim não escolheria este caminho”.

Respondeu bastante paternalmente o bispo: “Não, não quero impor a minha vontade à do senhor, como não a imponho a ninguém”. Depois de ter terminado os estudos e obtido aquilo que deseja, o que farei do senhor? Para o trabalho pastoral não se sente chamado, a nossa diocese não tem mesmo lugar para aqueles que fizeram tais estudos. Onde o colocarei então?

“Até esse tempo o Senhor manifestará a sua vontade!” respondeu Pe. Mário.

“E depois, o tempo que o senhor me pede é exorbitante: dois anos! A menos que haja por trás alguma coisa..., quer tornar-se talvez religioso?”

O padre sorriu frente a esta saída e respondeu: “Se não tivesse o laço com a mãe que ficaria sozinha, ter-me-ia tornado religioso já há muitos anos”.

O Bispo moveu outras dificuldades, tocou na questão da mãe que ficaria sozinha, o lado financeiro. Mas ele, porém, respondeu plenamente a todas. Ao final se separaram comprometendo-se um com o outro para rezar muito no propósito de conhecer a vontade de Deus.

No dia 16 de outubro de 1922 Pe. Mário voltou a falar com Dom Mezzadri a fim de pedir-lhe a licença para partir para Roma e ter a bênção dele. Ele o acolheu paternalmente, não opôs nenhuma dificuldade e lhe disse, para sua grande surpresa: “Permito-lhe ir para Roma, porque não posso opor-me à vontade de Deus”. Abençoou-o de coração, avisando-o que agora devia ajudar a diocese com a oração junto ao Senhor.

### **Separação da mãe Carlotta**

Mãe Carlotta vivia feliz junto ao seu padre. Casa, igreja e o seu Pe. Mário lhe eram suficientes para transcorrer serenamente a vida. Nada sabia dos projetos do filho, que via atarefado como de costume. Tinha-o percebido, sim, mais dedicado à vida de recolhimento, retirado mais em casa, a escrever, mas disso não tinha feito dedução alguma. Estava contente pelo seu padre e sonhava logo com uma promoção a Pároco, ou alguma coisa a mais. Os sacerdotes da cidade, que muitas vezes vinham encontrá-la, provocavam do seu amor realmente materno, e ela não escondia as ambições que nutria para com o filho. Gracejando, era chamada “Mãe dos filhos de Zebedeu”. Ela nem ligava e gostava que, de vez em quando, eles se colocassem ao redor de Pe. Mário para alguma tarde de recreação ou animada conversação. Nestas circunstâncias, se fazia honra com a hospitalidade grande e senhoril, contente de ver aqueles sacerdotes voltarem a serem meninos por alguma hora.

Mas o Senhor estava para pedir-lhe um grande sacrifício: separar-se do filho por um tempo indeterminado. Ao penoso sacrifício a dispôs o filho com uma carta que é uma obra de arte de ternos e santos afetos pela mãe e de tática delicada para induzi-la a agüentar bem a prova. Citamos os passos fundamentais.

*Caríssima Mãe, muitas vezes me veio o pensamento de escrever-te uma carta para fazer-te conhecer algo acerca do meu plano de ir para Roma em outubro próximo. Este pensamento, porém, o distanciei sempre, parecendo-me que não fosse ainda chegado o tempo oportuno para fazê-lo. Agora, porém, que estou tranqüilo, e vendo chegar a passos largos o tempo de partir, quero dizer-te algo para o teu conforto e, também, tranqüilidade.*

*No dia 07 de março de 1912, há dez anos, enquanto estava de cama doente, o Senhor me deu uma idéia daquilo que eu deveria fazer um dia para contentá-lo. Daquele momento em diante, conservando no coração o desejo do Senhor, caminhei a passos curtos nos grandes caminhos que Ele me tinha traçado, esperando no silêncio o seu dia.*

*Agora, porém é sua vontade (e o digo com a segurança de não errar) que eu me transfira a Roma para esperar, escondido no silêncio e no estudo, tornar-me um sacerdote segundo o desejo do seu Coração. Este trabalho não me seria possível nas condições em que agora me encontro; eis então a necessidade de deixar o trabalho pastoral e de dedicar-me por um pouco de tempo ao estudo como meio de santificação sacerdotal. Nunca me preocupei com o pensamento de meios financeiros para seguir avante neste tempo de estudo. Ele, que assim quer e que até agora me ajudou de mil modos, dando-me muito mais do que o necessário, não faltará em dar-me o quanto eu precisar, e já me faz ver o princípio disso.*

*Muitas vezes me perguntas: “O que farás futuramente? Talvez irás para algum convento e me abandonarás”. Não posso dizer o que queira o Senhor de mim no futuro, mas te digo duas coisas com a maior certeza: antes de tudo, nunca entrarei como religioso*

*em nenhum dos tantos conventos que existem, porque assim quer o Senhor; em segundo lugar, não faltarei nunca à promessa que te fiz: enquanto o Bom Deus te deixar sobre a face da terra, sempre me ocuparei de ti. Tu sabes bem que eu sinto muito mais daquilo que manifesto, e falo muito pouco daquilo que levo no coração; mas o Senhor sabe quanto sofro quando me dizes certas palavras ou me diriges certas expressões, que sei não ter merecido no passado e não merecer no presente.*

*Em lugar de afligir-te, deverias alegrar-te disso... Recomendo-te, pois, estar tranqüila e ajudar-me de todos os modos a fazer bem a Divina Vontade.*

(Santo Orso, 11 de agosto de 1922)

Por ocasião da morte do marido, a senhora Carlotta tinha dito referindo-se ao filho padre: “Viveremos um para o outro!” Esta expressão coloca à luz a grandeza do sacrifício que Deus lhe pediu.

Quando em Cavarzere se difundiu a notícia que o capelão tinha se retirado do trabalho pastoral, ficaram descontentes. Ao saber que iria a Roma para estudar, começaram a fazer suposições, mas não conseguiram adivinhar os motivos.

Antes que Pe. Venturini partisse para a Cidade Eterna, as associações religiosas de Cavarzere quiseram fazer um pouco de festa. No *Diário* ele escreve:

*Fiquei completamente indiferente a todas estas manifestações de reconhecimento, porque de uma parte não fui no trabalho senão um instrumento muito inadequado nas mãos do Senhor, e da outra deixo todos os compromissos, que até agora tinha, sem nenhuma saudade, nem arrependimento. Sinto que todas estas coisas, apesar de belas e santas, não são mais para mim, porque o Senhor me chama a alguma coisa de maior: à vida de íntima união com Ele.*

No dia 28 de outubro ele celebrou cedo a Santa Missa junto às Madres Canossianas, oferecendo-a pela Obra. A mãe quis assisti-la recebendo a Santa Comunhão. Naqueles dias ela deu prova de muita generosidade. Quis preparar com suas mãos todo o necessário para a sua partida. Depois do agradecimento da Santa Missa, Pe. Mário a saudou. A mãe Carlotta não conseguiu conter as lágrimas. Ele, porém, mesmo profundamente comovido, se sentia calmo e cheio de força. Despediu-se então do pequeno grupo das pessoas da Obra, as abençoou, comprometendo-se a voltar para o Santo Natal.

Significativa uma nota do *Diário*: “*Termina de algum modo a minha vida de sacerdote secular, e começa a vida nova do pequeno sacerdote da Obra. Graças a Deus e a Maria!*”

A partir deste dia, Pe. Mário Venturini se considerou como religioso e procurou sê-lo, conduzindo uma vida de maior perfeição. O grupo de pessoas da Obra o considerava *Sacerdote-Pai* e nós mesmos, a partir deste momento, o chamaremos de Padre.

A viagem do padre de Cavarzere a Roma foi uma aventura por causa de um acontecimento político excepcional: a mobilização geral fascista, comandada por Benito Mussolini. Do quartel general de Perugia, ordens breves e categóricas enviavam os “*Camisas Pretas*” a Roma para realizar a escalada ao poder.

O Padre deixou uma minuciosa descrição da viagem atormentada, para colocar em evidência a assistência da Providência Divina a seu respeito.

Chegou a Roma no dia 29 de outubro, à tarde. Logo foi à *Fraternidade Sacerdotal*, que devia hospedá-lo durante a sua permanência em Roma. Chegando ao destino, correu a visitar Jesus, colocando-se inteiramente a sua disposição, abandonando-se em suas mãos.

Escreveu no *Diário*:

*O desejo de tantos anos, a meta de tão longo tempo almejada estava alcançada! É bem verdade que ter chegado a Roma não significa que a Obra tenha chegado ao ápice ao qual deve chegar, mas é certo que fixando em Roma a sua habitação o pequeno Sacerdote, livre desde já de todo outro pensamento, a Obra começava a viver sua verdadeira vida.*

## ***Estudante no Angelicum***

Na solenidade de Todos os Santos, o Padre dirigiu-se à basílica de São Pedro. Sobre a Tumba do Príncipe dos Apóstolos depôs a pequena Obra. “É somente sobre esta pedra que se pode edificar com Jesus e para Jesus”.

No dia 20 de novembro teve a alegria de participar da audiência pontifícia concedida por Pio XI aos sacerdotes hóspedes que estavam alojados na *Fraternidade Sacerdotal*. Sob a ampla capa escondeu o grande caderno que continha as Constituições do futuro Instituto, para que a bênção do Santo Padre descesse propícia sobre aquele trabalho que durava já há anos e que esperava terminar em Roma.

Padre Venturini se inscreveu nos cursos acadêmicos do *Angelicum*, ateneu Dominicano de teologia e filosofia escolástica. No dia 03 de novembro assistiu à cerimônia de abertura do ano acadêmico. “*Aqui virei estudar neste tempo para aprender não só a Teologia da mente, mas, sobretudo, a Teologia do coração. O estudo não deve ser senão um meio para aproximar-me sempre mais de Deus. Melhor conhecê-lo para amá-lo mais ardentemente e servi-lo com maior fidelidade*”.

Por dois anos voltou a ser estudante. De manhã cedo fazia a sua meditação. Preparava-se à Santa Missa, que celebrava com calma e devoção. Dirigia-se depois à escola quase sempre só para observar o silêncio ordinário. Evitava os caminhos barulhentos. Chegando ao Colégio, fazia a sua visitinha ao Santíssimo Sacramento e se dirigia à sala. Era atento e assíduo. Isso demonstram os seus cadernos e as suas anotações.

À tarde ficava na *Fraternidade* ocupando-se entre a oração e o estudo. Nunca faltava à sua hora de adoração e tomava parte à função eucarística que havia na casa religiosa.

O estudo estava muito puxado para o padre. Fazia já doze anos que tinha parado os estudos teológicos. Retomá-los significava reiniciar de estaca zero. O clima de Roma o cansava facilmente. Na primavera, como no tempo de seminarista, se esgotava. Pôde, todavia, freqüentar regularmente os cursos teológicos e fazer os exames. No dia 09 de junho de 1923 fez o exame para o “mestrado”, e se saiu bem.

Durante o ano de 1924 se preparou para a tese de láurea. Sendo o futuro Instituto todo concentrado sobre o sacerdócio, naturalmente escolheu um assunto que fosse conforme ao seu espírito. Queria, num primeiro momento, tratar sobre o Coração Sacerdotal de Jesus, mas então era prematuro falar deste aspecto da devoção e por isso escolheu como tema: *O Sacerdócio de Jesus Cristo*. Trabalhou nele com paixão por bastante tempo, consultou-se com o pe. Garrigou-Lagrange e com o Pe. Hugon (que lhe sugeriu colocar no rodapé da tese algumas aplicações ascéticas).

No dia 14 de junho de 1924 defendeu a tese. No dia seguinte, festa da Santíssima Trindade, veio-lhe conferido o grau acadêmico. É sabido como o padre gracejava em torno do seu doutorado e como nunca quis ostentar o seu nome com aquele título. Brincando com seus filhos dizia que tinha obtido a láurea sem mérito e que os professores lha tinham dado na certeza que “não faria nenhum mal”.

Não se pode esquecer que durante o período dos estudos romanos não faltaram ao padre tentações de desviar do caminho iniciado. Dom Mezzadri o convidou a aceitar o posto de cônego penitenciário da catedral. O convite foi para ele uma forte tentação. Rezou, aconselhou-se e escreveu ao bispo agradecendo, mas declarou que esperava ser um dia mais útil aos seus coirmãos.

### ***Estudo da Obra***

Sua preocupação principal em Roma não foi o curso teológico, mas o estudo da sua vocação e da Obra à qual intencionava dar vida.

“A Obra és tu!” repetia a si mesmo continuamente. Este *slogan* o estimulava a cuidar muito da própria perfeição religiosa. Além de se empenhar nas práticas de piedade, se impôs uma vida muito retirada: igreja, escola e casa. Não bancou o turista. Inibiu-se até das funções religiosas



solenes nas grandes basílicas romanas. Só raramente ia a São Pedro para alguma canonização ou celebração particular.

Na sua cela, empenhou-se em rever, lapidar e repassar as Constituições e prosseguir o seu trabalho. Não se contentava em escrever. Praticava quanto escrevia. É comovente vê-lo submeter-se a certas práticas e usos que um dia ensinaria aos seus filhos.

Durante as férias continuava o trabalho pela Obra e pela própria santificação. Os coirmãos da região diocesana de Cavarzere o esperavam com certa curiosidade e queriam ver se Pe. Mário tinha se tornado um “prelado”. Permanecia na sua simplicidade e afabilidade e se prestava a ajudá-los, se nisso houvesse necessidade.

Em Roma Pe. Venturini freqüentou o Instituto das Filhas do Coração de Jesus na Via dei Villani. Conheceu a Madre Elza de Sorval, sucessora da fundadora Madre Maria Deluil Martiny. Das conversações com tal alma privilegiada ganhou muitas idéias para a sua Obra.

Quando aquelas boas freiras souberam o tema da sua tese de láurea ficaram entusiasmadas com isso e pediram a honra de datilografar as cópias necessárias.

Na capela de Via dei Villini o padre muitas vezes celebrava e se entretinha em adoração.

No parlatório das Filhas do Coração de Jesus conversou sobre assuntos atinentes à vida religiosa com muitos personagens eclesiais verdadeiramente ilustres. Foi lá que ouviu falar com muito entusiasmo daquele que lhe seria precioso guia por longos anos, de 1924 a 1948: Pe. Giuseppe M. Petazzi, S.J.

### ***Padre Petazzi***

O padre até então tinha caminhado com os diretores espirituais ocasionais. Não podia continuar assim. Nos primeiros dias de janeiro de 1924 comprometeu as pessoas da Obra para que o Senhor lhe fizesse descobrir o bom Ananias que lhe tinha destinado. O Senhor fez compreender que tal religioso devia ser o Pe. Petazzi, o qual há muitos anos difundia nas pessoas a prática da oração pela santificação do clero.

Durante as férias de Páscoa de 1924, Padre Venturini pediu um encontro com o jesuíta. Foi marcado o dia 28 de abril. Naquele dia o padre dirigiu-se a sua residência na Via Fondamenta Nuove em Veneza.

O bom religioso o acolheu paternalmente. À primeira vista quase que soubesse tudo, enquanto nunca tinha falado com ele do seu projeto, lhe disse: “Bem, vejamos o que podemos fazer”.

Pe. Venturini lhe expôs o plano da Obra.

Pe. Petazzi o reconheceu vastíssimo, grandioso; não manifestou, porém, algum sinal de surpresa. Ao dispensar o padre aconselhou-o a rezar muito para conhecer a vontade de Deus, e marcou um novo encontro para a mesma noite.

No encontro noturno, o ótimo jesuíta confessou ter rezado bastante durante a tarde e declarou que via o trabalho projetado de proporções verdadeiramente notáveis. Todavia, não quis assumir logo o encargo de guiar o padre na operação de “transplantar a Obra no jardim da Igreja”. Pedia um pouco de tempo para rezar e para ouvir o parecer do Provincial, sem o qual não movia um dedo. Em geral aceitava e pedia, por isso, que lhe fosse mandado um plano resumido do trabalho completo.

Em junho de 1924, Pe. Petazzi comunicava a Pe. Venturini a decisão de dirigi-lo espiritualmente, não obstante se sentisse incapaz. Havia um convite a abandonar-se nas mãos do Senhor que aplainaria todas as dificuldades.

O nosso padre tinha pedido para fazer um curso de Retiro sob a sua direção. Pe. Petazzi pediu ao Provincial a permissão para fazer o seu Retiro anual com ele. Foi-lhe concedido e foi marcado para o verão de 31 de julho a 09 de agosto de 1924 na residência dos jesuítas em Veneza.

Pe. Venturini reputou sempre aqueles dias entre os mais ricos de graças da sua vida. Ambos pediam ao Senhor luz para conhecer o que fazer.

*Tendo chegado ao final do Retiro esperava com ansiedade que o padre me dissesse aquilo que sentia por parte de Nosso Senhor acerca do trabalho da Obra, especialmente depois de ter examinado o pobre trabalho das Constituições. Esta noite ele me chamou para devolver-me os manuscritos, que lhe tinha entregado, e me disse: 'Pude compreender que este trabalho é mesmo querido pelo Senhor e que os escritos sobre as Constituições contêm verdadeiramente o seu espírito. Coragem! Trabalhe com empenho. A graça do Senhor não lhe faltará'. Prometeu que me ajudaria e que, na qualidade de instrumento, faria neste propósito tudo aquilo que o Senhor quisesse.*

*Contou-me ainda que, quando no mês de junho insistia junto dele para que tomasse em suas mãos a Obra para guiá-la ao porto, uma religiosa das Irmãs Dorotéias, de virtude incomum, lhe tinha escrito de Malta para que aceitasse tomar a responsabilidade deste instituto em favor dos sacerdotes. E a religiosa nada sabia da minha relação com o padre neste propósito.*

O Pe. Venturini tinha o seu guia. Agradeceu isso de coração a Jesus e à Virgem Imaculada. Agora podia olhar para o futuro com confiança e colocar mãos à obra na fundação.

## VII - ANO SANTO DE 1925

### Vigília laboriosa

No ano de 1921 Pe. Venturini escrevia, quase profetizando o futuro:

*O Senhor submeterá a Obra a certas provas... Seja como for, Ele faça de mim tudo aquilo que quer, já disse e repito: ajudado pela sua graça quero segui-lo a todo custo até ao Calvário e estou certo de que Ele não abandonará a si mesmo o sacerdote que tanto ama. Às vezes, vejo confusamente quanto me é preparado no futuro e sinto que o Senhor vai dispor-me pouco a pouco à cruz, que nunca me deixará; mas não me incomoda; é a minha vocação!*

O Padre esquivou-se sempre do título de “fundador”. Afirmava que o “fundador” era o Sagrado Coração. Na realidade, as provas que obstaculizaram os inícios do Instituto foram tais que foi constringido a admitir que o seu nascimento é um autêntico prodígio de Jesus, Sumo e Eterno Sacerdote.

De sua parte Pe. Venturini se consumiu para dar vida à nova Congregação.

Quando o bispo soube que Pe. Mário se tinha laureado, esperou que se apresentasse a ele para ouvir o que intencionava fazer do seu futuro.

Para preparar o terreno, o Padre escreveu uma carta a Dom Mezzadri, na qual falava da sua vocação e expunha, em linhas gerais, o plano do futuro Instituto. Depois foi visitá-lo.

Dom Mezzadri o acolheu paternalmente. Disse-lhe que tinha lido a sua carta e que não tinha nada em contrário. Deixava-o por isso livre para seguir a vocação que considerava vinda do Senhor. Apresentava, porém, algumas dificuldades. Parecia-lhe que já existissem outras famílias religiosas que trabalhavam para os sacerdotes, mediante a oração e a reparação, ou mesmo mediante a pregação.

*Diante das dificuldades do bispo o padre respondeu que era mesmo verdade que existiam famílias religiosas com tais finalidades, todavia faltava, especialmente na Itália, uma Congregação religiosa que se ocupasse exclusivamente dos sacerdotes.*

O Bispo acrescentou que não tinha intenção de mover objeção, mas somente expor uma idéia, porque seu ofício era só de dar-lhe, com a devida prudência, a permissão de seguir aquilo que achava ser um chamado do Senhor.

### 25 de março de 1925

Padre Venturini esperava, e Don Mezzadri concordava, que o Instituto fosse fundado em Roma. Deste parecer era também Pe. Petazzi. Por isso, o padre mobilizou o grupo das pessoas da Obra (entre amigos e simpatizantes uma dezena, entre elas um sacerdote e dois jovens leigos) para que com as suas orações e com os seus sacrifícios apressassem o surgimento do Instituto no Ano Santo de 1925 e, possivelmente, em março do mesmo ano. Em novembro de 1924 o padre decidiu dirigir-se a Roma para encaminhar o trabalho da fundação. *“É preciso preparar o terreno à pequena semente, para que possa colocar raízes e depois germinar; é preciso preparar o caminho para apresentar a Obra ao Santo Padre e obter dele a bênção para começar o trabalho que tanto deseja o Coração Sacerdote de Jesus”.* (Diário)

Pe. Venturini sentia toda a responsabilidade do passo e escrevia no *Diário*: *“Algumas vezes tremo ao pensar que sou muito pequeno, cheio de misérias e sem condição de conseguir; mas é mesmo do nada que o Senhor faz surgir as obras suas: coragem, pois, e avante, sempre com a ajuda divina”.*

Em Roma começou a interessar-se da aquisição do terreno e da casa para o futuro Instituto. Terreno e construção custariam milhares e milhares de liras. Quem ofereceria os meios financeiros? Ele era pobre, o grupo das pessoas da Obra tiraria o pão da boca para ajudá-lo; mas eram pobres também elas. O padre começava o aprendizado da economia da Divina Providência, tirocínio que duraria por toda a vida em louvor ao Senhor e pelo bem dos sacerdotes.

Precisava agora encontrar o modo de fazer conhecer a Obra ao Santo Padre Pio XI. Era indispensável o apoio de algum prelado. O Coração Divino de Jesus dispôs o encontro com três pessoas que lhe foram de válida ajuda e sustento.

O primeiro conhecido que ele teve em Roma foi Mons. André Caron, arcebispo de Calcedônia, então diretor da União Apostólica da Itália. Foi visitá-lo no dia 08 de dezembro de 1924. Foi acolhido com muita paternidade. Expôs-lhe o plano geral do Instituto, do seu objetivo, dos meios, etc. Mons. Caron ficou admirado frente a uma Obra tão bela, idealizada por um sacerdote tão jovem, e não foi capaz de esconder a sua admiração. Prometeu ajudá-lo.

O padre desejava ter um parecer competente e seguro sobre as Constituições do novo Instituto. Padre Petazzi o aconselhou a apresentar-se ao então procurador geral da Companhia de Jesus em Roma: Pe. Pietro Boetto, em seguida Cardeal Arcebispo de Gênova.

No dia 02 de fevereiro de 1925, Pe. Mário dirigiu-se confiante a fazer-lhe uma visita. Foi acolhido com bondade e ouvido muito atentamente. O bom religioso achava a futura Obra muito bela e elevada, mas fez presente a dificuldade de começar em Roma. Aconselhou-o a colocar-se em contato com o Cardeal Camillo Laurenti, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos e assumiu de boa vontade o encargo de examinar as Constituições. Ficou, afinal, como verdadeiro procurador da Obra nascente.

O Pe. Boetto estreitou, a partir daquele dia, uma viva amizade com Pe. Venturini. Aliás, se considerou um pouco o pai da nascente Congregação. Nos colóquios com Mons. Caron e Pe. Boetto, ele tinha entendido que uma dificuldade do futuro Instituto seria mesmo o nome que pretendia ter: *Filhos do Coração Sacerdotal de Jesus*.

O nome se referia a uma devoção. Precisava, por isso, achar um teólogo capaz de demonstrar e defender a validade do apelativo *sacerdotal* dado ao Coração Divino de Jesus. Pensou no seu caro professor do Angelicum, Pe. Hugon, que já lhe tinha feito uma defesa do título. O insigne Dominicano ficou contente em rever o discípulo e mostrou-se pronto em defender a devoção do Coração de Jesus.

P. Mário, seguindo o conselho de Pe. Boetto, dirigiu-se ao Cardeal Laurenti, prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos.

*Este iminente personagem é conhecido de todos pela sua santidade, gentileza e bondade de coração. Ao ver-me, ele logo me reconheceu e começou a falar-me do que tinha escrito no Memorial que lhe tinha enviado.*

*Acerca do Instituto que se queria fundar, disse que não seguia a estrada estabelecida pela Igreja no Código. Então devia começar com uma Congregação ou Sociedade diocesana. Em seguida, se tivesse feito boa experimentação, seria encaminhada a Roma.*

*Fiz-lhe observar que se desejava começar em Roma porque sendo uma Obra sacerdotal, se escolhia esta cidade por ser o centro da Igreja. Ele, porém, insistiu no seu argumento, dizendo ser impossível que eu comesse em Roma, porque o Santo Padre não daria a permissão para isso. (diário)*

O cardeal Laurenti, sempre bom e compreensivo, não intencionava esmorecer em Pe. Venturini o entusiasmo por uma Obra tão bela: aliás, lhe disse para tentar mesmo obter o consentimento do Santo Padre para a fundação em Roma. Ele ficaria feliz em facilitar todos os outros passos necessários para chegar à meta.

### ***Trépida espera***

O padre pensou, então, em fazer conhecer o Instituto a Pio XI e obter dele a bênção. Era necessário preparar rapidamente os documentos. Por isso comprometeu as pessoas da Obra à oração e a turnos de adoração. Fez celebrar Santas Missas para tal objetivo. De sua parte, se uniu dando a contribuição da oração, do sofrimento moral, celebrando o Santo Sacrifício pelos sacerdotes. O Coração Divino de Jesus resistiria frente às petições que tinham como alvo o bem dos seus prediletos?

Dirigiu-se, pois, ao Mons. Caron, bem conhecido pelo Santo Padre, e pediu-lhe que recomendasse a favor da futura Obra, ilustrasse-a brevemente ao Sumo Pontífice, obtivesse a permissão de fundá-la em Roma e recebesse sua bênção. Se fosse possível, para no dia 25 de março ter a graça suspirada!...

Dom Caron, apesar de não ter muita confiança no êxito, prestou-se a tal desejo e pediu uma audiência especial.

A resposta do papa foi a seguinte:

*“Diga ao tal sacerdote que volte a sua diocese e coloque-se à disposição do bispo. No caso, com o beneplácito dele, comece ali, talvez com dois coirmãos, a pia instituição.” Ajuntou, pois, que só com esta condição daria ao sacerdote a sua Bênção Apostólica e que esta, e não outra, era a vontade de Deus”. (diário)*

A desilusão sofrida por Pe. Venturini naqueles dias de março foi imensa, dolorosa. Meses de trabalho, de orações e de sacrifícios pareciam dissolver-se num momento. A barquinha, na proximidade da margem era empurrada de novo ao alto mar. Era um começar tudo do princípio e com dificuldades ainda maiores. O futuro incerto, o horizonte obscuro. Quem se aproveitou disso foi próprio o demônio, que desferrou um duro assalto ao padre tentando-o fazer perder a confiança.

## **Tentações**

Na medida em que as dificuldades da fundação se acumulavam, o padre foi sujeito a tentações muito perigosas para o trabalho da futura Obra.

Muitas vezes o demônio lhe sugeria abandonar tudo e colocar-se nas mãos do bispo que lhe daria um bom posto na diocese. No fundo, tudo não passava de castelos no ar? Por que confiar em um futuro incerto enquanto poderia logo se colocar ao trabalho em meio às pessoas, também as sacerdotais?...

Justo enquanto Pe. Mário estava à espera de obter a bênção do Santo Padre, um religioso da diocese de Chioggia, muito estimado e cotado, lhe escrevia: “Cavarzere são as tuas Índias... Pároco de Cavarzere, eis a pessoa ideal!”

Mãe Carlotta estava surpresa de ver seu filho, depois de ter se laureado, continuar a corrida entre Cavarzere e Roma, ao invés de trabalhar na diocese. Vagamente a boa mulher intuía que o seu “padre” estava pensando em fundar uma congregação. Isto para ela queria dizer desapego, separação dele... Reagiu com todas as suas forças, retomou o antigo orgulho, encontrou as palavras fortes e formulou o propósito de pôr obstáculo em todos os modos aos planos do filho. Era seu filho, o “seu padre”!

No dia 26 de março mesmo, dia de desilusão e de amargura profunda, o padre recebia da mãe uma carta que o dilacerou:

*“Teria tantas coisas a te dizer, mas deixo pra lá para que não venhas a dizer que estou de mau humor, e depois não quero entediar-te. Percebo, porém, que vai amadurecendo alguma coisa que será para mim o maior de todos os desgostos: não te digo mais coisas, porque me faltam as palavras.”*

O pobre filho, abatido e oprimido pela tristeza, chorou longamente na capela da casa religiosa que o hospedava.

Até alguns prelados contribuíram, naqueles meses cruciais, para colocá-lo em fortes angústias de espírito. Um foi Dom Caron, o qual era do parecer que deixasse o trabalho da Obra: bela, sim, mas difícil, e depois os tempos eram imaturos. O padre sentiu transpassar seu coração. Perdia um amigo, um apoio, humano o quanto se queira, mas útil.

De frente a todas estas fortes tentações, com ajuda da graça divina, triunfou. Escreve:

*“A este ponto deveria dizer sobre a prova à qual agradou ao Senhor de submeter o meu espírito em tal espaço de tempo... Era uma agonia mortal, uma obscuridade de espírito, creio nunca provada antes, um conjunto de insensibilidade, de distração, de tentações, de fechamento de coração que não saberia explicar... Quanto sofri nestes dias! Bom Jesus, que a tua vontade se faça em cada coisa!”*

Válida ajuda para superar a prova a encontrou em Pe. Petazzi. Os seus breves bilhetes, repletos de ardor, fé em Deus e cheios de otimismo chegavam como fresco orvalho no coração atormentado por aridez e insensibilidade.

Eis um exemplo:

*Desde quando o senhor me escreve, vejo que a hora da prova repercutiu; devemos alegrar-nos disso porque é a hora de Deus. Agora é o momento no qual devemos multiplicar a oração e o*

*abandono sem limite ao amor de Jesus, que só Ele deve guiar todas as coisas e em suas mãos estão todos os corações dos homens. Se as dificuldades, e muito graves, não viessem a surgir, poderíamos justamente suspeitar que a Obra fosse humana, enquanto tem que ser divina ou não deve existir... A hora de Deus não é aquela da nossa impaciência. Deixemos brincar um pouco também Jesus!... Recomendo ao senhor aquela tal fé, sem a qual não fazemos nada...*

## **Consultas**

O trabalho da fundação devia pois tomar uma outra direção: não do centro rumo à periferia, mas da periferia rumo ao centro. Pio XI tinha abençoado com o claro convite de começar na diocese de origem do fundador. O cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos estava contente que se encaminhasse o novo Instituto. Tinha somente convidado a ter presente o procedimento do Código de Direito Canônico: começar como Associação Religiosa Diocesana; depois fazer os passos seguintes. O Pe. Boetto insistia junto ao seu protegido para apressar as práticas burocráticas a cumprir, disposto a aplinar o caminho e a aconselhá-lo. Sobretudo o convidava a procurar um bispo benévolo que assumisse o cuidado da nova fundação.

Dom Mezzadri tinha visto com prazer que se tentasse dar início à Obra fora da sua diocese; mas quando soube que precisava começar antes de tudo na própria casa, foi tomado pelo medo, foi assaltado pela timidez. Inumeráveis incertezas o fizeram sofrer muito. Homem piedoso, de extraordinária retidão, pensava que a Obra não fosse necessária, talvez inoportuna, talvez irrealizável. Dizia-o claramente a Pe. Venturini. Em longos encontros ele tentou ganhar a seu favor a pessoa hesitante do bispo. Este, não querendo ceder, lhe propôs concorrer à Paróquia de Cavarzere, vacante em circunstâncias dolorosas. O padre, com doçura e firmeza, suplicou ao Prelado para não insistir. Ajudaria a diocese de maneira bem maior e eficaz.

Apesar de os trabalhos da fundação serem segredos, já aqui e lá se vinha a saber alguma coisa. Objeções e observações chegavam aos ouvidos do bispo. Além disso, alguma pessoa muito influente na diocese não eram de todo favoráveis ao Instituto. Isto impressionava o espírito do pastor, que se perguntava se esta era mesmo uma obra querida por Deus. Queria uma resposta segura, dada por pessoas santas. Por isso aconselhou o seu Pe. Mário a consultar o cardeal Pietro La Fontaine, Patriarca de Veneza, que gozava de grande estima junto a todos os bispos da região de Veneza.

Pe. Venturini, com grande sacrifício, aceitou apresentar a “sua criatura” a outras pessoas competentes. Ter-lhe-ia bastado uma palavra de Pe. Petazzi para continuar ou abandonar tudo. Em vez...

O padre se apressou em consultar o Patriarca de Veneza. Antes tinha tido o cuidado de despachar-lhe o memorial e uma carta para expor-lhe os passos feitos para a fundação. No dia 20 de julho, foi a Veneza para encontrar o santo Cardeal. Não experimentou embaraço algum, já outras vezes tinha falado com ele. O Patriarca lhe disse que tinha lido o memorial e esperava que o Senhor lhe desse luz para lhe responder. Até agora não sentia alguma inspiração, nem a favor nem contra. Sugeriu-lhe consultar Pe. Calábria, um homem de Deus que residia em Verona, porque ele devia ter algum projeto para os padres. Sobre este conselho insistiu muitas vezes: “Eu confio nos santos - dizia. La Fontaine - vá a Verona e interrogue Pe. Calábria!” O santo Patriarca encorajou o Padre a rezar, prometendo-lhe ele mesmo suas orações para o cumprimento dos desígnios de Deus.

P. Venturini relatou a Pe. Petazzi o êxito do diálogo com o Cardeal La Fontaine. O padre jesuíta, após ter rezado, respondeu que era ótima coisa seguir o conselho do Patriarca e dirigir-se a Pe. Calábria. Memorável é a página do *Diário* que refere o encontro.

*5-6 de agosto de 1925 – Visita a Pe. João Calábria. Teve que ir sozinho: o Pe. Petazzi estava ocupado por deveres de ministério e não pôde acompanhar-me, só me enviou um bilhete de apresentação para entregar àquele Revmo. sacerdote. Este me causou verdadeiramente a impressão de ser um santo e, durante as nossas conversações, que foram bastante longas, pensei muitas vezes que estava falando com uma pessoa que um dia, sem dúvida, seria elevado à honra dos altares pela Igreja.*

*Acolhida mais do que paterna: as suas primeiras palavras foram estas: “Buscaremos a Vontade de Deus, a estudaremos e a colocaremos também em prática; esta última coisa é a mais importante entre todas”. Manifestei-lhe então sumariamente o projeto da Obra e os passos feitos até agora para a fundação. Enquanto lhe dizia que alguém tentava dissuadir-me, porque outros institutos têm finalidades iguais, ele discordava com a cabeça, e em seguida, retornados ainda ao assunto, me dizia claramente: “Não, este é um trabalho que é segundo os desejos do Coração de Nosso Senhor e responde a uma grande necessidade do nosso tempo”.*

*Falando-lhe depois sobre Roma e dizendo-lhe como parecia oportuno que a Obra surgisse lá interrompeu e, com ar profético, com voz forte, disse: “A Roma se irá depois, quando a obra estiver estabelecida em outro lugar”. Chegado então ao fim da minha exposição, esperava que ele me dissesse no Senhor o seu parecer sobre a Obra em geral. E ele me disse: “Esta semente vem de Deus, e é preciso cuidar dela com muito zelo no coração. É uma grande graça que o Senhor manifeste tais coisas; é um trabalho destinado a fazer grande bem; isto o digo como se me encontrasse prestes a comparecer ao juízo de Deus”.*

*Perguntou-me depois se me sentia chamado a reunir em torno de mim outros sacerdotes para tal finalidade, ou entrar numa Obra de finalidade análoga àquela da qual lhe tinha falado. Respondi que me parecia tratar-se do primeiro caso, mas que, porém, submetia cada coisa às disposições dos superiores.*

*Acerca da Obra me disse ainda que, começando em Roma, se tinha feito o trabalho um pouco pelo avesso (talvez ele pensasse isto porque não tinha ainda lido as razões que aconselhavam a começar em Roma, razões contidas no memorial que lhe entreguei). Repetiu-me muitas vezes a típica frase veronesa: “Busetta e taneta”(Pequeno buraco e uma pequena toca) para indicar-me como o trabalho devia ser escondido. Segundo o seu parecer, não era mais necessário falar com outras pessoas. Bastava Pe. Petazzi, o bispo e o patriarca de Veneza. Muitas vezes me disse para preparar-me a uma vida de contradições e de sacrifícios, vida de dores e de padecimentos, mas não me faltaria o auxílio do Senhor”.*

Depois daquela visita, o padre tinha uma segurança a mais de que a semente da Obra era divina. “É preciso encontrar o terreno para fazê-la germinar”, dizia aquele santo sacerdote.

*No final do verão de 1925, Pe. Venturini podia comunicar a Dom Mezzadri o êxito das consultas e dos encontros com personagens todos de indiscutível autoridade: o cardeal La Fontaine, Pe. Calábria e Pe. Leonardi, S.J. O parecer era unânime. A Obra vinha de Deus; haveria dificuldades porque era muito elevada, mas era necessário dar a permissão de fundar e experimentar.*

No dia 21 de outubro o padre se dirigiu ao Palácio Episcopal e expôs claramente o quanto tinha ouvido e quanto ele mesmo sentia. O diálogo durou cerca de uma hora. O bispo permanecia, contudo, resoluto em não tomar nenhuma responsabilidade acerca da Obra, e nem sequer tinha a coragem de assumi-la dando a permissão de reunir-se numa casinha para começar de algum modo o trabalho. Sobretudo o avisava que não podia dar-lhe o sacerdote que lhe tinha pedido como companheiro.

Pe. Mário, docemente, mas com santa insistência, fazia pressão para ter a permissão suspirada e encaminhar as práticas burocráticas de fundação que deveriam ser dirigidas mesmo, na parte inicial e jurídica, pelo bispo. Ciente de que, no pedido, ele devia declarar o benefício oportuno da Obra para a sua diocese, sentiu aumentar ainda mais o temor da responsabilidade. “Reconheço – dizia – que esta Obra é oportuna para a Igreja; mas declará-lo em particular para a minha diocese, é algo que não me sinto disposto para fazer tão logo. Necessito de tempo para pensar e aconselhar-me”.

O Pe. Venturini aproveitou a ocasião para fazer-lhe observar que era este o único obstáculo que podia opor-se à apresentação do pedido. Se ele via que a Obra era oportuna, o trabalho para a fundação prosseguiria; em caso contrário precisava abandonar o pensamento, e quem sabe por quanto tempo.

- Será sempre oportuno para uma diocese – observou – que nela haja sacerdotes que rezem e se sacrifiquem pelos seus coirmãos.

- Sim – respondeu o bispo – mas isto se pode fazer também singularmente nas próprias casas...

- Porém – acrescentou Pe. Venturini – reunidos em comunidade se rezaria com mais fruto, porque ali haveria a graça de estado. Jesus, depois, prometeu estar onde houver dois ou três reunidos em seu nome.

A estas palavras, o bispo não encontrou nada a acrescentar e mostrou ter tido nisso boa impressão. Ao partir, o padre lhe pediu a bênção. Percebeu que o prelado, a certo ponto, interrompeu sua fórmula, porque estava comovido, talvez pelas palavras ouvidas pouco antes.

Os primeiros dias de novembro foram gastos em intensas orações ao Espírito Santo para que iluminasse o superior conforme os desejos do Sagrado Coração e da Virgem Mãe do Sacerdote.

Dom Mezzadri, no dia 10 de novembro enviou uma carta a Pe. Mário com a qual lhe manifestava a decisão de apresentar o pedido do novo Instituto à Sagrada Congregação dos Religiosos. Uniria informações em sua referência. Ficou admirado o padre ao ler aquela carta e não cessava de bendizer o Senhor.

O bispo foi do parecer de que Pe. Venturini dirigisse pessoalmente o pedido a Roma. Ele o fez com muito prazer.

### **Últimos passos**

À medida que as práticas para a fundação se desenvolviam, o padre entendia sempre mais que devia abandonar-se em Deus e só nele confiar. Pensou também em fazer voto de dirigir-se a Lourdes e a Paray le Monial quando o pedido de fundação tivesse sido atendido. Além disso, para comprometer ainda mais o Coração Divino a remover as últimas resistências. Começou celebrar a Santa Missa sempre pela Obra e pelos sacerdotes. Tudo isto se dava no dia 21 de novembro de 1925.

Os meses de espera se tornavam longos e penosos. Em julho de 1926, Pe. Venturini decidiu ir a Roma para solicitar a conclusão. A dificuldade, que aflorou nova e inesperada, foi que não era possível que a nova Instituição surgisse como Congregação Religiosa, mesmo que diocesana. Aconselhava-se por isso, de acordo com o bispo, de erigi-la como Associação religiosa diocesana. Em seguida, crescendo o número dos membros, poderia, sem tanta dificuldade, mudar-se para Congregação Religiosa. Nesta Associação se poderia ter vida comum, fixar um horário, observar as Constituições, fazer votos privados, levar também no hábito eclesiástico um pequeno sinal para distinguir os membros... Precisava, por isso, refazer o pedido e solicitar que a Obra surgisse como Pia Sociedade Religiosa Diocesana. A resposta chegaria logo.

Padre Mário sentiu muito esta espécie de negativa... De Roma, se tinha acabado a Cavarzere, de Congregação a Associação Religiosa!...

No dia 14 de julho de 1926 a Sagrada Congregação dava o *Nulla Osta* (a permissão) para a fundação da Obra. Pe. Venturini foi logo ao bispo para saber o que decidia. Ele viu não poucas dificuldades para a Instituição, especialmente na diocese de Chioggia, tão pequena e fora de mão, mas não queria opor-se à divina vontade. Rezaria e depois decidiria. O empecilho maior era que ele não acreditava que fosse oportuno deixar entrar na Obra um sacerdote diocesano capelão em Cavarzere num momento em que faltava, também, o Pároco.

Depois de orações e consultas, Dom Mezzadri dava a pe. Mário a permissão de fundar a sua Obra. Não se acreditava oportuno dar-lhe início na cidade de Chioggia. Escolheu-se o grande povoado de Cavarzere, o lugar que há anos era testemunha das fadigas e da piedade de Pe. Mário Venturini.



## VIII - A FUNDAÇÃO

### *Os primeiros membros*

Superadas as mais duras dificuldades para ter a permissão de fundar o Instituto, Pe. Venturini procurou ganhar o tempo perdido.

Precisava escolher o “terreno onde fazer nascer a pequena Obra”. Por unânime consentimento de Dom Mezzadri e de Pe. Petazzi, o lugar destinado à fundação da nascente “Pia Sociedade dos Filhos do Coração Sacerdotal de Jesus” (com este nome se designou oficialmente a Obra até 1946, ano da criação canônica) foi Cavarzere.

Por caminhos inesperados, a Providência dispôs uma série de acontecimentos assim que a casa, onde em 1912 foi inspirado o Instituto, no dia 30 de setembro de 1926 passasse com regular contrato à posse da nascente Pia Sociedade. A custo de economias e de sacrifícios, o padre e os primeiro três filhos espirituais tinham recolhido um pouco de dinheiro. O grupo feminino da Obra acrescentou a sua contribuição. Outras pessoas boas deram ofertas de tal modo que se pôde dar uma boa entrada aos proprietários da casa. O resto seria pago em prestações.

Com grandes despesas a casa foi colocada em ordem para hospedar uma pequena comunidade. Proveu-se de uma mobília simples e pobre. Qual fundação não coloca as suas raízes na pobreza alguma vez até heróica?

Se pobre devia ser a casa, não, porém, a capelinha da Obra. Ela foi decorada do melhor modo. Tratava-se de preparar a Jesus uma habitação o mais possível digna dele. Cálices e Ostensório, verdadeiramente preciosos, foram preparados havia bastante tempo. O padre contava que, quando encontrava uma dificuldade um pouco relevante a respeito da Obra, para não dar vitória ao demônio, comprava um objeto que serviria à futura capela.

A capelinha resultou simples, nítida, decorosa e recolhida. Era tão querida porque, naquele quarto, no dia 07 de março de 1912, o “pobre capelão de Cavazere” sentiu o decisivo chamado à grande missão. Na parede direita foi afixado um quadro de Jesus Agonizante: a imagem que o tinha comovido naquele memorando dia de março.

Se os trabalhos materiais referentes à casa exigiram alguns meses, anos foram dedicados pelo padre a formar ao redor de si aqueles que seriam os primeiros membros da Obra.

Em 1923 encontrou em Cavarzere um jovem sacerdote capelão que desejava colocar-se sob a sua direção. Aceitou com prazer. Tendo percebido que podia plasmá-lo gradualmente ao espírito da futura Obra, lhe falou dela. O sacerdote acolheu com entusiasmo a proposta, se deixou formar a uma vida de firme piedade, de união com Deus. Em breve Pe. Venturini podia pôr confiança num futuro membro do Instituto. Tanto gostou dele que pensou de acolhê-lo em casa consigo, no mesmo alojamento, de tal modo a encaminhá-lo já a certa forma de vida religiosa.

O Senhor fez conhecer a Pe. Mário outros dois jovens da região de Cavarzere. Um destes conhecia o padre desde 1919 e lhe foi companheiro devoto e fiel de tal modo que pôde instruí-lo sobre a vida religiosa e sobre o espírito do futuro instituto. O outro jovem foi conhecido mais tarde, em 1924, mas também ele mostrou ser uma pessoa capaz da vida religiosa. Estes dois jovens se tornariam irmãos coadjutores.

Aos primeiros três filhos espirituais o padre dirigiu os cuidados mais assíduos.

Uma dificuldade grave se perfilava no horizonte para todos: a oposição dos parentes. Foram lutas duras e por longo tempo sustentadas com incomparável coragem pelos quatro.

Mãe Carlotta era aquela que mais sentia o sacrifício do filho. Quando no início de 1926 compreendeu alguma coisa da Obra, escreveu a respeito disso ao filho com muita dor. Ele não sabia o que lhe responder: a vontade de Deus pede sacrifícios e também o martírio dos corações.

## ***A bênção de Sua Santidade Pio XI***

Nos primeiros dias de novembro de 1926, Padre Venturini avisava, com uma circular, o clero da diocese de Chioggia e outros sacerdotes amigos e simpatizantes de outras regiões de que no dia 07 de dezembro seguinte se iniciaria a Pia Sociedade dos Filhos do Coração Sacerdotal de Jesus. Pedia orações para que tudo se desenvolvesse e prosperasse segundo o desejo do Coração de Jesus. Muitos sacerdotes responderam, congratulando-se com ele. Diversos prometeram tomar parte à cerimônia de inauguração. Os comentários pelo nascimento do futuro Instituto foram muitos, quase todos favoráveis. Algum não se pronunciou e reservava sua avaliação para mais tarde. Algum raro sacerdote teve palavras pessimistas sobre o futuro da Obra.

O anúncio da próxima fundação trouxe uma onda de alegria a muitas pessoas que há anos seguiam o trabalho com orações e sacrifícios.

Mesmo tendo obtido do Sumo Pontífice desde o dia 26 de março de 1925 a Bênção Apostólica por meio de Dom Caron, todavia Pe. Venturini levou sempre no coração o desejo de dirigir-se aos pés do Vigário de Jesus Cristo antes de iniciar a Obra. No dia 29 de novembro de 1926 o padre foi a Roma.

Chegado ao Vaticano, foi introduzido na “sala do Tronetto”. Logo que o Pontífice saiu do seu apartamento lhe foi ao encontro paternalmente. Pe. Venturini, apresentado por Dom Caccia, se prostrou e lhe expôs os objetivos da Obra sacerdotal. Acenou sobre os meios que seriam usados para conseguí-los. Enfim pediu a bênção para o bispo, para Pe. Petazzi e para quantos ajudariam a Obra.

Enquanto falava e pedia as bênçãos, o papa ia repetindo: “*Sim, sim, meu filho! Dou-vos todas as bênçãos, abençoô todas as vossas intenções*”.

O padre acreditava que o papa não lhe diria mais nada, quando, pondo-se de pé, o pontífice tornou a falar-lhe com grande seriedade e gravidade: “*Nunca se fará o bastante pela santificação do clero. Dele depende tudo: tanto a glória de Deus como as necessidades dos povos. Esta é uma obra que responde aos desejos do Coração de Deus. Dou-vos todas as bênçãos, dou-vos todas as bênçãos*”.

O que podia desejar a mais? Desceu à Basílica de São Pedro e fez uma hora de adoração, diante do altar do Santíssimo Sacramento para agradecer a Jesus por ter abençoado ainda uma vez mais a pequena Obra na própria pessoa do seu vigário na terra.

No dia 04 de dezembro Pe. Venturini estava já em Cavarzere para os últimos preparativos da próxima cerimônia. A capelinha se apresentava bela e equipada quase completamente. A Casa, ao contrário, era pobre e despojada. “Mas basta para nós que a Jesus não falte nada e tudo seja com decoro. Para ele o decoro, a riqueza. Para nós a pobreza” (*Diário*).

No dia 06 de dezembro despediu-se da mãe: “*Pobre mãe, quanto sofreu e quanto chorou quando deixei a casa para entrar na Obra! O seu tormento aumentava o meu. Foram para ela anos de dor: catorze anos de verdadeiro sacrifício! Quantas vezes me disse: - Devias esperar que eu morresse e depois estarias livre*”.

Em outra ocasião o padre lembrando aquele adeus disse: “Quando pedi à mãe a permissão de entrar na Obra e a sua bênção, foi um momento tremendo para ambos, para mim e para ela!” A um seu filho espiritual, prestes a entrar na congregação, comovido escrevia: “*Sejas muito agradecido aos teus pais por tudo que fizeram por ti; peça-lhes de joelhos a bênção antes de partir. Lembro que lha pedi também eu a minha mãe e, me parece, o fiz a olhos enxutos, mas com o coração atordoado. Ah, por Jesus, pelo nosso dileto Jesus, é preciso ser capazes de tudo, e tudo é sempre bem pouca coisa em comparação com aquilo que nos deu.*”

### **7-8 de dezembro de 1926**

*“O dia tão suspirado da fundação da Obra finalmente chegou. Graças a Deus e a Maria! A longa e extenuante espera parecia dizer que nunca, ou muito mais tarde, teria surgido tal dia; mas Jesus é fiel nas suas promessas e tudo que ele inspirou e sugeriu aos nossos corações, hoje admiravelmente e plenamente se cumpre. Que Ele seja bendito pela eternidade: ao seu Coração Sacerdotal, honra e glória!*”

*É tal a comoção provada, tão profundos e delicados os sentimentos, que não sou capaz de exprimi-los; e como no dia da minha ordenação sacerdotal me sinto atordoado, quase sem saber o que acontece ao meu redor. Mesmo assim, todavia, é preciso que alguma coisa seja escrita como lembrança de tal memorável dia, para recordá-lo no futuro e para que haja motivo de reconhecimento ao Senhor que tanto quis enriquecer de bênção e graças o seu pequeno rebanho.*

*Despontou finalmente o dia desejado. Temperatura rígida. Dominava a neblina. Na noite anterior o Pe. Petazzi telegrafara que tinha perdido o barco a vapor. Convidado, com outro telegrama, a não faltar, se sujeitou ao novo sacrifício, mas o demônio lhe atirou muitos outros despeitos. Chegou pouco antes da cerimônia. Também com o bispo o demônio tramou as suas vinganças. O automóvel, que devia conduzi-lo a Cavarzere, enguiçou, não se sabe como, na noite anterior. Tendo procurado por várias horas um outro carro, não foi possível encontrá-lo. O bispo não se deu por vencido. Partiu com o trem, bem cedinho, chegando à cidade duas horas antes da cerimônia.*

*Outros sacerdotes, que tinham prometido tomar parte nela, foram impedidos disso pelo péssimo tempo. Apesar de tudo isso, estavam presentes catorze deles.*

*A cerimônia da inauguração teve início às 9 horas. O bispo abençoou antes de tudo a capela e o sino da comunidade que tinha sido adquirido em Roma. Seguiu-se a Santa Missa participada pelos sacerdotes com suma devoção.*

*Visível era a comoção do bispo e de padre Petazzi.*

*Mas como conter as lágrimas? Eu mesmo me sentia profundamente comovido. Fazia todo esforço para conter o choro, mas no momento da consagração estourei em soluços. Tínhamos Jesus conosco; Ele começava a habitar na primeira casa da Obra! Lembrei então de todas as graças, ao menos aquelas que conhecia, dadas a mim por Jesus... Compreendi que aquele era o momento das promessas; e as fiz, com todo o coração. Disse a Jesus que os filhos do seu Coração Sacerdotal o tratariam sempre bem e com toda delicadeza: o reparariam de tantas ofensas e desgostos, o circundariam de mil atenções. Pedi também a Jesus a graça da fidelidade para mim e para todos os filhos da Obra.*

*Sua excelência, satisfeitíssimo, partiu logo. Também os outros sacerdotes se retiraram. Ficou com a pequena comunidade religiosa (dois padres e dois irmãos coadjutores) o Pe. Petazzi, que retomou viagem à tarde.*

*A Pia Sociedade dos Filhos do Coração Sacerdotal de Jesus tinha surgido. Pequena florzinha invernal, protegida e defendida pelo manto virginal de Maria Imaculada” (Diário).*

## ***A primeira Adoração na Obra***

*“Os quatro religiosos, ficando a sós, iniciaram, como lhes foi possível, a vida de comunidade. Pela tarde se expôs solenemente Jesus pela primeira vez sobre o trono eucarístico. Quanta felicidade!*

*Como não bendizer Jesus por tantas graças, por uma torrente tão copiosa de bênçãos? A pequena Obra finalmente existe; não é tão grandiosa, tão vasta como no-la mostrou Jesus, como o nosso amor a queria, mas não é menos bela. Ela leva a marca do sacrifício e pode-se dizer que tem muita semelhança com a Belém de Jesus”. (Diário)*

*O primeiro dia era consagrado a Maria Imaculada: 08 de dezembro.*

*“A Obra sacerdotal do Coração de Jesus não podia deixar de prestar homenagem à Virgem Puríssima, honrando de tal modo o seu Divino Filho que a quis enriquecida de tanto privilégio.*

*Bem cedo os membros estavam todos na capela. O padre celebrava a Santa Missa, o outro sacerdote acompanhava pelo harmonium, os dois irmãos coadjutores serviam ao Altar. Era a primeira vez que o padre oferecia o Sacrifício Eucarístico na nova casa.*

*“Não sei o que tinha experimentado naquela hora; encontrava-me, sim, na prova interior, mas saboreava igualmente de algum modo a felicidade daquele momento longamente desejado. Sei que ofereci a mim mesmo, os filhos e a pequena Obra com toda boa vontade...*

*Encontrava-me mesmo no lugar e na posição em que estava no dia 07 de março de 1912: a imagem de Jesus no Horto pendia na mesma parede. Naquele momento não podia prever que quinze*

*anos depois me teria encontrado no mesmo quarto, mas transformado em capela; não previa que no lugar da cama haveria um altar, e que falaria aos primeiros filhos de uma Obra toda dirigida à santificação do Clero". (Diário)*

Estavam todos comovidos! O Padre recomendou que se conservassem fiéis e generosos. Fez compreender como a missão da Obra era toda alicerçada sobre a pureza e sobre o sacrifício.

### ***A prova***

Os primeiros meses da nova comunidade transcorreram entre dias de felicidade e de amargura. Felicidade porque tinham com eles Jesus, porque eram consagrados a Ele, porque escolhidos por Ele para trabalhar pela santificação do clero. Felicidade no exercício da pobreza por aquilo que ainda faltava à casa (e era muito). Mas também amargura. O demônio tentava com furor implacável os membros da Obra: tentações físicas, morais...

*"Bom Jesus, o meu pequeno coração sofre, mas tão de boa vontade. Estaria aflito grandemente se aqui não houvesse provas. São estas que confirmam que trabalhamos sobre terreno firme. Então: Graças a Deus!" (Diário).*

No dia 03 de maio de 1927, décimo aniversário da sua oferta pela Obra, ele fez diversas considerações. No final escreveu:

*"Jesus, uma vez mais me entrego a ti, com oferta inteira, absoluta, perpétua; neste ato de oblação está toda a minha pobre vontade, vontade sustentada pela tua graça.*

*Muitas vezes e por muitas pessoas foi-me dito que dedicar-se a tal obra significava dar-se ao sacrifício. Meu Deus quis, meu Deus quer... Mediante teu auxílio divino, parece-me estar disposto a tudo aquilo que quiseres pela santificação de teus sacerdotes. Nada te peço de particular, não te peço cruzes, nem aflições, nem provas. Estou nas tuas mãos, como um pequeno cordeiro; faça de mim aquilo que melhor crês e dá-me graça de não soltar um lamento, mas de bendizer tanto mais as tuas disposições amorosas, quanto maior será o sacrifício no qual me queiras colocar. (Diário)*

A grande prova foi preparada por pequenas cruzes.

Antes de tudo a pequena Obra teve que sofrer a penosa humilhação do isolamento. Um complexo de circunstâncias mantinha distante dos quatro religiosos justo aqueles sacerdotes pelos quais tudo tinha sacrificado. Fazia mal não ver nenhum sacerdote freqüentar a capela. Nenhum encorajamento de ninguém! Ao contrário, ia crescendo um grande grupo de pessoas que criticavam a nascente instituição, considerada pelo menos inoportuna. Manifestavam-se os pareceres mais absurdos a respeito do padre. O qual ouvia, calava, sofria.

Uma outra luta – duríssima! – era a das mães dos quatro religiosos: primeira entre todas, a senhora Carlotta. Todos os dias ela se dirigia ao “convento”. Suplicava, reprendia, chorava, convidava a “abandonar tudo”!

Um dia, tendo falado com Dom Mezzadri, ela ouviu dizer que o padre podia tê-la junto a si no convento e fazer aquilo que tinha feito mãe Margarida com Dom Bosco... Era só o que faltava! Várias vezes ela lembrava as palavras do bispo e reprendia o filho por colocar-se contra a autoridade!

Pe. Mário não tardou a explicar ao bispo a impossibilidade da coisa. O prelado entendeu. Mas quem poderia fazer com que mãe Carlotta compreendesse a situação? Com o afeto materno não se raciocina.

As mesmas cenas aconteciam (e com freqüência) com as mães dos outros três religiosos. No parlatório da pequena comunidade aconteceram coisas quase inacreditáveis. Em fevereiro de 1927 faltou pouco para que uma mãe, num acesso de ira, jogasse o filho pela janela. A pronta intervenção do padre e de um outro coirmão impediu o... lançamento do filho, desatracando uma do outro, que trancaram, por segurança, na sacristia contígua ao parlatório.

## ***Colunas que desabam***

O Senhor tinha posto ao lado do padre um coirmão sacerdote, que depois entrara, como se disse, na pequena Obra. Tinha desejado muito que isso acontecesse. Por seis anos tinha ficado ao seu lado, viviam como irmãos: comuns as ânsias, comum a alegria, depois a longa espera, quando então a querida Obra teve início.

Verdadeiramente a posição deste coirmão era penosa. Devia contemporaneamente servir a paróquia, atender ao trabalho pastoral e cumprir, por quanto lhe fosse possível, as obrigações da vida religiosa. Devia sair muitas vezes e ficar várias horas longe da comunidade. Nem sempre lhe vinham dirigidas palavras favoráveis à vida abraçada por parte de algum sacerdote e até por algum religioso de autoridade.

De modo particular ele era combatido pela família que nunca tinha aprovado o seu passo e tentava todos os meios para fazê-lo desistir da vida abraçada.

O padre conhecia estas dificuldades e procurava de todos os modos ajudá-lo. Pediu ao bispo para exonerá-lo do trabalho pastoral. Não foi atendido pela razão de que na paróquia faltava o pároco.

Infelizmente, no dia 16 de maio de 1927 – não obstante todas as dissuasões do padre – aquele sacerdote se retirava do instituto.

O coração do padre sofreu um golpe. Foi o início de um terrível tufão, interno e externo.

*“Não se pode dizer com palavras as coisas que foram ditas, em seguida à saída da Obra daquele sacerdote. A ferida aumentava o dilaceramento cada dia mais. Acreditava morrer por causa disso, e também o meu físico sofreu com isso. Via o abandono ao redor da Obra! Pessoas antes cheias de benevolência não tinham senão palavras de frieza; quem ajudava no passado agora se retirava. Todos os apoios se desfaziam. Nem sequer o favor dos superiores eclesiásticos permanecia.*

*Permaneciam conosco Jesus e o bom Pe. Petazzi, que nos animava a sustentar com generosidade a prova que batizava com um batismo de sangue a pequena Obra, a qual, porém, continuaria com mais vigor.” (Diário)*

Citamos as palavras do padre Petazzi:

*“Recebo a sua carta tão dolorosa e participo intimamente da sua pena... Eu queria ser para você o Anjo do Getsêmani neste momento; mas vi que o senhor já encontrou um Anjo melhor em Jesus mesmo, cuja desolada solidão é o melhor conforto para a sua. A Obra tinha necessidade de um pouco de batismo no sangue do seu coração; o senhor diz que nasceu agora nesta penosa circunstância. Eu diria que recebeu o seu batismo: agora tudo continuará mais rapidamente.*

*Se se reflete sobre a natureza da Obra, é preciso persuadir-se que assim mesmo devia ser; o inferno não podia estar tranqüilo: desencadeou-se com toda a violência; mas a vitória será mesmo de Jesus. Pelo resto, na fundação das Ordens religiosas, o tudo isso não é coisa nova. Também Santo Inácio viu-se abandonado por todos os seus primeiros companheiros; assim como outros fundadores... Às maiores graças seguem-se sempre as maiores provas; isso lhe deve ser de grande conforto... Com fraterno afeto e com inquebrantável confiança no Sagrado Coração de Jesus o abençoô.”*

Muitas vezes, naqueles dias de combate, o padre corria ao altar e punha a mão direita sobre a pedra sagrada, jurava ao Senhor que lhe seria fiel até à morte. Só uma ordem dos superiores eclesiásticos o faria desistir do propósito.

A sua saúde foi abalada fortemente por isso. Febre, doença no coração e angústia o atingiram de tal modo que para celebrar depois da segunda metade de maio lhe foi necessária algumas vezes a assistência de um sacerdote e do médico, que temia um colapso.

*“Bom Deus! Continua o sofrimento interior, o qual muitas vezes é tão forte, que me parece sufocar. Peço muitas vezes a Jesus que me dê um pouco de paz, mas é um fluxo e refluxo de ondas amargas que se atiram contra este pobre coração.” (Diário)*

## ***Cruzes sobre cruzes***

O padre não tinha terminado de percorrer o seu Calvário. Era, aliás, o início.

Nos primeiros dias de maio o bispo tinha se dirigido a Cavarzere para conversar com o padre. Visivelmente desgostado, o informou que tinha acontecido um erro ao estender o Decreto de Fundação da Pia Sociedade, porque esta era considerada *Congregação Religiosa Diocesana*, não *Pia Sociedade*. A Sagrada Congregação dos Religiosos havia notado o erro e tinha escrito para que se retirasse o Decreto e fosse feito em seu lugar um outro como Pia Sociedade. Aquilo que mais causou dor ao padre foi a dúvida dos superiores de que ele, percebendo o erro, se tivesse calado propositalmente. Só alguns meses mais tarde, pelas insistências de Pe. Petazzi, se persuadiram do contrário. “Bom Deus! – exclamava o padre – começar a obra com um engano!” (*Diário*)

Verdadeiramente angustiosas as condições da Pia Sociedade: sem Decreto de ereção e sem um dos dois sacerdotes que a tinham iniciado!... Podia facilmente prever-se a sua morte logo no início! Quanto foi penosa aquela agonia!

Uma nova prova se ajuntaria à primeira

Um dos irmãos coadjutores sempre foi vacilante na vocação. Tinha se dedicado à Obra com grande empenho e com toda a vontade. Mas o demônio se serviu dos parentes para tentá-lo. Estes vinham freqüentemente em casa e, quando conseguiam, não deixavam de estimulá-lo a sair. As suas tentativas se intensificaram quando saiu o primeiro membro.

Na festa dos Santos Pedro e Paulo o padre se dirigiu na Matriz para ajudar os sacerdotes. Tendo voltado em casa, não encontrou mais o irmão. Encontrou um bilhete na porta do seu quarto que o avisava do seu retorno à família.

Foi uma nova dor. O padre e o irmão que tinha ficado estouraram em pranto, dirigiram-se à capela e se prostraram sobre o chão para pedir misericórdia pela Obra.

Claro que o novo golpe não era certamente como o primeiro; mas as colunas, que sustentavam o pequeno edifício, desabavam. Os membros da primeira hora tinham se retirado. Ficavam o padre e o irmão conhecido desde o distante 1919, o qual, como um mês antes, foi de tanto conforto ao seu coração.

O Pe. Petazzi foi logo informado da situação trágica que estava tomando conta da vida da Instituição. O ótimo jesuíta, como homem de grande fé, escreveu ao padre:

*“Não faça mais cara feia ao Senhor! A Obra tem necessidade de um santo, e é por este motivo que agradeço ao Coração de Jesus que o colocou na necessidade de se tornar santo; é preciso ser santos de verdade, senão vamos à falência: por sorte o santo existe... e é Jesus no senhor. O Espírito Santo fará certamente que o senhor seja Jesus”.*

Depois de alguns meses, os dois religiosos que tinham saído pediram, com insistência e com muitas lágrimas, para serem readmitidos no Instituto. Não se acreditou oportuno aceitá-los de novo. O Padre continuou a exercer o ministério pastoral na diocese de Chioggia; o irmão, por sua vez, foi recebido na Ordem dos Camilianos.

Todos os dois foram logo paternalmente perdoados pelo Padre; mantiveram com ele sempre relações de amizade e seguiram com afeto o desenvolvimento da congregação.

Grave foi, também, o golpe financeiro que sofreu a Pia Sociedade em tais condições. As pessoas benéficas se retiraram ou se tornaram desconfiadas. Sobre a casa pesava uma dívida ainda muito elevada que era paga mediante empréstimo com juros expressivos.

### **“Os funerais da Obra”**

Depois da saída dos dois membros da Obra as fofocas se multiplicavam entre os sacerdotes, e até no seminário. Os comentários eram os mais absurdos, tudo parecia resultar em naufrágio. A autoridade diocesana decidiu intervir, convencida de que Pe. Mário se tivesse persuadido a tentar o impossível. Esperava-se uma ocasião para falar-lhe claro, e esta foi apresentada por ele mesmo.

O padre desejava naquele doloroso junho de 1927 celebrar com solenidade a festa do Sagrado Coração de Jesus. Tinha convidado Mons. Carlo Gamba, vigário geral, porque a queria solene, sendo a

primeira que se celebrava no Instituto. O vigário se desculpou por não poder participar naquele dia, por isso a festa foi adiada para o dia 08 de julho. O padre vagamente intuía que devia amadurecer naquela circunstância um grande acontecimento. Por isso tinha mobilizado todo o grupo dos amigos da Pia Sociedade a rezar a fim de que o Coração de Jesus triunfasse.

Ele, apesar da calma de espírito, levava no coração certa tristeza. Dominava-o o pensamento que os acontecimentos dos últimos dois meses tivessem totalmente mudado o ânimo dos superiores e que a visita do vigário geral tivesse especialmente o objetivo de preparar o espírito dos dois membros restantes a voltarem para suas casas. O padre tinha a confirmação disso por uma carta do bispo, o qual, pedido por ele de conceder ao irmão coadjutor a faculdade de poder o hábito religioso, tinha respondido que Mons. Gamba lhe manifestaria seu pensamento quando fosse a Cavarzere.

De fato o padre pôde convencer-se de que a coisa estava mesmo como ele pensava. Depois da Santa Missa o vigário lhe perguntou quais eram as suas disposições acerca da Obra. O padre humildemente, mas firmemente, respondeu:

*“Sinto que o Senhor me dá a graça de ficar fiel em meu lugar. Porque surgiu a Obra? Para ajudar os sacerdotes, para rezar por eles, para obter graças de santificação a estes prediletos de Jesus. Até agora, com os pouquíssimos meios que estavam à nossa disposição, procuramos manter-nos fiéis na finalidade que tínhamos prefixado... Ficamos em dois, continuaremos como nos for possível, mas continuaremos. Quer-se suprimir a Obra. Por quê? A quem faz mal esta mínima instituição e que mal fez no passado? Ficou pela metade em número de pessoas. O Senhor quer prová-la, mas isto não é um sinal de que Ele a queira destruída...” (Diário)*

O colóquio durou longamente. No final o senhor vigário disse: “Pensava que as coisas estivessem diferentes”. E não se voltou mais sobre o assunto.

### ***“Defendeu-a a rosto descoberto”***

Tendo voltado a Chioggia, Mons. Gamba referiu ao bispo o êxito da visita. Qual decisão foi tomada? Nunca foi possível sabê-lo. Não foi dado o Decreto de ereção, tão desejado pelo Padre; todavia a Obra continuou, muito pequena e escondida.

O Padre se sentiu em dever de informar Pe. Petazzi do que tinha acontecido. Este, para colocar um pouco de luz na situação, escreveu uma carta ao Bispo, sabendo que este não se sentia em condição para tomar uma decisão tão delicada, porque pessoalmente era cético acerca do êxito da Obra. Era claro, também, que escutava e dava crédito a um religioso muito cotado na diocese, contrário à nova instituição. Isto explica a atitude de Pe. Petazzi para induzi-lo a uma posição clara e definitiva.

A conclusão do encontro foi que ambos acharam que o instituto não devia ser suprimido, mas que precisava procurar outro terreno em outra diocese.

## IX - EM TRENTO

### *Em Trento a nova sede*

O padre, narrando as vicissitudes da Obra nos tempestuosos meses de maio, junho e julho de 1927, lembrava uma frase de Bossuet: “Quando Deus quer que uma obra seja toda de sua mão, reduz tudo à impotência e depois age”.

Padre Petazzi, depois do encontro com Dom Mezzadri, no dia 19 de julho de 1927, comunicava ao padre duas consoladoras declarações do bispo.

*Ele diz que ama e amará sempre a Obra, apesar de não querer incentivá-la, como já não a incentivou desde o princípio. Em geral, os sacerdotes de Chioggia são favoráveis ao instituto e, também por certo orgulho chioggiano, desejam que tenha êxito. Que ele tinha seguido com temor os últimos acontecimentos da Obra e não queria absolutamente que se pensasse que os superiores estavam contentes com a direção que os mesmos tomavam.*

Estas declarações foram de muito conforto para o padre, que tanto desejava a união cordial e filial com o seu bispo. Como pensar uma Obra sacerdotal em discórdia com os superiores eclesiásticos?

As circunstâncias constringiam pois a Pia Sociedade a sair da diocese. O Santo Padre tinha declarado que a Obra deveria começar na diocese. Tinham obedecido. Não se pode dizer o quanto confortava esta obediência no momento da prova.

Onde o padre buscaria asilo para a sua Instituição?

Nenhuma dúvida, nenhuma pesquisa, nenhum passo para decidir: - Trento! disse logo.

Inclinava-o a esta decisão ter conhecido lá dois anos antes, por ocasião de um curso de Retiro feito no noviciado das irmãs de Maria Menina, um cônego, Mons. Graziano Flabbi, homem de piedade e de coração generoso. A escolha da cidade de Trento era ditada por um outro motivo. Pe. Venturini tinha o desejo de, e o veremos no final do capítulo, abrir um pequeno seminário. Mas como instruir os pequenos aspirantes dada a falta de pessoal e de meios? Naquela cidade seria possível apoiar os pequenos no seminário diocesano.

A decisão de transferir o Instituto a Trento foi comunicada pelo padre ao seu bispo. Este não só não encontrou nada a rebater, mas disse também que prepararia uma carta de recomendação para o bispo de Trento.

Em outubro de 1927 a Virgem Santíssima do Rosário obtinha para a pequena Obra uma bela graça. O padre tinha mais vezes lembrado ao bispo de Chioggia que estavam ainda sem o Decreto de fundação. Este era urgente. Não seria possível transportar-se a Trento sem isso. Finalmente o Decreto veio. Mesmo na primeira Sexta-feira do mês – nota o padre – e na Festa do Santo Rosário de Maria Santíssima Rainha das Vitórias, o Bispo quis fazer um ato de bondade. Colocou no Decreto a data de 07 de dezembro de 1926, mesmo tendo sido entregue no dia 07 de outubro de 1927. O padre sentiu-se muitíssimo reconhecido à Virgem Santíssima e ao bispo.

### *Dom Celestino Endrici*

A decisão da ida para Trento foi tomada. Tratava-se agora de apresentar-se àquele príncipe bispo e pedir-lhe, em graça, para aceitar na sua diocese o novo instituto e conceder uma igreja para funcionar.

Dom Mezzadri entregou ao padre o bilhete de apresentação: não muitas palavras, mas oportunas. Ele disse: “Se o bispo deseja informações, peça-me e as darei”.

No dia 06 de novembro de 1927 o padre partia para Trento. Levava consigo um pequeno Sumário da Obra, o Decreto de fundação e a carta do bispo de Chioggia. Em Trento se hospedou junto aos padres da Companhia de Jesus. Algumas horas depois da sua chegada, dirigiu-se ao Palácio Episcopal com o superior dos jesuítas, Pe. Stefani.



Acolhido benevolmente, Pe. Venturini começou a explicar os objetivos da Obra e os motivos pelos quais deixava a diocese de Chioggia. Pedia depois que à Pia Sociedade se abrissem as portas da diocese de Trento. Enquanto falava, Dom Endrici exclamava repetidamente: “Que bela Obra!”. Encorajado pela bondade do Príncipe bispo, o padre pediu que, se decidisse de receber na diocese a pobre Obra, se designasse confiar-lhe a igreja de Santa Maria do Sufrágio que justo naqueles dias tinha sido fechada, tendo-se retirado os religiosos que até então tinham cuidado dela.

Quando o Padre terminou de expor-lhe os seus desejos, o bispo lhe disse bondosamente que tinha por norma de não acolher mais institutos no Trentino, “porque todos vinham para tirar...”. O padre lhe respondeu confiantemente: “Verá, Alteza, que nós viremos para dar”!

Deixados os documentos a Dom Endrici, o padre se retirou do colóquio levando dele a melhor impressão. Durante toda aquela visita se manteve calmo, seguro da proteção de Deus e da Virgem Imaculada.

Retornado a Cavarzere, esperou que o bispo de Trento comunicasse a decisão que teria tomado depois de maduro exame. Não havia nada a fazer, senão esperar em paz, confiando-se à Vontade de Deus.

No dia 21 de novembro, festa da Apresentação de Maria Santíssima no Templo, o padre, com a permissão de Dom Mezzadri, colocava o hábito religioso ao irmão leigo que lhe tinha ficado fiel, que lhe tinha sido de tanto conforto nos dias da prova. A cerimônia foi simples, mas entoada com grande fervor. Era o primeiro filho da Pia Sociedade que o padre tinha a alegria de revestir do hábito religioso.

No dia 02 de dezembro de 1927 chegava a resposta do bispo de Trento. Era plenamente favorável ao instituto e a ele confiava a Reitoria da Igreja de Santa Maria do Sufrágio.

A tenra plantinha do Instituto, tão provada pelo furacão, necessitava de novo terreno e novo ar; e o “*Senhor – comentava o padre – preparava o terreno de Trento e a bela acolhida dos superiores eclesiásticos*”.

Não faltaram, também agora, os sacrifícios e as provações. Precisava acabar de pagar a casa que se deveria abandonar dentro de alguns meses e pensar na aquisição de uma outra, quem sabe quanto mais custosa. Mamãe Carlotta estava em contínuas angústias e lamentos pela separação do filho e tomada de dor porque a Obra por ele fundada não era apreciada.

O Coração Divino de Jesus consolava o seu servo fiel. Em fevereiro de 1928 se apresentou um jovem pedindo para ser admitido na Pia Sociedade como irmão coadjutor, e foi aceito. Em março do mesmo ano um sacerdote, que tinha conhecido o instituto através do Periódico “Sacerdos”, pediu para fazer parte da comunidade religiosa tão logo fosse dispensado dos seus compromissos pastorais. Houve promessas de uma parte e de outra, e passaram-se meses de trépida espera.

### ***Procura de uma casa***

Dom Endrici manifestou o desejo que a igreja de Santa Maria do Sufrágio funcionasse a partir do dia 01 de maio de 1928. O padre se apressou a procurar um alojamento, pelo menos provisório, para abrigar a comunidade religiosa e um grupinho de meninos. A cidade não era carente de alojamentos; mas não era fácil encontrar nela os adequados para uma comunidade: em posição tranqüila, sem excessivos condicionamentos, de fácil acesso às igrejas e, no nosso caso, ao seminário.

O padre comprometeu São José a ajudar. Rezou e fez outros rezarem.

No dia 17 de março de 1928, ele se encontrava em Trento com o objetivo específico de procurar uma casa. Contou com a ajuda de dois bons senhores, o senhor. Pietro Clari e o senhor Giocacchino Prada.

*“Rodou-se muito em dois dias e foram visitadas muitas casas. Porém creio que aqueles senhores nos achassem bastante abastados, porque me conduziam a ver estabelecimentos que se podiam adquirir por 150 a 200 mil liras e também mais. E nós não tínhamos senão poucas liras em caixa. Em meu coração ria e não deixava de avisar os meus dois guias que à Obra bastava, pelo*

*momento, uma casa muito modesta; em seguida, se Deus quisesse, seria feita uma escolha melhor e com mais ponderação. Ao final não se concluiu nada.*

*Eu queria voltar a Cavarzere à noite, porque no dia seguinte era a festa de São José: o trem partia depois das 13, e eram já 12 horas. Quando estava para me retirar, encontrei Mons. Pio Baldi, o qual tendo sabido da minha chegada e das minhas procuras, me indicou logo o apartamento vazio desalugado de um palácio, então na Via Santa Maria Madalena, 21. Vê-lo, julgá-lo conveniente, estabelecer o contrato de aluguel, foi coisa de pouco tempo. Iríamos para ali no mês de abril. São José na vigília da sua festa tinha encontrado a primeira habitação para a Obra em Trento. Que ele seja bendito e agradecido por isso! À noite estava de novo em Cavarzere e contei com alegria aos filhos que São José tinha encontrado a habitação e que não restava senão ocupá-la”. (Diário)*

Podemos perguntar-nos como o padre pagaria a nova casa se tinha grandes dívidas ainda por aquela de Cavarzere. Devia, além disso, pensar na mãe, que era sozinha e sem nenhum meio financeiro. A Divina Providência também nesta circunstância pagaria tudo.

## **A Obra em Trento**

Depois da Oitava de Páscoa, começou o trabalho para a mudança.

*“Mas que pena; porém, jamais o teria pensado. Deixar a Casa, na qual 16 anos antes o Senhor se tinha dignado dar a primeira inspiração da Obra! Deixar aquele lugar no qual a Obra tinha começado, aquela capela testemunha da nossa alegria e das nossas dores. Fiat! É necessário partir porque o Senhor quer a pequena Obra em outro lugar.” (Diário).*

Boas pessoas colaboraram no trabalho. Um furioso temporal se desencadeou enquanto eram carregados os móveis sobre o vagão ferroviário. O vento descobriu o alpendre, sob o qual se trabalhava. O cavalo, que puxava a carroça carregada de móveis, espantado se empinou e partiu em disparada. Parecia que o inferno tivesse se movido contra eles. À noite a carga já estava completa e o vagão partia rumo a Trento. Os religiosos (o Padre, um irmão coadjutor e um postulante) voltaram para a casa vazia acomodando-se de algum modo e servindo-se, pelos últimos dias de permanência, de móveis emprestados por bons amigos.

18 de abril de 1928. Partida de Cavarzere.

*“Deixamos o lugar, que tinha visto a formação e os inícios da Obra, e vamos para uma nova terra”. O que nos espera em Trento? Não o sabemos, mas sendo que assim dispôs o Senhor por meio da obediência, vamos lá tranqüilos e serenos.*

*Partimos em três: dois irmãos leigos e eu. Fomos para Veneza e nos hospedamos junto aos padres franciscanos da Vinha. Na manhã seguinte celebrei a Santa Missa na igreja das Filhas do Coração de Jesus em Lido; na mesma manhã se partiu para Trento. Chegamos à tarde e nos hospedamos junto aos reverendíssimos padres estigmatinos.” (Diário)*

Estavam finalmente na cidade escolhida pela Divina Providência.

A diocese de Trento goza de fama de terreno fértil para as vocações sacerdotais e religiosas.

A Obra tinha mesmo necessidade de uma terra e de um clima conveniente a sua jovem vida, já tão dolorosamente provada.

À espera das mudanças, passaram os dias colocando em ordem a igreja do Sufrágio de tal modo que pudesse começar com o primeiro dia de maio.

Finalmente, depois de tanta espera, chegaram os móveis. Dia infernal também aquele! Vento, neve, chuva. A todo custo se fez o transporte na nova casa situada bem perto do Castelo do Bom Conselho.

Bastante reduzidos eram os equipamentos. Faltava até o necessário. Tiveram que adquirir camas e objetos de primeira necessidade.

Foi tomado um cuidado muito especial em colocar em ordem a capela, que resultou cômoda e devota, talvez melhor do que a de Cavarzere...

*“... porém não tão bela e querida como aquela à qual eram ligadas tantas lembranças. A casa não oferecia aquelas comodidades que tinha a outra; no andar superior moravam outras pessoas; mas*

*era um lugar provisório, até o dia em que o Senhor desse a casa que realmente destinava para a sua pequena Obra.” (Diário)*

“Casa velha”, assim a chamam ainda os religiosos da congregação, não era destinada a ser asilo de pessoas idosas, com uma vida calma. Dentro de poucos dias ali chegaria um ar de vida nova, fresca e jovial. Deviam chegar os primeiros alunos do Pequeno Seminário São José.

### ***O problema das vocações***

Sabemos como Pe. Mário Venturini, capelão em Cavarzere, cuidava dos seminaristas em férias, os zelava e os ajudava também dando lições escolares. Mas ele, no seu ministério pastoral, pôde fazer uma dolorosa constatação: tantas belas vocações não encontram modo de chegar ao amadurecimento porque não há quem as ajude a entrar nos seminários fornecendo-lhes os meios financeiros necessários. Por meses e anos um pensamento o martelava: “dar a Deus e aos homens algum sacerdote a mais”. Sendo pobre, pelo momento não podia dar tanto quanto queria o seu coração. Pensou ao menos apresentar a dolorosa constatação às pessoas boas e aos sacerdotes. Escreveu por isso um folheto, que difundiu largamente, no qual punha o problema com clareza.

Quando o padre pensou na Obra, quis que tivesse, entre as outras finalidades, aquela de ajudar as vocações pobres. Previu nas suas Constituições a fundação de um Pequeno Seminário com duplo objetivo: dar às dioceses algum sacerdote a mais e ao mesmo tempo ter como um pequeno viveiro de vocações para o Instituto uma espécie de Escola Apostólica. Em seguida se ocuparia também das vocações adultas.

O padre, com mente vasta e ordenada, tinha já tudo previsto. Acreditava, porém, que esta atividade se iniciasse num segundo tempo, depois que a pequena Obra fosse bem consolidada e desenvolvida. O Senhor tinha outros desígnios. O padre compreendeu e obedeceu.

*“Quando menos no-lo esperávamos e contra toda nossa previsão, começou neste ano (1928) o Pequeno Seminário da Obra.” (Diário).*

### ***Afastaram-se os adultos...***

Como teve origem o pequeno Seminário?

O padre mesmo tantas vezes narrou suas humildes origens.

Em fevereiro de 1927 um dos membros da Pia Sociedade conduziu em casa um menino de dez anos confiado a ele pelos pais que desejavam fosse instruído no serviço divino. O menino, filho de pobres trabalhadores da terra, freqüentava o quarto ano primário. Era tímido, cheio de medo. Aparecia, de vez em quando, especialmente nos dias de férias. Desaparecia, depois, e aparecia de novo.

O pequeno deve ter feito uma boa propaganda das acolhidas que recebia no “convento”. De fato, outros dois colegas de escola e de brincadeira, que habitavam na mesma redondeza, se uniram a ele e freqüentaram a casa. Cuidava deles o sacerdote, que depois deixou a Obra. O Padre estava contente, deixava o outro fazer, confessava os pequenos, tinha uma boa palavra para eles. O que queria o Senhor daqueles meninos? Padre Venturini colocou a si mesmo a pergunta, mas não soube logo qual resposta dar.

Um dia triste e doloroso para a pequena sociedade (19 de maio de 1927). Enquanto parecia que o demônio a quisesse destruir em seu nascimento, outros dois meninos pela idade de nove anos batiam à porta da casa. Com quanta ânsia esperasse naqueles dias um toque de campainha, não é fácil imaginar. Os dois meninos tinham percorrido alguns quilômetros para chegar à cidade. Depois de muito perguntar, chegaram ao “conventinho”. O padre perguntou-lhes o que desejavam. Eles timidamente pediram para ser recebidos no... convento. Ele sorriu, fez diversas perguntas, recomendou com insistência que voltassem outras vezes ali. No *Diário* Pe. Venturini escreveu: “No início não liguei para a coincidência do dia de chegada e respondi que voltassem no primeiro dia de férias que os

acolheria com prazer. Mas Deus, como é infinita a tua bondade. Distanciavam-se os adultos e vinham substituídos pelos pequenos.”

O padre teve pois ao redor de si cinco meninos. Durante o ano escolar se dirigiram ao convento nos dias de férias. No verão ficaram com ele o dia todo. Ele entregou-lhes a pequena casa chamada Santa Maria, que se encontrava no quintal da habitação.

O padre começou a instruí-los um pouquinho nas cerimônias e canto sacro. Em seguida deu-lhes uma veste branca, e ensinou a servir ao altar com exatidão e devoção. Pensou depois em ensinar-lhes um pouco de lições de escola, ajudado pelo irmão coadjutor. No começo do ano escolar (outubro de 1927) decidiu mantê-los consigo e educá-los do melhor modo possível. Encontrou a colaboração de duas ótimas professoras primárias, que com sacrifício e bondade, se prestaram a dar aulas particulares aos pequenos estudantes.

Estes se mostravam diligentes e bons, dispostos a sacrifícios não pequenos. Estudavam com empenho. Não tardaram muito a mostrar claros sinais de vocação. O padre, na sua pobreza, não podia pensar numa instrução completa por falta de pessoal adequado. Eles não tinham os meios para serem colocados num seminário. Este fato fez nascer nele a idéia, antes vaga e depois sempre mais clara, da criação, dentro da Pia Sociedade, de um Pequeno Seminário para meninos pobres, que fossem educados e instruídos diretamente ao sacerdócio e indiretamente também, para quem tivesse recebido a vocação especial, à vida religiosa da Obra.

A atuação deste desígnio era muito problemática e talvez seria transferida para mais tarde ainda. Se mesmo no dia dos “funerais da Obra” (08 de julho de 1927) o Senhor não tivesse dado luz ao padre e aos superiores eclesiásticos.

Mons. Gamba o percebeu que o padre, como todos os fundadores, pecava um pouco por idealismo. Repetidamente o exortou a fundar um pequeno viveiro de vocações. Não lhe tinha o Senhor mandado já cinco meninos com sinais de vocação? O padre ficou agradecido a Mons. Vigário pelo precioso conselho e logo recordou que também o cardeal La Fontaine lhe tinha proposto cuidar dos orfãosinhos. Entre eles o Senhor depois suscitaria vocações sacerdotais. Podia começar com um grupo de meninos cultivados como coroinhas.

Padre Petazzi, que seguia com trepidação toda a seqüência dos acontecimentos a respeito da Obra, aprovou com entusiasmo a idéia da fundação de um Pequeno Seminário dentro dela e concordou com Padre Venturini que esta iniciativa fosse um válido motivo para obter a permissão de deixar a diocese de Chioggia e transferir-se numa cidade que tivesse o seminário. Demonstrava-se pois oportuna a escolha de Trento.

### ***Início do Pequeno Seminário***

Colocada em ordem no melhor modo na antiga Via Santa Maria Madalena a pequena comunidade religiosa, o padre pensou logo nos seus meninos, que esperavam impacientes, para transferir-se a Trento.

No dia 29 de abril estava em Cavarzere para ajustar pequenas coisas, permanecidas suspensas por causa da partida, e para conduzir consigo a Trento os primeiros meninos do Pequeno Seminário.

Colheu a propícia ocasião para dirigir-se a Sua Excelência Dom Mezzadri a fim de agradecê-lo por tudo que tinha feito pela Obra e para pedir-lhe a Santa Bênção. O bispo o acolheu, como sempre, com muita benevolência e o manteve um pouco junto a si perguntando-lhe detalhes da viagem a Trento e da Casa que tinha lá.

Antes de deixar o Prelado, pediu a Santa Bênção para a Obra e para si. Dom Mezzadri lhe deu com efusão de coração; depois disse: “Eis que fiz a o papel do diabo com a Obra, mas estou contente de tê-lo feito. Agora também eu começo a ver isso com um pouco mais de clareza”.

“Deo gratias! – escreve o padre – consolaram-me estas suas palavras e parti contente”.

No dia 30 de abril o padre celebrou previamente a Santa Missa junto às irmãs canossianas na presença dos seus meninos, das suas famílias e de outras pessoas amigas da Pia Sociedade. Partiu depois rumo a Trento. Os pequenos o seguiam com prazer. Também as suas famílias os deixaram partir sem nenhuma dificuldade. De propósito o padre quis passar em Veneza para fazer uma visitinha a Pe. Petazzi. Encontrou-o na sacristia da igreja da Companhia. Foi um encontro tão belo. O padre jesuíta dirigiu boas palavras aos pequenos e deu uma grande bênção. Daquele momento em diante foi considerado pelos alunos do Pequeno Seminário o “avô espiritual”. De tardezinha a comitiva chegava felizmente a Trento. Os meninos se ambientaram logo nos locais preparados por eles. Grande pobreza e grande alegria!

No dia 01 de maio de 1928 iniciava a sua vida o Pequeno Seminário. Foi posto sob a proteção de São José, guardião dos virgens. A proteção mariana era verdadeiramente sugestiva. Àqueles primeiros meninos se juntaram bem logo outros. Provinham de vários lugares. Por benévola concessão do bispo, e por bondade dos superiores e dos professores, no outono de 1928, os jovens aspirantes puderam freqüentar os cursos do seminário de Trento, usufruindo da sua caridade por anos e anos até o presente. Um grupinho de outros aspirantes, só para o ano de 1928-1929, freqüentou os cursos dos padres salesianos também de Trento.

Logo que a congregação esteve em condições de ter os próprios professores, as classes ginásiais foram feitas em casa. Aquilo se dava no ano de 1941.

Desta Instituição, fruto do amor de Pe. Venturini pelos aspirantes ao sacerdócio e fecundada por tantas orações e por tantos sacrifícios, resultaram até 1957, ano da sua morte, 57 sacerdotes, 36 dos quais se destinaram a trabalhar em várias dioceses.

Não tinha dito o padre a Dom Endrici: “Viremos para dar”?

“Abandonar estes queridos meninos, não cuidar deles? Ah, não. Não soube resistir o nosso coração...” Coração de apóstolo do sacerdócio!

A pequena semente é agora uma árvore que continua a dar os seus frutos.

Seguindo as grandes almas, como São José Cotolengo e Pe. Calábria, Pe. Venturini, fundando o Pequeno Seminário, fazia uma preciosa caridade aos jovens pobres e às dioceses. Ao mesmo tempo dava crédito à Divina Providência. De fato, tantos sacerdotes, vendo o desinteresse com o qual a paupérrima congregação educava os seminaristas, não podiam ficar sem louvar o Senhor e dar-lhes esmolos.

## X - BELÉM E NAZARÉ

### “Aqui nos querem bem”

O período 1928-1938 é um dos mais característicos na vida de Pe. Venturini. “Período dos tempos heróicos!”, o definem os anciãos.

O padre está no centro da nascente família religiosa. Organiza, educa, vive a vida dos seus filhos espirituais. Quem viveu com ele nos primeiros tempos lembra cenas e episódios alegres com muita saudade.

Desde já ele pode fazer uma consoladora constatação:

*O Santo Cottolengo dizia que as couves crescem depois que foram transplantadas. Nós também, transplantados a Trento pela mão do Senhor, vimos a Pequena Obra florir de modo admirável. Aqui há suma benevolência por parte do Clero e dos superiores eclesiásticos. (Ano 1928)*

Quem então, exultou de modo todo particular foi Padre Simoni. O ardente cartuxo, num primeiro tempo, não foi abundante de encorajamento para o amigo. Via as coisas com olho demais realista e achava que certas barreiras teriam sido insuperáveis. Dizia ao seu caro Pe. Mário que os tempos não eram maduros para uma Obra tão bela e sublime. Mas acrescentava: “Sempre julgando com critérios humanos!” Quando viu que em Trento a Obra se encaminhava bem, ficou tão contente por isso. Esforçou-se em ajudá-la espiritualmente, e também financeiramente, indicando benfeitores.

Verdadeiramente em Trento se queria bem à Obra. Lemos o seguinte trecho do *Diário*:

*“Tínhamos chegado há alguns dias quando os superiores do seminário maior mandaram me chamar. Tive então a ocasião de conhecer o reitor Dom Giovanni Mich e o seu Assistente Mons. Dompieri. O primeiro me manteve consigo por longo tempo, fazendo-me muitas perguntas sobre o objetivo da nossa Pia Sociedade, despertando interesse por ela. Disse-me depois: “Se soubesse quantas vezes eu desejei com esperança uma Obra como esta!”. Mostrou-me tanta benevolência e compreendi logo que teríamos nele um amigo de confiança e um verdadeiro protetor. Quis depois confiar-me o compromisso de pregar no final do mês (de maio) o Retiro aos clérigos do seminário, compromisso que com agrado aceitei, mesmo conhecendo a minha incapacidade. Mas Jesus Sacerdote, que nos tinha querido em Trento, nos daria também as graças necessárias para cumprir a nossa missão em meio ao clero e aos aspirantes ao sacerdócio.”*

Na diocese de Trento, Pe. Venturini encontrou outros sacerdotes que se tornaram amigos e admiradores. Não podemos deixar de falar de Pe. Eugenio Bernardi, diretor espiritual do seminário menor. Conheceram-se no final de maio de 1928. Tornaram-se amigos íntimos, fundiram juntos os seus ideais: vida toda gasta pela santificação do clero e dos aspirantes ao sacerdócio. Por anos e anos Pe. Bernardi foi o confessor da pequena comunidade e, então, também de Pe. Mário. Breves os encontros, mas suficientes aos dois homens de Deus para estimular-se a uma grande santidade. Alegrias e dores foram comuns aos dois amigos. Exatamente dois meses antes de morrer, o padre escrevia a respeito do seu grande amigo: “Pe. Bernardi está morrendo... Depois de Pe. Calábria, não conheci sacerdote mais santo do que ele”. Elogio singularíssimo, se pensarmos que Pe. Venturini conheceu tantos e tantos digníssimos sacerdotes em quase todas as cidades da Itália.

Tão logo os sacerdotes da diocese de Trento tiveram conhecimento da Pia Sociedade e do seu fundador, começaram logo os convites para pregar os retiros mensais nas regiões pastorais. O que maravilhava aqueles bons sacerdotes era saber que existia uma Instituição que tinha por único objetivo a santificação do clero.

A pequena Obra foi acolhida de boa vontade também por pessoas da cidade. Poucas, mas muito afeiçoadas. Temos já visto distintos senhores do coração de ouro ajudar o padre na procura da primeira casa em Trento. Eles continuaram a dar o seu precioso interesse também depois, e a eles se juntaram outros.

Foi providencial o funcionamento, por parte da Pia Sociedade, da igreja do Sufrágio. Os fiéis eram atraídos pela dignidade das Santas Funções, que se cumpriam com o Santíssimo exposto, e pela veneração do Padre, do qual no início não sabiam o nome. Chamavam-no: “aquele sacerdote vêneto, que realiza funções no Sufrágio”. Boas senhoras se prestaram não só a cuidar dos tecidos da igreja, mas também da roupa dos religiosos e dos aspirantes. Proviavam verdura e fruta, encaminhavam benfeitores ao padre. Não raras vezes se encontraram na caixinha das esmolas do Sufrágio algumas moedas de prata com um bilhete escrito, onde se avisava que a oferta era dada mesmo para as necessidades da comunidade.

### “Casa Velha”

*Casa velha*, na Via Santa Maria Madalena, era realmente uma “Belém”. Acolhia uma família ideal: o padre rodeado por cinco religiosos (eram, então, numerosos) e por dez rapazes aumentados também eles. Este período poderia ser chamado, sem forçar a frase, período de fervores e também dos “tempos heróicos”. É a poesia dos inícios, apta a entusiasmar e acender os ânimos para sustentá-los nos grandes e extraordinários sacrifícios dos princípios das obras religiosas.

A pobreza era grande. Mas era também sem limites o espírito de adaptação alimentado pelo amor de Deus. A confiança na Divina Providência era verdadeiramente extraordinária, seja no Padre como nos religiosos e nos aspirantes. Quantas novenas ao querido São José para que providenciasse segundo as necessidades novas e velhas! Que disputa de pequenos sacrifícios para induzir o Senhor a mandar a sua Providência! Eram ânsias, trepidações que todos sentiam e provavam como quando Domina o verdadeiro espírito de família.

Eram pobres, mas tinham uma bela capela e lá rezavam; pobres, mas havia empenho no estudo e no trabalho; pobres, mas havia exercício de virtude e fuga do pecado para não ser de obstáculo à Providência.

Esta intervinha também de forma inesperada e cheia de graças.

*Casa velha* foi definida *Belém* pela sua externa pobreza. Sentiram as conseqüências disso especialmente no inverno. Tornou-se famoso o fevereiro do ano de 1929. Havia em casa estufas verdadeiramente monumentais, mas faltava o combustível. Num dia particularmente rígido, um sacerdote, vindo a fazer um colóquio com o Padre, se surpreendeu de encontrar a casa transformada numa geleira. Movido de compaixão, logo que partiu se dirigiu a comprar alguns sacos de carvão que fez logo chegar à *Casa Velha*.

Os alunos dormiam num local construído sobre um pórtilo e exposto de modo especial às conseqüências do frio. Em fevereiro de 1929 as paredes se recobriram de gelo. Para mitigar um pouquinho a temperatura, se pensou em colocar ali um braseiro. Uma noite, o fogo parecia apagado e não foi removido também porque o braseiro repousava sobre uma chapa de ferro.

Às onze da noite um menino acordou (coisa inédita um menino acordar naquela hora!) e viu o quarto cheio de fumaça. Assustado, correu logo a chamar o irmão leigo que dormia no cômodo vizinho. Tiraram o braseiro, e uma coluna de fogo e fumaça se destacou do piso. As mesas, já queimadas, tinham passado o fogo também às outras traves.

O incêndio foi imediatamente apagado.

*“Só de manhã – conta o Padre – nos demos conta da gravidade do perigo corrido, constatando que o fogo tinha se iniciado perto da porta de entrada e a alguns palmos das cobertas das camas dos meninos. São José representado por uma bela estatueta, colocada no dormitório, velava sobre Jesus que dormia entre as suas brasas e sobre os meninos que repousavam tranqüilos sob a sua proteção!”*

*Casa velha* era pobre, mas rica de vitalidade e de sã alegria. Nas recreações, grandes e pequenas, era uma vozeria de meninos barulhentos e inquietos, velados pelos religiosos. Podendo-o, os pequenos iam ao quintal para ter mais ar e luz. Não raras vezes, o Padre mesmo assistia as suas

brincadeiras juvenis. O quintal, lamentavelmente, era circundado todo ao redor por casas de habitações. Frequentemente, havia os protestos dos inquilinos e as recomendações de não gritar alto demais!

Durante as noites de verão o Padre dispunha os seus meninos sobre os murinhos do quintal e cantavam todos os mais belos cantos sacros que conheciam. Ao término do repertório os alegres cantores, não se resignando a concluir, iniciavam o canto da *Missa do Réquiem (dos falecidos)*. Os protestos da vizinhança não se faziam esperar. Não havia outra coisa para cantar aqueles pássaros do azar?

O desenvolvimento da Obra trazia a necessidade de uma outra casa mais ampla. Precisava deixar *Belém* e ir em busca de *Nazaré*.

### ***Em busca de uma casa***

O Senhor abençoava a Pia Sociedade e o Pequeno Seminário. Aumentavam os membros. *Casa velha* se tornava, cada dia mais, estreita. Um dia de setembro de 1928 o Padre, saindo do seminário de Trento, se encontrou com Pe. Emanuele Mechiori, administrador do bispado e do seminário: um sacerdote de poucas palavras, mas de muitas ações, um rígido benéfico. Este perguntou ao Padre onde morava e como se encontrava aquela casa. O Padre lhe expôs as suas dificuldades, as quais, com o aumento do número dos meninos, se tornavam sempre maiores. Era urgente pensar numa nova habitação, e esta de forma estável.

O ecônomo, prático nos negócios, prometeu que se interessaria por isso. Pensou por longo tempo, visitou várias casas na cidade e na periferia, fez diversos projetos, mas não pôde concluir nada. Enquanto Pe. Melchiori procurava, o Padre com os seus religiosos e os aspirantes faziam um verdadeiro assalto a São José, para que colocasse a tarefa em bom caminho e, se possível, antes do final do ano de 1929.

A cruzada de orações e de novenas era insistente. O Padre e Pe. Melchiori procuravam, procuravam. Os meninos rodeavam a estátua de São José suplicando que atendesse logo. Mas o santo mantinha calma a sua mão sobre o peito e parecia dizer: “Disso me encarrego eu!”. E se encarregou mesmo.

Um dia Pe. Emanuele, o “São José visível”, se apresentou ao Padre e lhe disse: “Há uma casa que é bem adequada para vós!”. Tratava-se da Villa Mezzena na Via dei Giardini 14, posta à venda. Saíram logo a visitá-la.

*A casa – narrava o Padre – era mesmo aquela que precisávamos: situada sobre a colina e a poucos minutos da cidade, habitação vasta e arejada com quintal, pequeno bosquezinho... Não faltava nada, ou seja, faltava o dinheiro para comprá-la! Mas o que são um pouco de cédulas em dinheiro para a Providência, dona do mundo?*

O Padre teve que, junto a Pe. Melchiori, enfrentar longas e laboriosas negociações para o contrato de compra. Ele não só não se sentia levado aos negócios, mas sentia forte repugnância por eles. Pelo dia 24 de maio, festa do Patrocínio de São José, precisava concluir o contrato e encontrar o dinheiro. Na vigília do grande negócio, Pe. Melchiori perguntava: “E o dinheiro”?

“Não temos nada”, respondeu timidamente o Padre.

“E agora, que fazer?”

“Tem a Providência”! Ajuntava o Padre.

“A Providência vai bem, mas aqueles chefes dos bancos querem ver dinheiro...”, dizia o outro.

Com a ajuda de Deus, e mediante a habilidade de Pe. Emanuele, se encontrou modo de ter as primeiras quantias em dinheiro. Na festa de São José foi possível decidir a assinatura do contrato.

“Passei um dia como poucos na minha vida: estava tão oprimido...”, escrevia o Padre a uma pessoa.



Pelo vencimento das prestações o sacrifício se renovava. “Ontem passei um dia terrível. Também esta Casa nova não custa pouco. E depois aquele ir de banco em banco... quanto me pesa; se sente tão mal um sacerdote naqueles lugares! Conheci todos os banqueiros de Trento!”

### ***Memorável mudança***

Num Domingo de setembro de 1929, o Padre tomou consigo os meninos e os conduziu a passeio pela subida de Via dei Giardini. Chegando diante da Villa Mezzena disse: “Aqui nós ficaremos”!

Os pequenos pularam de alegria. Os agradecimentos a São José, começados desde maio precedente, elevavam-se fervorosos e sem parar.

No dia 24 de outubro de 1929 se fez a mudança da Via Santa Maria Madalena para a Via dei Giardini. Uma mudança característica, repleta de alegria por parte dos aspirantes e rica de edificação para o pessoal que observava e constatava a extrema pobreza dos pertences. Foram dois dias de extraordinárias fadigas, mas finalmente se tomou posse da *Casa Nova*.

O Padre exultava. Os religiosos estavam no cume da alegria. Os meninos viviam cheios da mesma alegria.

Deu-se uma saudação à *Casa Velha* e se iniciou uma vida nova.

A partir de outubro de 1929, Casa Nova foi rebatizada de *Casa Madre*.

A nova residência foi rapidamente arrumada. Naturalmente, se cuidou logo, com particularíssima atenção, da capela. O Padre estudou e dirigiu uma série de reformas para tornar mais funcional a habitação. Religiosos e aspirantes contribuía validamente.

Foram assim arrumados o quintal e o jardim, o parque e as ruazinhas.

O Padre pôs uma atenção particular em projetar uma entrada digna. Logo que pôde fez levantar um belo monumento ao Sagrado Coração de Jesus que fosse de proteção aos bem-aventurados habitantes da Casa e encorajadora acolhida aos visitantes.

No decorrer de poucos anos a Villa Mezzena se apresentou radicalmente transformada, verdadeiramente idônea à vida serena e regular de uma comunidade religiosa.

Era a nova Nazaré, onde oração e trabalho santificavam religiosos e aspirantes.

### ***Mestre dos pequenos seminaristas***

Com o ano de 1930 se inicia a vida regular do Pequeno Seminário.

As vocações afluía numerosas. Conseqüentemente, o Padre cuidou de dar à sua Instituição o ajuste definitivo colocando-a em condição de vida normal, seja na parte escolar, como para a formação espiritual dos alunos.

Cessou a vida em comum dos meninos com os religiosos. Todavia, nisso não se perdeu o espírito de família, que tanto contribui à educação eclesiástica e apostólica.

Apresenta-se aqui a oportunidade de acenar sobre o método educativo de Pe. Venturini.

Não é coisa fácil, porque era fruto de uma paternidade espiritual profundamente sentida e não facilmente descritível.

Sabia distinguir, ser compreensivo e usar certa largueza, quando percebia no sujeito boa vontade, piedade e sinais indubitáveis de vocação. Destacava alguns elementos válidos, que compensavam aqueles deficitários. Obteve assim bons resultados: sacerdotes que depois fizeram muito bem à Igreja. Nisso ele mostrou uma arte preciosa e uma intuição delicada.

Exigia dos alunos a máxima sinceridade. Ai dos mentirosos e hipócritas que procuravam disfarçar! Era inexorável. Queria formar caracteres com convicção, sem formalismos.

Passava por cima ou dissimulava alguma falta rara ou leve. Quando era necessário, não se omitia em usar energia e severidade em suas repreensões. Eram breves, mas eficazes. Retornava, logo depois, à sua bondade habitual, como se nada tivesse acontecido. O menino era convencido de que tudo tinha sido verdadeiramente esquecido.

Com sujeitos fechados, tímidos ou traumatizados, usava sinais de maior bondade. Um sorriso, uma palavra de encorajamento, um sinal da cruz feita em silêncio sobre a testa com o polegar, uma mão pousada paternalmente sobre a cabeça com doce expressão do rosto: eram todos atos de benevolência e de amor que não se esqueciam facilmente.

O segredo de Pe. Venturini para formar às virtudes sólidas, o termômetro para medir o progresso e a generosidade de um aspirante eram o exercício dos “pequenos sacrifícios”, como primeiros passos na vida da perfeição. Era convencido que isto é o ponto decisivo para tal. Quem não sabe mortificar-se, não pode se iludir de progredir na virtude e no amor de Deus, que supõem o “*Vença a si mesmo e o renegue a si*”.

O modo mais freqüente de saudar um menino ou de dispensá-lo era este: “Seja bom! Seja alegre! E faça-te santo!” A alegria verdadeira era sempre recomendada a todos. Rostos sombrios e misteriosos não queria ver por ali. Era habitual dizer, de modo brincalhão, que o comer, o dormir e o estar alegres eram bons sinais de vocação.

Queria que aos alunos não faltasse à diversão. Tinha gosto pelo teatrinho. Gostava e fazia os outros gostarem das marionetes. Gostava das apresentações músicas-literárias. Nos últimos tempos permitiu também a projeção de alguma película de filme, naturalmente selecionada com rigor.

Esforçava-se para que os aspirantes se enamorassem pela pureza, que preferia chamar com o nome de “bela virtude”. Ilustrava, sobretudo, o seu aspecto positivo. Com sentimento prático, sabia fazer distinguir a diferença entre tentações e pecado, entre senso e consenso. Tinha a arte de instilar nos corações uma virtude serena, forte e alegre. Bastava abrir-se com ele para reencontrar a tranqüilidade. Exortava à filial devoção à Imaculada, a São José, *guardião dos virgens*, e a São João, apóstolo virgem.

Levava aos seus alunos um afeto verdadeiramente materno. Punha confiança nas suas orações contando com elas. Sobretudo ambicionava que rezassem muito pelos sacerdotes, assegurando-os que, desse modo, obteriam graças especiais. Para conseguir ter um grupo de pequenos amigos dos sacerdotes, zelava muito da piedade e do esplendor do culto. Confiava a eles partes importantes no canto e no serviço. Ainda hoje, muitos lembram as solenes funções, nas quais todos eram um só coração, como numa família.

Pe. Venturini queria muito bem aos seus alunos. Quando um deles se afastava, distanciando-se dos demais, sofria muito por isso. Às vezes, não jantava e não participava da recreação. Acompanhava quem deixava. Era para ele muito importante que fizesse honra à educação recebida.

### ***As vocações adultas***

É necessário lembrar uma outra atividade de Pe. Venturini em favor dos aspirantes ao sacerdócio: *a Escola Eclesiástica Vocações Adultas*. As primeiras tentativas são quase contemporâneas à fundação da Obra. O Padre era uma mente ordenada e vasta. No seu grande coração previu e estudou, com bastante antecipação, este precioso apostolado.

Antes ainda de fundar a Pia Sociedade, tinha ajudado jovens maduros, cheios de boa vontade, a iniciar o estudo do latim e orientá-los a outros institutos. Quando transportou a Obra a Trento, tinha consigo uma vocação adulta. Bem logo, outras se ajuntaram a ela. Todos poderiam observar desde o ano de 1930 jovens altos, sérios, atentos em estar de acordo com os pequenos. Eram as vocações adultas, que já desde então o Padre zelava com tanto amor desinteressado.

O problema das vocações tardias foi enfrentado em cheio, com largueza de visões, no ano de 1951.

O mesmo Pe. Venturini contou na Revista Seminarium com modesta brevidade, a origem da S.E.V.A (Escola Eclesiástica Vocações Adultas).

Num congresso para reitores, diretores espirituais e professores dos seminários, ele tratou sobre o argumento das vocações tardias. Entre outras coisas, fazia então observar que, enquanto na França havia 18 seminários para estas vocações, na Itália tinha-se feito quase nada a este respeito. Ao término da discussão, Dom Confalonieri, presidente do Congresso, dizia: “Então, padre, ocupe-se disso o senhor.”

Verdadeiramente, não deu muita importância àquela frase; mas várias circunstâncias o constringiram a considerá-la atentamente. Depois decidiu que a sua congregação sacerdotal iniciaria um seminário de vocações “tardias” para as várias dioceses da Itália. Feita uma modestíssima propaganda, acorreram jovens animados das melhores intenções, provenientes de toda região e já encaminhados nos ofícios ou empregos mais variados. O experimento deu bons resultados e a escola permaneceu aberta, dirigida pelos “Filhos do Coração de Jesus”.

Quando Pio XII, que conhecia bem a atividade da Congregação de Trento, soube que Pe. Venturini tinha iniciado a Escola Eclesiástica Vocações Adultas, encorajou a instituição. Deu a sua Bênção, desejando que “a nova iniciativa da Congregação desse a possibilidade a muitas pessoas, chamadas ao sacerdócio em idade juvenil ou adulta, de preparar-se para isso de maneira mais conveniente à já adquirida experiência delas”.

O número das vocações adultas foi aumentando de ano em ano com êxito bom. Na Casa Madre da Congregação Sacerdotal, junto aos “apostolinhos”, mas com critérios de formação diferentes, estudaram os jovens: promessas e esperanças de numerosos seminários.

## XI - CASA MÃE CENTRO ESPIRITUAL

Alguns meses antes de surgir a Obra, Pe. Venturini tinha prometido a Nossa Senhora que se dirigiria em peregrinação de agradecimento a Lourdes e a Paray-le-Monial, se tivesse obtido a graça da fundação. A Providência dispôs que encontrasse um bom sacerdote, Pe. Cesare Guarnieri, o qual, tendo sabido da sua impossibilidade de manter a promessa, lhe ofereceu o dinheiro necessário.

Partiu no dia 29 de abril de 1931 e chegou aos pés da Imaculada no dia 01 de maio. Satisfeita a exigência da piedade filial junto a sua “boa mãe do Paraíso”, prosseguiu para Ars onde, no dia 05 de maio, celebrou a Santa Missa no Altar do “Santo Cura”, usando o mesmo cálice do santo.

No dia seguinte, estava em Paray-le-Monial.

*“Não sei dizer o que experimentei naquele venerado Santuário: não teria saído mais dali! Também lá o bom Jesus me favoreceu porque, não apenas celebrei a Santa Missa no Altar das Aparições, mas foi encarregado de pregar uma hora de adoração aos sacerdotes italianos que faziam parte da mesma peregrinação.” (Diário)*

### **Organização da Casa Mãe**

Em Paray-le-Monial o padre era indiretamente encorajado a continuar um trabalho muito precioso que durava há quase cinco anos e que nos últimos meses tinha assumido um ritmo veloz: a organização do Instituto. Casa Mãe se tornaria, deste modo, uma Casa modelo aos religiosos e um centro de espiritualidade para os sacerdotes que viessem para receber ali ajuda ou conselho.

Em nenhum momento Pe. Venturini esqueceu a sua tarefa de fundador e de organizador da Pia Sociedade. Desde aquele distante 1922 tinha previsto a Obra nas suas várias funções e nas suas atividades. Constituições claras e precisas deviam regular a vida dos membros do Instituto. Desde já tinha chegado o tempo de realizar quanto tinha idealizado e escrito. Este foi um momento delicado e trépido para o Fundador, porque sentia uma necessidade toda particular de fidelidade às primeiras inspirações, de adesão clara e generosa às prescrições das Constituições assim como tinham sido traçadas, sob um particular influxo do Espírito Santo.

Colocar em ordem uma Casa religiosa e cuidar da sua vida espiritual é, em si, uma tarefa árdua. Reflitamos o quanto aumenta a dificuldade se considerarmos que Pe. Venturini devia criar tudo de estaca zero. Não tinha diante de si uma tradição de família. Ia-se, então, delineando a primeira família religiosa entre os seus filhos. Não havia uma história com a qual se pudesse confrontar. A história estava sendo vivida naqueles dias!

Padre Mário não desanimou. “Com paciência e caridade” (como lhe tinha sugerido o Sagrado Coração de Jesus) iniciou o minucioso e longo trabalho, começando a formar os religiosos que Deus lhe tinha mandado.

Devia fazer-se, ao mesmo tempo, mestre e modelo. Era necessário que os seus primeiros Filhos se abastecessem do genuíno espírito da Pia Sociedade. Sobre este ponto, se encontrava em condições vantajosas. Era tão apaixonado pela pequena Obra, tinha-a estudado por anos e anos, contemplado tanto nas suas adorações, nos seus retiros que, de verdade, possuía o espírito dela em grande medida, de modo a comunicá-lo fresco e genuíno aos dois sacerdotes, aos dois irmãos e aos dois estudantes que, em 1931, formavam a pequena Comunidade.

### ***O Padre transmite o seu espírito aos Filhos***

O Padre aplicou uma atenção especial em dar à Pia Sociedade uma fisionomia toda própria. Queria formar religiosos genuínos, profundamente embebidos do espírito do Instituto. Exigia que a Pequena Obra se distinguisse, entre as várias Congregações, pelo seu rosto, pela sua atividade particular, pelos seus meios característicos no campo do apostolado.

Sobre este objetivo, abria aos seus religiosos a própria alma, com freqüentes instruções e exortações. Conversava com eles clara e familiarmente, sem posturas ou tons catedráticos.

Intensificou o seu trabalho quando, no ano de 1933, lhe foi confiada a missão de abrir um noviciado regular, com quatro membros provindos do Pequeno Seminário.

Pretendia deles, antes de tudo, uma verdadeira vocação que desse confiança do resultado, fiel ao ideal da Pia Sociedade.

Os jovens noviços deviam demonstrar-se generosos a toda prova. Deviam considerar-se pequenas pessoas imoladas pela glória de Deus e pela santificação dos sacerdotes.

A Pia Sociedade exigia, especialmente nos inícios, sacrifícios diuturnos.

Verificada uma verdadeira vocação passava à formação espiritual. Quis uma formação “clássica”, como a dos santos, especialmente daqueles da Companhia de Jesus. Destacava muito o espírito de fé, o espírito de sacrifício e a piedade eucarística, a união ao sacrifício de Jesus e a devoção à *Maria Mãe do Sacerdote*.

Os religiosos o viam dirigir-se à igreja para a sua adoração com uma pequena pasta onde tinha dois folhetos avulsos. Depois dos primeiros minutos de pausa diante de Jesus Sacramentado, anotava sobre eles o que o Coração Divino de Jesus lhe sugeria para os seus Filhos. Mais de uma vez aconteceu que, não tendo encontrado a possibilidade de escrever as anotações diante do Santíssimo Sacramento, o que, para ele, era a preparação imediata às instruções ou exortações, deixasse de tratar de um novo assunto, também se muito comum. Limitava-se a voltar sobre temas já desenvolvidos em outras circunstâncias. Dizia: “Espero que o Sol divino dê força e luz, com o seu esplendor, às minhas pobres palavras; os panos brancos, colocados ao sol, se tornam mais brancos”.

Quem freqüenta a Congregação Sacerdotal fica maravilhado pelas festas litúrgicas e pelas celebrações particulares realizadas com muito esplendor, piedade e intimidade familiar. Foi um segredo educativo de Pe. Venturini: saber encontrar nas solenidades litúrgicas motivos para conhecer e apreciar sempre melhor o espírito característico da Obra. Eram muito características as “festas da Obra”. Eram sempre encontros do Padre com os Filhos: aniversários, profissões religiosas, o Bom Pastor, as datas da Pia Sociedade. Ele, que tanto evitava se expor ou aparecer, via com prazer estas festas, porque reavivam o espírito de fé, de caridade e de estima.

## ***A igreja: coração de casa madre***

Na mente do Padre devia surgir em torno da Casa Madre um centro de obras sacerdotais; devia pulsar uma vida toda consagrada. Era necessário por isso que houvesse ali, por sua vez, um centro de todo o movimento espiritual: a igreja.

Pe. Venturini, desde o final de 1933 – centenário da Redenção e da instituição do sacerdócio – pensava em construir um templo em honra do Coração Sacerdotal de Jesus. Sua santa ambição era que o Templo fosse construído com ofertas enviadas por Sacerdotes, desejosos de fazer, assim, uma homenagem a Jesus que os tinha elegido à dignidade de ministros de Deus. Sabia bem que a maior parte deles era pobre; mas teve confiança neles recordando que, mesmo os pobres, sabem fazer sacrifícios.

Em 1935 enviava uma modesta circular ao clero italiano servindo-se do Periódico “Sacerdos”. Declarava que o futuro Templo seria em honra ao Coração Sacerdotal de Jesus. Tocava uma tecla tão sensível aos sacerdotes. Prometia que os membros da Pia Sociedade adorariam o Santíssimo Sacramento e pregariam pela santificação do clero na nova igreja. Na realidade, há anos já se realizava este programa pelos membros do Instituto. Mas agora se tornava indispensável uma igreja mais ampla, mais capaz de conter a família completa. Religiosos, apostolinhos e fiéis.

Muitos sacerdotes se esforçaram em contribuir pela construção do templo sacerdotal.

No dia 18 de novembro de 1936 a igreja era terminada e abençoada pelo Arcebispo de Trento, Dom Celestino Endrici.

A igreja construída por Pe. Venturini é uma pequena jóia de arte cristã,

O visitante que sobe a Rua Giardini se encontra, antes de tudo, frente ao majestoso monumento ao Sagrado Coração de Jesus. Ele intui que tudo ali gravita ao redor daquele símbolo de amor e dor. O portal da igreja, com uma significativa pintura, convida a penetrar no mistério das dores íntimas de Jesus como aconteceu para o Padre no dia 07 de março de 1912.

Na igreja, Jesus exposto para adoração lembra à finalidade principal da Congregação: honrar e imitar o Sumo Sacerdote, que nos doou o sacerdócio e a Eucaristia.

A pintura da cúpula, as figuras e os símbolos sacerdotais que decoram a igreja são um eloquente apelo à santificação dos sacerdotes.

As duas lâmpadas, uma de cada lado do altar, com as inscrições: “*Permaneçam no teu Coração,... Voltem ao teu Coração*” nos introduzem no íntimo da alma sacerdotal de Pe. Venturini e da sua Obra: rezar e sacrificar-se para que todos os sacerdotes honrem e amem Jesus, inclusive aqueles que, com dificuldade, estão no caminho do retorno, ajudados pela mão caritativa dos coirmãos.

## ***Uma alma eucarística***

Logo que a Casa Mãe pôde ter a bela igreja, Padre Mário estudou um plano de adoração pública e solene ao Santíssimo Sacramento. Um instituto inteiramente consagrado a honrar Jesus, Sumo Sacerdote, e a gastar as próprias energias pelo clero podia não valorizar a adoração?

Ele mediu, antes de tudo, as forças dos seus religiosos. Depois, gradativamente, conseguiu ampliar os turnos de adoração para o dia todo e, em diversas circunstâncias solenes, também por algumas horas da noite.

A sua ambição era, e o tinha também escrito nas Constituições, que os Filhos do Coração de Jesus fizessem sobre a terra o ofício de adoradores, como os Anjos o fazem no céu. Quanto se animava o seu espírito quando falava da dignidade e da responsabilidade da vocação eucarística! Ele via naqueles humildes e pobres religiosos, prostrados diante do Santíssimo Sacramento, os representantes dos mais altos interesses da Igreja.

Depois da Santa Missa, não sabia encontrar momento mais apto para rezar pelo Papa, pelos bispos, pelos sacerdotes e seminaristas, senão no tempo da adoração. Aquele tempo era para ele muito precioso; fazia dele um motivo de suma dignidade e grave responsabilidade.

Mais de uma vez foi perguntado ao Padre e aos seus religiosos: “O que fazeis lá em cima (a casa ficava sobre a colina)?” Num pequeno artigo de jornal se escreveu a resposta que há anos já estava pronta:

*“Bem cedo se expõe o Santíssimo Sacramento. Por todo o dia e, ao menos uma vez por semana, por algumas horas da noite, no seu Ostensório dourado a Eucaristia será o centro da vida da Casa Mãe. Diante de Jesus, por turno, se prostrarão em adoração os vários membros da comunidade. A homenagem eucarística será honra prestada ao Pontífice Eterno e contato realizado com a divina fonte da santidade, da qual a Congregação haure para si e implora para todos os membros do clero, pelo Sumo Pontífice, pelos bispos, pelos sacerdotes que trabalham na pastoral e por aqueles que fadigam em terra de Missão; pelos tentados, pelos sofrendores, pelos perseguidos, pelos confessores da fé.”*

Ninguém é esquecido, nem os seminaristas que, na oração e no estudo, se preparam à grande missão que os espera.

Que Pe. Venturini tivesse uma alma profundamente eucarística, já o vimos. Em Trento ele a manifesta ainda mais, tendo que comunicar aos Filhos o fogo do amor ao Divino Sacramento. Fazia sua adoração fielmente, também quando estava sofrendo ou sua cabeça estava cansada. Ficava tranqüilo diante do seu Jesus. Estava persuadido de que, unido a Ele, trabalhava, e muito, pela santificação dos Prediletos.

Quando pregava, se podia, ficava sobre o estrado do Altar. Sentia-se inspirado por Jesus no Sacrário. Confessou-o candidamente.

Queria que se desse particular importância à Hora santa. Garantia que quem sabia fazê-la bem alcançava graças especiais para conhecer o verdadeiro espírito da Congregação. Não tinha ela nascido da contemplação de Jesus Agonizante no Horto das Oliveiras?

Quando podia, fazia a sua Hora santa das 23h às 24h. Numa primeira quinta-feira do mês voltou para casa tarde da pregação de um retiro aos sacerdotes e quis participar dela. Os seus Filhos o repreenderam docemente, mas ele respondeu: “Vim justamente para fazer a minha Hora Santa”.

Quando estava fora de Casa para pregação de Cursos de Retiros, conferências, congressos, não omitia a sua Adoração, fazendo-a talvez nas horas mais tardias da noite. Cansado e alquebrado depois de tanto falar e escutar, se retirava num canto da capela e lá fazia a sua Adoração de regra. Durante um encontro, um padre passionista numa noite procurava Pe. Mário, depois de um dia inteiro de intenso trabalho. Encontrou-o na tribuna da igreja em doce colóquio com Jesus Sacramentado. Tendo-o convidado a sair, lhe respondia: “Onde está Jesus, lá se deve encontrar o seu sacerdote, quando os interesses de Jesus não chamam em outra parte”.

Era um hábito preparar-se também imediatamente antes das pregações, mas muitas vezes os sacerdotes o entretinham até o último momento. Como fazer? Ia à capela quinze minutos antes e ficava tranqüilo aos pés do Divino Mestre, em ato de adoração. Depois se dirigia a pregar.

Ele tinha muita confiança na adoração dos seus Filhos. Prestes a partir para a pregação, recomendava que se lembrassem dele diante de Jesus Sacramentado. Era convencido que a Ele se podia pedir qualquer graça e ser atendidos.

Pe. Venturini exigia que se demonstrasse a fé em Jesus Eucaristia cuidando com delicadeza e esplendor de tudo aquilo que dizia respeito ao culto externo. Ele quis que a sua Congregação tivesse caráter prevalentemente contemplativo. Devia-se então dar grandíssima importância à vida interior e às práticas de piedade que a alimentavam. As melhores energias deviam ser gastas nos exercícios devotos, nas funções litúrgicas celebradas com todo possível decoro e solenidade, no Ofício divino rezado em comum diante do Santíssimo Sacramento exposto.

O seu lema era: *“Omnia vel mínima: tudo, até os pequenos pormenores, cuidaremos no culto divino, para que isto seja sinal de amor e de reparação”*. Quanto era exigente pela limpeza e a

ornamentação da igreja e do altar! Se fosse necessário, não economizava repreensões e dava lições práticas de bom gosto. Era inimigo declarado das coisas feitas de qualquer jeito ou com pressa. Queria que tudo fosse executado com propriedade e solenidade. O esplendor do culto acarretava uma despesa relevante. Mas ele tinha por norma absoluta: “Nós, pobres, talvez passando fome; mas para Jesus Eucaristia, para o seu culto, luxo e esplendor!”

Diversos sacerdotes, que conheciam a grande pobreza da Congregação, se maravilharam ao constatar a riqueza do culto. Mas quando se respondia que era para demonstrar a Jesus o amor e reparar o descuido de outras igrejas, ficavam edificadas com isso. As funções litúrgicas solenes foram a sua delícia.

Ele então “pontificava”. Exigia que o canto gregoriano fosse executado com perfeição. Admitia também outros cantos, mas deviam ser bem preparados. Casa Mãe, com a sua igreja, era de verdade um centro vital de espiritualidade tanto para os religiosos como para os sacerdotes diocesanos.

### ***O Dia de Santificação Sacerdotal***

Em dezembro de 1946 a atenção do Padre foi atraída pelo fato que se celebravam tantas *Jornadas* pelos objetivos mais variados. Marcou-o, sobretudo, a organização com sucesso de uma *Jornada Missionária Sacerdotal*. Ele ficou muito contente com isso, mas logo se perguntou se não era o caso de anunciar oficialmente uma *Jornada de Santificação Sacerdotal* na festa do Sagrado Coração de Jesus.

Rezou longamente, fez celebrar Santas Missas, pediu orações insistentes aos seus e aos amigos para ter luz. Enfim manifestou o seu pensamento à Sagrada Congregação do Concílio e à Direção do “Clero e Missão”. Não só não lhe foi dificultado, mas recebeu nisso encorajamentos.

Apesar destes pareceres dados com autoridade, quis ouvir o Pe. Petazzi. O douto jesuíta o animou à iniciativa, tão querida ao Sagrado Coração e de suma vantagem para os sacerdotes. O Padre se dirigiu também ao seu prezado amigo Dom João Calábria para ouvir seu parecer. O santo homem lhe disse que a *Jornada de Santificação Sacerdotal* “era uma inspiração do Senhor” e que precisava realizar. Pe. Venturini, sempre solícito pela sua humildade e pela exigência de manter escondida a sua Congregação, fez notar a Pe. Calábria que tal iniciativa punha em vista... Este negou resolutamente, dizendo que eram chegados os tempos em que precisava expor-se e confirmou o argumento com o seu exemplo: “*Também eu...!*”.

Na Páscoa de 1947 saiu o primeiro folheto de propaganda da *Jornada*, limitada à Itália. Entre os motivos disso se dizia:

*“Não seria oportuno propor ao clero que dedique também um dia, todos os anos, à intercessão junto a Deus para que conceda sempre mais aos seus ministros grandes e copiosas graças de santidade?”*

*A congregação Sacerdotal dos Filhos do Coração de Jesus, surgida com a intenção de ajudar os ministros do Senhor a conseguir a santidade de seu estado, abraçou esta idéia.”*

A *Jornada* foi favoravelmente acolhida pelo episcopado italiano. No ano seguinte, Pe. Venturini lançou, encorajado por Dom Calábria, a iniciativa de uma *Jornada* mundial. Também com este vasto horizonte, a santa iniciativa teve bom resultado.

O Padre, todo confuso, escrevia:

*“Vem-me a vontade de rir pensando que um punhado de religiosos, como somos nós, queira colocar em movimento o mundo eclesiástico... A Jornada de Santificação terá bom êxito sem dúvida, porque o papa disse que “é necessária”, e depois porque somos os menores e mais pobres religiosos da Santa Madre Igreja, e o Senhor se serve dos pequenos”.*

Papa Pio XII todo ano era informado acerca da santa iniciativa: Encorajando Pe. Venturini, muitas vezes lhe disse: “É necessário! É necessário!” Deu o seu total apoio com cartas da Secretaria de Estado. Permitiu que a Rádio Vaticana anunciasse nela o programa. No ano de 1961, ele mesmo escreveu uma oração pela santificação dos sacerdotes para ser rezada na *Jornada*.

O zelo pelo Sagrado Coração o acompanhou até o limiar da morte. Na pasta das fichas que contém os esquemas dos escritos de iminente publicação, se encontrou um comentário à jaculatória: “Sagrado Coração de Jesus, creio em teu amor por mim!”

A graça mais bela, que ele acreditou ter obtido naquele vasto movimento de devoção ao Sagrado Coração de Jesus, foi a de promover a consagração pessoal de milhares de sacerdotes. Nisso trabalhou bastante, ilustrando com escritos e pregações a prática da consagração. Mas foi retribuído com consolações espirituais.

### *A Pia Sociedade das Filhas do Coração de Jesus*

O ideal de Pe. Venturini foi de criar um vasto movimento de oração e sacrifício em favor do clero, mas com a máxima discricção. Todas as pessoas de boa vontade foram por ele convidadas e ajudadas a tal obra de apostolado. Junto ao Instituto masculino encontramos a *Pia Sociedade das Filhas do Coração de Jesus*. Foi por ele fundada para circundar Jesus Eucaristia e o seu Divino Coração de pessoas sedentas de amor, de pureza e de reparação.

A origem do Instituto feminino de Pe. Venturini é muito simples. Sobressai-se aos distantes anos de preparação da Obra e depende, depois que dele, da pessoa de Beatriz de Rorai.

Beatriz de Rorai nasceu em Loreo (Rovigo) no dia 09 de julho de 1890; seus pais foram Giovanni e Maria Bonandini. Piamente educada se distinguiu pela pureza angelical e muita inteligência. O pai, secretário municipal, em 1900 se transferiu com a família para Cavarzere. Beatriz foi confiada primeiramente à educação das Madres Canossianas do lugar, depois às de Chioggia. Foi depois mandada ao colégio das Mestras de Santa Dorotéa de Veneza, tendo ganhado uma bolsa de estudos. Frequentou a escola de magistério e conseguiu o diploma de professora primária com nota máxima; “aluna excepcional, uma verdadeira raridade”. Entre as companheiras de colégio deixou a lembrança não só da sua brilhante inteligência, mas principalmente da sua piedade e da sua pureza. Ainda hoje é lembrada com veneração pela Fundadora das Filhas da Igreja e por outras ótimas professoras.

Tendo voltado para junto da família, foi logo contratada como professora nas escolas primárias. Economizava o salário para juntar seu dote de... freira.

Em maio de 1911 se confiou à direção espiritual de Pe. Mário, então cooperador em Cavarzere. Ele percebeu logo que a graça de Deus guiava aquela alma nos caminhos da santidade. Tinha uma vontade de ferro e uma generosidade que não recuava defronte a qualquer sacrifício.

O Padre manifestou a ela a primeira idéia da Obra, recebida no dia 07 de março de 1912, e lhe propôs a prática da reparação ao Coração de Jesus. Nesta, encontrou o grande ideal da sua alma ardente. Para realizá-lo quis tornar-se religiosa. O Padre, tendo estudado a sua vocação, a endereçou ao conhecimento do Instituto das Filhas do Coração de Jesus, fundado pela Bem-Aventurada Maria Deluil-Martiny.

O pai moveu contra a filha uma viva oposição e chefio a luta contra o Padre, denunciando-o à Cúria de Chioggia como incentivador de “fanatismo religioso”. A jovem Beatriz resistiu tanto às ameaças como às promessas paternas e, em 1913, entrou no noviciado do Instituto a ela aconselhado por Pe. Mario. Mas os sacrifícios da vida de clausura fragilizaram as suas fracas forças e ela, já próxima de emitir a profissão religiosa, foi estrangida a retornar para junto da família (junho de 1916). Um mês antes tinha se sentido inspirada a fazer o sacrifício da sua vida e da vocação para o surgimento da Obra do seu diretor espiritual.

Colocando-se ainda sob a sua direção, viveu totalmente de oração e de trabalho, à espera que o Senhor lhe manifestasse os seus desígnios sobre ela. Quando no dia 03 de maio de 1917 o Padre se ofereceu todo pela Obra e iniciou o lento trabalho de preparação, Beatriz de Rorai exultou e pensou em dar a contribuição de sua oração para que o Coração Divino de Jesus cumprisse a iniciativa. Procurou outras companheiras, dotadas de piedade e de pureza, as colocou a par do projeto do Padre e as



convidou a oferecer a cooperação de suas orações e de seus sacrifícios. Formou-se assim aquele grupo de pessoas amigas da Obra que já conhecemos.

Guiada por Beatriz de Rorai e dirigida espiritualmente pelo Padre, a Obra feminina esteve pronta para dar início à vida religiosa. A data de fundação se destaca no dia 08 de dezembro de 1929. O acontecimento se deu na maior humildade. Depois de um memorável Retiro, pregado pelo Padre, as Sócias (quatro apenas) participaram da Santa Missa celebrada para elas e ouviram a sua palavra exortadora; depois, com absoluta simplicidade, deram início à vida comum nos pobres locais da casa Wolkenstein (“Casa velha”): aqueles mesmos, que até dois meses antes tinham hospedado a minúscula comunidade dos Filhos do Coração de Jesus.

A Co-fundadora, Beatriz de Rorai, não sobreviveu por muito tempo após o nascimento do Instituto feminino. De fato, quase grão de trigo a qual morte era por Deus predisposta para dar vida à nova plantinha, poucos meses depois da fundação foi atingida por doença incurável. No dia 14 de julho de 1930 morria santamente, deixando às suas filhas espirituais, órfãs de tão grande mãe, exemplos de grandes virtudes, especialmente de escondimento e simplicidade, de candura e de sacrifício, de oração e de trabalho.

O Senhor abençoou a pequena Associação religiosa, reconhecida pelo Arcebispo de Trento, Dom Celestino Endrici. As Irmãs aumentaram lentamente de número e encontrar sua habitação, em seguida, numa casa contígua à Casa Mãe da Obra masculina. Em 1941 a Pia Associação era confirmada nos seus Estatutos continuando a sua vida, acompanhada espiritualmente pelo Padre. Ele formou as Irmãs com direção robusta e paterna no mesmo tempo. Quis fossem escondidas e humildes. Deviam ser “raízes” benéficas dentro da Igreja.

A atividade delas continua a ser abençoada por Deus, porque no pequeno Instituto paira o espírito da Co-fundadora e do Padre, o qual morrendo as quis presentes ao espírito e as recomendou à caridade dos seus Filhos.

De 1930 a 1940, próxima às Religiosas e por elas amorosamente assistidas, viveu a mãe do Padre, dona Carlotta, a qual pôde assim seguir de perto o filho e o desenvolvimento da sua Obra.

### ***Flores do Getsêmani***

Pe. Venturini, na sua atividade apostólica, conheceu pessoas piedosas, virginais, generosas, que se encontravam na impossibilidade de se tornarem religiosas, porque doentes ou impedidas por outros motivos. Pensou em utilizar o precioso recurso da oração e dos sacrifícios destas pessoas associando-as a sua Obra como preciosas auxiliadoras escondidas. Gostaria de mobilizar todo o mundo pelo bem dos sacerdotes; por isso não deixou fugir estas voluntárias da cruz, às quais podia pedir tanto para desenvolver as suas obras em favor dos Prediletos.

Manteve com este grupo uma correspondência breve, mas freqüente. Raríssimas foram as visitas porque o grupo era muito disperso. Deixou-nos assim a prova de uma direção por carta. Quando tinha necessidade de graças, se recomendava também a estas Pessoas; não raras vezes mandava o itinerário de suas viagens apostólicas dizendo que a Obra é uma “cooperativa”, na qual todos podem ter parte do lucro. A uma delas escrevia: *“Digo-lhe a verdade que eu, paupérrimo, coloco muita confiança nestas ofertas espirituais...”*.

## XII - APÓSTOLO DO SACERDÓCIO

### Sacerdotes santos

O ideal da santificação do clero, abraçado bem cedo, tornou-se a sua idéia-força, que soube transfundir na Congregação. Impô-se como regra não aceitar atividade que não privilegiasse esse único objetivo.

Como todos os homens de uma só idéia, era otimista.

A santificação do clero era a sua paixão santa, o seu tormento e também a sua alegria. Queria santificar o clero para salvar o mundo.

Pelo clero e pelas pessoas se sacrificou e se santificou.

Viajar lhe custava, mas o fazia com boa vontade para alcançar tantas pessoas sacerdotais.

Acreditou no amor do Coração de Jesus pelos sacerdotes, naquele amor que os quer santos. Com quanto ardor, três vezes ao dia, rezava a oração sacerdotal: “*Pai, chegou a hora... santifica-os... para eles santifico a mim mesmo...*” Sobretudo teve fé e confiança naquela que ele definia a sua “*vocação*”. Aquele que o chamava lhe daria muito amor para imolar-se pelos padres. Num entretenimento familiar confessou candidamente: “*Eu amo os sacerdotes. O Senhor, mesmo na minha miséria, me deu a graça de amar os padres e de sacrificar-me por eles, para que Ele os faça todos santos*”.

Por natureza era tímido e embaraçado; mas logo que iniciou o seu apostolado entre os Prediletos do Senhor, bem cedo se encontrou à vontade, desinibido, ardente e conquistador.

No final do ano de 1929, lembrando a graça de “falar aos sacerdotes”, escrevia: “Jesus me sustentou em todas as condições difíceis. Ele me pôs nos lábios sempre aquilo que na pregação devia dizer aos seus sacerdotes; serviu-se deste inútil e infiel servo para operar um pouco de bem entre os seus Prediletos”. (*Diário*)

### *Retiros mensais ao clero*

Foi grande mérito de Pe. Venturini ter trabalhado intensamente para fundar e depois incrementar os retiros mensais para sacerdotes. A diocese de Trento foi uma das primeiras a se beneficiar deste apostolado, mas com o passar dos anos o Padre foi chamado também nas dioceses confinantes, e quando, em 1947, foi diretor nacional da *União Apostólica do Clero*, os retiros se multiplicaram em todo canto da Itália. Ele considerava este exercício um grande meio de perfeição. Dizia que se podia “medir o pulso” de uma diocese ou de uma região diocesana pela frequência com a qual se pratica o retiro para o clero.

Chamado para este apostolado, não se recusava nunca. Ia também às regiões diocesanas mais distantes e nos lugares de montanha, onde o esperava um pequeno número de sacerdotes. Apresentava-se com simplicidade, muito modesto; mostrava cordialidade e afabilidade. Percebia-se nele o sacerdote exemplar. Na capela o seu fervor era visível. Os modos gentis e reservados, o sorriso angelical, próprio de quem leva consigo Deus e sabe ver Deus no próximo, cativavam logo. O tom de apreciada delicadeza, de serenidade, de paz, inspirava muita confiança nos seus interlocutores.

O seu grande amigo, Pe. Eugenio Bernardi, contava como na primeira vez que levou Pe. Venturini para pregar no Seminário Menor em Trento, na festa do Papa (1928), encontrou-o na sacristia lendo os seus papéis e trêmulo de ansiedade! Mas a sua timidez lhe desapareceu quase logo depois das primeiras pregações.

Os assuntos das suas pregações nos retiros espirituais eram, em geral: vocação e dignidade sacerdotal, necessidade da santidade e meios para consegui-la. Tratava também de outros assuntos. Sabia ser atual; mas constantemente sacudia de modo salutar o seu auditório, sempre com tato e destreza.

Em muitas pregações o tom da voz se levantava, a voz vibrava, se tornava veemente, de fogo, emocionada, sempre, porém digna. Algumas vezes, o ardor veemente o envolvia, o sangue lhe se esquentava, o acento se tornava tão forte que os ouvintes ficavam abalados por isso. Os estenógrafos (de modo especial os seus Filhos) não conseguiam prosseguir pelo tremor da mão e o sobressalto do coração. Eram poucos minutos, depois a palavra voltava calma e persuasiva. Os motivos destes “momentos de fogo” eram os assuntos que mais interessam todos os sacerdotes: a Santa Missa, o sacerdócio, o Sagrado Coração de Jesus, Maria Mãe do Sacerdote, a reparação sacerdotal, o Papa, e outros.

### ***Retiro anuais ao Clero***

Uma outra atividade apostólica, que permitiu a Pe. Venturini encontrar milhares de sacerdotes e religiosos em muitas dioceses da Itália, foi a pregação dos retiros anuais. Bispos, reitores de seminários e superiores de congregações o disputavam entre si. Nos últimos anos lhe foi impossível, dada também a multiplicidade dos encargos, atender a todos os convites. Tantas vezes se fez substituir por seus Filhos, mas naturalmente queriam que fosse ele!

O Padre se maravilhava como pensassem mesmo nele. Não fazia nenhuma apresentação de si e da Congregação. Passava rápido, não parava uma hora a mais do que o necessário. Era o Senhor que o tinha elegido para um ministério tão salutar.

Pe. Venturini era um convicto defensor dos benefícios inestimáveis que os Retiros ao clero realizavam. Ele pessoalmente era cem por cento “*inaciano*”; mas sabia adaptar-se aos ouvintes. Seguiu o áureo livrinho do santo padroeiro dos Exercícios, Santo Inácio, mas a sua rica experiência sacerdotal o tornava de uma atualidade surpreendente.

O Padre revelou o segredo para dispor os espíritos dos exercitantes a escutá-lo, gerando frutos: o bom exemplo e a edificação a serem dados em toda parte, especialmente na igreja. Ainda hoje muitos e santos sacerdotes lembram a sua compostura modesta, recolhida e devota. As genuflexões lentas e bem feitas, a Santa Missa celebrada com verdadeira devoção eram para eles a pregação frutuosa. Um prestígio todo particular lhe era dado pelo fato de que os seus ouvintes sabiam que ele era consagrado à santificação do clero. Muitos deles observaram que Pe. Venturini pregava as coisas mais comuns, mas dado que conhecia muito o clero da Itália, devia ter um particular motivo para dizê-las.

A Sicília foi um dos primeiros campos do seu apostolado sacerdotal. Ali pregou muitos cursos de Retiros em tempos diferentes. Pregou a sacerdotes e seminaristas. Quando se sabia que os Exercícios seriam pregados por Pe. Mário, os seminaristas acorriam numerosos, também das paróquias mais distantes. Um deles conta:

*“Muitas vezes saíamos da sua sala com a impressão de que ele lesse os corações. Durante um curso de Exercícios, numa meditação na qual tratava da misericórdia divina, abriu parêntesis e disse que um dos mais jovens sacerdotes presentes seria logo chamado por Deus à eternidade. Ao término da pregação, os sacerdotes se concentraram na sala do diretor comentando a afirmação. Um dos mais jovens, de sobrenome “Vecchio (Velho)”, brincando dizia: “Eu estou entre os mais jovens, mas sou Velho”. Justamente este, depois de três meses exatos, morreu”.*

Os frutos recolhidos pela sua pregação foram abundantes. Se Pe. Venturini se alegrava quando encontrava os exercitantes bem comprometidos, igualmente sofria se algum se demonstrava pouco compreendido da necessidade de recolhimento. De acordo com o diretor da casa, batia sobre a tecla do silêncio. Neste ponto era exigente. E mesmo, no final, todos estavam contentes e prometiam a si mesmos que iriam escutá-lo de novo.

Uma vez durante um curso de retiros para o clero, o Padre percebeu (ainda no primeiro dia) que um exercitante, dos cabelos brancos, conversava em tempo livre. Paternalmente, mas com decisão, suplicou-lhe não fazê-lo, também pela boa edificação a ser dada aos outros coirmãos. O sacerdote dirigiu-se ao reitor do seminário, diretor do curso, avisando-o que absolutamente queria partir, porque

não lhe agradava o pregador. Ele, porém, intuindo o verdadeiro motivo, o persuadiu a esperar alguns dias. O exercitante se rendeu. Pelo término dos Exercícios, o diretor lhe perguntou: “E então, não partiste?” “Não - respondeu - sinto que aquilo que diz me faz bem”. Antes de se despedir, no final do retiro, se dirigiu a reverenciar o Padre, o qual o reconheceu, mas fingiu não lembrar dele. Antes de deixá-lo, o sacerdote deixou sobre a mesinha seu cartão de visitas: “Reverendo Pe. N.N, professor de filosofia no seminário de X”.

Os religiosos da Congregação Sacerdotal organizavam também cursos de retiro ao clero em suas casas. O padre fez o primeiro experimento no início da guerra. Encorajado por bons resultados prosseguiu neste apostolado também nos períodos mais trágicos.

Quando em 1946, a Congregação pôde abrir a residência de Loreto, o Padre pensou logo em fazer dela uma Casa de Exercícios para sacerdotes, e ficou feliz com isso. O Senhor abençoou aquela casa. Agora ela é conhecida um pouco em toda a Itália.

### ***A alma do apostolado***

Sabemos o quanto o Padre apreciava a vida interior, feita de oração, de sacrifício, de verdadeira virtude. A pregação aos sacerdotes e aos seminaristas o reconfirmou na sua santa persuasão.

Antes e durante as suas pregações rezava e convidava outros a rezar muito. Partia sereno e confiante, porque na Casa Mãe havia a adoração. Para ele os seus Filhos eram como Moisés sobre o monte, em oração. Dizia perceber se os religiosos rezavam de modo especial durante as suas pregações. Estes lembram uma carta amarga do Padre que se encontrava na Itália central para um curso de Exercícios: “Senti-me só..., não experimentei o efeito de vossas orações.” Foi uma severa chamada de atenção.

A penitência esteve muito presente na vida de Pe. Venturini, sobretudo quando se encontrava em “missão”. Estava um dia preparando a mala para uma viagem. Um religioso de Casa percebeu, entre os outros objetos, uma pequena corrente. O padre, brincando, disse: “É um lastro, é preciso também este...”

As longas viagens o cansavam bastante. Chegava com as pernas inchadas e dolorosas. Não obstante isso se apresentava sorridente e jovial. Nos últimos anos a dor de cabeça o atormentava em continuação. Por dias inteiros a cabeça lhe era pesada, vazia. Todavia cumpria o seu trabalho com naturalidade, tanto que nenhum dos seus ouvintes se apercebia disso. A diabete lhe causava muitos distúrbios. Era-lhe difícil manter a dieta fora de casa, mas tudo oferecia pelos sacerdotes. A insônia foi uma cruz muito pesada que o atormentou por longos anos; todavia o seu dia de trabalho não conhecia folgas. Os sacerdotes o encontravam sempre com energias novas.

Antes da pregação aos padres fazia a sua bela preparação de estudos e de leituras. Homem organizado e esforçado como era, deixou numerosas pastas contendo os esquemas, bem consistentes, com suas pregações e conferências.

Insistia sobre a pregação fácil e simples, mas bem preparada. Observava, quase brincando, que, se é verdade que os sacerdotes devem ser pegos pelo coração, todavia. Como se alimentam bem à mesa, assim se devem alimentar bem espiritualmente, dando-lhes um alimento sadio e substancioso.

Tinha respeito demais pela Palavra de Deus para ser menos cuidadoso e zeloso na preparação intelectual.

### ***“Pão consumido”***

O apostolado de Pe. Venturini não se resumiu ao âmbito da pregação, mesmo que freqüentíssima, ao clero. Ele se doou todo aos sacerdotes, as suas energias físicas, morais e espirituais. Como o apóstolo Paulo, podia dizer: *“Fiz-me tudo para todos”* Tomou para si o ideal de tantos santos

sacerdotes: deixar-se “consumar”, como bom pão para os outros, sobretudo para aqueles que a sua vocação lhe fazia encontrar todo o dia.

É oportuno fazer um aceno às visitas que ininterruptamente o Padre recebia de sacerdotes e de religiosos externos. Sob o nome de visitas se podem, conforme o caso, entender as confissões, a direção espiritual, o colóquio, o desabafo de um coração.

Como confessor e diretor espiritual seguiam a linha clássica da direção espiritual: apelo preciso e convincente às verdades fundamentais e aos deveres comuns do próprio estado. Sobretudo, estimulava a um grande espírito de fé. Infundia confiança.

Tanto em casa quanto fora se colocava à completa disposição dos sacerdotes. Por eles sacrificava o horário e o tempo, as comodidades e o repouso. Algumas vezes adiava a refeição e, depois de uma extenuante audiência, se colocava à mesa, mas não conseguia mais tomar alimento. Não tinha a calma suficiente para uma verdadeira refeição.

O bem que fazia aos sacerdotes derivava, sobretudo, da sua grande paternidade, que os mesmos logo percebiam e admiravam. Notavam o generoso esquecer de si mesmo, o desgastante Dom de si. Deixava-se “comer”. Os sacerdotes o procuravam, lhe abriam o coração, lhe confiavam lutas, provas, dúvidas secretas. Confiavam-se a ele atraídos, subjugados, persuadidos mesmo pelo fascínio da paternidade que lhe transparecia do rosto, dos olhos, do sorriso, do mesmo ar contente, composto, mas afável, da pessoa. Estavam certos de ser compreendidos, porque dificilmente um pai não sabe entrar no coração do filho; sentiam reencontrar a calma e a confiança, porque o seu conselho reverberava a luz haurida da união com Deus e era caloroso pela paternidade a ele transmitida e pelo Coração misericordioso de Cristo.

Assim o testemunho de um padre.

Os sacerdotes se sentiam bem em seus colóquios com o Padre porque, depois de poucas frases, eram entendidos e ajudados. Um deles, que há dias se atormentava com suas preocupações, com “quatro palavrinhas” se sentiu compreendido, aconselhado e confortado. Um professor de teologia escreve: “Quando Pe. Venturini encontra um sacerdote, não o esquece mais. Deus lhe concedeu este Dom: de saber aconselhar também depois de muitos anos, levando em conta o seu passado e a sua situação presente”.

Num verão se encontrava com os *apostolinhos* numa cidadezinha de alta montanha em Val di Sole. “Finalmente – pensavam todos – o Padre faz um pouco de repouso”. Alguns dias depois da chegada, veio uma carta de um sacerdote que desejava encontrar-se com ele em Trento. Desceu logo, apesar dos protestos dos seus Filhos. “Os sacerdotes – observava - são os nossos donos!”

As visitas o enfraqueciam, mas levava nelas tanta naturalidade que os sacerdotes não se davam conta disso. Se algum timidamente se desculpava “de fazer-lhe perder tempo” ele, prontamente, rebatia: “Estou aqui para isto mesmo!”

Nos últimos anos de sua vida lhe acontecia que os dias mais calmos fossem aqueles passados no trem. Viajando podia dar conta da correspondência, rezar, ler um pouquinho. Chegando a casa, a quantidade de trabalho o esperava redobrada.

A uma pessoa da Obra escrevia:

*Tenho de rodar pelo mundo e, quando volto para casa, encontro tanto trabalho. E depois estou, antes de tudo, à disposição dos sacerdotes, os quais algumas vezes tomam também dias inteiros. Preciso das orações das pessoas boas: as várias ocupações me desgastam o espírito e me parece ficar a cada dia pior. E neste ministério, em contínuo contato com tantos sacerdotes, seria necessário dar, dar muito, e não ser santos de qualquer jeito, mas grandes santos.*

Muitas vezes o Dom desta caridade tipicamente sacerdotal e o seu sorriso eram ainda mais preciosos, porque, quando difundiam a alegria ao redor de si, ele se encontrava oprimido pela dor física e moral. Os que eram objeto de sua bondade nem mesmo suspeitavam disso; mas os anjos certamente ficavam admirados.

Havia uma categoria de sacerdotes que não podia ir até ele, fazer-lhe visita, aproveitar do calor da sua alma sacerdotal: os doentes.

Estes lhe foram como “benjamins”. Procurou de todo modo ser-lhes pai, irmão, amigo, confidente. Pe. Venturini tinha entendido o valor das imobilizações completas; o poder apostólico das horas passadas sobre uma espreguiçadeira, dos curativos dolorosos, a força redentora das pessoas constringidas a ficar numa cama. Por isso comprometeu-se de se aproximar sempre mais dos sacerdotes doentes.

Duas vezes foi a Lourdes com os sacerdotes doentes. Vinculado por íntima amizade com o fundador da Liga “Voluntários do sofrimento”, Mons. Luigi Novarese, acolheu o convite de participar daquelas peregrinações, assumindo para si o encargo da assistência espiritual dos sacerdotes. Pregava as meditações, mas, sobretudo passava ao lado de cada peregrino e dizia a palavra boa e animadora, infundia espírito sobrenatural e parava um momento em agradável conversação. A longa viagem lhe era de particular sofrimento, mas a fazia com boa vontade, porque a podia fazer bem aos padres doentes, também com o seu comportamento edificante. Lembram dele rezando a Liturgia das Horas com muito recolhimento, sentado, mas sem apoiar as costas ao banco...

A Virgem Santíssima abençoou aquelas romarias. Ele notava não ter visto milagres entre os doentes, mas sim maravilhas espirituais. Conseguiu encontrar abrigo para um pobre padre, idoso e cego, abandonado a si mesmo, que estava na romaria. Na volta procurou leva-lo aos Religiosos do Cottolengo. O pobrezinho ficou agradecido pela caridade material, mas, sobretudo, pela “luz da alma” que lhe tinha propiciado a bondade de Pe. Venturini.

### **Entre clérigos e seminaristas**

Na vasta atividade de Pe. Venturini em favor dos padres, merece uma lembrança particular sua obra nos seminários. Poderíamos dizer que ele dava sua preferência aos aspirantes ao sacerdócio, porque naquelas pequenas e tenras plantas enxergava os padres de amanhã.

Ele também, como muitos outros, estava convencido de que somente seminaristas santos seriam amanhã padres santos. O pensamento de aumentar os jovens aspirantes em número e qualidade, nele sempre estava unido àquele da santificação dos ministros do Senhor.

A medida das possibilidades, ofereceu seu serviço ministerial em todos os lugares onde o convidaram os reitores dos seminários e dos institutos. Pregou com muito zelo e entusiasmo a seminaristas, clérigos e ordenandos. Deu para eles numerosos retiros, que ficavam inesquecíveis. Apresentava-se ao público juvenil com a modéstia de sempre, com recolhimento e espírito de fé. Sabendo que eles estavam de olhos e orelhas muito abertas, cuidava com atenção toda particular de sua “primeira pregação”: o bom exemplo. Celebrando a missa deixava uma impressão suave. Tudo fazia com simplicidade.

Seu jeito de falar aos seminaristas era familiar e espontâneo; esquivava o estilo requintado e erudito. Notou-se que quando falava aos seminaristas usava de uma vivacidade extraordinária.

Certas expressões de impacto pegavam os jovens ouvintes. Os superiores mesmos ficavam admirados pelo tom de sua pregação naquelas ocasiões, porque sabiam quanto ele fosse calmo, modesto e reservado para com os padres.

Acabada a pregação começava o “assédio” a sua sala. Todos disputavam entre si para se confessar com ele e ter um diálogo. Era inevitável ir dormir bem tarde.

Pelos Ordenandos rezava muito e convidava a rezar, sobretudo nos dias das sagradas ordenações. Durante as sagradas Temporas, mandava os seus rezarem as ladainhas dos Santos por todos os padres recém-ordenados do mundo.

Quando possível participava com alegria e fervor às Ordenações sacerdotais, permanecendo recolhido em oração, para atrair sobre os Ordenandos as graças mais abundantes do Espírito Santo. Sempre impunha as mãos sobre os candidatos.

Pe. Venturini considerou graça particular, a ele feita pelo Coração de Jesus, o poder aproximar-se em sua vida de tantos e tantos sacerdotes e religiosos. De volta das suas viagens apostólicas, tinha a alma repleta de alegria e repetia aos seus Filhos: “Se soubésseis o quanto é bela a nossa vocação!” E assim dizendo incentivava a si mesmo e os outros a uma maior correspondência à graça da vocação, e à santidade.

Nos seus encontros sacerdotais obtinha um fruto precioso: grande estima e veneração pelo sacerdócio. Tinha a possibilidade de ver o trabalho da graça nos ministros do Senhor, sabia admirar e, dada a ocasião, louvar o zelo deles, a paciência, a tenacidade no trabalho apostólico. Admirava a pobreza que tão freqüentemente envolve o clero e a gratuidade em doar-se às pessoas. A Providência colocou em seus passos um grande número de sacerdotes que ele definia “santos”. Não pensava neles sem louvar o Coração de Jesus e sentir-se consolado nas suas fadigas e nas contrariedades que encontrava na multiforme atividade.

Diante de um sacerdote santo, ele se sentia confuso e humilhado, pensando na própria “miséria”, não obstante todas as vantagens da vida religiosa.

## XIII - DIRETOR DA UNIÃO APOSTÓLICA DO CLERO

### *O Padre e a União Apostólica*

Por longos anos a atividade do Padre se concentrou na *União Apostólica*.

Esta é uma Associação sacerdotal surgida na França, no ano de 1862, por obra de Mons. Vittorio Lebeurier em Coutances.

A *União Apostólica* deveu a sua rápida difusão por corresponder às exigências vivas do clero. É uma escola fácil e prática de perfeição sacerdotal. Visa à santificação dos próprios membros especialmente mediante a observância das práticas de piedade. Zela por uma intensa vida interior.

O espírito da *União Apostólica* se revela no sentimento vivo e operante da própria dignidade e responsabilidade sacerdotais. O desejo da perfeição se concretiza na ininterrupta dedicação a viver em plenitude o sacerdócio, na caridade fraterna para com os Sócios e todos os sacerdotes, em íntima adesão à hierarquia eclesiástica e em total docilidade ao próprio bispo.

O membro da *União Apostólica* nutre a própria vida interior e um ardente espírito de apostolado por uma profunda devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Padre Venturini conheceu a Pia Associação desde quando estava em Cavarzere. Bem logo experimentou sua utilidade prática.

No ano de 1930 os Sócios do Círculo da *União Apostólica* de Trento o elegeram diretor diocesano. A escolha agradou ao clero. Em seu coração o Padre ficou muito contente. O Sagrado Coração lhe abria um vasto campo de trabalho entre os sacerdotes. Preparou-se com zelo e entusiasmo para servir a Associação, já bem encaminhada por zelosos antecessores.

Como diretor diocesano levou a sério o seu ofício. O seu programa consistia em despertar a vida da Associação mediante os meios próprios. Nos encontros sacerdotais tinha uma tática toda especial para ilustrar as vantagens e comprovar o grau de “vitalidade” dos inscritos.

Deu muita importância ao relatório mensal, uma avaliação mensal da caminhada sacerdotal. Desejava que, em conformidade com o regulamento da Associação, lhe mostrassem pela avaliação regular. Queria que a apresentassem também ao diretor espiritual do seminário ou a algum outro piedoso sacerdote. Enviava, depois, de volta aos Sócios o relatório mensal, não faltando em sugerir um encorajamento ou um conselho, e também em dar eventualmente um paterno puxãozinho de orelhas. Definia este trabalho “um apostolado pequeno, mas precioso” Para ele era um modo de fazer chegar a “direção a Domicílio”, alargando todas as vantagens da direção espiritual que se tem no seminário.

### *Conselheiro Nacional da União Apostólica*

A atividade de Pe. Venturini dentro da *União Apostólica* não passou despercebida ao diretor nacional, Pe. Antonio Bellan dos Oblatos de Pádua. Sabia-se que, por motivos de ministério próprios da Congregação, visitava muitos seminários. Era conhecido como todo consagrado ao bem do clero. Estes motivos pareceram mais que suficientes para que fosse nomeado, no dia 27 de abril de 1939, Conselheiro Nacional da Associação, com o especial cargo da propaganda.

Padre Mário aceitou a nova missão, não obstante fosse bastante ocupado tanto em casa como fora. Tratava-se dos sacerdotes; não sabia recusar-se. Vimos em outro lugar quantos sacrifícios lhe causava o viajar, mas o fazia de boa vontade. “Tenho a alegria – escrevia - de falar e aproximar-me a tantos sacerdotes”.



O nome do excepcional propagandista foi logo notado pelos diretores diocesanos dos Círculos da Associação; por isso competiam em convidá-lo a presidir as suas reuniões anuais ou extraordinárias. Ele aceitava com prazer, não nunca recusava. Sentia que satisfazia a um preciso dever da sua vocação: doar-se sob todas as formas pelo bem dos sacerdotes.

Não faltava o sacrifício neste apostolado que, por múltiplos motivos, lhe era pesado. É só pensar na sua saúde delicada, os trabalhos necessários e urgentes dentro da sua Congregação, aos serviços pedidos por outras pessoas. Mas o amor aos sacerdotes lhe dava vigor e energias extraordinárias.

Para honra do clero italiano devemos dizer que a *União Apostólica* foi bem aceita por toda parte e destacada como ótima Associação sacerdotal, garantia de profunda vida espiritual. Pe. Mário achou bastante fácil a sua tarefa de Conselheiro e de propagandista. Era acolhido com benevolência, escutavam-no atentamente quando ilustrava as finalidades, os meios, o espírito animador da Pia Associação.

Raríssimas foram às vezes em que não saiu bem no seu intento. Ao diretor espiritual de um seminário tinha escrito falando-lhe do seu desejo de “dar vida novamente” à Associação naquela região. Foi-lhe respondido que os sacerdotes da diocese tinham tanto trabalho a fazer na área social (era o ano de 1948), que não tinham tempo para a União Apostólica. O Padre deu um sorriso de triste compaixão.

Tinha uma vez avisado, por carta, um diretor diocesano que passaria pela sua diocese para fazer a propaganda da União e... levar a um “despertar”. Tudo parecia bem estabelecido. O Padre chega, ninguém o espera... Naquela circunstância não recebeu nem mesmo alojamento. Teve que, com suma repugnância, ir até o hotel. Talvez se tratasse de um equívoco, mas é claro que lhe causou uma notável dificuldade.

Estes eram os imprevistos do *representante comercial do Bom Deus*. Sabia acolhê-los e permanecer sereno. Ficava, porém, triste quando encontrava (mas foi bem raras vezes) opositores da Associação.

### ***Diretor Nacional***

Em setembro do ano de 1947, os diretores diocesanos, por unanimidade, elegeram Pe. Venturini Diretor Nacional.

Colocou-se logo ao trabalho. E, antes de tudo, pediu a Bênção do Santo Padre para si e para toda a Associação.

Pio XII respondeu por meio da Secretaria de Estado: “*Sua Santidade tem motivo de alegrar-se com a União Apostólica dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus por ter escolhido na P.V. Reverendíssima seu Diretor Nacional. Assistida pela sua palavra e pelo seu zelo, a Associação retomará logo e em cheio a sua preciosa atividade e todo feliz incremento. Terá muita vantagem, com o clero da Itália, a piedade de todos os fiéis, e isto - Vossa Paternidade não a ignora - será, nas urgentes necessidades desta hora, uma ajuda significativa à obra de restauração*”. *Montini Sostituto*.

Verdadeiramente feliz estava o novo diretor em dedicar-se ao bem de uma Associação que tinha por finalidade a santificação do clero; feliz também de poder oferecer à própria Congregação um amplo campo de apostolado em tudo conforme as suas finalidades.

Havia os Sócios, mas precisava reanimá-los. Em seguida iria a busca de novos recrutas.

Pe. Venturini logo se deu conta da situação da Associação. Demonstrou-se otimista. Trabalhou com empenho e com constância, em estreita colaboração com os vários dirigentes.

Seu lema foi: “Círculo Diocesano em plena eficiência!”.

Isso exigia uma soma de trabalho verdadeiramente grande. Mas, em breve tempo, a Associação se reanimou e retomou a atividade e a vida.

## *Sempre mais e sempre melhor*

Na *União Apostólica* Padre Mario viu um dos “meios” mais concretos e práticos para estimular eficazmente a uma vida santa.

Tanto bastou para que a amasse e dela se fizesse apostolado zeloso, ativíssimo, infatigável. Pela União ele colocou a serviço os seus dotes de mente e de coração, a sua dedicação pelo bem dos sacerdotes, o ardor do seu “grande espírito sacerdotal”. A preço de quais e quantos sacrifícios, só Deus sabe!

Como diretor nacional, Pe. Venturini ia por toda a parte onde fosse chamado. Os incômodos físicos, que o desgastavam lentamente e inexoravelmente, nunca o fizeram parar. Com freqüência estava em viagem.

Aplicou todos os meios para tornar a Associação operante e aderente às necessidades dos sacerdotes. Potencializou o periódico, fazendo-o vínculo de união com os Sócios, porta-voz das diretrizes tendentes a incrementar a vida da Associação. Procurou e apreciou a colaboração dos inscritos. Seu ideal seria que o Periódico fosse como uma pequena academia de boas idéias a cultivar e desenvolver. Mesmo devendo fazer as contas com a pobreza dos meios, o Periódico saiu regularmente todo mês alcançando, em 1957, um total de sócios que superava as 7000 unidades.

Entre as Associações Sacerdotais o Padre deu as suas preferências à *União Apostólica*, mas não foi um exclusivista. Teve ligações cordiais com o Diretor e com os Sócios dos *Sacerdotes Adoradores* e da *União Missionária do Clero*. Muitíssimas vezes, nas conferências da *União Apostólica*, intervinham os membros de uma e de outra Associação, em fraterna comunhão de ideais e de trabalho.

Tão logo Pe. Venturini foi nomeado diretor nacional da *União Apostólica*, manifestou o desejo de eleger São José Cafasso padroeiro da Seção Italiana. Obteve entusiásticas aprovações. Também o diretor geral aprovou a iniciativa. Colocando-se ao trabalho, no dia 10 de janeiro de 1948, o seu vivo desejo foi satisfeito.

Considerando que as peregrinações hoje se difundem sempre mais, em 1954 pensou de organizar uma dos Sócios rumo a Lourdes e Fátima. Devia ser um itinerário eminentemente. Espiritual.

O trabalho de preparação lhe foi bastante fatigante. Em compensação a peregrinação, da qual participou uma centena de Sócios, saiu esplendidamente. Foram dias vividos em clima de recolhimento e de profunda espiritualidade. A sua lembrança ficou indelével no coração dos participantes. Foi uma lembrança que lhe fez mais bem.

### **“Os meus dois amores”**

*“Oh, o amor de Pe. Venturini pelos sacerdotes... Pode-se dizer em verdade que eles eram sua paixão, toda a razão da sua vida. Quando se tratava dos sacerdotes, o Padre não conhecia limites no seu zelo, no seu sacrifício. Creio que se possa afirmar, sem exagero algum, que ele foi de verdade a vítima dos sacerdotes, que tanto amou na vida...!”*

Estas palavras de um diretor diocesano da União Apostólica poderiam ser subscritas também por muitos outros sacerdotes espalhados por toda a Itália. Por eles em geral, e pela a Associação em particular, Pe. Mário sacrificou de verdade a si mesmo.

Em 1951 organizou em Roma um Encontro Nacional de Sacerdotes pela beatificação de Pio X. Em tal circunstância, revelou a uma pessoa o seu sentimento íntimo assim:

*“O triunfo de Pio X foi grandioso e comovente. O Senhor exaltou o humilde e o pobrezinho. Pena que a fadiga e o desgaste na organização da Reciclagem (União Apostólica, Diretores dos seminários e Diretores Espirituais) tirasse o tempo e a serenidade para saborear estas belas maravilhas. Mas é preciso dar também isto pelos sacerdotes.*

*A minha saúde? Estou meio cansado (a doença dos velhos!), mas me refaço logo, recomeço e corro. Estou fora e longe e sinto saudades da Comunidade, estou em Trento e o ouvir o assobio de um trem me coloca em sobressalto: há sacerdotes que esperam. Os meus dois amores, que disputam entre si*

*as minhas pobres energias: a Congregação e o clero me levam em duas direções opostas. Desejaria ardentemente também um pouco de repouso junto ao Senhor. Estar junto dele em silêncio... Amor pela própria comodidade? Falta de mortificação? Não sei: sou uma mistura de misérias imensas e de misericórdia divina...!”*

Nas entrelinhas compreendemos o quanto custasse a Pe. Venturini manter-se longe dos seus. Este sacrifício foi grande, talvez por poucos conhecidos e por algum também subestimado. Com um sentimento de tristeza no fim do ano de 1941 anota no seu *Diário* que em 365 dias, somente 145 deles os tinha transcorrido com a querida comunidade.

É notório que a última fadiga apostólica de Padre Venturini foi mesmo uma viagem de propagandas e de encontros sacerdotais na região das Pulhas em prol da querida Associação. O *viajante* do Bom Deus punha fim a sua atividade doando si mesmo aos sacerdotes, e deixando a Pia Associação em prósperas condições.

Na sua morte, de todos os pontos da Itália, onde quer que houvesse um Círculo da *União Apostólica*, se elevou uma voz de bênção pelo operário fiel e laborioso.

### ***Presente nos encontros***

Não causa surpresa ver o Padre convidado com insistência nos vários encontros realizados em Roma pelas Congregações Romanas ou por diversos Comitês. Levava-se em grande conta a sua contribuição, porque estava continuamente em contato com os sacerdotes da Itália; tinha relações com muitíssimos bispos e era a par dos problemas que se agitavam dentro do clero diocesano e regular.

Na medida em que os compromissos o permitiam, não faltava nunca aos encontros marcados pelos reitores e diretores espirituais dos seminários e aos promovidos pela Sagrada Congregação dos Religiosos. Procurava manter-se atualizado acerca de tudo aquilo que fosse do interesse do Clero e dos religiosos. Não foi muitas vezes relator, e também as suas intervenções eram poucas. Logo, deixava aparecer a sua “vocação”: o amor pelo clero, que desejava de alta perfeição mediante uma formação clássica, que visava defender dos desvios.

Sentava-se numa carteira qualquer como tantos outros. Terminada a discussão havia sempre algum amigo com o qual comentava as relações, “mas, diz um, depois de alguns minutos de conversação o discurso se distanciava do Congresso e de Roma e voava para Deus”. (*Mons. Pesce*)

Um sacerdote lembra que, terminada a conversação, um reitor ou um diretor espiritual o puxava bondosamente pela manga num cantinho e lá *desembrulhava o seu caso*, ou mesmo, se permitia um desabafo. O Padre, sorridente, mesmo cansado, escutava, escutava. Doava-se, como sempre, pelos sacerdotes. Era a sua vocação.

### ***Apostolado da caneta***

Pe. Venturini, no desejo de ajudar os sacerdotes com todo meio, dedicou-se também ao apostolado da caneta.

Já sabemos que bem cedo se exercitou na atividade da publicação. Desde clérigo e neo-sacerdote escreveu vários artigos nos Periódicos “Emanuel” e “Anais dos Sacerdotes Adoradores”. Quando era vigário publicou em forma popular um livrinho sobre o Sagrado Coração de Jesus. Difundiu, entre as pessoas piedosas, jaculatórias comentadas, das quais se fizeram e se fazem ainda muitíssimas edições.

Em 1924 Pe. Venturini iniciou a publicação do Periódico “O Retiro Mensal” para as comunidades femininas. Em quinze anos de apostolado entre os leigos e as irmãs, teve a possibilidade de fazer uma amarga constatação: as religiosas, concluindo o noviciado, estão praticamente abandonadas a si mesmas. Até o retiro mensal é difícil que seja pregado com regularidade. Quando,

observava, se as religiosas são espiritualmente ajudadas, rendem melhor diante de Deus e nas obras paroquiais.

Sofreu grande tristeza por este estado de coisas. Pensou em facilitar às religiosas a tarefa da perfeição delas com o Periódico citado. A acolhida favorável, que logo encontrou e que dura ainda hoje, demonstra que Pe. Mário tinha adivinhado uma necessidade e levado um verdadeiro remédio espiritual.

Em 1926, ano de fundação da Congregação, Pe. Venturini iniciou a publicação de “Sacerdos”, periódico mensal de piedade sacerdotal. Ele sabia que tantos sacerdotes encontravam dificuldade em fazer o retiro mensal, seja em grupo como em particular, porque não havia quem se prestasse para tal ministério. Isso acontecia, sobretudo, nas cidades pequenas.

O pequeno “Sacerdos” silenciosamente chegou a muitos e muitos sacerdotes da Itália. Modesto na veste tipográfica (Pe. Venturini foi sempre pobre e quis ajudar os pobres), mas rico no seu conteúdo, foi apreciado. A guerra extinguiu tantos periódicos e também o *Sacerdos* sofreu a mesma sorte; mas, logo que esta terminou, o Padre pensou no seu renascimento, não obstante tantas outras similares publicações tecnicamente superiores. A União Apostólica gostou de ter mensalmente o “Sacerdos”; assim se retomou a difusão.

Em 1932 foi a vez do Folheto “Rezemos pelo Clero”, que saía por ocasião das quatro “temporas” do ano. O título diz com suficiência a finalidade da publicação. Foi meio eficaz também para se manter em relação com os benfeitores e dar pequenas notícias da Congregação aos amigos e simpatizantes.

Eleito, em 1937, Diretor Nacional da Liga “Pro Pontifice et Ecclesia”, ocupou-se da publicação do periódico “O Papa”. Era feliz em ter um meio para tornar conhecido, amado e venerado o Sumo Pontífice. Falaremos disso mais à frente.

Um aceno especial merece a Revista “Seminarium”, que a Divina Providência dispôs que nascesse em Trento e fosse dirigida pela Congregação Sacerdotal, por muitos anos.

Num encontro de reitores e padres espirituais da Região Trivêneto, ocorrido em Veneza em setembro de 1947, foi ventilada a idéia de um periódico para o pessoal diretivo e didático dos seminários, para levar uma contribuição mais eficaz à formação dos alunos do Santuário. É preciso reconhecer que em vão se buscava uma revista como a desejavam tantos reitores e diretores espirituais.

Idealizador e entusiasta patrocinador do novo periódico foi – é bom lembrar – Pe. Eugênio Bernardi, que já conhecemos como íntimo amigo do Padre. Quando se pensou a quem confiar a publicação, Pe. Bernardi achou oportuno escolher Pe. Venturini e a sua Congregação. Os outros abraçaram o seu parecer.

O Padre aceitou o novo cargo como algo mandado pelo Coração de Jesus para o bem dos aspirantes ao sacerdócio, confiante na ajuda divina e na colaboração dos amigos. O periódico iniciou as publicações saindo regulamente quatro vezes ao ano. Tratava de argumentos e problemas de grande interesse para os seminários e os institutos de formação religiosa.

A revista, pela sua especificidade, foi seguida atentamente pela Sagrada Congregação dos Seminários. Recebeu dela conselhos e apoios. Em 1960, no desejo de dar-lhe uma difusão não só nacional, mas internacional, foi pedido aos Filhos de Pe. Venturini sua cessão para torná-la órgão do mesmo dicastério. Eles, sempre obedientes aos superiores eclesiásticos, aderiram. Assim, “Seminarium” passou à responsabilidade de Roma.

A colaboração do Padre era, também, desejada por outras revistas eclesiásticas. O Padre, de todo coração, teria aceitado também estes encargos, mas já estava carregado demais de trabalho e cortesmente se recusou.

### ***O escritório é um Altar***

Para Pe. Venturini o escrever era uma pregação de mais vasto alcance. Por isso, preparava a mesma com muita oração, reflexão, muito sacrifício e paciência. Basta pensar nos seus muitos encargos, nas mil interrupções, na dor de cabeça que o atormentava especialmente nos últimos anos.

Nos primeiros anos o trabalho da publicação era apoiado quase completamente sobre os ombros do Padre. Como dar conta de tudo? Roubava as horas de sono e colocava o despertador para tocar às 2:30h ou às 3:30h da madrugada. Não podia fazer conta no seu tempo durante o dia.

Que tormento não poder seguir as revistas eclesiais para atualizar-se e escrever melhor para os caros sacerdotes! Um dia aconselhava um seu Filho de encaminhar-se a escrever. Este lhe observou que não tinha tempo de ler... Então ele: “E eu, o que li? Foi sempre a minha tortura ver belos livros e não poder lê-los! Deus me basta! Ó Senhor, seja feita a vossa vontade! Oh, quanto invejo aqueles velhos religiosos que rezam e lêem imergindo-se em Deus...*Seja feita a tua vontade!*” Era porém muito industrioso para desfrutar os retalhos de tempo e em ler livros e revistas com o objetivo de manter-se atualizado.

### *Correspondência epistolar*

Grande foi o monte de cartas escritas pelo Padre.

Mediante a correspondência esteve em contato com os Filhos espirituais, com as pessoas amigas da Obra, com cardeais, com bispos e com prelados da Cúria Romana, com centenas de sacerdotes e com tantas outras pessoas.

Às numerosas cartas, que lhe chegavam diariamente, respondia brevemente, de próprio punho com a sua caligrafia miúda, mas bela e correta.

Entrando no seu quarto, habitualmente era encontrado sentado no escritório com uma folha de carta diante de si. Colocava o crucifixo perto dela. Terminada a carta traçava sobre ela um belo sinal da cruz. Assim fazia também para os artigos.

As cartas de Pe. Venturini têm um “tom” característico. Não se poderiam definir cartas de direção espiritual, mesmo que contenham conselhos ascéticos.

Ele se punha com simplicidade diante do destinatário, não como se lhe escrevesse, mas como se conversasse com ele. Tinha uma capacidade maravilhosa em responder com profunda sintonia. Depois ter lido uma sua carta, ficava a impressão de ter feito com ele uma conversação amigável, rica de brincadeiras humorísticas e de finas argúcias, mas tudo sempre impregnado de forte espírito sobrenatural. Como desde menino sabia fazer todas as partes num drama, assim nas suas cartas sustentava brilhantemente todas as partes. Era um especialista em escrever a doentes, a atribulados, a pessoas simples. Quando a sua imensa correspondência for recolhida e estudada, revelará todos os magníficos aspectos da sua alma sacerdotal e religiosa.

Quando em 1950 o Padre, fez construir a capelinha da Paixão, num canto do seu amplo escritório, foi necessário deslocar a escrivaninha e no mesmo lugar foi colocado o novo altazinho. Houve quem comentasse a circunstância, dizendo que a escrivaninha, testemunha de tantas cartas escritas, de tantas vocações decididas, de lágrimas enxugadas, podia ela também ser considerada um altar.

## XIV - O AMIGO DO BOM PASTOR

### *Preparação à missão de Bom Samaritano*

Somos tentados a omitir este assunto muito delicado; mas descuidaríamos de uma atividade tão característica de Pe. Venturini, um lado importante da sua fisionomia de apóstolo de todos os sacerdotes.

O coração de Jesus encaminhou em tempo o Padre à missão de socorrer os próprios irmãos desventurados. Já no seminário de Pádua, em união com o clérigo Simoni, se inscreveu na Associação das Almas Vítimas, a qual tem especialmente o objetivo da reparação sacerdotal. Jovem capelão em Cavarzere experimentou logo os numerosos e graves perigos que corre a virtude do sacerdote se ele não se mantém ancorado bem firmemente em seus santos ideais. O Senhor permitiu que ele viesse a conhecer alguns fatos dolorosos, para que reparasse e caminhasse direito na estrada do sacerdócio imaculado.

A idéia de ajudar os sacerdotes espiritualmente infelizes foi lentamente concretizando-se na mente do Padre. Começou a ajudar na santificação deles, como lhe foi possível. Com freqüência lembrava o refrão do seu Pároco: “Na Igreja há uma lacuna. Não existe um Instituto Religioso que se ocupe dos sacerdotes necessitados de socorro espiritual e moral”.

### *Assistência ocasional*

Fundada a Congregação Sacerdotal (1926), começaram quase logo a chegar pedidos de ajuda e de socorro para os padres. Alguns destes foram mandados a Pe. Venturini por meio de Pe. Petazzi e de Pe. Simoni, mas outros o pediram espontaneamente. Quem fez conhecer a eles a Obra, o Padre e, sobretudo, esta atividade que se realizava, por motivos facilmente compreensíveis, de forma secreta? Era o Coração Divino de Jesus, que tudo dispunha para que se desse início ao trabalho sobre mais larga escala, mas sempre em estilo muito reservado.

Pe. Venturini se encontrou rapidamente frente a bispos, diretores espirituais e superiores de congregações religiosas que lhe assinalavam “casos” a estudar, a resolver, a ajudar. Pedia-se a sua obra de padre, de amigo, de médico, de bom pastor, de bom samaritano.

Ele, na Casa Mãe da Via dei Giardini, começou, também por conselho de Pe. Petazzi, a dar uma assistência ocasional a todos que pedissem a sua obra. Colocou à disposição alguns quartos para os hóspedes e, segundo o caso, prestava ao coirmão a ajuda espiritual necessária.

Com o passar do tempo, a Casa Mãe se tornou pequena, porque cresceu o número tanto de religiosos como de apostolinhos. Enquanto isso, aumentavam também os S.O.S. dos sacerdotes.

O Padre desejava oferecer aos que lhe pediam ajuda uma hospitalidade mais adequada, uma assistência mais cuidadosa. Desejava muito uma casa destinada a este único objetivo. Tratando-se de um trabalho vasto e comprometedor sob todos os aspectos, pediu o apoio de amigos entre o clero.

No ano de 1935, teve um longo colóquio sobre este assunto com Pe. Calabria e recebeu dele um caloroso encorajamento.

### *Vila Maria Imaculada*

Por muito tempo o Padre levou no seu coração o desejo de poder abrir uma casa de acolhida para os sacerdotes.

Existem casas de tal tipo para toda categoria de pessoas, pensava, só os sacerdotes, que tanto se fadigam pelas pessoas, que se desgastam nas energias físicas e espirituais, não terão um lugar só para eles, onde podem repousar à vontade, restaurando-se também no espírito aos pés do sacrário? Por que

não haverá um lugar onde um ministro de Deus, cansado e alquebrado pelo trabalho e pelos anos, poderá terminar em paz os seus dias? Um lugar onde o sacerdote poderá se retirar na solidão para melhor considerar as graças recebidas, para retomar depois, com renovadas energias, as fadigas pela saúde dos irmãos?

A Divina Providência veio em socorro. Alguns padres e piedosos leigos procuraram o dinheiro necessário para adquirir uma casa adjacente ao Instituto, situada em belíssima posição, dentro de um grande parque.

Na festa do Sagrado Coração do ano de 1938 se tomou solene posse dela com uma magnífica procissão pelo parque da Casa. No dia 21 de novembro os primeiros hóspedes, que já estavam alojados na Casa Mãe, passaram a habitá-la. A Casa de acolhida foi intitulada Maria Imaculada.

Um piedoso sacerdote comprou uma bela imagem de Nossa Senhora, que foi posta sobre o altar da capela. O Padre elevou naquela circunstância, uma oração: “Virgem Santa, diletíssima Mãe dos Sacerdotes, guarde, defenda, proteja e faça prosperar esta nova casa, da qual te constituímos Senhora e Rainha”.

A vida na Casa Maria Imaculada se iniciou com ritmo simples e ordenado: O padre quis que se formasse uma comunidade-família, rica de oração, caridade, compreensão, franqueza e sinceridade. Para que o trabalho decorresse tranqüilo, sereno e sem dificuldades, estabeleceu que uma grande solidão circundasse a Casa de repouso, houvesse a máxima reserva entre os seus membros e não se falasse dela de modo algum com estranhos.

Como foi acolhida pelo clero a nova Obra?

A maioria daqueles que puderam conhecê-la compreendeu logo sua beleza e a utilidade. Não faltaram altas e sinceras adesões. Lembramos aquelas dos cardeais Schuster de Milão e Boetto de Gênova, a de numerosos bispos, de prelados e de sacerdotes.

Não faltam testemunhos de sincera gratidão por parte dos sacerdotes assistidos que voltaram espiritualmente restaurados às suas dioceses, ao seu trabalho pastoral, à atividade sacerdotal. O parêntese vivido na casa de retiro foi, por muitos, considerado providencial e benéfico sob múltiplos aspectos.

Um sacerdote chama Casa Maria Imaculada “um pequeno hospital de campo, onde se levam os pilotos feridos e se trocam as partes quebradas dos aparelhos para que voltem a voar mais alto do que antes”.

Um outro escreve: “Obra providencial! Pense, Padre, o que eu era... Um escomburo no sentido pleno da palavra; hoje sou um sacerdote reabilitado e que tem a possibilidade de trabalhar ainda e reparar, em parte, o tempo desperdiçado com tantas leviandades...”

E outro: “A querida Casa Maria Imaculada! Digo-lhe a verdade: mais de uma vez, especialmente quando o trabalho se torna mais duro, eu sonho, lamentando, com a paz e a tranqüilidade daquela Casa onde sofri, como era natural, mas na qual passei horas de verdadeira paz e serenidade...”

### *Augustas aprovações*

Quando Pe. Venturini deu início a esta nova atividade sacerdotal, preparou a si mesmo e os seus Filhos para sofrerem muito pelo amor do Sacratíssimo Coração de Jesus e pelos seus sacerdotes. Não faltaram as dificuldades. Sentiram-se também algumas críticas. Às vezes houve alguns desprazeres. O Padre calava, perdoava tudo e continuava a sua caridade como se as coisas não lhe dissessem respeito.

O Senhor não faltava em dar consolações, de tempos em tempos, ao seu servidor fiel. Sentiu-se encorajado pela Santa Sé. Isto para ele valia como uma expressa confirmação da utilidade do seu apostolado entre os sacerdotes necessitados.

Quem seguiu com sumo interesse e com ânsia paterna o delicado trabalho foi Pio XII.

Nas numerosas audiências, concedidas a Pe. Venturini por ocasião da Jornada de Santificação Sacerdotal, sempre quis ficar informado minuciosamente da atividade em favor dos sacerdotes

necessitados. Alegrou-se com os sucessos e se entristecia com as dificuldades ou incompreensões. Numa audiência de janeiro de 1951, lhe foram referidas, como de costume, notícias sobre o andamento do trabalho. O papa, a certo ponto, exclamou: “Agradecemos-vos por tudo quanto tem feito pelo clero”. O Padre, escrevendo a uma pessoa, comentava: “É o vigário de Jesus que diz assim. Mas ele sabe que é necessária esta palavra porque, algumas vezes, para mim e meus Filhos, a angústia é grande: existe mesmo o fel no cálice”.

Em outubro de 1957, Pio XII, recebendo em audiência o primeiro sucessor de Pe. Venturini, Pe. Pedro Menotti, entre outras palavras, disse: “Como era bom Pe. Venturini! Que trabalho difícil fazia!”.

### ***Os amigos do Bom Pastor***

Pe. Venturini procurou que o seu ideal fosse abraçado também por outros ótimos sacerdotes. Manteve com eles contínua relação pedindo orações e marcando encontros para socorrer, aconselhar, salvar.

Fazia uma amarga constatação. Quando um pastor de pessoas se desvia no caminho, segue atordoado na neblina ou se encontra em dificuldade com a Autoridade eclesiástica, logo viram as costas para ele, o abandonam, o marcam com desprezo ou se atiram pedras. Acentua-se o escândalo por parte dos fiéis. Os adversários, diferentemente, logo vêm ao encontro do infeliz; demonstram-lhe compreensão e compaixão, socorrem-no. Deste modo facilmente o coitado cai nas redes das seitas religiosas ou de ambientes hostis à Igreja.

Por que este fato? Perguntava-se gemendo o Padre.

Ele pensava em uma Associação de *Amigos do Bom Pastor* que se ocupasse de reencontrar os desviados, de dar-lhes uma mão para retomar o caminho dentro da Igreja e, possivelmente, voltar ainda a trabalhar na vinha do Senhor.

Manifestou o seu projeto aos melhores inscritos na União Apostólica, convidando-os à oração e, sobretudo, à caridade delicada e atenciosa, que busca prevenir ou reparar o mais breve possível.

Sabia que não estava só neste trabalho tão precioso na Igreja. Por isso buscou o auxílio, o conselho e a colaboração de outras Instituições similares. Desejou que houvesse trocas de experiências, apreciou encontros de estudos com dirigentes de tais obras.

No desejo de ser um bom e competente samaritano e ajudar a uma reabilitação completa e duradoura, realizou encontros com médicos e especialistas em psicologia, psiquiatria e neurologia.

### ***“Quero ser a contínua intercessão pelos sacerdotes...”***

Um apostolado deste tipo coloca à luz as virtudes de quem o exerce.

Assim aconteceu com Pe. Venturini.

Notou-se nele um contínuo aumento no espírito de reparação sacerdotal. Quis que toda quarta-feira se celebrasse uma Santa Missa com esta finalidade. Ensinou aos seus Filhos orações específicas para consolar o Sagrado Coração de Jesus tão ofendido. Mais de um bispo observou que, quando o Padre tratava de certos “casos”, o seu rosto, habitualmente sorridente, se cobria de tristeza. Dava até sinais de dor física.

Um espírito de grande compreensão se notava nele quando examinava a situação dolorosa de algum coirmão. Não se surpreendia... Ao invés, adquiria motivos de santa desconfiança de si, de vigilância e, sobretudo, de santo temor de Deus.

Todos os sacerdotes eram acolhidos por Pe. Venturini com grande espírito de fé, mas de modo particular aqueles mais pobres espiritualmente.



Quando um sacerdote se apresentava para pedir ajuda, ao despedir-se era Pe. Mário que pedia a bênção. Insistia tanto e com tanta cortesia, que nenhum, em qualquer condição de espírito se encontrasse, conseguia recusar.

Um dia bate a sua porta um destes “sofredores”. Está vestido à paisana, embaraçado, atordoado. Segura uma carta que lhe queima a mão. Fora-lhe dada, após seu pedido, pelos superiores religiosos. Com tal documento tinha a possibilidade de ficar livre de tudo no mundo, ou então voltar reassumir o ministério religioso. O colóquio é longo, o Padre entende num instante os fatos apenas acenados. Adivinha neles tantos outros excluídos no colóquio... No final aconselha, exorta, estimula para... um retorno. Mas o infeliz está indeciso. Pensará no assunto! O padre entende a hesitação penosa. Dissolve-a e a dissipa com um ato de fé. Diz: “Terminamos o assunto, e agora me dê a santa bênção”. E se ajoelha diante dele pronta e humildemente. Confusão e mal-estar imobilizam o coitado. Titubeia: “Mas Padre, eu? Neste estado?”.

O Padre com voz firme e suave: “O senhor é sacerdote, tem o caráter sacerdotal, abençoe-me!” Um sinal da cruz trêmulo é feito sobre o Padre, e na alma do consagrado se acende uma luz benéfica. Sente-se decidido: retornará. O Padre crê no seu sacerdócio. O feliz sacerdote trabalhou por muitos anos tranqüilo em meio ao seu rebanho...

Pe. Venturini se sujeitava, algumas vezes em longas viagens, para atender a pedidos urgentes de socorro. Tantas vezes marcava encontros que lhe custavam horas de atraso em relação ao horário previsto.

Discordava daqueles que falavam em “um grande número” de sacerdotes desviados e corrigiu esta mentalidade nas reuniões, comunidades e seminários. Achava que este modo de pensar não era nem justo e nem psicologicamente positivo. Nem mesmo queria que se tivesse da maioria dos sacerdotes um conceito medíocre, como infelizmente queria certa literatura.

Foi-lhe pedido que julgasse um romance escrito para seminaristas, onde os sacerdotes são apresentados como figuras mesquinhas e o autor coloca em destaque o lado negativo da vida eclesial. No final do romance, escreve de próprio punho: “Não, caro Professor X, não são estes os sacerdotes do Senhor. Há alguns daqueles, que o senhor coloca na berlinda, mas os pinta todos, ou quase, com a mesma cor. Não, não é assim. O vosso livro faz mais mal do que bem!...”.

Neste trabalho agüentou provações de todo tipo. Conheceu também grandes consolações

Alguma vez pensava com ansiedade e temor no desenvolvimento desta atividade. Ele se perguntava se continuaria em seguida. Colocava tudo nas mãos de Deus, mas pensava com tristeza nas grandes pessoas que, tendo iniciado este apostolado, foram depois constringidos pelas circunstâncias a abandoná-lo ou a limitá-lo. Refletindo nesta triste eventualidade também para a sua Congregação, ouviu-se várias vezes repetir: “Prefiro ver destruída a Obra, ao invés de deixar cair este ministério entre os sacerdotes necessitados”. Se pensarmos no amor do Padre pela sua Congregação e nos sacrifícios exigidos por este apostolado, podemos dizer que a sua afirmação tem algo de heróico.

Amigos e admiradores do Padre dizem que as páginas mais belas da sua vida não podem ser escritas: são os atos de caridade exercitados para com os sacerdotes. É isso mesmo. São, porém, escritas no Coração de Jesus. “No céu – dizia Pio XII – tal obra de salvação e de santificação poderá ser dignamente apreciada”.

No dia 07 de março de 1957, Pe. Venturini, lembrando no seu *Diário* a distante “primeira idéia” da Obra (em 1912) e o desejo de reparação sacerdotal, provou fortes sentimentos de gratidão para com o Coração Divino de Jesus.

No mesmo dia uma pobre freira, também em nome dos seus parentes, lhe entregou um bilhete contendo o endereço de um irmão, sacerdote desencaminhado. Pedia que procurasse por fim à desolação sua e dos familiares buscando de encontrar o desencaminhado. O padre confortou a amargurada freira e a animou a confiar muitíssimo. Colocou o bilhete na sua pequena agenda; tentaria oferecer, mais do que a mão, o coração àquele infeliz, como já tinha feito outras vezes. Porém, a morte o surpreendeu poucos dias depois.

Tinha talvez terminado a sua missão junto aos sacerdotes necessitados? Não. Tinha escrito, de fato, desde 1943, antes de uma delicada intervenção cirúrgica: “no Paraíso, onde espero um dia ser admitido pela infinita misericórdia de Jesus, não me descansarei, enquanto houver um sacerdote para ajudar sobre a terra. Quero ser a contínua intercessão pelos sacerdotes...”.

## XV - APAIXONADO PELO SACERDÓCIO

### *Devoção a Jesus Sacerdote*

Poder-se-ia resumir toda a vida de Pe. Venturini no tema da sua tese de láurea: “O Sacerdócio de Jesus Cristo”.

Viveu, rezou, sofreu pelo Sacerdócio, pelos sacerdotes.

Todas as suas iniciativas, começando pela Congregação dos Filhos do Coração de Jesus, buscam, como fonte, a Jesus Cristo, Sacerdote e Vítima, que doa à humanidade à Eucaristia e o Sacerdócio.

Toda a sua espiritualidade se concentra na consagração ao Coração de Jesus, vivo na Eucaristia e no Sacerdócio.

Ele exortava a pedir constantemente ao Senhor a graça de compreender sempre melhor o Dom inefável do Sacerdócio, porque nunca poderá dizer que conhece o Coração de Jesus e o seu infinito Amor quem não conhece o Sacerdócio que, junto à Santíssima Eucaristia, é o seu Dom maior.

O Padre teve a graça verdadeiramente assinalada de conhecer em tempo a devoção a Jesus Sacerdote. No seminário aprofundou seus aspectos teológicos, unido ao amigo Simoni, estudando os autores da Escola Francesa.

Em Roma continuou o estudo predileto.

Fundada a Congregação, fixou, como um dos objetivos principais, a difusão de tal devoção junto aos ministros de Deus com a intenção de “reavivar a graça da Sagrada Ordem”.

O coração do Padre se encheu de santo júbilo quando foi inserida no Missal Romano a Missa de Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote. Era seu vivo desejo que se instituísse a festa dele com Liturgia própria.

Todo ano, chegando a Jornada de Santificação Sacerdotal, o Padre fazia apelo ao Clero, para que rezasse e apoiasse a súplica junto à Santa Sé para obter a Festa do Sacerdócio. Sobre a sua escrivinha, depois da morte, foi encontrado o rascunho de uma súplica a Pio XII, para que se dignasse apressar a desejada instituição da festa litúrgica de Jesus Sacerdote. A morte o colheu tendo em mãos uma oração-voto que tinha sido o ideal de toda a sua vida.

### *A alegria do seu sacerdócio*

“Um apaixonado pelo Sacerdócio”, foi definido Pe. Venturini. As coisas ditas até aqui no-lo revelam constantemente orientado para Jesus Sacerdote, ao Seu Coração Sacerdotal; mas devemos dizer que o Padre foi um apaixonado também pelo Sacerdócio conferido a ele pela Bondade Divina.

O que pensava Padre Mário do seu Sacerdócio, no-lo dizem os numerosos discursos feitos por ocasião de primeiras Santas Missas dos seus religiosos ou de amigos. Naqueles discursos descrevia a si mesmo; mais do que o seu pensamento, manifestava o seu coração. E quem os lê, acha-os tão simples. É a simplicidade que penetra na profundidade e eleva.

O Coração de Jesus concedeu ao Padre uma graça muito singular: a de saber admirar-se no seu Sacerdócio, que para ele equivalia ao sacerdócio santo. Limitamo-nos a citar, como confirmação, algumas afirmações entre as mais significativas.

Por ocasião do seu 43º aniversário de ordenação sacerdotal, 24 de agosto de 1953, escrevia:

*“Na alegria sempre viva do coração, celebro este dia bendito. Queria gritar ao mundo inteiro a minha felicidade: grito-a aos Anjos e aos Santos, que estão ao alcance de compreender-me. Não tenho somente o motivo da Consagração sacerdotal para agradecer-te, meu Senhor, meu Deus e meu Dileto, mas também o fato de ter-me feito experimentar sempre, sempre, esta felicidade, de ser teu ministro, teu amigo pela eternidade.*”

*Meu Senhor, peço-te, pela intercessão de Maria Santíssima, conservar em mim esta graça, faz-la sentir em mim, se assim é do teu agrado, a cada dia. Parece-me que será para mim um meio de fidelidade, um meio para manter-me sempre unido a ti, mesmo que custe a vida e todos os tormentos. Peço-te, além disso, tornar esta alegria sacerdotal comunicativa também aos outros coirmãos, especialmente àqueles que sentem o sacerdócio como um peso... “Oh, bendito Jesus, se fosse mesmo um peso, chamá-lo-ia ao invés um peso de glória, no tempo e na eternidade.” (Diário)*

Quem, de manhã, ao meio dia e à tarde, escuta o *Anjo do Senhor* rezado pelos religiosos da congregação Sacerdotal fica maravilhado por se acrescentar, depois das habituais invocações, o “*Magnificat*”. Aquele cântico mariano é, ainda, o eco da alegria que irrompia do coração de Pe. Venturini quando pensava no seu sacerdócio. Quis de fato que o “*Magnificat*” fosse rezado três vezes ao dia para agradecer a Jesus Sacerdote pelo Dom do sacerdócio participado aos religiosos da sua Congregação e a todos os sacerdotes da Igreja Católica.

Ele sabia admirar-se na dignidade sacerdotal. Como todos os santos sacerdotes, se considerava, com profundo espírito de fé, um *outro Cristo*. Por este motivo, desejava que o dia do aniversário da própria ordenação sacerdotal fosse lembrado com especial solenidade.

Ele, mesmo na sua grande humildade, não só aceitava a festa que os seus Filhos lhe faziam no dia 24 de agosto de cada ano, mas se mostrava muito feliz por isso. Chegou até a dizer que a... esperava! Por ocasião do 40º aniversário da sua ordenação, escreveu uma belíssima carta, onde explicava os motivos pelos quais deixava que fizessem a festa.

Ainda jovem sacerdote, durante as Sagradas Têmporas de dezembro do ano de 1922, rezando pelos novos ordenandos, pensava que havia no missal uma Missa no Aniversário da consagração dos bispos... “Por que, se perguntava, não se poderia ter, do mesmo modo, uma também no aniversário da ordenação sacerdotal?” Claramente confessa que tinha experimentado estender um rascunho da mesma.

Queria honrar a própria dignidade, não só com a vida íntegra, mas também com o comportamento externo. Quem não o lembra no seu modo de caminhar, de apresentar-se, de conversar, modesto, sim, mas dignitoso, para não dizer majestoso? Queria ser sempre e em toda parte sacerdote, não de vez em quando, ou apenas em algum lugar.

### ***A sua Missa***

A este ponto é fácil intuir qual lugar ocupasse na espiritualidade do Padre a Santa Missa. Queria que o Santo Sacrifício fosse o centro da Congregação Sacerdotal. Celebrava com a máxima devoção, deixando admirados quantos dela participavam e o observavam. Flexão da voz, inclinações, genuflexões revelavam nele uma dignidade e uma compreensão tal, de modo a fazê-lo parecer uma liturgia personificada.

Pe. Venturini não gostava de singularidades na celebração da Santa Missa. Preferia circundar-se de silêncio e de solidão. Antes de subir ao altar se conservava em profundo recolhimento. E o mesmo o acompanhava durante o Santo Sacrifício e no agradecimento depois da missa.

Reagindo à “pressa” que lamentava nas suas peregrinações apostólicas ou encontros, habituou-se a celebrar com muita calma. Não exagerava, porém. Sabia estar entre os limites da edificação e da discrição.

Para Pe. Venturini a Santa Missa não era um episódio isolado. Vivia-a durante o dia todo. Servia-se do pio exercício da “União ao Sacrifício de Jesus”, renovado a cada hora e também mais vezes, inclusive à noite. Mandou imprimir um “relógio eucarístico” com a indicação da celebração da Santa Missa a cada hora do dia e da noite, e o difundiu entre as pessoas piedosas. Aos seus Filhos deixou o santo costume de, a cada hora do dia, se unirem espiritualmente à Vítima Divina, imolada sobre os altares do mundo.

“Ó Jesus, Cordeiro de Deus, perenemente imolado sobre os altares do mundo, eu me uno a vós!”: eis a jaculatória mais querida e freqüente, que usava para viver durante o dia a sua Missa e

saborear o ato supremo do sacerdócio. Foi-lhe sugerido, como era seu desejo, também sobre o leito de morte, e ele, com voz forte e vibrante, respondeu: *Eu me uno a vós!*

Era da opinião, com todos os grandes santos sacerdotes, de que o padre não falta à santidade do seu estado enquanto ame e viva a sua missa.

No dia 24 de agosto de 1948, celebrando, como sempre, o seu aniversário de ordenação sacerdotal, escrevia no *Diário*:

*“Em meio à minha multiforme miséria, devo agradecer ao Senhor de me ter dado a graça de uma viva devoção e de um sensível amor pela Santa Missa. Talvez seja este singular benefício de Deus, que me impeça de precipitar no abismo e que me tenha ligado com todas as forças à sua infinita misericórdia. Senhor, conserva-me graça tão grande e, se é de teu agrado, aumenta-a ainda mais, porque espero que, mediante este meio, consiga dar-me inteiramente e sinceramente a ti e para sempre”.*

### ***Honrar o sacerdócio no vigário de Cristo***

Padre Mário professava uma convicta e profunda devoção à Igreja e ao papa. Na sua humildade, acreditava devê-la, sobretudo à formação a ele pelo cônego Caio Rossetti, o combativo pároco de Cavarzere, ao lado do qual tinha trabalhado muitos anos.

Os fatos que fizeram amadurecer a fundação da Congregação Sacerdotal contribuíram para aumentar em Pe. Venturini o amor pelo Papa. Quis que sua Obra, mesmo porque “sacerdotal”, fosse consagrada “de modo especialíssimo e totalmente” ao serviço do Sumo Pontífice, assumindo para si o compromisso de difundir o amor, o respeito e a devoção a Ele.

Teria desejado que ela surgisse em Roma, porque lhe parecia que não houvesse terreno mais apropriado do que aquele santificado pela presença de Pedro. Em seguida, dócil à Autoridade, decidiu de modo diferente.

Muitos sacerdotes consideram uma graça especial do Senhor poder realizar seus estudos em Roma, junto ao Vaticano, perto da Sede de Pedro, para crescer no amor à Igreja e ao papa.

Pe. Mário, tão sensível a tudo aquilo que podia enamorar do sacerdócio, não podia fugir deste influxo da graça. A permanência romana (1922-24) aumentou grandemente nele o amor ao Pontífice e à Igreja. No dia 29 de junho de 1924 escrevia a uma pessoa:

*“Oh, como devo agradecer ao Senhor de me ter colocado no coração um amor tão forte e grande pelo Sumo Pontífice! Senti-o sempre também nos primeiros anos da minha idade; sempre amei a causa do Santo Padre e me gloriava de estar entre os intransigentes; mas agora é um outro afeto, ardente, veemente, que algumas vezes me faz sair de mim mesmo. É mais um fruto da estadia em Roma.*

*Não vou muito à Basílica de São Pedro porque fujo da confusão, e o mundo agora é tão feio; mas tudo lá fala do papa: creio que mesmo o ar que lá se respira seja impregnado de papalidade.*

*Jesus sabe bem porque me pôs no coração tal intensidade de afeto sobrenatural pelo seu Vigário: o fundamento da Igreja é também o fundamento da Obra. Igual amor pela Igreja e pelo seu Chefe deverá arder também no coração dos Filhos do Coração de Jesus”.*

### ***Pio XII e Pe. Venturini***

Um lugar especial teve na vida e ainda mais no coração de Pe. Venturini a amizade com a qual Pio XII quis honrá-lo. As duas pessoas eleitas se encontraram fraternalmente no anseio sublime da santificação dos sacerdotes. Seriam definidos como dois amigos. Em seu *Diário* o Padre nota diligentemente as Audiências tidas com o papa. Eram graças extraordinárias, que ele comparava a um encontro com o próprio Jesus vivente.

Os encontros com o Papa lhe eram injeções de vida! Escrevia: *“Espero ver logo o Santo Padre e falar ainda com ele. Oh, como é bom! Eu o tomo sempre pelas mãos e ele responde: sim, sim. São momentos que pagam pelo resto todo”* Outra vez escrevia: *“Fiquei em audiência com o Santo Padre e... quando o deixei,*

*me sentia feliz pela alegria que experimentava. Vê que bela graça! Há, se sabe, na vida bocados amargos, claro! Mas há também algumas alegrias que compensam por tudo”.*

Não se creia que o amor de Pe. Venturini pelo papa se nutrisse de grandes coisas, de acontecimentos sensacionais. O seu amor era filial. Manifestava-se com simplicidade e de tudo se alimentava.

Tinha máximo respeito pelo Sumo Pontífice, e o mesmo exigia não só dos seus filhos, mas também dos padres. Ai de quem arriscasse a criticar ou a comentar em sentido menos favorável a palavra ou a obra do Papa! Era um dos momentos em que ficava... “bravo”. Repreendia fortemente, ou impunha silêncio!

Avaliava um sacerdote também pelo jornal que lia. Mostrava-se contente quando via nas comunidades ou nas casas paroquiais “L’Osservatore Romano”, porque era o órgão oficial da palavra e do pensamento do Papa. Não escondia o seu desgosto quando sabia que sacerdotes e religiosos se permitiam as leituras de jornais ou revistas assim ditos *independentes*, porque sabia que estes estavam facilmente em dissonância com as diretrizes do Papa e da Santa Sés. Quando, durante a guerra, tropas germânicas ocuparam a Praça de São Pedro, o Padre considerou aquele ato um ultraje à soberania de Pio XII. Usou palavras fortes endereçadas aos ocupantes, manifestando toda a sua tristeza e a sua amargura. Depois, dirigindo-se aos coirmãos que o escutavam, disse: “Perdoai-me! Quando fazem algo ao papa, e falo me torno um “meio homem”.

### ***Honrar o sacerdócio nos bispos e nos ministros de Deus***

Pe. Venturini sentia e mostrava um grandíssimo respeito para com os bispos, porque receberam a plenitude da graça do sacerdócio e foram postos pelo Espírito Santo a fim de governarem a Igreja de Deus.

Exaltava – especialmente junto aos sacerdotes – a dignidade e a autoridade dos bispos diocesanos. Não permitia que se falasse deles com pouca reverência. Esforçava-se em defendê-los, em destacar positivamente a obra deles. Quando tinha casos espinhosos ou delicados a tratar junto deles, lhe acontecia às vezes de discordar sobre a linha a tomar para uma solução que visasse à caridade e a tranqüilidade seja para o bispo seja para o sacerdote. Demonstrava, porém, o seu parecer com tanta modéstia e humildade, que o acordo era facilmente alcançado.

Era muitas vezes chamado por bispos para ajudar resolver situações. Acorria logo, também com o seu grande sacrifício. Procurava confortá-los com o afeto e a estima, com a veneração e a oração. “Estes pobres bispos – dizia – passam por tantas provas!... Quando encontram alguém, se abrem e desabafam!...”

Via neles Jesus. Com eles se alegrava e sofria. Um dia o Padre chegou à Vila São José (Intra). Não estava sorridente como de costume. Estava triste, quase traumatizado. Timidamente lhe foi perguntado: “O que há?” Contou uma triste história e falou de um bispo que chorava como uma criança. Que dor, que pena!...

Pe. Venturini era tão bom com os sacerdotes e religiosos! Amava-os todos, sem distinção; mas o caráter sacerdotal ou a consagração religiosa, que os distinguiam, o motivavam a considerá-los com o mais profundo espírito de fé.

Os sacerdotes são os “nossos donos”. Os seus Filhos deverão servi-los espiritualmente, com fins puros e sobrenaturais. “Quanto é belo, no escondimento e no silêncio, chegar com a própria oração, com o sacrifício e a imolação, a todos os sacerdotes da terra para ajudá-los no Senhor, de acordo com as suas necessidades, seus deveres, seus perigos e as provações de sua vida!”.

Um respeito e uma honra especial queria que tivessem entre si outro os padres da Congregação “*de tal modo a formar um Cenáculo, no qual, amando-se reciprocamente, como ramos de oliveira ao redor de Jesus, aлегrassem o seu Coração, fonte do Sacerdócio e do Amor*”.

## *A devoção a Maria Mãe do Sacerdote*

Paralela à devoção ao Coração de Jesus Sacerdote, é aquela de “Maria Mãe do Sacerdote”, devoção que Pe. Venturini foi inspirado a estudar e difundir na sua Congregação e entre o clero. Esta nasceu como uma flor espontânea e natural no coração do Padre apaixonado pelo Sacerdócio; foi a sua particularidade enquanto apóstolo dos sacerdotes; foi, sobretudo, o sustento no seu caminho de perfeição sacerdotal e religiosa.

Desde o seminário de Pádua, o Padre conheceu a devoção a Maria Santíssima invocada como “Virgo Sacerdos”(Virgem Sacerdote), e a praticou, Sobretudo nos seus trabalhos pela Obra, seguiu com muita atenção esta devoção à “Virgo Sacerdos”, depois criticada pelos fáceis desvios de fiéis pouco instruídos na teologia. É notório que algumas chamadas de atenção da Santa Sé puseram fim à discussão. Foi recomendada a precisão doutrinal a quem quisesse honrar a “Virgo Sacerdos”.

O Padre, preparando a sua Obra e as devoções características que teriam os seus Filhos, não podia não pensar em Nossa Senhora. Em 1923, teve a feliz inspiração de honrá-la com o belo título de “Mãe do Sacerdote”.

Preocupou-se logo pela doutrina que devia fortalecer tal devoção. Em 1924, depois de longas considerações feitas com Pe. Petazzi, a apresentou ao clero como segura na sua doutrina e eficaz na sua prática. O pensamento fundamental de tal devoção é:

*“ Maria Santíssima se pode honrar com o título de Mãe do Sacerdote, porque é Mãe de Jesus, o qual, no seu seio virginal, foi consagrado sacerdote por meio da união hipostática. Sendo um só o sacerdócio de Jesus, Maria Santíssima pode ser chamada de Mãe também por aqueles que participam do mesmo Sacerdócio.”*

O Padre destacava, de modo particular, quatro momentos nos quais podemos contemplá-la *Mãe do Sacerdote*: no mistério da encarnação do Verbo; sobre o Calvário, unida à Vítima Divina; no ato de receber o Apóstolo João como filho; no Cenáculo, onde se apresenta Mestra e Mãe dos apóstolos.

No arco triunfal da igreja erigida em Trento por Pe. Venturini, há um tríptico que ilustra bastante bem a missão da Mãe do Sacerdote.

A devoção a Maria, Mãe do Sacerdote cresceu com o afirmar-se da Congregação Sacerdotal, especialmente quando o Padre iniciou o seu apostolado entre o clero. Imprimiu uma breve oração a Nossa Senhora, com a qual se recomendava todos os sacerdotes nas suas múltiplas necessidades. Na sua pregação, ficava contente por tornar conhecida Nossa Senhora como Mãe dos Sacerdotes. Tinha feito disso um voto específico.

No dia 21 de novembro de 1934, após um forte ataque de laringite que podia trazer perigosas conseqüências, fez voto de falar de Nossa Senhora em toda pregação. Foi fiel à promessa. Nos seus cursos de Retiros não podia faltar a pregação sobre Nossa Senhora.

Ele garantia que a pregação sobre Maria “Mater Sacerdotis” tinha sido tantas e tantas vezes a bela surpresa dos participantes do retiro. Tinha visto muitos deles chorarem.

Todos em Casa conheciam o grande amor do Padre para com Nossa Senhora, o seu interesse por tudo aquilo que pudesse aumentar a devoção a ela, o seu prazer em participar das manifestações marianas.

Para ele foi uma grande alegria quando encontrou, na *Exortação ao Clero* “Menti nostrae” de Pio XII, recomendada a devoção à Maria, Mãe do Sacerdote. “Dirigi confiante – escrevia o Pontífice – os olhos e o espírito Àquela que é Mãe do Eterno Sacerdote e é, por isso, Mãe de todos os sacerdotes católicos”.

Nos seus últimos anos o Padre constatou com prazer que aumentava sempre mais o número de escritores ascéticos que tratavam de Maria, Mãe do Sacerdote.

Ele quis, também, que na sua Congregação se tivesse particular veneração a São João Evangelista, modelo dos amigos íntimos de Jesus. Exaltava a sua virgindade e o ardente amor por Jesus

e por Maria. Santa ambição para si, e seu voto para os amigos sacerdotes, era fazer aqui na terra às vezes de São João junto aos Corações de Jesus e de Maria.



## XVI - GRÃO DE MOSTARDA

O pequeno grão de mostarda, confiado à terra com tantas orações e sacrifícios, tinha germinado, tinha crescido, começava a estender seus ramos. A Obra se desenvolvia. Pe. Venturini gostava disso, porque levaria o sagrado fogo, que nela ardia, em outras regiões.

**“Coragem, cresci!...”**

Os crescentes compromissos e o desejo de apressar o reconhecimento jurídico da Pia Sociedade faziam sentir sempre mais a necessidade de válidos membros. Por este motivo acolhia com imensa alegria o Dom de novos noviços e, especialmente, de algum novo sacerdote.

A crônica do Instituto coloca em justo destaque as datas memorandas das ordenações sacerdotais: uma em 1930, uma outra em 1937, especialmente aquela de 1940 na qual receberam o presbiterado quatro religiosos da Obra, as primícias do Pequeno Seminário São José a alcançar a meta. A partir daquele ano o Padre viu com tanta alegria cada ano um, dois, alguma vez três religiosos seus subir ao altar.

Observando os pequenos aspirantes dizia: “Coragem, cresci, cresci, há tanto trabalho à vossa espera!” Agora tinha já diante de si os primeiros religiosos, prontos a dilatarem as tendas da Congregação.

Notemos que o Padre não jogou logo os seus Filhos na linha da frente. Preparou-os para a missão com prolongado aprendizado de observância religiosa, de oração, de humildade e caridade. A vida interior era para ele de necessidade absoluta para serem admitidos no trabalho apostólico. Quanto ao aprendizado prático ele mesmo dava sugestões, de vez em quando, segundo os casos. A mais bela escola prática para os seus Filhos foi ele mesmo. Não falava muito dos seus ministérios, mas deixava adivinhar a tática, o método, a diretriz.

Aconteceu-lhe uma vez de mandar a pregar a sacerdotes um coirmão mais jovem. Houve entre seus filhos, quem ficasse maravilhado. Ele se conservava tranqüilo acerca do êxito. Tinha tanta confiança na graça da vocação, na graça do próprio estado, na obediência. Sorrindo lembrava que também Dom Bosco, nos primeiros tempos da Sociedade salesiana, jogava os seus filhos na água, e estes, pela necessidade, aprendiam a nadar.

Estava convencido de que o bem, especialmente aquele feito entre os sacerdotes, não era possível ou não durava por muito tempo se não fosse acompanhado por grandes sacrifícios... Enquanto estudava o plano de apostolado da sua Congregação, o Senhor o quis provar com uma grande dor, a mais aguda que possa sentir um filho: a morte da mãe.

### ***A morte da mãe Carlotta***

A senhora Carlotta vivia assistida pelas Irmãs, rodeada pela atenção de pessoas boas e pelo afeto de todos os membros da Casa Mãe. Perto do seu Mário estava tranqüila, mas se tornava inquieta e imperiosa logo que suspeitava que ele não estivesse bem ou sofrendo. Então não se dava paz. Os religiosos usavam de santa astúcia para esconder-lhe as pequenas enfermidades do filho; nem sempre, porém, o conseguiam.

Pelo fim da vida sofreu de arteriosclerose, sobretudo nas pernas. Não podendo mais caminhar e devendo permanecer sempre em casa, se auto-definia a “sepultada viva”. No verão de 1940 o mal foi piorando. Em breve se agravou.

O temor da morte, que antes a aterrorizava, desapareceu quando a mesma se tornou certeza. A sua longa e dolorosa agonia foi muito edificante. Pediu ao *seu padre*, com grande fé, todos os

sacramentos. Foi imediatamente contentada. Quando Pe. Mário lhe disse: “Mãe, dou-te a bênção Papal, com a indulgência *in articulo mortis*” (*em vista da morte*), respondeu: “Dê-me-la grande”!

A boa senhora não parava de dizer aos presentes a sua alegria, porque tinha recebido os sacramentos do *seu padre*. Começou depois um longo colóquio com o filho comovendo profundamente pelas belas expressões cheias de fé e de afeto materno. Contou-lhe tudo aquilo que tinha feito por ele para que se tornasse sacerdote e santo sacerdote.

No último dia de sua vida, 04 de agosto de 1940, disse ao filho que estava contente que tivesse abraçado o estado religioso. Abençoou com palavras tocantes aqueles jovens que, agora sacerdotes, tinha conhecido meninos, primeiros ramos da Obra. Transcorreu serenamente o seu último dia terreno. E, mesmo quando estava bem, dizia novamente que tinha muito medo da morte. Algumas horas antes de morrer, rezou com o filho o Terço. Na noite de 04 de agosto expirava sem nenhuma dor.

O Padre se ajoelhou aos pés da cama e disse: “Amém, *Fiat!*” A senhora Carlotta tinha 83 anos.

Na manhã seguinte, ele que – como se disse – celebrava todos os dias a Santa Missa pela santificação do clero, tinha já cedido a intenção a um dos seus Filhos. Mas se arrependeu disso, parecendo-lhe que faltava a um dever. Pensou que o Senhor não teria abandonado a mãe. De fato, muitos sacerdotes quiseram aplicar a Santa Missa em sufrágio pela alma da boa senhora. “Aquilo me maravilhou bastante!”, escrevia o Padre. O bom Deus quis que lhe dessem este tributo de reconhecimento os sacerdotes, pelos quais com grande dor tinha sacrificado o seu filho”.

### ***Sacrifício fecundo***

Fadigas e sobrecargas tinham minado fortemente a saúde do Padre. Uma insônia longa e teimosa o debilitava de modo visível. Teve que consultar os médicos. A resposta foi unânime: eram necessários no mínimo dois meses de absoluto repouso.

O Padre ficou desolado com isso. Havia tanta coisa para fazer! Mas o afeto dos Filhos e, sobretudo, o respeitado comando de Pe. Petazzi o induziram a tomar o repouso prescrito, para depois retomar com maior fôlego a sua vida de trabalho. A Providência veio ao encontro: devendo passar um mês na praia, as boas Irmãs Orionitas o hospedariam na sua casa “Clotilde” em Roma, onde morreu o fundador delas.

Mas também lá encontrou a cruz.

A vida aparentemente ociosa o entristecia; de modo particular sofreu a solidão. Era grande o sacrifício, por estar longe da querida comunidade. É verdade que uma freqüentíssima correspondência o unia aos seus Filhos, mas o sacrifício permanecia. Assim passou o mês de fevereiro de 1941.

No mês de março sucessivo foi aconselhado dirigir-se a Cocquio (Varese) junto ao seu grande amigo Mons. Luigi Moneta, diretor das obras caritativas conhecidas sob o nome de Hospício Sagrada Família. Em Cocquio, o Padre devia passar um outro mês de convalescença. Mons. Moneta e as Irmãs de Maria Menina o circundaram de toda caridade e assistência médica. A saúde melhorou. Mas o Padre, enquanto isso, trabalhava com... projetos para os seus sacerdotes.

### ***Casa São José***

Ele desejava abrir uma Casa para levar também a outro lugar a atividade da Congregação. A Divina Providência lhe veio ao encontro de modo admirável.

Com o amigo Monsenhor Luigi Moneta fez uma viagem na região de Verbania (Pallanza-Intra), e visitou a Casa de Repouso da Sagrada Família. Soube que ali havia muitas casas com parco à venda. Depois de alguma excitação, pôs os olhos sobre “Casa Iríde”. Alguns meses depois, a Divina Providência presenteava a Congregação com esta nova residência a Intra, à beira do Lago Maior.

Na Casa Mãe em Trento se começou a viver o clima característico de espera para uma nova fundação. Espera alegre e hesitante, propósitos de generosidade, de obediência e, sobretudo, muita

oração, mas também expressões de saudade. Haveria as primeiras separações entre coirmãos. Tinham vivido sempre unidos, ao redor do Padre, como filhos devotos e... um pouco despreocupados. Mas a graça do Senhor trabalhava. Amadurecia os espíritos e infundia as melhores disposições

Em outubro, padre Pedro Menotti, o Padre Vigário e Pe. Carli um padre com só um ano de ordenação, estavam em Intra a fim de preparar a casa para a inauguração. Mas precisava o sacrifício para a nova fundação. O Padre dizia a todos que as casas da Obra, para serem abençoadas por Deus, deviam fundar-se sobre a oração, o sacrifício, a pobreza e o escondimento. Assim foi também nesta ocasião. O Senhor pediu um grande sacrifício, a imolação de Pe. Livio Carli, justo aquele jovem destinado a ser de válida ajuda ao superior da nova residência.

Uma mal sucedida extração de dente o obrigou à internação no hospital de Intra. Começou uma inflamação, que lhe fez deformar-se e consumir-se rapidamente. O Padre correu junto ao filho, que com admirável espírito de sacrifício e serenamente se imolava pelos sacerdotes e, particularmente, pela fundação de Casa São José. Foram dias de dilaceramento para o Padre. Viu morrer sob os próprios olhos um jovem coirmão de belas esperanças, enquanto já eram escassos os membros da pequena família.

Imitando o querido doente, por todos foi dito o “*Fiat*”. No dia 05 de novembro de 1941 o jovem religioso morria. Tinha vivido a sua jornada. A morte dilacerante fez impressão a todos os sacerdotes da região, aos religiosos e às religiosas. Sabia-se que tinha doado a sua vida pelos sacerdotes. Os funerais se transformaram numa verdadeira procissão.

O Padre esperava, por tanto sacrifício, graças especiais para a nova fundação. Pe. Petazzi lhe escrevia naqueles dias dolorosos: “Aquele que devia ser uma coluna da Casa, tornou-se seu fundamento”. O Padre podia, mesmo naquelas circunstâncias dolorosas, sentir o afeto e o amor dos seus Filhos. Padre Carli tinha expirado exclamando: “Viva Jesus e o Padre!”.

No dia 22 de novembro de 1941 Casa São José era inaugurada por Dom Giuseppe Castelli, bispo de Novara, e iniciava a sua obra sacerdotal no silêncio e na oração. Os inícios foram difíceis, especialmente por causa da guerra. Os religiosos viveram numa atmosfera de “fioretti”, que também hoje comovem lembrando-os. A Divina Providência vinha ao encontro dia após dia. Mons. Luigi Moneta mostrou o seu coração ajudando de todos os modos. Era ajudado pelas Irmãs de Maria Menina, responsáveis pela assistência no Hospício Sagrada Família. Os sacerdotes do lugar, com o seu apoio moral, tornaram menos penosa a vida da minúscula comunidade, provada pelo grande luto e pela distância da Casa de Trento.

## ***A guerra***

A expansão da Congregação e o apostolado dela foram bloqueados pela Guerra. Verdaderamente até 1943 a sua atividade, mesmo reduzida, pôde continuar. Depois foi parada quase completamente.

Temendo uma eventual chamada às armas dos seus religiosos, escreveu uma carta dando normas precisas para que, mesmo sob as armas, fossem verdadeiros religiosos e se sacrificassem pelos sacerdotes. O Senhor lhe poupou esta dor.

Em 1943 acontecimentos graves mudaram no Instituto o ritmo ordinário de vida. No dia 02 de setembro Trento era bombardeada pela primeira vez. No dia 09 os alemães ocupavam a cidade. Isso bastou para que o Padre decidisse levar para longe o mais rápido possível a Escola Apostólica da Casa Mãe. Dois dias depois os meninos, com um grupo de religiosos, partiam para Deggiano (Val di Sole), onde foram acolhidos de braços abertos, ajudados e beneficiados com generosidade delicada e comovente por aquela boa gente dos Alpes.

Ao mesmo tempo, um segundo grupo da comunidade, ao qual mais tarde se unia também o Padre, se refugiava em Rallo, no centro do Valle di Non. Também aquela ótima gente, toda cheia de atenções, fazia sentir junto aos religiosos a paterna Providência de Deus.

O tremendo furacão passou. O balanço da Obra foi o seguinte: todas as pessoas salvas, danos materiais na Casa Mãe e na capela, perda da casa de Cavarzere. Casa Mãe, devagar, foi se enchendo novamente. O primeiro a regressar a ela foi o Padre.

No dia 21 de setembro de 1945, com o retorno a Trento da Escola Apostólica, todos os religiosos refugiados se encontravam novamente e estavelmente juntos. Graças a Deus não faltava ninguém. E olhem que a morte tinha feito mais de uma *emboscada!*

Em agradecimento a São José que tinha protegido tão manifestamente a comunidade e a Casa, lhe foi erigida um oratório votivo.

A vida da comunidade retomava o seu curso normal, mas com ritmo mais intenso.

### *Ereção canônica da Congregação*

Finalmente uma guinada verdadeiramente histórica: o desejado reconhecimento jurídico da Pia Sociedade e a sua ereção canônica como Congregação de direito diocesano com o nome oficial de “*Congregação Sacerdotal dos Filhos do Coração de Jesus*”.

O padre na primavera de 1946 reviveu as expectativas, as ânsias e os temores da primavera de 1925.

Foi levantada alguma dificuldade sobre o nome oficial do novo Instituto. Aquele conduzido até então (1946) “Filhos do Coração Sacerdotal de Jesus” não foi considerado oportuno, porque parecia favorecer uma devoção nova. Pe. Mário tentou dar todas as explicações possíveis, mas lhe fizeram entender que, daquele jeito, as coisas seriam arrastadas por longo tempo, com prejuízo da própria Congregação.

Nesta circunstância, o Padre veio a constatar a admiração das Congregações Romanas pela finalidade do Instituto. Recebeu cordiais congratulações e elogios de eminentes prelados.

No dia 01 de junho de 1946 a Sagrada Congregação dos Religiosos concedeu a necessária autorização (o “*nulla osta*”). Poucos dias depois o documento chegava à Cúria Arquidiocesana de Trento. O nome oficial era: Congregação Sacerdotal dos Filhos do Coração de Jesus. Não ficava proibido, porém, aos religiosos cultivar privadamente a devoção ao Coração Sacerdotal. O Padre escreveu um memorial, que relatava as respostas recebidas do Assessor e do Comissário do Santo Ofício.

A data da ereção canônica do Instituto foi marcada para a festa do Sagrado Coração (28 de junho). O Decreto da ereção foi lido pelo Chanceler da Cúria de Trento em presença de todos os membros da Casa Mãe, de alguns amigos e admiradores. O Padre escreve:

*“A festa decorreu calma, serena, na simplicidade, sem pompa, mas decorosamente. Parece-me que a pequenez do Instituto e a sua pobreza tenham dado a nota dominante ao dia inesquecível. Graças a Deus e a Maria.”* (Diário)

No dia 14 de setembro de 1946, festa da Exaltação da Santa Cruz, o Padre emitia nas mãos do Arcebispo de Trento, a Santa Profissão Perpétua.

No dia 15 de setembro de 1946, festa de Nossa Senhora das Dores, fez-se a Santa Profissão Perpétua da comunidade, o Padre escreve:

*“Dia verdadeiramente inesquecível! Ao redor do altar, revestidos de sobrepeliz branca, estavam 20 religiosos professados. No início da Santa Missa, tive um pensamento: veio-me a situação de vinte anos atrás, quando a Obra abandonada por dois dos seus membros, conduzia uma vida de dor e de sacrifício. Com quanta emoção falei aos queridos filhos! Eles estavam na alegria espiritual, e eu me alegrava com eles, com cada um deles, e participando da alegria de cada um, se multiplicava a minha alegria interior. Terminei com as palavras: “Orai, irmãos, para que o meu e vosso sacrifício seja aceito a Deus Pai onipotente”* (Diário)

A partir daquele dia os associados vestiram o novo uniforme da Congregação: o costumeiro hábito preto, mas sobre o peito, à esquerda, o emblema: o Sagrado Coração circundado por uma coroa de espinhos.

De 16 a 18 de setembro de 1946 realizou-se na Casa Mãe o primeiro Capítulo Geral da Congregação. Atribuíram-se aos novos cargos. Naturalmente como Superior Geral foi eleito o Padre. Ninguém se surpreendeu com isso; ele, no entanto, sim. Com uma ponta de tristeza escreve:

*“Colocaram-me de novo a cruz de presidir a Congregação. Fiat! Tenho pelo menos o conforto de ter sido eleito pelos religiosos, enquanto com tanto prazer teria me colocado à parte. Darei tudo de mim para levar o novo cargo que Deus me deu...” (Diário)*

### ***Casa “Maris Stella”***

Agora que a Congregação era reconhecida pela Igreja, o Padre e os Filhos se colocaram ao trabalho com maior confiança e tranquilidade. Graças grandes são inerentes à aprovação de um Instituto.

A provação da Guerra foi recompensada pela ereção canônica da Congregação e por um outro Dom: a fundação da Casa de Loreto.

Em 1945, as Filhas do Coração de Jesus (o Instituto de clausura que já conhecemos) com muito sofrimento tiveram que fechar o convento que tinham em Loreto. Era desejo delas que a Casa, quase nova e em belíssima posição, fosse adquirida por um Instituto religioso que, possivelmente, tivesse seu mesmo ideal. As boas irmãs pensaram em Pe. Venturini.

O Padre cultivava em seu coração o desejo de levar as tendas da Congregação perto do célebre Santuário mariano tão querido a ele e aos seus filhos. Mas onde encontrar o pessoal e os meios financeiros?

As irmãs insistiram. O Padre, enquanto isso, se consultava, rezava, esperava que o Senhor o iluminasse. Finalmente o mesmo Núncio e Administrar Pontifício de Loreto, Dom Borgoncini Duca, o solicitou de aceitar, garantindo que lhe facilitaria.

O Padre aceitou de boa vontade. Abandonando-se à Divina Providência dizia: “Se o Senhor manda o peixe... mandará também o carvão para cozê-lo!” E assim foi. A Congregação conseguiu uma Casa quase nova, situada sobre uma colina de vista para o mar, a breve distância do Santuário de Loreto.

A fundação custou inumeráveis sacrifícios. Pensemos nas viagens feitas no inverno de 1946, com trens e estradas que ressentiam ainda os danos da guerra. E depois a pobreza. Teve que equipar a casa todinha. Não se tinha pessoas conhecidas na cidade. São José interveio enviando benfeitores, que aliviaram os primeiros apertos da minúscula comunidade. Distinguiram-se de modo particular as Irmãs do *Protetorado São José*, que apoiavam a fundação com todo meio, comovendo o Padre e os Filhos pela sua caridade.

No dia 05 de agosto de 1946 a nova Casa era inaugurada. Foi chamada “*Casa Maris Stella*”. O Padre lhe deu a finalidade de acolher sacerdotes para Cursos de Retiros. Ao mesmo tempo desejou realizar um outro projeto da sua bondade sacerdotal: abrir uma casa para sacerdotes anciãos pobres.

O Padre tinha previsto também esta forma de caridade: acolher aqueles sacerdotes que, já avançados em anos, depois de ter servido com fidelidade e amor a Igreja e as pessoas, têm necessidade de particular assistência, para concluir na paz de Deus a sua laboriosa jornada.

Ele, pobre, pensou nos sacerdotes pobres. Era uma necessidade imperiosa da caridade.

Junto ao Santuário de Loreto, Casa “*Maris Stella*” continua a dupla atividade. Todos a chamam de “o Dom da Providência”, no ano em que a Obra completava vinte anos (1926-1946). Foi a troca pela destruição do berço do Instituto de Cavarzere. O primeiro a ver os acontecimentos assim foi o próprio fundador.

### ***Na Sicília***

A Sicília foi uma região da Itália que seguiu sempre com muito interesse e afeição a atividade da Congregação Sacerdotal. Já sabemos como Pe. Venturini ali desenvolveu sua atividade apostólica, especialmente nos primeiros anos da Obra. Era muito conhecido e circundado por um ambiente de estima e veneração profunda. Imaginam-se facilmente os convites a retornar e também a abrir na ilha uma casa da Congregação. Era desejo unânime de bispos e de sacerdotes.

Cedendo a reiteradas insistências, em 1938 tentou um pequeno experimento de direção de seminário. Um padre e um estudante de teologia desceram à Sicília, entre os pequenos seminaristas de Acireale, em Santa Maria Ammalati. O experimento se concluiu no final do ano escolar, à espera de tempos mais maduros. Os religiosos retornaram a Trento. Mas a amizade ficou inalterada, e os frutos da breve experiência não foram poucos.

No pós-guerra, uma série impressionante de convites, cartas e ata telegramas solicitaram a Pe. Venturini que retornasse à Sicília com os seus Filhos de maneira estável. Ele se sujeitou a viagens longas e desastrosas, só para contentar os bons sicilianos e encaminhar as documentações.

Entre as várias dioceses que pediam, escolheu a de Noto, sede de um ótimo bispo, seu antigo conhecido. Em janeiro de 1947 estava naquela cidade. *“Cheguei aqui quarta-feira à noite, depois de uma viagem um pouco incômoda... Cheguei muitas vezes num vagão para gado, tendo iniciado a viagem na primeira classe. O homem propõe e Deus dispõe. Pelo menos, para uma nova fundação, é melhor chegar assim do que no vagão dos ricos”*.

Foi retribuído com uma boa acolhida, alegre e festiva, “à siciliana”, feita por todo o clero da cidadezinha.

O bispo desejava confiar à Congregação a direção da Casa do clero, há pouco surgida na diocese. O Padre, ponderadas bem as coisas, aceitou. No dia 24 de outubro de 1947, festa de Cristo Rei, a Casa, com a anexa igreja da Anunciação, foi aberta, com a gratidão do Clero da cidade e a alegria da população.

Os religiosos experimentaram logo o grande coração e o bem querer dos sacerdotes e dos Institutos, os quais não deixaram faltar o apoio moral e material. No silêncio, a casa começou logo a funcionar. Adoração e oração pelo clero, como na Casa Mãe; depois, confissões no seminário, retiros aos sacerdotes nas regiões da diocese, ensino no seminário, hospitalidade aos sacerdotes que pediam.

As coisas procederam bem até 1951.

Naquele ano a Congregação sofria duas provas dolorosas: carência impressionante de vocações e enfermidades que atingiram sacerdotes ativos.

Enquanto isso, a diocese de Noto era desmembrada e a Casa do clero tinha perdido muito da sua finalidade. Não afluíam sacerdotes hóspedes.

O Padre se viu constrangido a uma decisão dolorosa: o fechamento da casa. Era uma necessidade irrevogável, também porque se avistava em breve a abertura de uma casa em Roma.

Em julho de 1951 os religiosos retornaram a Trento. Em tal circunstância o Padre disse: *“Conservemos no coração a esperança de que um dia, talvez não longe, abriremos uma nova casa na Sicília”*.

Fechada a casa de Noto, não foi encerrada a amizade com tantos prelados e sacerdotes sicilianos. Depois da morte do Fundador, seus Filhos voltaram à Sicília para reabrir uma residência em Barcellona.

## **Roma**

Em 1951 se encaminhou ao amadurecimento um projeto longamente cultivado pelo Padre: a abertura de uma Casa em Roma. Ele tinha desejado iniciar a sua Obra perto da Sede de Pedro, mas o Senhor tinha disposto de modo diferente.

Desenvolvendo-se a Congregação, se tornava sempre mais indispensável uma casa em Roma, para ter um ponto de referência em ocasião de encontros eclesiais ou de práticas burocráticas a

serem desenvolvidas junto às Sagradas Congregações. A casa era necessária, sobretudo, para os *Filhos do Coração de Jesus* que estudariam nos Ateneus Romanos.

Surgiu a oportunidade de alugar das Irmãs da Associação de São Pedro Claver uma modesta habitação na Via Nomentana, junto à Igreja de Santa Inês. O aluguel era conveniente, e se fez o contrato.

A casa foi aberta no dia 22 de agosto, festa do Coração Imaculado de Maria, após uma audiência cordial com Pio XII. Foi-lhe conservado o nome dado pelas religiosas: *Casa Esperança*.

Iniciou marcada pela pobreza! Setenta quilos de bagagem era tudo aquilo que os religiosos levaram para a nova casa.

São José, invocado como mediador da Divina Providência, não deixou faltar a sua ajuda.

Pe. João Calábria, falando da comunidade de Roma, disse ao Padre: “Será como uma pequena pitada de fermento, que a dona de casa esconde de noite na massa; depois vai tranqüila dormir...”.

O Padre mesmo quis ilustrar aos seus religiosos a função de “*Casa Esperança*”. Perguntava: “O que será desta casa no futuro? E ainda mais: o que farão os nossos religiosos?” E respondia:

*“Pensando em Roma religiosa, na qual tantas ordens religiosas e Congregações ou têm a casa geral ou ali estão grandemente representadas, a nossa mínima fundação até desaparece. Desconhecida para a maior parte das pessoas religiosas, com um objetivo sublime, mas em nada destacado porque igual àquilo que tinha Jesus em Nazaré e que tem ainda hoje no Santíssimo Sacramento, ela se pode comparar a uma pequeníssima raiz, que nem dá para ver, que está humilde e escondida na grande raiz que dá vida à planta colossal da Igreja!”...*

*Vila Esperança* viveu dias de oração e de trabalho. Acolheu eclesiásticos de vários países, que estudavam nas universidades romanas. O Padre, constatando a vitalidade da instituição, pensava em engrandecê-la, quando o Senhor quis colocá-lo à dura prova.

Em outubro de 1956 vencia o contrato de aluguel. As irmãs cortesmente avisaram que estavam constrangidas a vender a casa por urgentes necessidades do Instituto. Estavam muito dispostas a oferecer a casa à Congregação, mas ao Padre faltavam os meios para adquiri-la.

Todos os Filhos do Coração de Jesus se mobilizaram espiritualmente, multiplicando orações e sacrifícios.

Fizeram-se inumeráveis buscas em Roma, tanto na cidade como na periferia. Em vão!

Em outubro, os pobres móveis de *Casa Esperança* foram empilhados em Institutos de Roma, e os religiosos voltaram a Trento. Dois deles, inscritos na universidade, encontraram sua colocação numa pensão religiosa.

O abandono da Casa de Roma foi a última e grande dor de Pe. Venturini. Ficou o eco disso nas últimas linhas marcadas no *Diário*, com data de 07 de março de 1957. Com muita tristeza anota: “A congregação se torna pequena, evidência disso é o fechamento da casa de Roma”.

Depois da morte do Fundador, no dia 15 de outubro de 1958, a *Congregação Sacerdotal* voltava a Roma, assumindo a paróquia de São Cito, na extrema periferia.

### ***Convites do exterior***

A atividade da Congregação Sacerdotal era conhecida e admirada não só na Itália, mas também no exterior. Bispos e missionários repetidas vezes convidaram Pe. Venturini a abrir casas, por exemplo, na Índia, Tanzânia, América Central e América do Sul.

Infelizmente o Padre era constrangido a recusar os convites por falta de pessoal.

Aceitou, depois de muitas reflexões e incertezas, o convite de Pe. Fitzgerald para visitar, no Novo México (EUA), o Instituto fundado por ele, bastante igual ao seu. O fundador norte-americano desejava uma troca de idéias e um mútuo apoio.

Em junho de 1953 o Padre embarcava, com um coirmão, no navio “Andréa Doria”. Após uma longa viagem por mar e depois por avião rica de emoções (nunca tinha usado o avião), os dois religiosos chegaram a Jemez-Springs.

Tiveram uma acolhida muito cordial por Pe. Fitzgerald e seus sacerdotes. No decorrer de longos colóquios, trataram das principais questões que interessavam ao bem dos sacerdotes. Daqueles encontros nasceram idéias e propósitos e se desenvolveu um laço de profunda amizade entre as congregações de Trento e dos “*Servos do Paráclito*” de Jemez-Springs.

Na metade de agosto estavam de volta à Itália, por via aérea. O Padre estava cansado, mas satisfeito da viagem.

Prevendo o desenvolvimento da Congregação, o Padre observava: “Nunca seremos muitos; no máximo algumas centenas!”. A finalidade da Congregação, fundada por ele, não prevê largos desenvolvimentos. Ele, mais do que com o número, contava com a qualidade dos membros.

No momento da sua morte (março de 1957) a Congregação Sacerdotal contava com três casas contendo 22 padres, 9 estudantes, 8 irmãos, 5 noviços, uma Escola Apostólica e uma Escola para vocações adultas.

Era, aparentemente, uma quantidade insignificante de fermento, até mesmo invisível: tendo, porém, em si a capacidade de fazer fermentar uma grande massa.



## XVII - “PATERNA PROVIDÊNCIA DE DEUS, VOS ADORAMOS!”

### *À mercê da Divina Providência*

Não poucas pessoas, lembrando-se de Pe. Venturini, pensam espontaneamente na Divina Providência. É a grande lição dada tacitamente, com o doce sorriso e com expressões simples, aos seus Filhos e a tantos outros: “Existe a Providência!”

Confessou que sempre foi circundado pela predileção da Providência de Deus, desde os anos de seminário e dos seus primeiros anos de sacerdócio.

O Senhor o recompensou largamente pelo seu desapego das coisas, fornecendo-lhe não só o necessário para a vida, mas também uma margem de tranqüilidade para si e a sua mãe, Carlotta.

Abandonar-se à Providência de Deus, dizem os santos, é uma espécie de martírio, muito fecundo de bem. O Padre, por amor à Congregação e aos Sacerdotes, se submeteu a esta prova. Era a sua contribuição à graça, que operava as maravilhas nele e em torno dele. Confiou a si mesmo, a Congregação e as obras sacerdotais à Providência. Ria quando lhe perguntavam se tinha fundos, depósitos no banco ou se fazia propagandas para ter dinheiro. Que propaganda podia fazer da sua Obra? Os sublimes e delicados ideais o proibiam.

Com o amigo Pe. João Calábria, repetia aos seus Filhos: “*Procurai antes de tudo o Reino de Deus.*” Para ele o Reino de Deus era a vida interior, a santidade. Se fosse levado a sério este compromisso, garantiria a contínua assistência de Deus.

Sendo a Congregação confiada à Divina Providência, ele se esforçou em transmitir aos seus Filhos uma fé grande e corajosa nela. Em caso contrário, teriam sofrido sem mérito. Habitou-os a um modo de pensar e de falar que tem algo de paradoxal, como o dos santos.

Em 1956 se procurava na periferia de Roma uma casa, como já sabemos. Na localidade “Vermicino” foi-lhe oferecida uma ocasião: um discreto edifício por... 45 milhões de liras! Ele negociava como se fosse um grande milionário. Estava fingindo? Não.

*“Como é belo (alguém diria ridículo) tratar de milhões com os bolsos vazios. Mas é a fé que nos faz pensar e agir assim. Porque o Pai Nosso os tem. E se não os der, será porque esta casa não é do seu agrado e já tem assinalada uma outra. O raciocínio é lógico, como todas as coisas de Deus.”*

*“As dívidas – dizia – são graças, tesouros, são bênçãos... mas para quem tem fé!”* Durante a guerra estava quase sem dívidas, e então pensava em vários projetos de construções grandes e belas. *“Estaremos sem dívidas logo, e sem dívidas não se pode estar; das dívidas necessitamos para permanecer em pé, tanto como para a barca, assim para o Instituto é indispensável o lastro para estar em pé”.*

### **“Existe a Providência!”**

O Padre, os seus Filhos e também muitos amigos puderam constatar com seus próprios olhos as intervenções comoventes da Divina Providência.

Em Cavarzere, nos inícios da Congregação, viveram-se momentos muito difíceis. Dificuldades por toda parte e de todo tipo. Também a pobreza. Uma dúvida apertava o coração do Padre: “Talvez o Senhor!...” Naquele momento tocou a campanha. Estava à porta um homem com um saco de trigo. Raio de sol que dispersa as nuvens. Quantas vezes e de quantos modos se repetiram estas intervenções da Providência!

Uma menina entrega um envelope com uma importância muito relevante e não quer dizer quem a manda. Uma senhora traz uma oferta de uma boa velhinha, que se recomenda às orações dos religiosos. E ela, também, quis colocar alguma coisa a mais, isto é, o dobro! Uma carta traz um cheque,

justo aquilo que é preciso para pagar a conta do pão. Uma boa mulher, que não conhece a Obra, se priva de uma soma acumulada com grande sacrifício em vários anos, para vir em auxílio da Congregação. Uma velhinha do Asilo, muito modesta, se apresenta várias vezes com quantias significativas. Um senhor, todo cuidadoso em não se fazer conhecer, vem de vez em quando à Casa e pede desculpas pela sua generosa oferta. Chamavam-no de “São José”.

O Padre educou seus Filhos a confiarem na Divina Providência e a recorrerem a ela na certeza que esta viria no momento oportuno. Um dia disse: “*A Providência vem a nós com sinais grandes. Porque não há um rio, mesmo pequeno mas contínuo, de dinheiro? Talvez porque o Senhor quer que nos confiemos a Ele!*”

### ***Os instrumentos da Providência***

A pequena Congregação, mesmo tão escondida, encontrou sempre benfeitores. O encontro deles com Pe. Venturini teve muitas vezes algo de extraordinário. Um grande reconhecimento reservou o Padre para tais enviados do Senhor. Quis que fossem cotidianamente lembrados nas orações da comunidade. Todo ano os benfeitores defuntos recebem orações especiais estabelecidas pelas Constituições. Toda quinta-feira se celebra uma Santa Missa por todos os benfeitores, tanto os vivos como os defuntos.

Quando Pe. Mario agradecia aos oferentes (era nisso exato e delicado), não omitia, com o seu estilo bom e cheio de fé, destacar que gozavam de uma graça particular: aquela de serem considerados dignos de servir à Providência. Chamava os benfeitores: “Benditos, afortunados”.

A uma superiora escrevia: “Somos cerca de cinqüenta membros (1932). A Providência nunca nos abandona. Há muitos momentos críticos, mas o bom São José sabe prover sempre. O bom Deus nos faz ver, a cada dia mais, que não dá a todos o mérito precioso de ajudar a Obra que é sua”.

Não raras vezes, piedosas pessoas lhe entregaram a pequena aposentadoria destinada à sua velhice ou, com simplicidade, despejavam na mesa o conteúdo do magro cofrinho. A Obra de Pe. Venturini parecia bela demais para não participarem dos seus méritos!

Era a festa do Sagrado Coração de Jesus no ano de 1938. Vencia uma prestação, de valor muito elevado, por uma dívida feita para adquirir *Casa Maria Imaculada*. Não tinham dinheiro.

Chegou de visita um bom sacerdote do hospital do clero de Arco, admirador do Instituto. Observando que na mãozinha do Menino Jesus, que São José segurava nos braços, estava pendurado um cartãozinho com certa quantia, pediu a explicação. Tendo sabido que se tratava da importância do financiamento a ser pago, perguntou: “O dinheiro está chegando?” Respondeu o Padre: “Deve chegar!”.

O visitante, sabendo que muitas vezes a Divina Providência se servia da correspondência, quis estar presente na abertura das cartas!... Nada! Então acrescentou: “Está bem! Eu dou o valor necessário!” O padre, agradecido e sorrindo, comentou: “Vê? A Providência tinha destinado mesmo para isso o senhor!”.

O amigo Dom Calábria uma vez lhe disse: “As dívidas, feitas com a cabeça sobre o pescoço, são um ímã de graças!” Ele, por sua vez, seguia uma norma igual: “Providência no céu, mas prudência na terra!”.

Amava a pobreza, evitava todo luxo, contraía as dívidas quando realmente constrangido. Por isto atraía a benevolência dos benfeitores.

### ***“Paterna Providência de Deus, vos adoramos”.***

Os santos, grandes fundadores e grandes construtores de obras, se apresentam a nós com o rosto sorridente. Isso não significa que não tenham sofrido. São João Bosco declarava que as dívidas eram o seu constante cilício.

Também Pe. Venturini sofreu os ferimentos deste cilício, que tantas vezes lhe tirava o sono. Dizia brincando: “A Providência não segue o nosso relógio. O dela é velho. É atrasado... ou melhor, não é regulado segundo as nossas impaciências!”.

Algumas vezes teve que mendigar. Custava-lhe muito, mas o fazia por amor a Deus e aos sacerdotes.

O Senhor lhe permitiu, mesmo que raramente, certas humilhações. Não faltavam aqueles que não ajudavam, mas sabiam criticar. Faziam observações de que a construção não estava sendo feita segundo as últimas descobertas da técnica moderna, etc, etc.

Provou grande consolação quando o engenheiro, que tinha dirigido os trabalhos de ampliação da Casa Mãe, veio dizer diante da comunidade dos religiosos e dos operários que tinham trabalhando na a construção:

*“A nossa paixão é a de construir. Mas aqui não se tratava somente de colocar pedra sobre pedra, porque desde os primeiros colóquios com o Padre, entendemos que neste trabalho havia uma força moral e espiritual que nos transportou a uma atmosfera ultra-terrena. E nós aceitamos. Para nós não se tratava de interesse, de lucro, de mercado; mas consciência de trabalhar para uma finalidade não humana”.*

O Padre tinha confiança e sabia infundi-la.

Especialmente aos sacerdotes pobres o Padre recomendava de se confiarem à Divina Providência. A um deles, muito angustiado, disse:

*Deixemo-nos guiar por esta admirável Providência, a qual tem muitas mãos, tantas quanto são os acontecimentos e as circunstâncias da vida. Aos que amam a Deus... tudo vai bem. Confie-se no bom Deus, a Ele confie-se inteiramente, siga o caminho traçado pela obediência e viva em paz.*

Tinha compaixão de gente de pouca fé e não hesitava em usar uma linguagem até paradoxal. A uma pessoa dizia:

*“Estamos à procura da Casa de Roma, parece que estamos chegando a um acordo, mas nos serão necessários mais de 50 milhões. Não se espante, como eu não me espanto. Mas onde os encontraremos? Onde encontramos os outros dinheiros gastos até hoje... Dar-nos-á tudo o nosso Pai Celeste, porque ele tem muito dinheiro e nos ama infinitamente. Estes raciocínios a pobre gente do século não entende. Dizem que somos loucos, imprudentes para fazer certas despesas com bolsos vazios. Nós, em vez disso, dizemos que é preciso mesmo os bolsos vazios para fazer estes trabalhos. Dever-se-ia, aliás, fazer como o Cotelengo, que jogava pela janela as moedas que tinha no bolso porque não lhe bastavam.”*

### ***Pobre, mas contente***

Pe. Venturini não viveu num ambiente de milagres, floridos a cada passo. Ficou sempre pobre e modesto, como tantos sacerdotes.

Foi sempre pobre. Algumas vezes, não teve nem sequer o dinheiro para fazer viagens mais longas. Escrevia de Arcireale em 1936: *“Também pela falta de meios se sofre um pouco: para fazer as viagens tive que tomar emprestado o dinheiro. O trabalho da igreja está parado porque não há mais dinheiro... Paciência: quando Jesus quiser, dará um jeito”.* (Diário)

Pe. Venturini, sendo pobre, ajudou aos pobres. As suas obras sacerdotais o dizem claramente. Ajudava sacerdotes e clérigos, orientava para eles benfeitores. Chegavam-lhe cartas de mosteiros de irmãs pobres e doentes. Pequena talvez, mas mandava a sua oferta. Unia o seu coração ao fato e sabia consolar.

O seu amigo Pe. Calábria lhe havia dito que a esmola é o meio mais rápido para fazer chegar a Providência. Uma vez (em 1946) o santo sacerdote lhe deu uma oferta e a acompanhou com estas palavras: *“Eu tenho necessidade de dinheiro, por isso dou ao senhor, que também precisa dele, a fim de que o Senhor me mande aquilo de que necessito eu. Faça também o senhor sempre assim; quando tiver necessidade, dê: daí e vos será doado...”*

O Pós-guerra provocou um rápido desenvolvimento de obras religiosas. Muitos iniciaram construções grandiosas. Ele balançava a cabeça. Renovou para si e para os seus o propósito da pobreza e da modéstia.

Como todos os verdadeiros pobres, ele também sabia reconhecer e agradecer a Providência, mesmo se esta chegava tarde ou em medida considerada insuficiente. Por ocasião do 25º aniversário de fundação da Congregação (1951) escreveu aos seus Filhos uma *Exortação*, na qual descrevia as várias manifestações da Providência acerca das pessoas, dos lugares e dos meios com os quais veio ao encontro do Instituto. Naquela ocasião dirigiu ao Senhor uma bela oração. Depois de ter implorado que sobre a Congregação se cumprisse a Santíssima Vontade de Deus, pedia: *“E pelo resto (número de religiosos, dilatação das suas tendas, campo de apostolado, meios materiais) que ela confie sempre na tua Providência, que é infinitamente amorosa, certa de que nunca faltará em nada, se souber atrair sobre si o teu olhar de benevolência”*.

### ***Perfeita alegria***

O abandono do Padre nos braços da Divina Providência tinha muito de heróico.

Ainda quando se olhava ao longe a eventualidade do fechamento da casa de Roma, como sabemos, veio a sofrer sensivelmente; todavia perseverava em confiar em Deus.

Naquelas dolorosas situações, enviou de Roma aos seus Filhos uma carta verdadeiramente preciosa. Citamos o trecho final dela, na qual se reflete o espírito da perfeita alegria franciscana.

*“Confiança, pois, e avante, confiando-nos ao Sagrado Coração de Jesus que tanto nos amou e tanto nos ama.*

*Também se, não adiantando nada os passos, as procuras, as visitas feitas, estivéssemos ainda na estrada e sem teto, não nos angustiaríamos. O Pai Celeste o sabe e o permite para o nosso bem espiritual e para aumentar o capital dos méritos da Congregação. E não deveria ser esta para nós a perfeita alegria?*

*Também se fôssemos constrangidos a colocar os móveis num cômodo pedido emprestado a boas pessoas, e os nossos religiosos de Roma devessem ser hospedados em algum colégio da cidade, não deveria ser isto para nós perfeita alegria?*

*Também se devêssemos tomar em aluguel um modesto cômodo de algumas saletas pobres na periferia ou nos subúrbios de Roma, à espera de conhecer clara a vontade de Deus a tal respeito, não deveria ser esta para nós a perfeita alegria?*

*E se até tivéssemos que colocar sobre um trem todos os nossos utensílios e transportá-los a Trento, voltando ao lugar de onde partimos depois de cinco anos de residência em Roma, nem mesmo este fato, que seria também triste e doloroso, deveria desanimar-nos; certos de que, no tempo oportuno, isso remediará o Senhor, devemos pensar e sentir que nisso há a plenitude da perfeita alegria.*

*De fato o Senhor, sem cuja vontade não se move uma folha, teria disposto no seu infinito amor por nós e pela Obra todas as coisas, e nós, aderindo de todo coração a uma vontade tão preciosa e admirável, não poderíamos não gozar da sua vontade em perfeita alegria. Senhor, que a tua vontade seja cumprida por nós no modo melhor!”*

### ***São José e a Providência***

Falando da Divina Providência e do Padre Mario é impossível esquecer a devoção ardente que ele cultivou por São José. Pode-se colocá-lo ao lado dos devotos mais afeiçoados do querido santo.

Desde quando era seminarista sentiu para com ele uma devoção particular. Como vigário, a desenvolveu sempre mais. Quando fundou a Obra o quis como especial patrono, invocando-o com o significativo título de *Virginum Custos* (*Guardião dos virgens*). Quando as dificuldades começaram a assediar o pequeno Instituto, elegeu-o procurador e provedor geral por todas as necessidades, tanto espirituais como materiais.

A certo ponto, na Congregação, São José e a Providência se identificaram. O Padre ficou feliz em ver o grande santo invocado pelos seus filhos e pelos pequenos seminaristas. Quis a sua imagem em todas as capelas. Não só; possivelmente também no jardim ou nos corredores da casa.

A devoção a São José tinha nele uma característica inconfundível, toda sua; aquela de uma simplicidade, de uma ingenuidade quase infantil que encantava. Ele tratava com o caro santo como com um amigo, um irmão, como uma criança, com a mãe.

Toda noite se ajoelhava diante da estátua do santo, que estava no fundo da escada ou no átrio da casa. Confiava a si mesmo e todos os religiosos ao “*Virginum Custos*”. Aos seus pés depunha as suas angústias pelas dívidas e pelos prazos de pagamentos que venciam. Depois ia repousar. Assim fez por anos e anos, até a algumas horas antes da sua morte.

As festas de São José deviam ser celebradas solenemente.

Mesmo os estranhos, já num primeiro contato, entendiam quanto a Providência estivesse ligada no Instituto ao potente patrocínio de São José. Já na portaria encontravam a estátua do caro santo com o Menino Jesus. Ele com a mão sobre o peito (dizendo: “*Eu me encarrego...*”, explicava o Padre) e o pequeno Jesus tendo em mãos um cartãozinho misterioso, que levava uma letra do alfabeto. O mistério era logo desvelado pelo Padre ou por um dos seus Filhos: “São José, provede-nos o carvão, uma casa em Roma, as férias em grupo, uma casa em Loreto, etc”. O Padre achava necessário dizer aos visitantes: “Em trinta anos São José nunca nos fez passar por vexame!”.

Verdadeiramente, mais de uma vez o Padre se queixou com o caro santo porque chegara um pouco tarde... Suplicava-lhe que “trocasse o velho relógio” ou pelo menos que “o acertasse pontualmente”. Mas depois concluía que se tratava de nossas impaciências e de pouca fé.

“São José, dizia o Padre, nunca tem pressa, vai devagar”.

“São José – escrevia bondosamente a um sacerdote – não conhece os meios rápidos de hoje, e viaja sobre o seu burrinho; mas chega, certamente, se bem que com atraso!”.

O Padre morreu na vigília de São José. Nenhum dos seus Filhos se surpreendeu com isso. Muitos sacerdotes escreveram que o santo tinha desejado que o seu grande devoto estivesse no céu, no dia da sua festa.

### ***“Tudo é graça”***

Dores e sofrimentos, provações e tribulações foram vistos pelo Padre como um sinal da paterna Providência de Deus que tinha admiráveis designios sobre suas obras. Repetia “Paterna Providência de Deus, vos adoramos!” Não só quando recebia benefícios, era atendido nos seus desejos, mas também quando estava na tribulação. Nos últimos anos de sua vida, quando as provas, sobretudo morais, se acumulavam de modo assustador sobre ele, tinha sobre os lábios um ditado que lhe dava tanta força e que edificava grandemente quem o escutava: “Tudo é graça”.

“*Tudo é graça*”, repetia nos incômodos da saúde que foram freqüentes. As aparências enganavam. De bela presença, postura reta, movimentos soltos, um belo sorriso. Dir-se-ia que era o retrato da saúde. Mas não era nada disso.

Cuidava-se como podia; depois se colocava disponível do Senhor. “*Cuidam de mim; mas é a carcaça que é gasta: consertada numa parte, se quebra em outra. Oh, belo Paraíso!*”.

*“O subscrito se sente um pouco cansado algumas vezes e, ao invés de sair, estaria em casa. Isto provém da natureza que é reclamona, mas me parece que a vontade raciocine de modo diferente, especialmente se a graça sopra na vela do meu barquinho, mesmo sendo esta velhinha ou bastante remendada”.*

Em março de 1943 sofreu uma longa e difícil intervenção operatória no hospital de Santa Clara de Trento. Não se pode negar que tivesse um pouco de medo. Era por natureza impressionável. Uma sensibilidade aguda o fazia sofrer muito. Isso surpreendia médicos e enfermeiros. Temia, como doente,

dar mau exemplo pela impaciência que o tomava facilmente. Sobretudo tinha uma extrema repugnância em se expor aos médicos pela sua grande delicadeza.

Conhecida a vontade do Senhor, mobilizou os seus religiosos a rezar; depois se abandonou à Providência. Foram dias de ansiedade. Foi afastado o perigo de sucumbir depois da operação, mediante a transfusão de sangue. Naquela circunstância, o Padre se comportou como se tivesse que deixar os seus Filhos, com sumo abandono à amorosa vontade de Deus.

*“Há quem aconselha de fazer algum voto ou orações especiais para curar. Não! E então porque nos oferecemos a cada dia, renovando a nossa oblação ao Coração Sacerdotal do nosso dileto Jesus e para os seus sacerdotes? Não, não o farei. Aliás, confiando nele e em Maria Santíssima, lhe digo: Eis que venho! Se soubesse como estou calmo e sereno!”*

### **As provas morais**

Inegavelmente os sofrimentos mais graves do Padre derivaram das provas morais.

*“Tudo é graça”* repetia quando a morte lhe roubava os seus mais íntimos amigos, que lhe tinham sido de tanta consolação.

Sofreu muito quando, no dia 14 de novembro de 1942, morreu o seu caríssimo Pe. Giovanni Battista Simoni. Com ele desciam à tumba as belas lembranças do seminário de Pádua ligadas a uma intensa devoção à Eucaristia, ao Sagrado Coração de Jesus, ao Sacerdócio.

No dia 29 de novembro de 1948 foi a vez de Pe. Petazzi. O bom padre esteve presente nos acontecimentos mais importantes e decisivos da vida da Congregação. Mesmo nos bastidores, escondido e ignorado, seguiu Pe. Venturini e a sua Obra dia após dia até à morte.

No *Diário* o Padre escreveu uma página admirável em ocasião da morte de Pe. Petazzi.

*Era sempre ele que indicava o que queria o Senhor. Não posso dizer o quanto este fato me infundisse de coragem e de segurança, especialmente naqueles longos anos nos quais não tinha perto de mim alguém a quem recorrer para conhecer a divina vontade a respeito da Pia Sociedade.*

Faltando Pe. Petazzi, o Padre reforçou ainda mais as relações espirituais com Pe. Calábria.

Eram aqueles anos das grandes provas morais dos dois santos sacerdotes.

*“Nós – lhe dizia um dia o “santo de Verona” – somos como duas gotas de mercúrio que se buscam e se unem o mais breve possível. Devemos estar sempre unidos e seguir avante juntos!”*

Quando, no dia 04 de outubro de 1954, Pe. Calábria deixava a terra para o céu, o Padre comentou no *Diário*: *“Seja sempre feita a divina vontade! Senti muito a perda deste santo sacerdote, com o qual, por mais de trinta anos, era ligado por íntima amizade. Com dificuldade conseguia conter o choro, que tantas vezes me cobriu o rosto”*.

Ainda mais dolorosos eram para ele os lutos dentro da Congregação.

Já lembramos a partida de Pe. Carli. Dois outros sacerdotes morreram ainda em jovem idade: Pe. Givoanni Battista Cerciàn (18 de janeiro de 1937) e Pe. Mario Paolazzi (23 de maio de 1954).

Um tormento agudíssimo para a alma de Pe. Venturini, fundador de uma Congregação, era a carência de vocações. Confiava-se, porém, ao Senhor. “Ele sabe tudo. Ele pode tudo. Não há nada em que se confiar senão nele, que tem já estabelecido desde toda a eternidade aqueles que farão parte do nosso pequeno rebanho”.

A carência obstinada de vocações lhe causou a penosa sensação de um bem triste isolamento. Chegou até a culpar a si mesmo.

*“O Senhor limita o número delas por causa das minhas incorrespondências e os meus deméritos. Porém tu vês tudo, Senhor. Tu fazes bem todas as coisas; sabes aquilo de que a Obra tua necessita. Quisera gritar-te também eu como aquele santo fundador:- Da-me filhos, caso contrario morrerei! Mas eu não sou santo... Porém tu és infinitamente misericordioso!”*

### **Por que, ó Senhor?**

Quando Jesus apresentava a Pe. Venturini o seu rosto adorável e doloroso, a fim de que o beijasse, ele imprimia sobre este, com o coração em sobressalto, o beijo do amor e da fé.

Mas, algumas vezes, lhe saía dos lábios um doce lamento: “Por que, ó Senhor?”.

Doentes e mortos, saídas e escassez de vocações, sofrimentos íntimos estreitamente ligados com a substância do seu apostolado... era-lhe uma ininterrupta fileira de sofrimentos, na maior parte dos casos, incontroláveis.

Em 1947, Dom Calábria lhe escrevia:

*“As pessoas e as obras de Deus custam tanto, e o Senhor vai buscando nesta hora centros de sofrimento para cumprir grandes desígnios de bem, de expiação, de reparação, especialmente para certos pecados e por certos sacrilégios, e poupar assim novos castigos. Também o senhor me parece que seja deste número.”*

O Padre comentava: “*Sim e de boa vontade!*”.

Mas, na sua humildade, acrescentava: “*Não enalteçamos nossos sacrifícios. São flores que perdem a sua fragrância, se as fazemos cheirar pelos outros. Escondamo-las para que sejam todas e só para Ele e as receba como perfume suave*”.

Inspirado nestes sentimentos, o Padre escreveu milhares de cartas, rápidas, mas cheias de fé, de amor e de confiança: cartas que sabiam dar um conforto real a todo tipo de pessoas, a sacerdotes e a leigos, a religiosos e religiosas.

E isto sem assumir uma postura seja de vítima ou de mestre.

## XVIII - PADRE E FUNDADOR

### *O “ instrumento insignificante”*

No dia 24 de agosto de 1935 era celebrado o vigésimo quinto aniversário de ordenação sacerdotal de Pe. Venturini.

Houve naturalmente um encontro comunitário festivo, durante o qual, mais de uma vez, se falou da Obra. Certo ponto foi perguntando quem era o seu fundador... O Padre prontamente respondeu que se devia muito a Pe. Petazzi, que estava presente. Este, por sua vez, dizia que o fundador era Pe. Venturini. Um sacerdote amigo interveio dizendo: “Se a Obra existe é porque alguém a terá fundado!” A afirmação despertou risos, e padre Mario ficou vermelho...

Sabia bem ele quem era o fundador da Congregação: o Coração Divino de Jesus. Era esta sua convicção íntima e profunda.

No vigésimo quinto aniversário da Congregação (1951), numa oração dirigida ao Sagrado Coração de Jesus, escrevia comovido:

*“Ela se reconhece como expressão da tua mente divina, como atuação da tua Santíssima Vontade, como palpitação do teu Coração de Sacerdote e Hóstia, como objeto do teu amor infinito, como manifestação da tua Providência paterna; ela reconhece a ti como seu único bem e posse no presente, como única esperança, como no passado assim no futuro, e para sempre.”*

Por sua iniciativa, rejeitava obstinadamente o título de Fundador. Tinha encontrado uma fórmula felicíssima, que salvava a sua humildade e que era ao mesmo tempo verdade: ele era o *instrumento insignificante*.

*“Pensei muitas vezes que um sinal do meu nada é o fato de ter-se dignado o Senhor a tomar-me e usar de mim como instrumento, um instrumento insignificante. Pela nossa Obra, quis servir-se de um evidente nada, porque devia fulgurar nela Jesus, Eterno Sacerdote, o seu ardentíssimo desejo e o seu trabalho para que os seus ministros imitem a sua santidade.”* (Diário)

A humildade e a verdade lhe fizeram escrever estas outras palavras:

*Esta mínima Obra a quis Deus. Só a mente humana não podia concebê-la, porque alta demais; vontade humana sozinha não podia efetuar-la, porque árdua demais. Deus é o autor dela e nós, que a vivemos, cada dia mais somos convencidos disso. Os instrumentos nas mãos de Deus são ainda menos que o martelo na mão do construtor, ou o pincel na do pintor. Os instrumentos existem, porque Ele os quer; mas é dádiva sua querê-los, não necessidade, porque não tem necessidade de ninguém.*

Este sentimento e este temor o acompanharam por toda a vida. Escreveu-o até no seu *Testamento Espiritual*.

*“Compreendo bem que, como é atualmente, esta Obra não é do teu agrado. É que eu a estraguei, falseei, arruinei. Jesus, suprima este mísero e mau instrumento, escolha um outro, e a Congregação melhorará logo... Sinto que a Congregação viverá e com mais viçosa vida, quando este mísero operário não existir mais...”*

Confortava-se só no seu abandono em Deus. Pensava que a Sabedoria divina podia converter em vantagem da Congregação as deficiências mesmas do instrumento se

Quando Pe. Venturini deixou a terra para o céu um seu amigo escreveu: “Pe. Venturini era convicto de que, para completar e desenvolver a Obra, era necessária a sua partida e o seu último sacrifício”.

Enquanto ele se esforçava para se esconder, o Senhor dispunha as coisas de modo a torná-lo conhecido sempre mais. Não eram poucos aqueles que o identificavam com a Obra.

### *A raiz escondida*

A humildade foi virtude uma que Pe. Mario procurou possuir em alto grau, sobretudo quando percebeu que o Senhor tinha desígnios particulares sobre ele.

Certamente não lhe era fácil o exercício desta virtude. Desde as primeiras páginas do seu *Diário* espiritual se nota o propósito de combater o orgulho, a soberba, o desejo de aparecer, de ser



estimado. O Senhor o tinha dotado de belos dons naturais e espirituais. A tentação da vaidade era, portanto, fácil.

Entendeu o perigo de desgostar o Senhor com a soberba e, dia após dia, procurou esconder-se sob a terra e tornar-se uma raiz pequena. Foi este seu propósito constante. “Quando uma raiz sai do terreno e toma o sol, não é mais ativa, mas passiva e pode também ser causa de morte para a planta”.

Sofria quando o colocavam em evidência. Às vezes era inevitável, especialmente na celebração dos aniversários da Congregação. Na ocasião do trigésimo aniversário de fundação da Congregação (1956) escrevia a uma filha espiritual:

*“De singular houve só uma espécie de mostra fotográfica da qual o pobre subscrito pagou as despesas, porque o expuseram de todos os modos... Tivesse ouvido quantos comentários também por parte do Arcebispo! Espero que, quando amanhã eu voltar à sede, os 26 quadros da mostra tenham desaparecido porque, caso contrário, a comédia se tornaria uma farsa. Está-se tão bem escondido e ignorado! Melhor ainda sepultado, porque pelo menos se diz: “Perdoa ao sepultado!”.*

Sabia que alguns o estimavam um santo. Ele, com o seu inconfundível humorismo, os desmontava daquele conceito.

*“Recomendo-me muito às suas orações; não me preocupo tanto pela minha saúde, quanto pela minha alma que não sabe se recolher e se dispersa e se dissipa também nos momentos mais belos da Santa Missa. A minha cabeça depois é pior do que uma abóbora... ainda mais porque nasci mesmo na cidade das abóboras: olhe um catálogo de horticultor e verá a qualidade: abóboras de Chioggia, com a relativa ilustração”.*

Quando encontrava pessoas eminentes e tratava de assuntos graves e de responsabilidade, a sua humildade aflorava e era logo apreciada.

*A virtude que nele sempre me marcou foi a sua humildade, embalsamada de caridade. Foi a característica que logo refulgiu no nosso primeiro encontro... Pediu para falar comigo, e lhe pedi que passasse em minha casa. Veio, bateu à porta... Estava eu falando e, sem abrir, disse-lhe para esperar, sem ter visto então que era ele. O meu colóquio com a pessoa presente teve que se prolongar longamente; enquanto isso tinha escurecido. Quando abri a porta para dispensar o interlocutor, vi com surpresa e ressentido que era ele. Tinha ficado ali num cantinho, no escuro, sem ter nem ao menos pensado em acender a luz; todo sorridente, entrou. (Mons. Landucci)*

O Senhor, mesmo porque o queria fundador, lhe propiciou escaldantes humilhações, mesmo em momentos em que outros o admiravam como sacerdote e fundador. Em ocasião do quadragésimo aniversário de ordenação sacerdotal, cardeais e bispos, sacerdotes e religiosos e um grande número de leigos lhe enviaram cartas e telegramas de votos, carregados de elogios pelas suas obras sacerdotais.

Houve, porém, quem pensou em estragar a festa, se fosse possível. Naquele dia se encontraram, ao longo de entrada da casa, os cartazes da festa pichados com frases desrespeitosas e insultos. Foram tirados; mas o Padre ficou sabendo. Sorriu tristemente. Pelo meio dia abriu a correspondência. Muitos escritos de votos, e também muitos elogios. Havia também um cartão postal, escrito em letra de forma, cheio de insultos. Era naturalmente anônimo, mas percebeu facilmente a proveniência dele. Algum religioso, santamente indignado, queria que protestasse e desse uma lição. Sorriu como de costume. Pediu para deixar isso pra lá. Contentou-se em observar que aqueles eram os... acidentes de trabalho!

### ***O espírito genuíno da Congregação***

Pe. Venturini sentia toda a confusão de ter sido eleito como instrumento do Sagrado Coração para uma Obra admirável. Mas, uma vez colocado no ofício por sua Vontade, não hesitou em fazer-se guia do pequeno rebanho para embebê-lo do espírito genuíno do Instituto. Sabia ter para isso uma graça especial por parte do Senhor. Procurou ser o servo bom e fiel.

Também os estranhos compreenderam o quanto estivesse no coração do Padre o espírito genuíno da Congregação. Um padre sacramentino, presente no dia 08 de dezembro de 1956 no trigésimo aniversário da fundação, narra:

*“Um detalhe me impressionou. À mesa, depois de algumas intervenções, tomou ele a palavra e, de modo simples, mas tocante, lembrava fatos e coisas da fundação, recomendando com insistência aos seus Filhos que não se esquecessem do que dizia. Lembrei-me do meu fundador, o santo Eymard, que igualmente, pelo final da vida, ia contando as graças particulares que o Senhor lhe tinha feito, e também advertia que perguntassem a ele, enquanto vivo, tudo quanto pudesse beneficiar o espírito deles e o da Congregação, porque só um tem a graça da fundação.”*

Sempre foi atento em exigir um espírito autêntico nos seus religiosos. Não era fácil em fazer concessões contra a Regra ou os Costumes. Pareceu algumas vezes rígido e austero. Na sua posição de superior, se esforçou para fazer valer o senso de autoridade, vista e amada com profundo espírito de fé. As observações sobre a ordem da casa ou sobre as Constituições o indispunham, como fosse um sinal de espiritualidade não autêntica. Como reação, algumas vezes, lhe acontecia de ser autoritário, de tal modo a causar a impressão de que gostasse de mandar. Admitia errar no modo, mas era convicto de que os seus Filhos entendiam que o fazia para traçar com mão firme as linhas do Instituto, jovem e necessitado de um alicerce seguro.

O Senhor o abençoou mandando-lhe filhos espirituais devotos e afeiçoados, tanto que temia ser ele o elemento humano que pudesse estragar o desígnio genuíno e primitivo da Obra. No *Diário* aflora muitas vezes este temor. “E se a Obra, como é no presente, não fosse mesmo aquela querida pelo Senhor? Se, por minha culpa, Ele tivesse de modificar o plano dela? São argumentos que fazem pensar muito e oferecem muita matéria de exame e de humilhação...”

Há uma provação fácil para os fundadores. Conceberam na mente um ideal, segundo as inspirações divinas. O ideal, pouco a pouco, assumiu corpo e vida. A períodos de desenvolvimento seguem crises. É natural que tais homens de Deus se façam a pergunta: “*Eu correspondi à Divina Vontade?*”

Ao Padre não podia faltar esta prova, dura e amarga. Com a graça de Deus soube superá-la mediante um grande espírito de fé e de humildade. O *Diário*, a este respeito, contém páginas comoventes.

*“O Senhor sabe bem que esta “criatura sua” (a Obra) será em parte desfigurada pela mão do homem. É natural, infelizmente, que seja assim. Na sua bondade infinita irá corrigindo estes prejuízos humanos, contanto que, por parte dos culpados, seja pedido com humildade. O Senhor permite que o homem coloque a mão na sua Obra, contanto que siga o desígnio estabelecido por Ele e que trabalhe sob a sua direção.”*

Animado por profundo espírito de fé, o Padre superou a grande prova, mas lhe custou muito. Chorou muitas vezes. Quando notava o descuido com a observância, ou a não aceitação do que era estabelecido pelas Constituições ou pela obediência, sofria muito. As faltas dos seus Filhos, dizia-o com verdade, eram pequenas; mas, como alfinetes, o feriam bastante. Tantas vezes se ofereceu ao Sagrado Coração como vítima pelas culpas, se houvesse, dos seus religiosos.

O Senhor o quis provar também com casos dolorosos acontecidos na sua família religiosa. Naquelas ocasiões o seu coração sofria imensamente. Com olhos úmidos de lágrimas se dirigia ao Crucifixo, que estava sobre a escrivaninha, e gemia: “Jesus, seja feito aquilo que tu queres!”

### ***Tender à perfeição***

Pe. Venturini procurou garantir a vitalidade do Instituto com um assíduo e sincero esforço de santidade. Era a melhor coisa que podia fazer. Um dia se lamentava com o amigo Pe. Calábria sobre a escassez de vocações. Como resposta recebeu estas palavras: “Os poucos influirão sobre os muitos”. A qualidade devia compensar a quantidade. Entende-se, então, o incessante apelo do Padre à perfeição: apelo, que fazia a si mesmo e aos seus Filhinhos, oralmente e por escrito.

Nas pregações e nos encontros sacerdotais muitas e muitas vezes inculcou a santidade como a condição mais necessária para a renovação do mundo na hora atual. A um sacerdote do Piemonte, que lhe recordava o falecimento de dois dignos ministros do Senhor, escrevia: “Os Santos desaparecem, caro coirmão; cabe a nós substituí-los, não só nos ofícios, mas especialmente na santidade sacerdotal”.

O compromisso pela santidade era sério. Sua vocação de apóstolo do clero lhe-lo lembrava continuamente.

Um seu testemunho característico: “Depois do Natal começarei o meu Retiro particular, para não ser como aqueles sapateiros, que consertam os sapatos dos outros enquanto eles estão sempre com as solas estragadas”.

No *Diário* se repreendia fortemente e com muita humildade:

*“O Bom Deus deve estar cansado da minha gangorra espiritual. Esta vida de altos e baixos; esta mediocridade, que esconde tantas grosserias, deve terminar. Os vários toques da graça nestes últimos anos, especialmente desde julho passado (1946), são outros tantos avisos de Deus. É preciso pôr fim à mesquinhez de coração, às conformações à natureza, ao medo do sofrimento e às indelicadezas para com o Dileto. É hora de despertar. Veja como Judas não dorme... De pé, meu querido, e em frente. Envelheces, e por isso tens o dever de correr; os jovens podem caminhar; os anciãos devem correr, os velhos voar.”* (*Diário*)

Pode parecer que, como Fundador e superior geral, Pe. Venturini não tivesse ocasião de exercer a obediência. Na realidade esta virtude era profundamente radicada nele. Demonstra isso o fato de se ter imposto a obediência mais franca e generosa das Constituições. Ficava contente por ser avisado se faltasse, e estava pronto a pedir desculpa pelos erros cometidos.

Cultivava a castidade com grande sensibilidade e determinação. Seu programa e seu lema era: *“cada dia mais puros”*. Não admitia uma castidade de qualquer jeito, aliás, o vocábulo castidade lhe parecia forte. Dizia sempre “bela virtude”. Seu binômio, por todos conhecido, era *espírito de fé e pureza*.

Duas vezes ao dia devia aplicar-se as injeções de insulina por causa da diabetes, mas se virava sozinho. “Assim fico mais contente – observava – porque quando se precisa dos outros, é um martírio neste tipo de coisas”.

Ótimos meios para conservar a pureza consideraram sempre a penitência e o espírito de sacrifício. Ele praticou a penitência, tanto externa como interna. Narrava com simplicidade que, nos primeiros anos de trabalho pela Obra, tinha se abandonado “a loucuras de juventude”. Teve que intervir Pe. Petazzi para moderá-lo. Junto ao seu leito de morte foi encontrado um bilhete com as penitências que devia fazer nos vários dias da semana: disciplina e o cinto da correntinha.

Não se acredite que o trabalho da santidade não custasse ao Padre, e que ele fosse habitualmente inundado por consolações interiores. Não. Percorreu um caminho muito ordinário, mas com constância. Ele mesmo nos faz entender que trabalhou muitíssimas vezes na desolação espiritual, e que ia avante pela força de vontade. Eis algumas suas confidências:

*“Penso em tantas coisas... e, quando vou diante do Senhor, ou durmo ou não sinto nada! Pobre de mim, a senhora me ajude, por caridade”.*

*“Recomendo-me muito às suas orações. A minha alma é árida como a areia do deserto, que é mais leve e móvel do que a da praia: vi-a no deserto de Nevada, como voava pelo ar...”.*

*Há bastante tempo estou na seca, mais que na seca! Se assim é do agrado de Jesus, estou contente eu também; mas sou eu que sou um Barabás e o trato pouco bem; Ele então se esconde, mas mo fundo, no fundo, tão fundo, que não o sinto mais. Interceda por mim e me ajude a ser bom, muito bom.*

*Estive e estou, eu também, na cruz nestes tempos; um padecimento interior me produziu verdadeira amargura e viva dor. Mas é sempre por Ele e pelos sacerdotes. Seria necessário o Amém, a Aleluia... Mas são os santos que têm estes desejos; eu não me coloco no meio deles. No máximo me ofereceria a carregar a mala destes santos em seu peregrinar rumo ao céu.*

Só o Senhor sabe a que grau de santidade chegou Pe. Venturini.

O Senhor o levou em consideração, permitindo que se dissesse a seu respeito coisas que o faziam sofrer terrivelmente e também chorar; mas ele soube aceitar, calar, oferecer.

Profunda piedade, fé inquebrantável, confiança sem limites na Divina Providência, humildade sofrida e amada, pobreza sinceramente desejada, generosa doação de si ao trabalho apostólico sem condições, amor à Igreja e ao papa profundamente sentido e vivido, coragem serena nas dificuldades, segurança no decidir e no operar, coerência sem desvios no seu caminho, paciente no esperar a hora de Deus, adesão perfeita à sua vontade e uma imensa veneração pelo sacerdócio e pelos sacerdotes. Estas seriam as características da santidade sacerdotal de Pe. Venturini.

## ***O bom pai***

Se Pe. Venturini foi sempre contrário a ser chamado com o nome de fundador, com prazer deixou que o chamassem com o nome de “Pai”. Ninguém em Casa se permitiu, nos parece, nomeá-lo ou interpelá-lo como *superior*. Teria sido considerado quase um sinal de frieza ou de comportamento afastante.

Pai. Esforçou-se sempre de sê-lo, e podemos dizer que o foi. Mas Pai “no Senhor”, como ele gostava de dizer, entendendo todo um afeto espiritual, ditado por motivos sobrenaturais. Com tom modesto ouviu-se, mais de uma vez, repetir o ditado de São Juliano de Eymard: “Sou Pai e Mãe ao mesmo tempo, especialmente Mãe; depois de mim virá um outro que chamareis de Pai, porque só o fundador é Mãe”.

Nos últimos anos da sua vida se notou nele uma acentuação até visível da sua paternidade. Não se podia chegar perto dele sem se sentir tomado por uma espécie de fluido espiritual que provocava um vivo sentimento de devoção, derivado pelo tom e pelo modo extraordinariamente paterno da sua voz e do seu trato.

Sentimos com quanto afeto fala dos seus: “Estou angustiado pelas provações dos religiosos; se soubesse o quanto amo todos os filhinhos e as filhinhas que me deu o Senhor! Ele seja sempre bendito!”.

Ver um religioso pensativo, melancólico ou triste não o deixava em paz. Não era capaz de esperar por longo tempo. Se o religioso não ia até ele, assumia a obrigação de aproximar-se dele e trazer de volta a serenidade na alma. “Vá, seja bom! Esteja alegre e faça-te santo que é hora!”

Sofria pelas doenças dos seus Filhos. Assim confidencia:

*“Um coirmão deve ir ao hospital do clero para ser ali internado. O meu coração de Pai sangra, mesmo estando contente por sofrer alguma coisa pelo Senhor”.*

*“Estou pensativo porque não comem. Eu os amo a todos, mas tanto, estes filhinhos; quisera que estivessem sempre bem de alma e de corpo; fito-os tantas vezes e se os vejo um pouco pálidos ou cansados, então não me sinto em paz e pergunto e insisto, e eles se sentem aborrecidos. Que bendita gente! Mas quando os tiver todos comigo no Paraíso, todas as pessoas das duas comunidades... então ficarei em paz e nos alegraremos eternamente”.*

Enquanto tinha tanto afeto pelos seus Filhos, ao mesmo tempo desejava que fosse mantido elevado o espírito de fé na autoridade. Todos, na Congregação, deviam considerá-la como proveniente de Jesus Sacerdote, o qual guia e usa os religiosos em qualidade de cordeiros imolados para os sacerdotes. Queria grande espírito de família, mas ao mesmo tempo suma dependência e dedicação ao bem da Congregação, conservada no seu espírito genuíno.

### ***Perfeição e humanidade***

A paternidade não exime do dever da correção. Aliás, se faz maior sua obrigação. E não é um dever fácil.

Custava muito a Pe. Venturini este dever; mas o cumpria de modo que ninguém duvidasse da sua paternidade. Notando as faltas ou inobservâncias, repreendia também fortemente. “*Crede-o – dizia – vo-lo digo com o coração na mão*” Querendo fazer entender o dano que traziam à Congregação certas deficiências, tristemente dizia: “*Certas faltas me fazem chorar...*”.

No dia 02 de maio de 1954 era a festa do Bom Pastor. O dia seguinte era o 37º aniversário da sua oferta pela Obra. Escrevia:

*“Eu deveria, a exemplo do Bom Pastor, ser também um pastor segundo o seu Coração Divino; porém, fui sempre tão diferente Dele!*

*A característica, que me distingue e que não será esquecida nem sequer quando o Senhor me chamar a si, é a rudeza, a aversão, a aspereza: numa palavra, sou “um porco espinho” de quem não é possível se aproximar... Fosse ao menos humilde e soubesse aproveitar destes meus defeitos para ficar confuso e melhorar-me.” (Diário)*

O Padre teve que combater este seu defeito por todo o curso da sua vida. Algumas vezes usava um trato demais autoritário e tinha alguns gestos impulsivos. Reconhecia as próprias faltas, em parte herdadas da mãe, que era de caráter imperioso, batalhador, adverso. Mas a humildade lhe fazia pedir, o quanto antes, perdão a quem tinha sido ofendido ou mal edificado pelo seu comportamento. Não estava em paz até que não tivesse restabelecido as relações de paternidade ou de fraterna caridade. Não era capaz de manter a dureza e muito menos conservar amargura no coração. Teria sofrido demais. O seu extraordinário sentimento de paternidade, a bondade de espírito natural, vivificada por tanto espírito sobrenatural, fazia esquecer logo o incidente desagradável. As boas relações se retomavam logo como se nada tivesse acontecido.

O bom humor não lhe causava defeito. Suas piadas, sempre dignas do sacerdote e do religioso, lhe vinham copiosas nos lábios, especialmente quando se encontrava com sacerdotes colegas de seminário, de trabalho pastoral, de trabalho. Era um encanto vê-lo conversar com sacerdotes sicilianos. Reproduzia com perfeição a mímica popular, tinha em mente a gíria dos vendedores ambulantes, dos camponeses, dos pescadores. Imagina-se facilmente que grande sacrifício tenha sido para ele o superiorato e o tipo do seu apostolado que, quase por necessidade, o faziam sofrer íntima e moralmente: ele tão vivaz e levado à extroversão.

Tinha por natureza o gosto pela beleza. Deixava-se levar pela maravilha frente das belezas da criação e louvava nelas o Senhor. Tinha uma verdadeira paixão pelas flores, especialmente pelas rosas. Era uma pequena diversão, numa vida tão sofrida. Tinha medo, porém, de favorecer “a natureza”, como dizia ele.

Algumas vezes ligou o rádio para escutar a polifonia de Palestrina ou escutou discos de música clássica. Confessou que lhe traziam um pouco de alívio à cabeça tão dolorosa. Mas eram exceções.

É comovente ler no seu *Diário* com quanta ênfase rezava pelos “membros presentes e futuros” da Congregação nascente desde o ano de 1918.

Na oração, que os seus religiosos rezam diante da imagem de Nossa Senhora (composta por ele em 1923), Lhe recomenda os  *futuros cordeiros do pequeno rebanho de Jesus*: “*que foram chamados ou o serão*”.

No *Testamento Espiritual* suplicava: “*Peço-te, ó Senhor, de cumular de santo ardor aqueles que fazem e farão parte desta Congregação bendita*”.

## XIX - MORTE PRECIOSA<sup>1</sup>

**“Tenho setenta anos!”**

Pe. Venturini já tinha boa aparência apesar dos seus setenta anos. Na realidade o trabalho duro e as graves responsabilidades o tinham enfraquecido profundamente.

No dia 07 de maio de 1956 escrevia no *Diário*:

*“Hoje completo o septuagésimo ano de vida! Graças a Deus e tende piedade! Jesus, passaram-se 70 anos: logo terminará e não correrei mais perigo de abandonar-te. Tenha-me, pois unido, estreitado, ao teu Coração Divino, não permitas, a qualquer custo, que de Ti eu me distancie.*

*Logo serei teu para sempre, pela eternidade! Minha Mãe diletta, que das mãos de minha mãe me acolheste recém-nascido, não me abandones! agora que estou velho e vou perdendo cada dia mais as energias enquanto me aproximo da tumba; não me abandones! enquanto não me vires salvo na eternidade beata”.*

O multiplicar-se dos incômodos lhe lembrava, ainda mais que antes, o pensamento da Pátria Celeste. Era um pensamento, que não o abandonava nunca, e o recomendava também aos Filhos. Ao despedi-los, depois de um encontro, dizia: “Seja bom e vá ao Paraíso!”.

A morte dos amigos e dos benfeitores lhe servia de profícua meditação.

Sobretudo notava as mortes repentinas dos sacerdotes. “Anuncio-lhe a morte de um outro caríssimo amigo, Mons. Moneta Luigi... falecido de repente. Estas mortes repentinas me impressionam e deveriam manter-me preparado e disposto a receber de grande coração o chamado do Esposo Divino”.

Vivia desapegado do mundo. “O mundo é de Deus. Ele é nosso Pai, e onde Ele nos chamou nós fomos; e onde nos chamar, iremos, mesmo que fosse aos últimos confins da terra. Quanto mais se é pequeno e pobre, mais cedo se fazem as malas e mais cedo se corre aonde o bom Deus Pai nos quer”.

Sentia-se Fundador e pai de uma Congregação. Mas isso não o preocupava, porque tudo confiava ao Coração de Jesus. Aliás, rezava:

*“Tire da tua vinha o servo inútil, que desperdiça os teus tesouros, que deixa sem fruto os teus talentos: não me lamentaria por isso, ó Senhor, aliás, Te darei glória porque Tu fazes bem todas as coisas... Mesmo se só um membro ficasse, que ele creia firmemente que, se Tu o queres, podes infundir na Obra nova vida, novas forças e fazê-la prosperar. Mas se Tu dispusesse diferentemente, pelos teus imperscrutáveis desígnios, que este religioso permanecido só morra na congregação, ou somente na obediência de quem pode mandar nele em nome de Deus, deixe-a perecer. Porém, seja ela viva, seja morta, será sempre tua, ó Jesus!” (Testamento)*

No dia 16 de março de 1954, (note-se a data) na Casa São José de Intra, teve, como costumava dizer depois, “uma ameaça de enfarte”.

Os religiosos tiveram sérias apreensões nisso. Rezaram dia e noite, oferecendo muitos “pequenos sacrifícios”. O Senhor os atendeu, e o mal se rendeu. Ele comentava: “Penso que tenha sido um forte toque do Bom Deus, para que me conscientizasse: um aviso para manter-me preparado...” (*Diário*)

*“Procuo manter-me preparado ao chamado divino, porque certos avisos têm seu significado. Se sempre pudesse dizer: Vem, Senhor Jesus! Mas... erva daninha nunca morre!”*

Em 1955 temia que a “ameaça” se repetisse.

*“Será aquilo que o Bom Deus quiser. Disponha desta pobre carcaça, já velha, segundo o beneplácito dEle: estarei contente com tudo”.*

Nos últimos meses, o impressionava fortemente o progredir da diabete.

*“A diabete me atribula, mas procuro não ligar para isso e me movo como posso pelos caros sacerdotes. Que o Senhor e a Mãe querida me ajudem! Algumas vezes temo morrer durante a viagem, como meu pai. Faça o Senhor como melhor lhe apraz, contanto que o sirva com fidelidade até o último minuto”.*

<sup>1</sup>**Nota:** Este último capítulo foi escrito por Pe. Pio Milpacher, para completar, com algumas notícias, esta edição portuguesa

## ***Até o fim***

O trabalho se multiplicava e a saúde decaía. Os religiosos queriam que se cuidasse. Ele, brincando, escrevia a uma amigada Obra: “*Que pena ficar velhos com o trabalho que há ao redor! Bendito Jesus! Porém, se me chamas, nem digo vou, vou mesmo ao paraíso para junto de ti. porém, seja feita a tua vontade!*”

O início do ano de 1957 o encontrou ocupadíssimo. Queria muito ir à região das Apúlias para ali fazer conhecer e desenvolver a *União Apostólica*. Os convites dos bispos dali e do clero local se multiplicavam. Dias cansativos apareciam no horizonte.

Os seus religiosos insistiam para que descansasse. Ele respondia: “Descansaremos no Paraíso!” E decidiu dirigir-se a Molfetta.

Somente dez dias antes tinha tido uma forte crise do seu mal.

Pode ser interessante um rápido aceno de crônica daqueles últimos dias de ministério.

*13 de março.* Santa Missa e meditação aos clérigos do seminário regional de Molfetta. Imediata partida para Bitonto.

Em Bitonto, às dez horas, transmitiu os pontos da meditação aos sacerdotes, falando por além de quarenta e cinco minutos. “Teriam ficado ali a escutá-lo quem sabe quanto tempo. Os sacerdotes estavam tão atentos. Parecia que o quisessem devorar com os olhos!” Assim escrevia o cronista.

Segue a reunião para a *União Apostólica*, que se prolonga até às 13 horas.

Na tarde volta a Molfetta. Está cansado. O acompanhador lhe dá o braço. Ele aceita e comenta: “Além dos pés, é o coração que não funciona mais, especialmente para subir!”

Tendo voltado ao seminário, confessou: “*Sinto-me um pouco cansado. Dizem que me esquento demais quando falo, que coloco nisso ímpeto demais. Mas o que devo fazer?... É a minha vocação! É questão de vocação*”. E declara que, falando aos sacerdotes, sentia em si algo de indescritível, não sentia nenhum cansaço. Só ia senti-lo depois.

Logo que voltou, lhe disseram que o bispo o esperava. Levanta-se e vai até ao Prelado. O colóquio durou longamente. Quando parecia que o Padre estivesse para se despedir, o Bispo voltou ao escritório, continuando por um bom tempo ainda a conversa.

Ei-lo, depois de novo, no seminário. Poderá, finalmente, estar um pouco quieto, terminar as orações do Breviário e colocar em dia a Adoração? Não! Espera-o uma série interminável de encontros e colóquios reservados por parte dos alunos do último ano. Às 19:30h querem que fale a todos os diáconos. Aqueles bons jovens estavam entusiasmados e não queriam mais se separar do Padre. Todos lhe estavam ao redor e tinham alguma coisa a lhe perguntar, mesmo quando já se tinha levantado, no momento em que a campanha deu o sinal para o jantar.

São detalhes que comovem: neste desgastante doar-se, manifesta-se admiravelmente a sua paternidade sacerdotal.

## ***Entre os filhos de Loreto***

*14 de março.* Voltando das Apúlias, parou em Loreto. Estava cansado, mas contente. Escutou os religiosos, falou com os sacerdotes hóspedes, encontrou as irmãs, achou modo de escutar paternalmente as monjas do vizinho Carmelo. E assim passou o dia *15 de março*.

Enquanto isso, tinha recebido uma carta de Trento com a qual se pedia a ele que apressasse a volta. Havia necessidade dele para tarefas relacionadas às construções em andamento.

Antes de partir quis despedir-se da querida Nossa Senhora de Loreto. Reservou lugar para a celebração na Santa Casa. Antes quis se confessar com o superior de “*Maris Stella*”. Era um jovem padre, que ele tinha visto crescer ao lado dele desde 1927. Foi a sua última confissão.

No dia seguinte, *16 de março*, bem cedinho, celebrou na Santa Casa, que lhe era tão querida porque lhe lembrava o *Fiat* de Nossa Senhora e o início do Sacerdócio de Jesus.

No final da ágape deu adeus a todos, porque partiria com o trem das 14 horas. Na escadaria, saudando o mais velho dos sacerdotes, de 86 anos, lhe disse amigavelmente: “Se vou morrer primeiro, reze por mim”. O outro logo interrompeu: “Vou eu morrer antes, sou mais velho. O

senhor poderia, mas eu devo morrer antes...” E o Padre de volta: “Não, não; eu morrerei antes. Reze por mim!”.

Separando-se dos seus religiosos, um lhe perguntou quando voltaria a Loreto. “É a última vez!”, respondeu sério e comovido. Abraçou todos com grande efusão.

À noite já estava em Trento. Notou-se nele certo cansaço, mas também muita afabilidade e jovialidade, numa transparência singular e misteriosa. Manifestou muitas vezes grande satisfação pelo bom êxito dos dois encontros realizados nas Apúlias. A um coirmão confiou: “Há tanta coisa a fazer pelos sacerdotes. Não se pode ir por toda parte; mas com a oração chegamos a todo lugar, e sem nos cansarmos tanto”.

Um noviço lhe tomou as malas. Ele lhe pediu que as colocasse no lugar, prontas para a próxima viagem. Mas depois, quase se corrigindo, exclamou: “Ah! A próxima viagem será para a eternidade”.

### *Os últimos dias*

Os dias *17 e 18 de março* transcorreram normais. O Padre aparentava cansaço e palidez, estava mais sério e recolhido, mas ao mesmo tempo atencioso, jovial e ativíssimo. Seguiu o horário da comunidade até o último momento. Teve bastante correspondência para adiantar. Ocupou-se de tudo e de todos, especialmente dos definitivos detalhes da nova capela das Irmãs em honra de *Maria Mãe do Sacerdote*, que se estava concluindo. Tinha preparado um elenco dos problemas a serem resolvidos, deixando espaço livre para outros, sem pensar que o mais próximo e urgente era mesmo aquele que ele estava para causar com a sua partida!

O dia *18 de março* ficará memorável na história do Instituto.

De manhã, como de costume, celebrou a Santa Missa na sua capela particular. A última Missa!

Teve vários colóquios, marcados com ternura paterna e tocante, com diversos religiosos.

A manhã transcorreu em encontros. Uma sugestão a um, uma boa palavra ao outro, sempre com aquele tom sobrenatural que lhe era costumeiro: “Fazei-vos santos; o resto não tem importância” – disse a um religioso. “Coragem, seja alegre, te recomendo muito: seja alegre, sempre alegre” – repetiu a um estudante.

Também naquele dia havia urgência de pagar uma dívida consistente a um credor, que esperava no parlatório. Alguém lhe fez observar que não tinham dinheiro suficiente e era preciso pedir um empréstimo. O padre abriu os braços sorrindo, em ato de fé e de exortação, e comentou com tom inexprimível: “Oh, mas o Pai Celeste tem o dinheiro! Basta pedir-lhe com confiança e fazê-lo contente. Então ele nos atenderá, mas sempre *tempore opportuno* (no tempo certo). O dinheiro passa; mas o mérito de ter pedido fica por toda a eternidade”. Era a sua linguagem habitual.

Na metade da manhã desceu à capelinha e fez uma visita ao Santíssimo Sacramento. Era o seu propósito, feito no início da Santa Quaresma, que tinha recomendado a toda a comunidade. Durante o recreio, depois do almoço, se apresentou na varanda da casa e iniciou um colóquio vivaz com os aspirantes menores, que brincavam em baixo, no quintal, fazendo barulho. À sua saudação, todos bateram palmas. Respondeu batendo palmas também ele, no mesmo modo dos meninos.

Na tarde fez a sua cotidiana adoração. Logo se sentou no banco, algo pouco comum. Rezava e meditava usando o livro: “Intimidade divina”. No final da adoração, cantou quase sozinho com voz alta e fluente: “*Adoremus in aeternum Sanctissimum Sacramentum!*” (*Adoremos para sempre o santíssimo Sacramento*).

Na saída, abençoou a superiora e algumas Irmãs que saíam da adoração. Foi a última vez. Durante o Santo Rosário na Igreja esteve de joelho, mas mantinha a cabeça curva, como fazia quando estava cansado. No final da celebração cantou também ele o refrão do canto a São José, que dizia: “*Nas angústias da última hora vem, Consolador; contigo, Jesus e a Virgem nós expiraremos serenos*”.



De noite, um seminarista, pequeno redator chefe do “Jornal de Maria”, mural mensal da Congregação Mariana, lhe apresentou o número preparado para a iminente festa de São José. No centro se sobressaía uma reprodução em cores do triunfo do Santo, do professor Barberis. O Padre a observou e a beijou repetidamente, extasiado. Sentiu-se tocado por um artigo à margem. Tratava-se do texto muito conhecido: “Viajantes para o Céu”, que dá o horário, o preço e os avisos para aqueles que partem para a eternidade. “De que classe tu fazes parte?”, perguntou ao rapaz. Sem esperar resposta acrescentou: “Eu me contento em ficar na terceira (arrepentimento e resignação) e também na quarta... (que nem era colocada)”.

Realizou ainda algumas pequenas tarefas. Escreveu uma carta aos coirmãos de Loreto, exortando-os a realizar bem o iminente Tríduo da renovação dos Santos Votos. Assinou uma carta dirigida ao cardeal da Colômbia pela *Jornada de Santificação Sacerdotal* de 1957.

Era vigília de São José, o seu querido Santo. Tinha dado ordem de limpar e enfeitar o oratório a Ele dedicado. Quis que se procurasse uma nova auréola para a sua estátua: “É a sua festa e a merece!”. Quando tocou o sino que chamava ao coro, desceu prontamente à capela. Rezou com os demais o ofício de São José exercendo a função de presidente da assembléia.

No refeitório observou com prazer o quadro de São José adornado. Depois do jantar passou na sala de recreação. Com alguns coirmãos, estudou o modo de dar uma veste tipográfica melhor ao Periódico da *União Apostólica*.

Às 21h15min foi, junto com os outros, rezar a oração da noite. Concluiu-as, como sempre, com sua bênção, dada à comunidade com voz clara e solene. Saudou a querida imagem de Nossa Senhora e se dirigiu rumo à portaria para saudar o seu querido São José. Há anos fazia aquela visitinha. Aproveitava disso para recomendar a si e os Filhinhos à proteção e custódia do caro Patrono. Naquela noite, observou-se que não foi capaz de ajoelhar-se. Ficou de pé a rezar. Viu com prazer que ao redor tinham sido colocadas flores, mas acenou ao irmão que era necessário colocar outras mais. Foi a despedida do Santo.

Tendo subido ao seu quarto, não fechou à chave, mas encostou a cadeira à porta. Contra o seu costume, trouxe o telefone interno da escrivania para o criado-mudo. A escrivania do Padre foi encontrada em perfeita ordem, como quando partia para uma longa viagem.

### **“Jesus, eu vou... estou pronto”.**

A Casa Mãe estava imersa no silêncio quando, às 23 horas, tocou o telefone interno. Pe. Venturini com voz calma e serena chamava os seus colaboradores mais íntimos, porque se sentia mal. O ecônomo, o padre mestre dos noviços e o assistente acorreram logo. Encontraram-no plenamente em si, consciente de tudo que estava acontecendo, mas já em condições gravíssimas. Foram acordados imediatamente todos os religiosos. Espalhou-se a voz: “O Padre está morrendo! O Padre está morrendo!”.

Sentado à beira da cama, entre os braços de um coirmão, o Padre, em agonia, manifestava uma ansiedade sempre mais intensa, que o sufocava. O enfermeiro prestou os primeiros cuidados, mas em vão. O venerado Padre, pálido no rosto, que exprimia ardente sofrimento, e, também, abandono à vontade de Deus, batendo-se no coração, rezava insistentemente: “*Jesus, chama-me! Jesus, eu vou! Estou pronto!*” apertando seu peito, renovava atos de intensíssimo arrependimento.

Aos Filhos que, consternados e perdidos, assistiam a sua passagem, pediu perdão pelos “maus exemplos”. Depois, com tom paterno e aflito, disse: “Não vede que estou morrendo?... Dai-me a absolvição, dai-me o Óleo Santo!”. Foram-lhe administrados os últimos sacramentos.

Muitas vezes repetiu: “Confio-vos a Obra!”. Teve, neste momento, uma lembrança para os noviços e as Irmãs.

Renovou com ardor o pio exercício da *União ao Sacrifício de Jesus*, sugerido, segundo o seu desejo, por um dos presentes. Renovou também a oferta de si mesmo pelos sacerdotes: “*Ecce venio ut faciam, Deus, voluntatem tuam! (Eis que venho para fazer a tua vontade)... Pro eis!*” (Por eles).

Esforçava-se repetir as jaculatórias que lhe sugeriam.

A sua voz ia se enfraquecendo. A certo ponto, não foi mais capaz de articular nenhuma sílaba. As forças o abandonaram.

Por volta das 23h:30 do dia 18 de março de 1957 consumava, sacerdote e vítima, a sua oferta. Faltava pouco para a festa de S. José

Ao lado da cama, que era agora um altar, os Filhos órfãos, choravam.

Aos dois médicos da Casa, chamados urgentemente, não restou nada mais do que constatar o óbito por violento infarto cardíaco.

O corpo venerado, revestido pelos paramentos sacerdotais, foi levado à capela interna.

### *Últimas homenagens*

A dolorosa notícia, difundida na cidade na manhã do dia de São José, comoveu todos aqueles que conheciam o falecido.

Um dos primeiros a acorrer foi o arcebispo, Mons. Carlo de Ferrari.

Enquanto uma autêntica peregrinação de admiradores subia a Via dei Giardini, na sala do velório se elevava um sussurrado e ininterrupto coro de orações. Mas, mais do que elevar sufrágios, muitos pediam graças ao “santo”.

No dia 21 ocorreram os funerais.

A última homenagem tributada a Pe. Venturini foi celebrada com grande simplicidade: uma simplicidade que a tornou mais grandiosa e comovente.

Quando o caixão foi içado sobre o carro fúnebre, muitos rostos apareciam regados de pranto. E não eram somente os rostos dos Filhos, repentinamente órfãos.

Imenso cortejo, no qual estavam representadas todas as categorias sociais e todos os Institutos. Muito numerosos os sacerdotes.

Na igreja paroquial dos Santos Pedro e Paulo estavam à espera o Arcebispo Carlo de Ferrari e o bispo de Chioggia. Celebrou a Santa Missa cantada mons. Guido Bartolameotti vigário geral da diocese, o qual, no final do Divino Sacrifício, evocou a figura e a obra do falecido. Dom De Ferrari deu a solene absolvição.

Os salesianos, com gesto de delicada caridade fraterna, quiseram que o venerado corpo fosse “hospedado” na tumba do Instituto, na espera de sua colocação definitiva.

O falecimento do Fundador trouxe aos Filhos a sensação de uma descoberta inesperada: a universalidade da estima com que ele era considerado. Um verdadeiro plebiscito de elogios: do Sumo Pontífice Pio XII, que colocava em evidência a sua “piedade”, ao então cardeal Roncalli que prometia sufrágios reconhecidos “pela sua alma destinada à grande recompensa, pelo delicado, precioso e generoso serviço prestado ao sacerdócio católico”, como se exprimia no seu telegrama. O cardeal Wendel o proclamava um “apóstolo do Sagrado Coração e do Sacerdócio”. O cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários elogiava a sua apostólica contribuição à formação do jovem clero. Inumeráveis bispos, prelados e sacerdotes manifestaram sua admiração pelo falecido.

Os religiosos da Congregação sacerdotal ficaram impressionados pela insistência com a qual, por parte de sacerdotes e de leigos, se recomendava a eles “continuar nas pegadas do Padre a trabalhar pela santificação do clero, a ficar fiéis ao seu programa, tão necessário e sublime, a conservar a Congregação no espírito genuíno do Fundador”.

No dia 27 de março, no encontro da comunidade, o Padre Vigário do Instituto leu o Testamento espiritual do Padre e Fundador. Tinha sido escrito no dia 07 de março de 1947, trigésimo quinto aniversário da primeira inspiração da Obra. Tinha sido confirmado no dia 07 de março de 1953, e reconfirmado no dia 13 de janeiro de 1955, com um simples post-scriptum: “*Nas tuas mãos, Senhor, confio o meu espírito. Maria, não falte ao meu lado*”.

Em todas as linhas do Testamento brilha de esplêndida luz e a espiritual paternidade de Pe. Venturini.

## ***O Padre vive!***

Do dia 06 a 10 de agosto de 1957 realizou-se em Trento o terceiro Capítulo Geral da Congregação.

Foi nomeado primeiro sucessor do Fundador Padre Pietro Menotti, seu vigário e fiel colaborador por muitos anos.

Naquela ocasião, os capitulares puderam constatar quanto fosse viva a sua memória e operante seu exemplo.

Muitas pessoas manifestaram o desejo de ter suas notícias biográficas. Publicaram-se artigos nos jornais locais e nacionais, e em várias revistas eclesiais. Foram pedidos e realizados santinhos com notícias biográficas, pensamentos do padre e uma oração específica pela sua beatificação.

Um grande presente foi a publicação do volume “Cânticos Sacerdotais”, em que o próprio Padre revela, sem querê-lo, a profundidade da sua alma apaixonada pelo Sacerdócio.

Muitos sacerdotes começaram invocar sua intercessão. Não causa surpresa isto se pensarmos na sua promessa específica: “No Paraíso não descansarei até que houver um sacerdote para ajudar sobre a terra!”.

Não faltam nem mesmo leigos que imploram graças recorrendo à sua mediação.

No dia 20 de abril de 1961 um grande acontecimento alegrou toda a Congregação Sacerdotal; o corpo do Padre foi transportado do cemitério para a Casa Mãe.

Foi colocada no sarcófago, que a piedade dos Filhos e a devoção dos admiradores lhe quiseram oferecer, numa pequena cripta, realizado sob a igreja do Coração Sacerdotal de Jesus.

Os restos mortais de Pe. Mário Venturini agora repousam ai, num cândido sarcófago, simples e solene, situado aos pés daquele altar, onde ele tantas vezes manifestou a plenitude da sua paixão sobrenatural pelo sacerdócio.

A frieza do mármore é vivificada pelas palavras, que resumem a substância de toda sua existência humana: “*Santifica-os... Por eles eu santifico a mim mesmo*”.

## X - O PADRE VIVE NOS FILHOS E FILHAS E NA SUA OBRA

### *Mais vivo que antes*

- Morreu: disse o médico, que acorreu ao leito de Pe. Venturini e que só pode constatar sua morte, naquela noite inesquecível do 18 de março de 1957.

Pe. Menotti, Vigário do Fundador, ainda com uma pequena esperança perguntou: “Está certo?” “Estou!”, foi a resposta, que gelou todos os filhos presentes. “Não! – rebateu o Vigário – ele está mais vivo que antes”.

Estamos certos que o Padre vive e acompanha seus Filhos e Filhas, sua Obra sacerdotal.

Passado o momento de pânico pela morte repentina do Padre, difundiu-se em todos os religiosos a consciência de que a Obra agora estava nas mãos deles. Cada um devia assumir sua responsabilidade, unir forças e tocar o barco para frente, convencidos que o Padre na glória perto de Jesus, Sumo Sacerdote, intercedia por eles.

Todos os que conheciam Padre Venturini, bispos, padres e amigos, recomendavam aos filhos dele fidelidade ao seu ideal, para continuar sua Obra com o mesmo espírito e fervor.

### *Os primeiros anos*

O Vigário Geral da Congregação, desde muitos anos, era Pe. Pedro Menotti. Ordenado padre da diocese de Trento trabalhou na pastoral diocesana por alguns anos, estimado pela sua inteligência e sua profunda espiritualidade. Depois de poucos anos de generoso ministério pediu a Pe. Venturini, de entrar na Congregação dele.

Seminarista exemplar no Seminário Teológico de Trento, encontrou dificuldade para ser aceito entre o clero. Tinha um defeito físico. Nascera com uma perna mais curta. Caminhava, porém, sem dificuldade, ajudado por um sapato ortopédico bem visível. No final da teologia teve que pedir uma dispensa por esta anormalidade para ser ordenado sacerdote. Foi aconselhado amputar uma perna, lamentavelmente a mais sadia, substituindo-a com uma perna ortopédica, do mesmo tamanho da outra. Seu amor ao sacerdócio era tão grande, que se submeteu à operação e conseguiu, por alguns anos, caminhar quase normalmente.

Viveu seus primeiros anos de serviço pastoral com generosidade e profunda espiritualidade, estimado por todos. Seu desejo de perfeição e de doação total a Deus o levou a buscar uma família religiosa e pediu de ser acolhido na Obra sacerdotal ainda muito nova. Distingui-se logo pelo fervor, a regularidade, a docilidade absoluta ao Padre Fundador, tornando-se logo seu precioso colaborador. Gozava a estima de todos pela sua santidade, e espírito de sacrifício. Na realidade, o aparelho ortopédico tornou-se o seu martírio. Com o tempo a perna amputada, no seu ponto de apoio, começou a inflamar-se e doer. Apesar disso, muito ativo, fazia questão de participar de todos os atos da comunidade, de estar presente onde seu serviço exigia. Foi o primeiro superior da casa de Intra e superior da Casa Mãe por mais de dez anos, sempre à frente de tudo, vigiando e exortando; tanto que era chamado “o moto perpétuo”. Dom Calábria tinha profetizado a Pe. Venturini: “O Senhor lhe dará um colaborador santo”.

Depois da morte do fundador, Pe. Pedro começou logo a preparação do Capítulo Geral e quatro meses depois o presidiu. Ele mesmo foi eleito pelos padres capitulares primeiro sucessor do Padre.

Sua preocupação dominante foi conservar o espírito do Fundador, o seu fervor e a observância das regras. Sofria quando via alguma mudança, até nas mais pequenas coisas.

Organizou logo a coleta dos escritos, das memórias e dos testemunhos da vida do Fundador. No ano seguinte (1958) conseguiu reabrir a casa de Roma, tão desejada por Pe. Venturini.

Chegou ao Capítulo Geral seis anos depois (1963) sem forças para continuar. A perna o martirizava de modo sempre mais doloroso. Pediu de ser substituído no cargo.

No seu lugar foi eleito Pe. Soncin Francisco, de Cavarzere, um dos dois meninos, que primeiros tinham pedido a Pe. Venturini de entrar no seu “convento” em 1926.

Religioso de muita bondade e de grande espiritualidade, profundamente enraizado no espírito da Congregação, Pe. Soncin tinha sido encarregado, após a morte do Fundador, de organizar o arquivo do Fundador. Com um trabalho dedicado e inteligente recolheu escritos, correspondência, depoimentos. Foi encarregado, também, da primeira biografia de Pe. Venturini. Trabalhou com amor e dedicação. Quase concluída a obra, pensou-se oportuno confiar a redação definitiva a um que não fosse da família. Dom Caminada, Bispo de Pescia, aceitou ser o primeiro biógrafo oficial. Reconheceu, porém, que não precisou dar se não alguns pequenos retoques ao trabalho de Pe. Soncin, para que a obra ficasse pronta.

Pe Francisco governou a Congregação por onze anos. Foram anos de crescimento da Obra. O Fundador, morrendo, tinha deixado um bom número de aspirantes e jovens religiosos encaminhados ao Sacerdócio. Quase todo ano havia novas profissões e novas ordenações de padres, que assim permitiam a expansão do Instituto.

Em 1964 foi aberta a casa de Zevio, (perto de Verona, no Norte da Itália) como sede do nosso seminário menor, deixando em Trento mais espaço para a SEVA, o seminário das vocações adultas, seminário, este, aberto por Pe. Mário Venturini como serviço às dioceses italianas. Dele saíram mais que cem padres. Alguns jovens optaram, também, para a nossa família religiosa.

Em 1967 iniciou nossa missão no Brasil e em 1969 foi aberta a casa de Barcellona, na Sicília. Em 1967 (no mesmo ano) foi feita uma tentativa de expansão para a Europa central, enviando dois Padre a Viena na Áustria.

### ***A renovação conciliar***

Seguiram os anos do pos-concílio, anos estimulantes e de grande desafio em toda a Igreja, pela renovação das idéias e dos métodos pastorais promovida pelo Concílio Vaticano II (concluído em 1963). O Papa Paulo VI liderava a renovação, começando pela Liturgia.

Conclamou os religiosos a realizarem Capítulos gerais especiais, para rever as Constituições, o próprio estilo de vida e de apostolado, à luz das indicações conciliares.

O nosso Instituto, de fundação recente, ainda pequeno, não tinha grandes problemas. Mas algumas formas disciplinares e o estilo de vida eram bastante rígidos. As Constituições, moldadas nas antigas regras de Santo Inácio, necessitavam de profunda revisão e de nova expressão. A devoção ao Coração Sacerdotal de Jesus, fundamento da nossa espiritualidade, devia ser reapresentado à luz da nova teologia. O apostolado a serviço dos padres devia se adaptar às novas condições de vida e de ministério deles, e os critérios de assistência deviam ter presente a nova sensibilidade e as conquistas recentes das ciências humanas.

Obediente às indicações do Papa, Pe. Francisco Soncin convocou um Capítulo Geral especial em 1968 de renovação. O debate foi bastante aprofundado. A Família religiosa não teve, porém, dificuldade a entrar nos novos caminhos da Igreja. Foram preparadas, em seguida, as regras refeitas com estilo completamente novo.

Em 1974, no VI Capítulo geral, foi eleito Pe. Mario Revolti como novo Superior. Foram aprovadas as Novas Constituições por um período de prova de seis anos. Em 1980 reuni-se o VII Capítulo Geral com o compromisso de concluir a obra iniciada no precedente. Foi eleito Pe. Franco Fornari como Superior Geral, e as Constituições foram com muito cuidado, reexaminadas artigo por artigo e reformuladas, definindo, também o novo nome da Congregação.

Um nome que não teve uma história fácil. Originalmente, em 1926, o Padre Venturini tinha dado à sua família religiosa o nome de “Filhos do Coração Sacerdotal de Jesus”. Em 1942, para em ocasião da aprovação oficial, a Congregação dos Religiosos exigiu que se tirasse o nome de “Coração Sacerdotal”. (Tinha medo que as diversas devoções multiplicassem os “corações” de Cristo). O Padre, embora com sacrifício, aceitou o novo nome: “Congregação Sacerdotal dos Filhos do Coração de Jesus”. Nome, porém, cumprido e que não apresentava claro o específico da Congregação. O Capítulo Geral decidiu a denominação mais simples e clara de “*Congregação de*

*Jesus Sacerdote*”. A mudança foi confirmada pela Congregação Romana, que não teve, esta vez, dificuldade em aceitar também o apelativo de “*Coração Sacerdotal de Jesus*”, que entrava muitas vezes nas novas constituições. A conclusão do processo de “aggiornamento” a congregação obteve o reconhecimento definitivo como “Instituto de Direito Pontifício”.

### ***No Brasil***

Neste mesmo VII Capítulo Geral foi tomada também a decisão de apoiar decididamente a missão da Congregação no Brasil. Pe. Andréa Bortolameotti e Pe. Pio Milpacher tinham chegado treze anos antes (21 de dezembro de 1977) em São Paulo. Novos no ambiente brasileiro e preocupados de enraizar nesta terra a Obra de Pe. Venturini com fidelidade a seu carisma e a sua missão, fizeram muitas tentativas, incentivados por bispos e padres amigos. Tiveram que enfrentar várias dificuldades e experimentar situações diferentes. Em 1976 Pe. André tinha voltado para a Itália sentindo necessária uma maior qualificação teológica e frequentou o Ateneu Alfonsianum em Roma. Tinha ficado no Brasil somente Pe. Pio, que de São Paulo passou a Rio, onde trabalhou a serviço do presbitério de lá morando na entrada da favela dona Marta onde também exerceu seu ministério dedicado e rico de iniciativas. Dois anos antes do capítulo (em 1978) tinha assumido a paróquia de S. Sebastião em Marília, interior de São Paulo. Parecia que a nova situação permitisse uma boa inserção no presbitério diocesano e abrisse a possibilidade de uma Casa própria, centro de espiritualidade sacerdotal e de formação vocacional. No mesmo Capítulo de 1980 o Conselho geral decidiu dar continuidade a nossa missão enviando mais dois padres: Pe. Mario Revolti, que acabara de deixar o cargo de Superior Geral e Pe. Ângelo Fornari.

No dia 12 de fevereiro Pe. Mario e P. Ângelo chegavam ao Brasil, dando novo vigor à missão. Em 8 de dezembro foi erigida oficialmente a nova comunidade religiosa da Congregação em Marília, que, no início, se hospedava na antiga casa paroquial de S. Sebastião. (Atualmente casa das Irmãs) e em 1984 construiu a sua sede definitiva, onde está atualmente à Rua Gonçalves Ledo em Marília.

A missão do Brasil cresceu rapidamente. Em 1984 foi aberta uma segunda casa em Barretos, tendo enviado a Congregação da Itália outros dois padres, Pe. Primo Telch e Pe. Carlos Bozza, juntos com Pe. André, que voltava entusiasta para retomar em Barretos seu trabalho missionário.

Na medida em que a Congregação era conhecida aumentava a possibilidade de trabalho nos seminários de Marília, e depois em outras dioceses; a pregação de retiros ao clero e nos institutos religiosos.

### ***A situação atual***

Na Itália a Congregação continuou e continua sua vida e ministério, fiel ao espírito do Fundador, nas seis comunidades. Três foram abertas pelo Padre Fundador: a Casa Mãe de Trento, sede do Superior Geral e do seu Conselho, é também casa de acolhida para padres para uma ajuda humana e espiritual; a “Casa Íride” em Intra, à beira do Lago Maior, em zona climática casa de retiros e hospedagem para padres; a Casa Maris Stella em Loreto, para retiros espirituais de sacerdotes e religiosos. As demais três foram fundadas no primeiro decênio depois da morte do fundador: a casa de Roma, sede paroquial e casa de hospedagem para padres, o Instituto P. Mario Venturini em Zévio (perto de Verona), centro vocacional e de encontros para o clero, e o “Cenáculo” em Sicília (Barcelona) centro de espiritualidade sacerdotal a serviço daquela grande ilha italiana.

Conhecemos a crise religiosa da que assola todas as nações de antiga evangelização. Entre eles não está isenta a Itália. Com a crise espiritual seguiu-se a crise vocacional. As vocações diminuem assustadoramente e a maioria dos institutos religiosa fica com um número de membros sempre menor, devendo fechar casas e obras.

A nossa Congregação na Itália sofre pelas mesmas dificuldades. A idade média dos membros aumenta e as vocações diminuem. Nestes últimos vinte anos morreram 16 membros do

Instituto e tivemos somente 4 ordenações de novos padres. Atualmente temos apenas três religiosos não sacerdotes. A dificuldade não só para crescer, mas para encher os espaços vazios deixados por aqueles que morrem, cresce sempre mais.

No Brasil a situação é um pouco mais positiva. Marília continua sua atividade de centro espiritual e vocacional. Em Barretos foi possível qualificar um centro de hospedagem para oferecer aos padres um tempo sabático de descanso e recuperação física e espiritual.

Lentamente começaram a aparecer as vocações, e, em 1994 tínhamos noviços de segundo ano, prontos para começar a Filosofia. Pensamos oportuna uma terceira casa, esta vez em S. Paulo. A diocese de Osasco nos acolheu. O Bispo D. Francisco Vieira nos conhecia desde os primeiros anos da vinda ao Brasil em S. Paulo e nos ofereceu a paróquia do Senhor do Bonfim, que estava sem padre desde muitos anos. Éramos seis padres: três em Marília e três em Barretos; decidimos ficar dois por comunidade, cada uma integrada por aspirantes e religiosos em formação.

Pe. Pio e Pe. Mario foram destinados a Osasco, com dois jovens religiosos que começavam a Filosofia em S. Bento. Pe. Mario, que era já diretor espiritual do seminário de Brodoski, foi chamado a assumir a direção espiritual do seminário de Campo Limpo; depois também de Osasco. Por alguns anos continuou a rodar de um seminário para outro.

Em 1998 o Senhor pediu um sacrifício notável à nossa missão do Brasil. Falecia, de um mal incurável, Pe. Primo. Era uma pessoa preciosa, parecia insubstituível: Delegado do Superior Geral para o Brasil, Superior da comunidade de Marília, professor de moral no seminário teológico, fundador e diretor de Voz Amiga, apreciado pregador de retiros para padres e seminaristas.

Superado o susto, a vida continuou, as vocações aumentaram. No dezembro do ano 2000 foi ordenado Presbítero o primeiro padre Brasileiro, Pe. Marcio de Souza. Em 2003 foi Ordenado Pe. José Antônio e em 2004 Pe. Wellington.

Atualmente temos no Brasil três jovens religiosos estudantes, e cinco aspirantes na filosofia. Somos poucos, mas com a graça do pretendemos continuar o nosso serviço aos padres e as vocações.

A Congregação teve uma preciosa difusão também com os Agregados e as Agregadas: leigos, que, sensíveis às necessidades do clero e das vocações, se unem para partilhar a espiritualidade de Pe. Venturini, e para dar a preciosa contribuição da própria atividade, rezando e oferecendo pelos sacerdotes, tornado-se amigos dos próprios padres e dando a eles sua possível ajuda. Aprofundam o carisma, estudando e meditando os escritos do Fundador, organizam encontros de formação e retiros espirituais. Cada uma das comunidades do Brasil tem seu núcleo de Agregados Externos, que continuam sua vida familiar e profissional, mas conscientes de ter uma vocação e um ideal de vida especificamente sacerdotal. Está amadurecendo alguma vocação de Agregados “Internos”, tanto de leigos como de sacerdotes.

Sentimos conosco viva a presença e a intercessão de Pe. Venturini, que tinha prometido: “No paraíso não descansarei, até que houver um sacerdote que precise de ajuda na terra”.

O Padre Fundador continua orando por nós junto ao Sumo Sacerdote Jesus, que está à direita do Pai, sempre vivo a interceder por nós.